UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

JACQUES LACAN, O PASSADOR DE GEORGES POLITZER

SURREALISMO E PSICANÁLISE

Autor: MÁRCIO APARECIDO MARIGUELA
Orientador: Profa. Dra. REGINA MARIA DE SOUZA

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por Márcio Aparecido Mariguela e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 18 de Novembro de 2005

Assinatura:.....

Orientador

COMISSÃO JULGADORA:

2005

BIBLIOTECA CENTRAL
DESENVOLVIMENTO
COLEÇÃO
UNICAMP

© by Márcio Aparecido Margiuela, 2005.

UNIDADE BC
Nº CHAMADA T/UNICAMP
M338j
V ___ EX
TOMBO BC/ 67321
PROC. 16.123-06
C ☐ D ☑
PREÇO 11,00
DATA 08/3/06
Nº CPD
Bibid. 375983

Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca da Faculdade de Educação/UNICAMP

Mariguela, Márcio Aparecido.
M338j Jacques Lacan, o passador de Georges Politzer : surrealismo e psicanálise / Márcio Aparecido Mariguela. --
Campinas, SP: [s.n.], 2005.

Orientador : Regina Maria de Souza.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Lacan, Jacques, 1901-1981. 2. Politzer, Georges, 1903-1942. 3. Diferenças (Filosofia). 4. Psicanálise – Filosofia. 5. Psicanálise – França 6. Psicologia I. Souza, Regina Maria de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

05-184

Keywords : Lacan, Jacques, 1901-1981; Politzer, Georges, 1903-1942 Differences; Psychoanalysis – French; Psychology
Área de concentração : Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte
Titulação : Doutor em Educação
Banca examinadora : Profa. Dra. Regina Maria de Souza
Profa. Dra.. Nina Virgínia de Araújo Leite
Prof. Dr. Édson Olivari de Castro
Prof. Dr. Joaquim Brasil Fontes
Profa. Dra. Ana Archangelo
Prof. Dr. Silvio Gallo
Data da defesa: 18/11/2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

JACQUES LACAN, O PASSADOR DE GEORGES POLITZER

SURREALISMO E PSICANÁLISE

Autor: MÁRCIO APARECIDO MARIGUELA

Orientadora: Profa. Dra. REGINA MARIA DE SOUZA

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por Márcio Aparecido Mariguela e aprovada pela Comissão Julgadora Data: 18 de Novembro de 2005

2005

Saber, só um pouco, mas muita alegria:
Eis o que é dado a nós, mortais...
.....
Por que, belo Sol, não me basta dizer,
Flor das minhas flores, num dia de maio,
Teu nome? Sei de algo mais alto?
Se eu pudesse ser como as crianças são!
Como o rouxinol, cantar numa canção
Minha alegria descuidosa!
Friedrich Hölderlin
Dos Fragmentos

Dedico o que aqui está escrito e inscrito à:

Adriana,

amada mulher que me faz homem

e

Luana,

filha desejada que me faz pai

AGRADECIMENTOS

Regina Maria de Souza, por ter me acolhido como orientando e ter se revelado uma leitora eleita de meus rascunhos preliminares, instaurando assim, um feliz encontro que tem se desdobrado em projetos e afetos;

Nina Virginia de Araújo Leite, pelas preciosas indicações no exame de qualificação e por ter nomeado a conclusão desse trabalho;

Joaquim Brasil Fontes, pelas literárias interrogações que fez com que esse trabalho pudesse ser revigorado pela leitura de Lautréamont, Rimbaud e Salvador Dali;

Silvio Gallo, que indicou os caminhos para que meu texto pudesse encontrar orientação, leitores e novas e inusitadas relações acadêmicas e de amizade;

Mauro Mendes Dias, pela temporada vivida em seu divã;

Aos *Membros da Escola de Psicanálise de Campinas*, em especial, Cristina Sartori, Marta Ferreira, Cláudia Lemos, Mariângela Máximo Dias, Maria Rita Moraes, Maria Teresa Lemos, Vitor Monteiro, Nina Leite e Mauro Dias, com quem partilho meu percurso de formação na leitura de Freud e Lacan;

Sandra Mara Quatorze, amiga de longa jornada e primeira leitora desse trabalho;

Renato Chiavoloni, que mesmo à distância, sempre esteve presente em minha vida;

Heitor Amílcar, pela convivência iniciada no projeto editorial de publicação do ensaio de Politzer no Brasil e desdobramentos afetivos em novas parcerias;

Edson Olivari de Castro, e demais membros da Associação Livre – Instituto de Cultura e Psicanálise, com quem partilho, em Piracicaba, a transferência no trabalho de transmissão da obra de Freud;

Alberto Guerreiro, pela amizade e acuidade na primeira revisão desse texto;

Viviane Veras, pelas precisas indicações na redação final;

Aos integrantes do DIFERIR - *Grupo de Estudos e Pesquisa Diferenças, Subjetividades em Educação*, discentes e docentes, que instauraram a possibilidade de interlocução com a psicanálise e assim fundaram um espaço para o trabalho acadêmico sem preconceito.

Aos menbros do *GEISH - Grupo de Estudo Interdisciplinar em Sexualidade Humana*, que acolheram meu trabalho e demonstram interesse em ouvir minha leitura da psicanálise;
Aos amigos e amigas que conquistei ao longo de minha estadia na Universidade Metodista de Piracicaba, em especial, *José Lima Jr.*, *Márcio Danelon*, *Tânia Mara Sampaio*, *Theresa Beatriz*, *Marlene Torrezan*, com quem tenho a grande satisfação de partilhar o trabalho acadêmico;

***in memorian*:**

- ao meu pai, *Luiz Mariguela*, que tragicamente foi apartado de nosso cotidiano, deixando-me o legado do nome próprio que teceu minha história;

- ao meu avô, *Angelo Mariguela*, meu anjo da guarda que assumiu a função paterna transmitindo o valor da dignidade, e a alegria chistosa do jogo de truco;

- à minha sogra, *Jandyra Duarte Bonini*, que pelo pouco tempo de convivência que tivemos, demonstrou-me uma generosidade exemplar que deixou saudades;

Minha gratidão e reconhecimento aos meus familiares:

à minha mãe, *Ivone Sacomano*; meus irmãos, *Gilson* e *Adriana*; meus sobrinhos, *Luis*, *Douglas*, *Diego* e *Isabela*, que sem entenderem muito bem qual é o meu trabalho, sempre julgaram que é muito importante;

à minha avó, *Aparecida Anjolino*, que tendo sobrevivido a perdas irreparáveis, continua acreditando que viver vale a pena;

ao meu sogro, *Itacir Bonini*, que me acolheu em sua família; à *Juliana*, *André*, *Bianca*, *Fabiana*, *Rafael* e o recém chegado, *Francisco*, com quem formamos laços para sustentar a vida na extensão do afeto;

RESUMO

O objetivo desse trabalho é investigar a presença do ensaio de Politzer, *Crítica dos Fundamentos da Psicologia*, publicado em 1928, na tese de doutorado em psiquiatria de Lacan, *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*, publicada em 1932. Tal presença brilha por sua ausência: o nome de Politzer não é citado nenhuma vez e, a despeito disso, a letra politzeriana está contida na construção do caso clínico *Aimée*: o drama da mulher que chegou em Paris em 1929 com o propósito de publicar seus romances. Para estabelecer a relação entre Lacan e Politzer utilizo como ferramenta de análise os argumentos de Michel Foucault sobre a função autor. Em sua leitura de Freud, Politzer criou as condições para que Lacan pudesse interpretar o drama de *Aimée* como estruturante de sua personalidade. Desse modo, a leitura que Lacan fez de Politzer foi decisiva para sua entrada no campo da psicanálise. Para demonstrar que a função autor se exerce na instauração da discursividade, demarco um cenário histórico específico: o surrealismo na França entre 1925 e 1935, realizando, assim, uma análise genealógica das produções históricas das diferenças. A perspectiva da leitura dos textos aqui recortados é demonstrar que o movimento surrealista abriu as fronteiras para que a recepção da obra de Freud pudesse adquirir consistência teórica e prática num espaço cultural que até essa década permaneceu refratário à psicanálise. Concluo indicando que Lacan foi o passador de Politzer por ter instaurado uma prática clínica por descontinuidade com a concepção ontológica de inconsciente.

Palavras Chaves:

Função Autor; Diferenças; Fundamentos da Psicanálise;

Psicanálise Francesa; Psicologia Concreta

ABSTRACT

The aim of this paper is to investigate the presence of Politizer's essay, *Critics of Psychology Foundations*, published in 1928 and in Lacan's doctorate thesis in Psychiatry, *Paranoic Psychosis and its relations to Personality,* published in 1932. Such presence shines for its absence: the name of Politzer is not cited even once, in spite of that, Politzer's influence is built in the clinical case Aimée: the drama of the woman who arrived in Paris in 1929 with the intention to publish her romances. To establish the relation between Lacan and Politzer, the arguments of Michel Foucault about the function author , were used as a tool for the analysis. In his reading of Freud, Politzer created the conditions to Lacan to interpret the drama of Aimée as na element structutal of her personality. The reading that Lacan made of Politzer was decisive for his entrance in the field of the Psychoanalysis. To demonstrate the function author in the discourse installation, a specific historical scenery was delimeted: the French surrealism between the years of 1925 and 1935; thus a genealogical analysis of the historical production of the differences is carried out. The perspective of the texts selected here proves that the surrealist movement opened doors so that Freud's works could have theoretic and practical consistency in a culture which was refractory to Psychoanalysis so far. The analysis leads to the indication that Lacan was a follower of Politzer to install a clinical practice of discontinuity to the ontological conception of unconsciousness.

Key Words:

Function Author - Differences - Foundation of the Psychoanalysis -
French Psychoanalysis - Concrete Psychology

SUMÁRIO

Apresentação 1

1 – A função autor na instauração da discursividade 8

2 – O cenário surrealista : a escrita automática
como emancipação da palavra 25

3 – Acaso objetivo e simulação do delírio:
Nadja, a mensageira do amor 41

4 – O surrealismo e a psicanálise:
Freud e os *homens de letras* na França 65

5 – Georges Politzer (en)cena parisiense 85

6 – Politzer, leitor de Freud: o drama 109

7 – O drama da *Aimée* de Jacques Lacan 121
Esboço teórico e contexto histórico 123
A construção do caso *Aimée* 131
Aimée, uma mulher de letras 139

Conclusão 151

Referências Bibliográficas 163

Anexos: 175

Editoriais e Sumários da *Revista de Psicologia Concreta* 176
Reprodução do *Ângelus* de Jean-François Millet 193

APRESENTAÇÃO

Esta é uma tese histórica. Não só porque trabalho com a história do surrealismo e da psicanálise, mas também porque ela narra meu encontro com Georges Politzer e Jacques Lacan e os efeitos desse encontro no percurso de minha formação na academia e na psicanálise. Essa disjunção é fundamental, pois a presença/ausência da psicanálise na academia é um tema histórico tanto para uma, quanto para outra. Portanto, este trabalho de pesquisa acadêmica elegeu a psicanálise e o surrealismo como campos de investigação. Esclareço que considero a psicanálise um campo de saber que possui estatuto próprio e, como tal, faz fronteiras com outros campos de saber como, por exemplo, a filosofia, a psicologia, a psiquiatria, a literatura, entre outros.

A primeira vez que me deparei com o nome de Politzer foi durante a leitura de um livro sobre epistemologia da psicologia. O título do ensaio de Politzer, *Crítica dos Fundamentos da Psicologia: a psicologia e a psicanálise*, publicado em 1928, citado pelo autor, despertou-me para o problema que estava vivendo no Programa de Mestrado do Departamento de Psicologia da Faculdade de Educação na UNICAMP. Naquela época havia uma espécie de aglutinação – efeitos de identificação – dos pesquisadores em torno de duas denominações metodológicas: os que faziam pesquisa com o método qualitativo; e os que faziam com o método quantitativo. Essa suposta oposição metodológica não levava em conta os fundamentos epistemológicos que definem os critérios de cientificidade da psicologia. De um estudo de caso sobre o ensino de psicologia da educação no curso de magistério de 2º Grau, passei para um estudo sobre o problema que vivenciava como discente do programa de pós-graduação.

A primeira leitura de Politzer serviu apenas para demarcar território. Sabia que estava diante de um texto ímpar na história da filosofia e da psicanálise[1], mas não conhecia sua extensão até ler a *História da Psicanálise na França*, narrada por Elisabeth Roudinesco. Conhecia a leitura que Bento Prado Jr. havia publicado em homenagem aos "Sessenta anos da *Crítica...*" de Politzer. Decidi agendar um encontro com ele para pedir orientação: brindou-me com uma aula magistral sobre a filosofia francesa na década de 1920-30. Desse encontro nasceu um projeto de pesquisa para o doutorado.

Nesse mesmo tempo, apresentei ao reitor da Universidade Metodista de Piracicaba – meu espaço de trabalho docente até o momento – um projeto editorial de tradução do ensaio de Politzer no Brasil. Relembro que meus argumentos eram tão apaixonados que ele rendeu-se de imediato e deu sinal verde para que o editor iniciasse os contatos e pudesse assim, resolver o impasse gerado pela questão dos direitos autorais, que foram comprados numa transação inédita para a Editora Unimep. Assumi a revisão técnica da tradução e inclui notas de estudo para situar o ensaio de Politzer na história da filosofia e da psicanálise.

Ingressei no Programa de Doutorado do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP com um projeto de pesquisa que tinha como objetivo reconstruir a cena parisiense onde Politzer decidiu viver a partir de 1922. As relações desse jovem húngaro, filho de judeus e cujo pai era militante da comuna de Budapeste, com os surrealistas era o marco inicial de meus interesses, que se desdobravam numa cartografia de alguns leitores do ensaio de 1928 como, por exemplo, Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, Jacques Lacan e Michel Foucault.

O projeto foi se constituindo na definição de algumas referências básicas. Para analisar o cenário surrealista, escolhi uma obra específica: *Nadja*, de André Breton. Para demonstrar a incidência do ensaio de Politzer na implantação da psicanálise em solo francês, escolhi a tese de doutorado em psiquiatria de Jacques Lacan, *Da psicose paranóica e suas relações com a personalidade*, publicada em 1932.

[1] Como conclusão da monumental *História da Filosofia*, coordenada por François CHÂTELET (1974), encontra-se (volume 8) a "Cronologia dos principais Textos do século XX que têm importância filosófica". Iniciando com *A Interpretação dos Sonhos* de Sigmund Freud em 1900 (Freud é citado 15 vezes), a obra indica, em 1928, o

Minha proposta inicial era sustentar que a leitura da obra fundadora da psicanálise, *A Interpretação dos Sonhos*, realizada por Politzer continha as sementes lançadas pelo *Primeiro Manifesto Surrealista* em 1924 e que tal leitura, por sua vez, determinou os rumos da psicanálise francesa, tendo como perspectiva central a relação entre psicanálise e literatura.

Por razões que agora não têm relevância, abandonei aquele projeto e segui adiante com a leitura de Freud e Lacan. O tempo de concluir a formação acadêmica se impôs: decidi que era chegada a hora dar um destino ao conjunto de escritos que tinha guardado. A composição atual deste texto passou por várias versões e em cada uma delas fui incorporando traços de minhas experiências, como leitor de Freud e Lacan, sobretudo na companhia de colegas membros da Escola de Psicanálise de Campinas; de minha prática clínica em psicanálise, como analisando e analista; de minha prática docente na UNIMEP. Resgatar escritos datados é sempre uma aventura arriscada. Como organizar os textos já escritos e dar-lhes uma direção que pudesse representar as questões atuais de meus interesses? O que fazer com aquilo que já foi e com o que ainda não é? Meu ingresso no programa de doutorado da Faculdade de Educação foi uma aposta no desejo de concluir. Mas, qual era a tese que pretendia defender? Essa era a pergunta que insistentemente minha orientadora recolocava e que me levou a reestruturar todo o material escrito.

O tema central começou a se definir: analisar a relação entre Lacan e Politzer. Encontrei alguns comentadores – que serão indicados no decorrer do texto – que apontavam a presença da letra politzeriana na aproximação de Lacan com o campo da psicanálise. Na tese de 1932, Lacan não fez nenhuma referência ao nome de Politzer e, a despeito disso, a presença de Politzer é impregnante na estruturação de seus argumentos. Nesse trabalho de retornar às lacunas, aos espaços vazios da tese de Lacan, minha tese foi se constituindo. Para analisar a presença do ensaio de Politzer na tese de Lacan, decidi apropriar-me dos argumentos de Foucault sobre a função autor e, desse modo, encontrei outra possibilidade de analisar a relação entre Lacan e Politzer: o problema não estava no fato de Lacan não citar Politzer, e muito menos em apontar a incidência deste naquele.

---

ensaio de Politzer. O nome de Lacan aparece em 1936 como autor do *Estádio do Espelho*; em 1953, com *Função e Campo da fala e da linguagem em psicanálise*; em 1966, com *Escritos*.

Uma hipótese de leitura foi adotada: o que Foucault designa como função autor estaria em exercício na relação entre Lacan e Politzer. Em outras palavras, Politzer exerceu a função autor na escrita da tese de Lacan, de 1932? Minha tese é sustentar que sim.[2]

Disse que esta é uma tese histórica[3] também porque circunscrita num espaço e tempo próprio: Paris entre 1925 e 1935. Os autores foram selecionados dentro desse contexto específico com o objetivo de acompanhar os embates na implantação da psicanálise freudiana em solo francês. O propósito que norteia o trabalho de leitura dos textos aqui recortados é o de que é possível demonstrar que o movimento surrealista abriu as fronteiras para que a recepção da obra de Freud pudesse adquirir consistência teórica e prática num espaço cultural que até a década de 1920 permaneceu refratário ao pensamento freudiano.

A psiquiatria francesa manteve-se fortemente armada contra a descoberta do inconsciente e, sobretudo, contra as aplicações terapêuticas do método psicanalítico. Os surrealistas iniciaram o trabalho de crítica aos pressupostos teóricos que sustentavam a prática clínica da psiquiatria francesa e, dessa forma, encontraram em Freud um bom arsenal para combater e denunciar os limites da formalização e tratamento das chamadas doenças mentais. Elegendo a loucura como modo de enunciação da verdade, puderam fazer o resgate do sujeito que fala – e escreve; sujeito esse rechaçado do pensamento psiquiátrico clássico.

Minha estratégia é traçar a genealogia da obra de Lacan e sustentar, assim, a presença da letra politzeriana pelo exercício da função autor que lhe franqueou ingresso no campo da psicanálise. Portanto, escolho deliberadamente o procedimento genealógico delineado por Michel Foucault em suas leituras de Nietzsche. Assumir que esta é uma tese histórica implica pôr em operação as ferramentas recolhidas por Foucault na caixa nietzschiana. Na Conferência de 1972, "Nietzsche, a genealogia e a história", proferida em homenagem a Jean Hyppolite, Foucault fez uma cartografia dos conceitos de proveniência (*Herkunft*), emergência

[2] Registro minha gratidão aos docentes que estiveram na banca de qualificação e apontaram com precisão a direção deste trabalho: nomearam aquilo que eu havia desenhado.

[3] Considero história na mesma perspectiva apontada por Foucault: um trabalho genealógico; saber histórico das lutas; memória dos combates. Vide: "Sobre as Maneiras de Escrever a História"; "Nietzsche, a genealogia e a história" e "Retornar à história" *In: Ditos & Escritos II* (2001).

(*Entestenhung*) e invenção (*Erfindung*), por contraste com o conceito de origem (*Ursprung*) para definir o horizonte de suas pesquisas históricas como trabalho genealógico.[4]

Portanto, assumo o risco – no exercício da liberdade – de apropriar-me de um instrumento foucaultiano: fazer pesquisa genealógica implica capturar a emergência de um conceito, de uma prática – clínica e/ou institucional; analisar sua proveniência (de onde provém, com que forças entrou em relação), para reconhecê-lo como prática inventiva de um autor. É por isso que o autor é uma função operativa e sua invenção determina um novo campo na historicidade do saber. O autor põe em operação uma série conceitual que instaura dispositivos de saber.

Meu trabalho se inicia com algumas reflexões sobre a função autor, tal como definida por Foucault e, desse modo, procuro utilizá-la como um instrumento de análise da construção do caso *Aimée* por Lacan, em sua tese sobre a psicose paranóica. Focalizo a construção do caso considerando que é o lugar predominante de operação da função autor e ponto de interseção da relação de Lacan com Politzer.

Aimée é o nome dado por Lacan à mulher Marguerite Anzieu, que escreveu romances com o propósito de publicá-los em Paris no final da década de 1920. A demanda de *Aimée* é ser reconhecida como escritora, e seus escritos personificam sua estrutura psíquica. *Aimée* é o nome da heroína do romance de Marguerite, a mulher que deixou seu filho e foi para Paris para ser reconhecida como escritora. *Aimée* é também o nome daquela que franqueou a entrada de Lacan na psicanálise.[5]

Lacan leu Freud e estou certo de que sua leitura foi marcada pela letra de Georges Politzer. Numa entrevista concedida em novembro de 1966, perguntaram a Lacan como ele se situava em relação a Freud. A resposta foi categórica: "Eu gostaria de afirmar, já de início, que tudo o que eu escrevi é inteiramente determinado pela obra de Freud. Isto é que eu reivindico

[4] Na Aula Inaugural de 07 de janeiro de 1976, do Curso *Em defesa da Sociedade*, FOUCAULT (2001, p. 4) deixa claro seu trabalho no *Collège de France*: fazer pesquisas genealógicas. "Não considero estas reuniões de quarta-feira como atividades de ensino, mas antes como espécies de prestação de contas públicas de um trabalho. Nessa medida, considero-me absolutamente obrigado, de fato, a dizer-lhes aproximadamente o que estou fazendo, em que ponto estou, em que direção vai este trabalho; e, nessa medida, igualmente, considero-os inteiramente livres para fazer, com o que eu digo, o que quiserem. São pistas de pesquisa, idéias, esquemas, pontilhados, instrumentos: façam com isso o que quiserem".

em primeiro lugar: eu sou aquele que leu Freud. Também li outros, é claro, mas de uma maneira que não há nada comparável".[6] É como leitor de Freud que se apresenta quando do lançamento de seus *Escritos.* Um exemplo de como Lacan leu Freud pode ser encontrado em sua "Intervenção sobre a transferência", proferida no Congresso dos Psicanalistas de Língua Românica, em 1951. Nessa intervenção afirmou:

> Freud assumiu a responsabilidade de nos mostrar que existem doenças que falam, e de nós fazer ouvir a verdade do que elas dizem, parece que essa verdade, à medida que sua relação com um momento da história e com uma crise das instituições nos aparece mais claramente, inspira um temor crescente nos praticantes que perpetuam sua técnica.[7]

Como podemos ver, Lacan leu Freud e restaurou a lâmina cortante da verdade: existem doenças que falam e eticamente é possível ouvir a verdade do que dizem. De igual modo, refere-se também ao terror que essa verdade inspira naqueles que praticam a psicanálise. O gesto de Lacan deu passagem às exigências de Politzer para se constituir um discurso sobre a dimensão dramática da existência humana: condição para uma ciência do humano que renuncia à vida interior dessubstancializando o inconsciente por coerência ética.

O contexto histórico em que Lacan lançou sua aposta numa ciência da personalidade que pudesse realizar a psicologia concreta proposta por Politzer é fundamental para compreender a interlocução da psicanálise com a literatura, especificamente aquela produzida pelos surrealistas. O retorno a Freud, definido por Lacan como seu estandarte no movimento psicanalítico francês, é analisado pelas coordenadas estabelecidas por Foucault em sua conferência na Sociedade Francesa de Filosofia, em 1969. Desse modo, meu trabalho aponta uma perspectiva para leitura do ensino de Lacan pela proximidade transversal entre Foucault e a psicanálise de Lacan.

---

[5] Em sua apresentação na "Semana Jacques Lacan", organizada por psicanalistas do Rio de Janeiro para homenagear os dez anos de sua morte, Manuel Barros da Motta destacou que *Aimée* é o caso *princeps* que conduziu Lacan em direção a Freud. *In:* QUINET, 1993.
[6] LACAN, 1994, p. 48.
[7] LACAN, 1998, p. 216.

Vários leitores[8] já demonstraram as diferentes posições de Foucault sobre a psicanálise em geral e sobre Freud em particular. Não se trata aqui de acompanhar a "função de dobradiça" que Freud ocupa na escrita de Foucault. Pretendo sustentar que a visada de Foucault sobre Freud é recorrente pela função autor que reconheceu atuar na tática genealógica. A obra de Freud foi interpretada por Foucault como tendo inaugurado uma nova hermenêutica que interroga sem cessar a constituição da psiquiatria e demais ciências humanas no conjunto das ciências positivas.

Ocorre que entrar no jogo da relação entre Foucault e a psicanálise comporta um risco. No mínimo, pode-se argumentar que tal diálogo é multifacetado e marcado, fundamentalmente, por uma ambivalência: há um Foucault em permanente diálogo com Freud, considerando-o instaurador de discursividade; e há um Foucault nitidamente crítico em relação a prática psicanalítica de tratamento das neuroses e psicoses. Também se pode reconhecer Foucault como um genealogista da implantação da psicanálise na França e um crítico dos avatares de tal recepção da obra freudiana.

De qualquer modo, a leitura de Foucault sobre Freud tem como interlocução a presença de Lacan na psicanálise francesa. A relação de mútuo reconhecimento entre eles é um aspecto importante para compreender o modo como cada um fez sua leitura de Freud. Há entre eles um aspecto comum: em pleno mar de mil caminhos, ambos leram Politzer.

[8] Renato Mezan (1985) considerou que a sombra da psicanálise acompanhou Foucault durante os trinta anos de sua produção filosófica: lugar múltiplo, "a cada meandro do percurso de Foucault, ela se aloja em outro espaço, configura-se em outras redes de relações, desenha outros perfis de significação" (p.95). Ernani Chaves (1988) afirmou que o texto freudiano é uma sombra permanente que atravessa em vários níveis a escrita de Foucault. Jacques Derrida (1994), por sua vez, comentando o lugar de Freud na obra *A História da Loucura*, afirmou que Freud tem, para Foucault, a *função de dobradiça*: duplo movimento de articulação, alternância de abertura e fechamento: "movimento alternativo que sucessivamente abre e fecha, aproxima e afasta, repudia ou aceita, exclui ou inclui, desqualifica ou legitima, domina ou liberta" (p.62).

A FUNÇÃO AUTOR
NA INSTAURAÇÃO DA DISCURSIVIDADE

A abertura para uma linguagem da qual o sujeito está excluído, a revelação de uma incompatibilidade talvez irremediável entre a aparição da linguagem em seu ser e a consciência de si em sua identidade, são hoje uma experiência que se anuncia em pontos bastante diferentes da cultura: no simples gesto de escrever como nas tentativas para formalizar a linguagem, no estudo dos mitos e na psicanálise, na busca desse *Logos* que constitui uma espécie de lugar de nascimento de toda razão ocidental. Eis que nos deparamos com a hiância que por muito tempo permaneceu invisível para nós: o ser da linguagem só aparece para si mesmo com o desaparecimento do sujeito. Como ter acesso a essa estranha relação? Talvez por uma forma de pensamento cuja possibilidade ainda incerta a cultura ocidental delineou em suas margens.

Michel Foucault
O pensamento do exterior

No percurso de minha exposição procurarei estabelecer a relação entre os nomes de dois autores principais, Georges Politzer e Jacques Lacan, destacando as diferentes marcas da leitura que Politzer fez de Freud sobre a construção do caso *Aimée* por Lacan. Pareceu-me importante demarcar, inicialmente com mais precisão, a interface entre esses autores a partir da concepção de autor estabelecida por Michel Foucault em 1969. Meu interesse é tão somente acompanhar os principais argumentos de Foucault nessa conferência, proferida na Sociedade Francesa de Filosofia, para determinar um modo de pôr em relação dois autores, para além da querela sobre heranças, filiações e influências – muito menos o problema acadêmico da citação bibliográfica. Reconheço que Lacan leu Politzer e tal leitura foi decisiva em sua entrada no movimento psicanalítico francês.

Embora faça referências ao problema da relação ímpar de Foucault com a psicanálise, não é esse o objeto de minha investigação. É certo que Foucault e Lacan se conheciam.[9] Sabe-se também que Foucault leu Freud e tal leitura foi marcada pela letra politzeriana.

Comecemos pela questão elementar da referência ao nome próprio: Por que Lacan não indicou Politzer como uma de suas portas de entrada na psicanálise? O nome de Politzer foi citado por Lacan nos seguintes lugares:

1) no artigo "Formulação sobre a causalidade psíquica", conferência de abertura das Jornadas Psiquiátricas de Bonneval em 28 de setembro de 1946, publicado nos *Escritos* em 1966;
2) na aula de 22 de novembro de 1961 do *Seminário 9 - A Identificação*;
3) na aula de 22 de junho de 1965 do *Seminário 12 - Problemas cruciais para a psicanálise*;
4) na aula de 21 de janeiro de 1970 do *Seminário 17 – O avesso da psicanálise*[10] ;
5) e no único "Prefácio" que escreveu em 1969 para a tese de doutorado de Anika Lemaire, publicada em 1970, com o título: *Jacques Lacan: uma introdução*.

[9] Numa entrevista em 1981, Foucault é interrogado sobre os ensinamentos de Lacan e, como sempre, demonstra por ironia que Lacan foi o "libertador" da Psicanálise. O entre aspas revela a duplicidade da pergunta: Lacan como autor e Lacan como fundador de uma Escola (*In: Ditos & Escritos I* - 1999). Sobre a relação de Foucault e Lacan, ver o Capítulo 7 – "A dependência do Sujeito" do livro *Michel Foucault e seus Contemporâneos* de Didier ERIBON (1996).

[10] Vale lembrar o contexto do *Seminário 17*, lugar de elaboração dos quatro discursos (do mestre, da histérica, do universitário e do analista): Lacan, após ser expulso da rua d'Ulm, onde ministrava seu Seminário desde 1964 na Escola Normal Superior, obteve um anfiteatro na Faculdade de Direito, defronte ao *Panthéon*, para falar a um número cada vez maior de ouvintes. Na sessão de abertura de 26 de novembro de 1969, anunciou que iria falar em Vincennes. O convite partiu de Foucault, que estava coordenando o Departamento de Filosofia naquela Universidade.

Nessas indicações podemos reconhecer dois momentos precisos: no primeiro, o ingresso de Lacan na cena francesa da psicanálise; no segundo, o ato fundador da Escola de Lacan e a extensão de seu ensino nos anos de 1960.

Qual a operacionalidade que o nome do autor possui na produção da escrita, na elaboração de uma teoria, de um campo conceitual? O que está em jogo nas citações, nas referências ao autor? É evidente que não se trata de reduzir a questão apenas às exigências acadêmicas e convencionais da referência bibliográfica. Na tese de 1932, Lacan obedece aos critérios institucionais para a produção de seu doutorado: as citações são abundantes ao longo do texto e há uma extensa bibliografia final. O nome de Georges Politzer não aparece uma única vez. No entanto, argumentarei em defesa de sua presença, uma vez que a *função autor* que Politzer desempenha está em constante operação na escrita de Lacan.

Foucault iniciou sua conferência com a pergunta título: *O que é um autor?* Destacou duas ausências: a de um trabalho mais elaborado para apresentar, e a de Jean Hyppolite, que havia falecido há poucos meses. Quanto à primeira ausência, afirmou que delinearia na exposição um ensaio de análise sobre a função autor na escrita. Considerou, entretanto, que tal ensaio era "demasiado insignificante" para merecer a atenção de seus ouvintes e que mal conseguia entrever as grandes linhas que poderiam ser depreendidas de sua análise. A Hyppolite, dedicou um tributo: "já que a ausência ocupa o lugar primordial no discurso, aceitem, por favor, que seja a ele, em primeiro lugar, que eu me dirija nessa noite".[11]

Considerou o tema escolhido – a função autor – um bom motivo para retomar certo aspecto de sua obra *As Palavras e as Coisas*, publicada em 1966.[12] Foucault afirmou que em seu livro tentou

> analisar as massas verbais, espécies de planos discursivos, que não estavam acentuados pelas unidades habituais do livro, da obra e do autor (...) buscava

[11] FOUCAULT, 2001, p. 266.

[12] O livro causou grande alvoroço no cenário filosófico parisiense. ERIBON (1996, p. 101) destaca as críticas de Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e dos militantes da esquerda: "As revistas comunistas – com notável exceção de *Lettres Françaises*, dirigida por Pierre Daix, que publica duas longas entrevistas realizadas por Raymond Bellour – denunciam o livro como um manifesto reacionário que, negando a história e a historicidade, serve aos 'interesses da burguesia'".

> simplesmente encontrar as regras através das quais eles formaram um certo número de conceitos ou de contextos teóricos que se pode encontrar em seus textos.[13]

É assim que nomes de autores como Buffon, Cuvier, Ricardo, Marx são apresentados como unidades discursivas. Não se tratava de fazer referências às idéias, ao pensamento de um determinado autor, mas sim de fazer operar um nível de discursividade que a noção do autor garante. Nessa perspectiva, a questão da função autor se impõe como decisiva para demarcar o campo de trabalho de Foucault e, assim, colocar em destaque o procedimento genealógico que começa a vigorar em suas obras a partir da década de 1970.[14]

Desse modo, procurou acertar as contas com as críticas que recebeu após a publicação de *As Palavras e as Coisas*, anunciando para breve um estudo sobre o tema. De fato, no mês seguinte, publica *A Arqueologia do saber*, na qual expressa o alcance do procedimento genealógico na análise das unidades discursivas:

> não é mais saber por que caminhos as continuidades se puderam estabelecer; de que maneira um único e mesmo projeto pôde-se manter e constituir, para tantos espíritos diferentes e sucessivos, um horizonte das transmissões, das retomadas, dos esquecimentos e das repetições; como a origem pode estender seu reinado bem além de si própria e atingir aquele desfecho que jamais se deu – o problema não é mais a tradição e o rastro, mas o recorte e o limite; não é mais o fundamento que se perpetua, e sim as transformações que valem como fundação e renovação dos fundamentos.[15]

Por conseqüência, extraiu uma série de questões que foram apresentadas como campo de investigação dessa "nova forma de história", a história efetiva como análise genealógica: através de quais critérios se pode isolar uma unidade discursiva? Questões apropriadas: o que é *uma* ciência? O que é *uma* obra? O que é *uma* teoria? O que é *um* conceito? O que é *um* texto?

Após renunciar a uma abordagem histórico-sociológica sobre o tema proposto na conferência, Foucault delineou a relação do texto com o autor citando Samuel Beckett: "Que

---

[13] FOUCAULT, 2001, p. 266.
[14] Ver o artigo "Nietzsche, a genealogia e a história", apresentado no Colóquio em Homenagem a Jean Hyppolite, na Escola Normal Superior, em janeiro de 1969, do qual participaram: Louis Althusser, Suzanne Bachelard, Michel Henri, Jean Laplanche, Jean-Claude Pariente e Michel Serres. Foucault assina o prefácio da edição dessa homenagem, publicada pela PUF em janeiro de 1971.
[15] FOUCAULT, 1987, p. 7.

importa quem fala, alguém disse que importa quem fala". Esse primado da indiferença é assumido por Foucault como princípio ético para articular os conceitos, as unidades, as regularidades discursivas, as modalidades enunciativas. Na escrita contemporânea, o autor é designado por sua função enunciativa: uma espécie de regra imanente, constantemente aplicada, um princípio que não marca a escrita como resultado, mas a domina como prática.

Foucault especificou, assim, os dois grandes temas que podem ser depreendidos sobre a escrita: primeiro, pode dizer-se que a escrita de hoje se libertou do tema da expressão: só se refere a si própria, contudo, não se deixa aprisionar na forma de interioridade; identifica-se com a sua própria exterioridade desdobrada. Isso quer dizer que a escrita torna-se um jogo ordenado de signos que, no ato mesmo da partida, desdobra-se numa experiência dos limites da linguagem e de sua constante transgressão: "na escrita, não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever; não se trata da amarração de um sujeito em uma linguagem; trata-se da abertura de um espaço, onde o sujeito que escreve não pára de desaparecer".[16]

O segundo tema foi demarcado pelo parentesco da escrita com a morte. Desde a epopéia grega, a obra tinha o dever de imortalizar o autor: através da narrativa, a vida do herói consagrava e magnificava a morte, tornando-se assim imortal. No entanto, a partir de Flaubert, Proust e Kafka, por exemplo, a obra na cultura contemporânea passou a ter o direito de matar, de ser assassina do seu autor. "Essa relação da escrita com a morte também se manifesta no desaparecimento das características individuais do sujeito que escreve (...) a marca do escritor não é mais do que a singularidade de sua ausência; é preciso que ele faça o papel do morto no jogo da escrita".[17]

Foucault passou então a interrogar a noção de obra e de escrita. Uma das vertentes da crítica contemporânea insiste no abandono da análise das relações da obra com seu autor e ressalta a importância de analisar a obra

> na sua estrutura, na sua arquitetura, na sua forma intrínseca e no jogo das suas relações internas. Ora, é preciso imediatamente colocar o problema: O que é uma obra? O que é essa curiosa unidade que se designa com o nome obra? De quais elementos ela se compõe? Uma obra não é escrita por aquele que é um autor? (...)

[16] FOUCAULT, 2001, p. 268.
[17] FOUCAULT, 2001, p. 269. Sobre esse aspecto da relação da escrita com a morte do autor, ver o instigante texto de Maurice BLANCHOT (1997), publicado com o título “A literatura e o direito à morte”.

> Dentre os milhões de traços deixados por alguém após sua morte, como se pode definir uma obra? [18]

Exemplificando o problema da obra em Sade e Nietzsche, concluiu que a palavra obra e a unidade que ela designa são provavelmente tão problemáticas quanto a individualidade do autor.

A existência do autor foi interrogada pela noção de escrita. O papel do morto, que o autor é convocado a representar no jogo da escrita, diz respeito não ao gesto de escrever propriamente dito e muito menos aos aspectos intencionais de qualquer marca. Para Foucault, é imperativo pensar a condição geral de qualquer texto simultaneamente à condição do espaço em que se dispersa e do tempo em que se desdobra. O estatuto da escrita é articulável pela ausência (desaparição, apagamento) do autor: lugar primeiro do discurso. Não significa repetir de forma oca e vazia que o autor desapareceu: trata-se, isso sim, de "localizar o espaço assim deixado vago pela desaparição do autor, seguir atentamente a repartição das lacunas e das falhas e espreitar os locais, as funções livres que essa desaparição faz aparecer".[19]

Dois eixos de análise são apresentados para desenvolver o argumento anterior: o nome do autor e a função que ocupa nas unidades discursivas. O nome do autor é um nome próprio, não apenas em sua função indicadora e descritiva: “o nome próprio e o nome do autor estão situados entre esses dois pólos da descrição e da designação (...) a ligação do nome próprio com o indivíduo nomeado e a ligação do nome do autor com o que ele nomeia não são isomorfas e não funcionam da mesma maneira".[20] E essa diferença deve-se ao fato de que o nome do autor não é um nome próprio exatamente como os outros, não é simplesmente um elemento de uma unidade discursiva:

---

[18] FOUCAULT, 2001, pp. 269-270.
[19] FOUCAULT, 2001, p. 271.
[20]FOUCAULT, 2001, p. 272. Esse argumento é retomado na Aula Inaugural no *Collège de France* em 02 de dezembro de 1970, que recebeu o título de *A ordem do discurso*: “o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência (…) Seria absurdo negar, é claro, a existência do indivíduo que escreve e inventa. Mas penso que – ao menos desde uma certa época – o indivíduo que se põe a escrever um texto no horizonte do qual paira uma obra possível retoma por sua conta a função autor (…) Todo esse jogo de diferenças é prescrito pela função autor, tal como a recebe de sua época ou tal como ele, por sua vez, a modifica. Pois embora possa modificar a imagem tradicional que se faz de um autor, será a partir de uma nova posição do autor que recortará, em tudo o que poderia ser dito, em tudo o que diz todos os dias, a todo momento, o perfil ainda trêmulo de sua obra” (FOUCAULT, 1996, pp.26-29).

> ele exerce um certo papel em relação ao discurso: assegura uma função classificatória; tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, selecioná-los, deles excluir alguns, opô-los a outros. Por outro lado, ele relaciona os textos entre si (...) Enfim, o nome do autor funciona para caracterizar um certo modo de ser do discurso.[21]

O nome do autor está situado na ruptura que instaura num certo grupo de discursos. Diz respeito, portanto, à instauração de uma discursividade que põe em cena seu modo de existência, circulação e funcionamento de outros discursos.[22]

No segundo eixo, a função autor foi analisada segundo quatro características distintas: a primeira diz respeito a um registro histórico. No final do século XVIII e no início do século XIX, livro ou texto tornaram-se *objetos de apropriação*, ou seja, possuem proprietários que podem ser identificados e punidos quando seus discursos são reconhecidos como transgressores. Criou-se um regime de propriedade para os textos, promulgaram-se regras estritas sobre os direitos do autor, sobre as relações entre autor e editor, sobre os direitos de reprodução, etc. Desde essa época, "a possibilidade de transgressão, que pertencia ao ato de escrever, adquiriu cada vez mais o aspecto de um imperativo próprio da literatura".[23]

A segunda característica, afirma que "a função autor não é exercida de uma maneira universal e constante em todos os discursos". Há discursos que circulam no anonimato. Foucault demonstrou que, na Antigüidade clássica, as narrativas, contos, epopéias, tragédias, comédias "eram aceitos, postos em circulação, valorizados sem que fosse colocada a questão do seu autor". Nos séculos XVII e XVIII, os discursos científicos eram aceitos por si mesmos, "no anonimato de uma verdade estabelecida ou sempre demonstrável novamente; é sua vinculação a um conjunto sistemático que lhes dá garantia, e de forma alguma a referência ao indivíduo que os produziu".[24]

---

[21] FOUCAULT, 2001, p. 273.
[22] É interessante destacar que os argumentos de Foucault sobre a função autor ecoaram nas pesquisas históricas de Paul Veyne. Por exemplo, no livro *Acreditavam os gregos em seus mitos?*, publicado em 1983 na Coleção *Des travaux*, dirigida por Foucault, Veyne e François Wahl, podemos ler: "Há uma boa razão para que um historiador antigo tão raramente nos permita saber se distingue fontes primárias e informações secundárias: um historiador antigo não cita suas fontes ou faz isso raramente, irregularmente ou nunca pelas mesmas razões que nos levam a citá-las" (VEYNE, 1984, p.15).
[23] FOUCAULT, 2001, p. 275.
[24] FOUCAULT, 2001, pp. 275-276.

A terceira característica da função autor "não se forma espontaneamente como a atribuição de um discurso a um indivíduo. É o resultado de uma operação complexa que constrói um certo ser de razão que se chama de autor". A crítica literária moderna estabeleceu a equação autor–obra para apagar todo e qualquer traço de contradição, já que concebe o autor como "princípio de uma certa unidade de escrita – todas as diferenças devendo ser reduzidas ao menos pelos princípios da evolução, da maturação ou da influência". Esse modo de apreensão da função autor mantém no mesmo nível toda e qualquer forma de expressão, pois, sendo o autor uma espécie de foco de expressão, manifesta-se da mesma forma, com o mesmo valor, nas obras, nos rascunhos, nas cartas, nos fragmentos, etc.[25]

Por último, a função autor se efetua na própria cisão entre autor e escritor. A distância que é aberta pela divisão fundamental entre ambos permite apreender uma pluralidade do Eu. Há um Eu que fala num lugar e num tempo determinado em que realizou um trabalho de escrita. Há um outro Eu que "designa um plano e um momento de demonstração que qualquer indivíduo pode ocupar, desde que ele tenha aceitado o mesmo sistema de símbolos, o mesmo jogo de axiomas, o mesmo conjunto de demonstrações preliminares". Há ainda, um terceiro Eu, "aquele que fala para dizer o sentido do trabalho, os obstáculos encontrados, os resultados obtidos, os problemas que ainda se colocam".[26] A função autor desempenha, simultaneamente, o papel dos três Eus, dando lugar à dispersão e a várias "posições-sujeito" que diferentes indivíduos podem ocupar.

Feita a exposição dos argumentos acima, pareceu-me importante destacar a posição de Foucault sobre a obra de Freud, estritamente no período dessa conferência que estou comentando.[27] Na última parte de sua comunicação, Foucault aplicou seus enunciados sobre a função autor a um determinado campo (ou unidade) discursivo. Para tanto, interrogou a legitimidade do autor na fundação de uma disciplina, o significado do movimento de *retorno a...* e as transformações que tal retorno opera no campo discursivo em questão. Freud e Marx

[25] FOUCAULT, 2001, pp. 277-278.
[26] FOUCAULT, 2001, p. 279.
[27] Na conclusão, resgato as posições de Foucault sobre Freud na conferência "Nietzsche, Freud e Marx" (*In: Ditos & Escritos II*), publicada inicialmente nos Anais do VII Colóquio de Royaumont, dedicado a Nietzsche, que foi realizado entre 04 e 08 de Julho de 1964. Os Anais contêm os textos apresentados pelos principais representantes da leitura de Nietzsche em solo francês. A organização dos trabalhos foi dividida em três partes: *O Homem e o Mundo em Nietzsche*; *Confrontações; Experiências e Conceitos*. Foucault participou da segunda parte, confrontando Nietzsche, Freud, Marx.

foram eleitos como exemplares para investigar a função autor: considerou-os "fundadores de discursividade" e, desse modo, ocuparam uma "posição transdiscursiva" na história efetiva dos saberes contemporâneos.

Recordemos que a publicação do volume final da *Standard Edition*[28] das *Obras Completas de Sigmund Freud* ocorreu em 1966. Tal fato parece-me um bom exemplo para aplicar o argumento de Foucault: "a teoria da obra não existe, e àqueles que, ingenuamente, tentam editar obras, falta uma tal teoria e seu trabalho empírico se vê muito rapidamente paralisado".[29] Freud, como nome próprio de autor, passa a designar um nível de discursividade que permitiu abrir um amplo leque de possibilidades de interpretação.

Desse modo, afirmou Foucault, Freud não é simplesmente o autor da *Traumdeutung* ou do *Mot d' Esprit*; estabeleceu uma possibilidade indefinida de discursos; tornou possível um certo número de analogias e diferenças; abriu o espaço para que outra coisa diferente dele e que, no entanto, pertence ao que ele fundou. Dizer que Freud fundou a psicanálise significa afirmar que "tornou possível um certo número de diferenças em relação aos seus textos, aos seus conceitos, às suas hipóteses, que dizem respeito ao próprio discurso psicanalítico".[30]

Há equívocos em admitir que a psicanálise é o que está contido nas obras completas de Freud, afinal, "desenvolver um tipo de discursividade como a psicanálise, tal como ela foi instaurada por Freud, não é conferir-lhe uma generalidade formal que ela não teria admitido no ponto de partida, é simplesmente abrir-lhe um certo número de possibilidades de

---

[28] Paul Roazen (1999, p. 233) entrevistou o casal James e Alix Strachey, os editores da *Standard*, em 1965, e informou que o "volume final da *Standard Edition*, que na verdade era o volume número um, tinha acabado de ficar pronto, embora só fosse aparecer nas livrarias em 1966. Na época, os compradores pagavam à editora Hogarth Press pelo conjunto inteiro, e iam recebendo os volumes à medida que eram publicados. Quando perguntei a James o que ele achava que Freud teria dito sobre o trabalho dele com a *Standard Edition,* James afirmou claramente que Freud o teria considerado bastante sem sentido".

[29] FOUCAULT, 2001, p. 270. Em 1967, Foucault escreveu, com Deleuze, uma "Introdução Geral" às *Oeuvres philosophiques completes de F. Nietzsche*, que estavam sendo publicadas pela Gallimard. No primeiro parágrafo da "Introdução", destacam o seguinte critério: "Os pensadores 'malditos' são reconhecidos externamente por três traços: uma obra brutalmente interrompida, parentes abusivos que pesam na publicação dos póstumos, um livro-mistério, alguma coisa como 'o livro' do qual se acaba de pressentir os segredos" (*In: Ditos & Escritos* II, p. 36).

[30] FOUCAULT, 2001, p. 282. Roudinesco (1994, pp. 343-345) menciou a conferência de Foucault como ponto de inflexão para a situação francesa da filosofia e da psicanálise, tanto que abria a possibilidade de pensar o autor como função no discurso. Se a fala de Foucault é dirigida às críticas de Sartre e seus colaboradores ao seu livro *As Palavras e as Coisas*, também serve às críticas que Lacan recebia, tanto dos filósofos como dos psicanalistas filiados à Associação Psicanalítica Internacional (IPA).

aplicações".[31] Desse modo, o nome do autor cria um campo de operacionalidade que dá estatuto a um discurso. O autor é uma função **no** discurso e não **do** discurso.

A temática do *retorno a...* impõe-se como um movimento que tem a sua própria especificidade e que caracteriza, justamente, as instaurações de discursividade. Esse ato instaurador é revisitado, não para depreender uma origem primeira e esquecida do sentido do texto, uma vez que não há sentido originário que precisa ser descoberto, trazido à luz, através de sucessivas interpretações. O *retorno a...* não equivale a uma exegese bíblica. O retorno é marcado por um vazio, uma lacuna:

> Retorna-se a um certo vazio que o esquecimento evitou ou mascarou, que recobriu com uma falsa ou má plenitude, e o retorno deve redescobrir essa lacuna e essa falta; daí o perpétuo jogo que caracteriza esses retornos à instauração discursiva". Nessa perspectiva, o "reexame dos textos de Freud modifica a própria psicanálise.[32]

Na galeria dos ouvintes da conferência de Foucault, estava o psicanalista Jacques Lacan, que, na época, já havia fundado sua Escola. No espaço do debate, Lacan tomou a palavra para dizer que se sentiu convocado para estar presente porque lera os enunciados do convite e notara que Foucault iria tratar do *retorno a...* Lacan considerou que por retorno pode-se entender muitas coisas, mas o *retorno a Freud* foi uma espécie de bandeira que levou em punho na conquista do campo freudiano: "nesse aspecto, só posso agradecer-lhe: você correspondeu inteiramente à minha expectativa. A propósito de Freud, evocando especialmente o que significa o *retorno a*, tudo o que você disse me parece, pelo menos do ponto de vista em que eu pude nele contribuir, perfeitamente pertinente".[33]

A referência de Lacan ao convite recebido pela *Société* diz respeito ao argumento sobre a função autor num campo discursivo. Reconheceu seu trabalho de *retorno a Freud* no discurso de Foucault, sobretudo no modo como apresentou as duas questões fundamentais

[31] FOUCAULT, 2001, p. 283.
[32] FOUCAULT, 2001, pp. 284-285. Esse argumento se aplica perfeitamente à leitura que Politzer realizou de Freud e, certamente, à leitura que também Lacan realizou de Freud.
[33] FOUCAULT, 2001, p. 297.

sobre a fundação de uma disciplina e o movimento de *retorno a*... como momento decisivo para a transformação de seu campo.[34]

Por seu lado, as referências de Foucault a Lacan atestam a relevância da leitura que este realizou da obra freudiana.[35] Um exemplo: na "Introdução", que Foucault escreveu à tradução francesa da obra *Le rêve et l'existence* de Binswanger, em 1954, podemos encontrar uma primeira indicação dessa relevância. Há, certamente, indicativos em Foucault que demonstram seu reconhecimento desse movimento de *retorno a Freud* realizado por Lacan.

Neste escrito inicial, Foucault reconheceu que, na *Traumdeutung*, Freud deu ao sonho o estatuto de palavra e o fez entrar assim no campo das significações. No entanto, constatou que tal esforço redundou num fracasso, pois, com as célebres elaborações teóricas do Capítulo VII, Freud teria recuado a uma formalização abstrata, a um discurso que desqualificou o passo decisivo que inaugurou um novo campo de discursividade.[36] Tal recuo, segundo Foucault, deve-se a uma insuficiência na elaboração da noção de símbolo em Freud, por isso,

---

[34] Lacan fez referência à conferência proferida por Foucault na sessão 26 de fevereiro de 1969 de seu Seminário *D'un autre à l'autre*: "Agora, na data em que estamos, tenho a satisfação de ver, por exemplo, quanto à função de um autor como Freud, que uma sociedade de espírito muito aberto pode medir a sua originalidade. Foi, por exemplo, a seu respeito que sábado passado, em uma espécie de lugar suspeito que se chama Sociedade de Filosofia, Michel Foucault fazia esta pergunta: O que é um autor?, e isso o levava a evidenciar certo número de termos que merecem ser enunciados a propósito de uma tal questão. No pequeno anúncio que ele fizera de seu projeto de interrogar a função autor, destacou o retorno a... e desse modo senti-me convocado. Afinal, não há ninguém em nossos dias que, mais do que eu, tenha dado peso ao retorno a... a propósito de Freud. Aliás, ele sublinhou e mostrou muito bem sua perfeita informação do sentido todo especial, do ponto-chave que constitui esse retorno a Freud" (Apud ERIBON, 1996, p. 150).

[35] O interesse de Foucault por Lacan foi analisado por Eribon em diferentes momentos de sua produção filosófica. É certo que Foucault leu a tese de Lacan e o título que escolheu para seu primeiro livro bem o demonstra: *Maladie mentale et personnalité*, publicado em 1954 (depois, em 1962, reeditou o livro e mudou o título para *Maladie mentale et psychologie*). Eribon citou uma entrevista de Foucault com Ducio Trombadori de 1978, na qual fez a seguinte afirmação: "O que pude apreender de sua obra certamente atuou em mim. Nunca o segui de perto, para poder ficar realmente impregnado pelo que ele dizia, ainda mais que o essencial do seu ensino ele o fez a partir de 1955 na França. Ora, eu deixei a França em 1955. Só voltei mais tarde. Li alguns de seus livros, mas todo mundo sabe que para apreender Lacan é preciso, simultaneamente, ler seus livros, acompanhar seu ensino público, possivelmente fazer seus seminários, e eventualmente até fazer um tratamento psicanalítico". Citou ainda outra entrevista com Moriaki Watanabe, publicada no Japão em 1978, em que Foucault alinhou Lacan a Bataille, Blanchot e Klossowski, por terem sido os primeiros a colocar o tema do sujeito como problema fundamental da filosofia: "O sujeito tem uma gênese, o sujeito não é originário. Ora, quem disse isso? Freud, certamente, mais foi preciso que Lacan o mostrasse claramente. Daí a importância de Lacan". (Apud ERIBON, 1996, pp. 140 e 147).

[36] Aqui podemos reconhecer a incidência da letra politzeriana na leitura que Foucault fez de Freud. Como registro, vale lembrar que um único exemplar da *Crítica...* de Politzer circulava de mão em mão entre os jovens estudantes de filosofia na *École Normale* da r*ue d' Ulm* no início dos anos 50.

> Procurar-se-ia em vão em sua obra uma gramática da modalidade imaginária e uma análise do ato expressivo em sua necessidade (...) o símbolo é tomado por Freud somente como ponto de tangência aonde vêm se encontrar, por um instante, a significação límpida e o material da imagem tomado como resíduo transformado e transformável da percepção. O símbolo é a delgada superfície de contato, essa película que separa, ao mesmo tempo em que os une, um mundo interior e um mundo exterior, a instância de pulsão inconsciente e a da consciência perceptiva, o momento sensível.[37]

Por ter faltado a Freud uma elaboração da *Imago* como estrutura imaginária, duas vertentes se seguiram na história da psicanálise:

> uma análise à maneira de Klein, que encontra seu ponto de aplicação na gênese, no desenvolvimento, na cristalização dos fantasmas, reconhecidos, de algum modo, como a matéria-prima da experiência psicológica; e uma análise, como à maneira do Dr. Lacan, que busca na linguagem o elemento dialético no qual se constitui o conjunto das significações da existência, e no qual elas concluem seu destino, a não ser que o verbo, não se instaurando em diálogo, efetue em seu *Aufhebung* sua libertação e transmutação.[38]

Foucault reconhece que os projetos de Klein e Lacan não conseguiram encontrar a "unidade entre uma psicologia da *Imago*, que marca o campo da presença, e uma psicologia do sentido, que define o campo das virtualidades da linguagem" e conclui: "a psicanálise jamais conseguiu fazer falar as imagens".[39]

Essa primeira referência de Foucault a Lacan, em 1954, não contempla as elaborações que Lacan estava realizando em seu Seminário de 1953–1954, em que a tópica do imaginário havia sido escrutinada pela distinção entre ego (*moi*) e sujeito (*je*).[40] Já em 1938, Lacan adota a distinção entre *je*, sujeito do desejo, e *moi*, produto de identificações imaginárias. Tal

---

[37]FOUCAULT, 1999, p. 72. Sua "Introdução" refere-se diretamente à dimensão concreta do sonho, inserindo-o numa perspectiva antropológica: "Na antropologia contemporânea, a abordagem de Binswanger nos pareceu seguir a via régia. Ele toma indiretamente o problema da ontologia e da antropologia, indo direto à existência concreta, ao seu desenvolvimento e aos seus conteúdos históricos (...) Assim como a antropologia recusa toda tentativa de repartição entre filosofia e psicologia, também a análise existencial de Binswanger evita uma distinção *a priori* entre ontologia e antropologia" (p. 67).

[38] FOUCAULT, 1999, p. 73.

[39] FOUCAULT, 1999, p. 73.

[40] Mas certamente pode-se remetê-la à conferência de abertura da Sociedade Francesa de Psicanálise em 08 de Julho de 1953, intitulada: *O Simbólico, o Imaginário e o Real*. Trata-se de uma das primeiras exposições que Jacques Lacan fez da tríade e, como ele mesmo afirmou, contém o resumo de seus pontos de vista e também "uma espécie de prefácio ou introdução a certa orientação de estudo da psicanálise" que visava a um "retorno aos textos freudianos".

distinção é resultante de um trabalho em comum entre Lacan e Kojève. Para este, a distinção servia como ferramenta de leitura da *Fenomenologia do Espírito*, permitindo apontar a passagem do *eu penso*, em Descartes, para o *eu desejo*, em Hegel. Para Lacan, confrontar Freud e Hegel possibilitou a elaboração dos textos primordiais que fizeram emergir a tópica do imaginário.[41] Das quinze páginas escritas por Kojève, como introdução ao estudo "Gênese da consciência de si" – que juntos deveriam assinar –, Lacan retirou os três conceitos que serviram como ferramenta para seus escritos do período que antecede o *Seminário 1 Os escritos técnicos de Freud*: "o *eu* (*je*) como sujeito do desejo, o *desejo* como revelação da verdade do ser, o *eu* (*moi*) fonte de erro".[42]

Se é possível afirmar o trabalho conjunto de Lacan com Kojéve como ponto de inflexão para analisar seus escritos entre 1936 e 1949, convém observar que tal distinção já se encontra presente na leitura que Politzer realizou de Freud, especificamente da obra *O ego e o Id* de 1923. Roudinesco não fez qualquer menção ao ensaio de Politzer como ponto de partida para Lacan.[43] Portanto, há um texto de Freud que permite demonstrar as articulações possíveis entre Lacan e Politzer: ambos adotam a distinção entre *je* e *moi* – que só é possível na língua francesa – para retornar a Freud, desmontando todo e qualquer vestígio do naturalismo presente na concepção de aparelho psíquico tal como elaborado no Capítulo VII da *Traumdeutung*.

Para ambos, o que é visado é justamente o que foi designado como a segunda tópica e, no caso específico de Lacan, a função do superego como instância moral. Levantar a questão do que Lacan deve a Politzer parece-me descabida. Certamente o modo como Politzer se apropriou de Freud marcou decisivamente o destino da psicanálise na França, visto que essa leitura colocou em operação um nível de discursividade que não cessou de produzir efeitos em toda uma geração de filósofos e psicanalistas na década de 50. Como demonstrarei, há

---

[41] Uma análise mais pontual da leitura que Lacan realizou de Hegel pode ser encontrada no texto de Paulo Eduardo Arantes, "Hegel no espelho do Dr. Lacan" (*In:* SAFATLE, 2003).

[42] ROUDINESCO, 1994, p. 119. A autora encerra o capítulo "A Escola da Filosofia – Em torno de Alexandre Koyré", afirmando que "não é anódino, portanto, saber que a segunda grande reelaboração teórica efetuada por Lacan, que o conduziu de uma leitura já freudiana da psiquiatria a uma leitura filosófica da obra freudiana, teve, por matriz original, um projeto de obra a dois no qual o 'mestre hegeliano' de toda uma geração integrava o saber de seu 'discípulo' a um vasto conjunto fenomenológico, centrado em torno de uma série de interrogações 'hegeliano-freudianas' sobre o desejo, o *Cogito*, a consciência de si, a loucura, a família e as ilusões do eu".

diferentes leituras do texto de Politzer e parece-me que aquela realizada por Lacan é a que conseguiu se apropriar do cenário em que foi produzida: o surrealismo.

A concepção foucaultina de função autor como instaurador de discursividade abre possibilidade de análise da relação entre Lacan e Politzer para além da querela da citação autoral, bibliográfica. Lacan não silencia sua fonte, não omite sua leitura de Politzer, não plageia. O problema não pode ser definido em termos do discurso universitário que produz sujeitos por referência de créditos, filiações, heranças.

É justamente no ponto em que interroga o discurso universitário em sua pretensão de dominar a verdade por meio da técnica disciplinar, remetendo o saber ao próprio saber, que Lacan cita Politzer:

> É coisa tão patética para o universitário que podemos dizer que o discurso de Politzer intitulado *Fundamentos da psicologia concreta*, incitado por sua aproximação à análise, é um exemplo fascinante disso. Tudo deriva desse esforço para sair do discurso universitário que o formou dos pés à cabeça. Ele sente claramente que ali há alguma rampa por onde poderia emergir. É preciso ler essa pequena obra (...) às suas ásperas páginas sobre a psicologia, em especial a universitária, segue-se estranhamente um encaminhamento que, de algum modo, leva-o de volta a ela. Mas o que fez captar por onde havia esperança e emergir dessa psicologia foi ter enfatizado – coisa que ninguém havia feito em sua época – que o essencial do método freudiano para abordar o que corresponde às formações do inconsciente é confiar no relato. A ênfase foi dada a esse fato de linguagem, de onde tudo poderia, na verdade ter partido (...) É preciso ler esse livrinho, se eu tivesse aqui, leria com vocês.[44]

Lacan reconheceu o *pas-de-sens*[45] que o "livrinho" de Politzer realizou em sua leitura de Freud. Há um passo, uma passagem que Politzer deu em relação ao discurso freudiano, mas que mantém com ele uma referência fundamental como função autor: a objeção de Politzer a Freud está no fato de que ele [Freud] teria deixado escapar o que era fundamental: "todo fato psíquico só é enunciável se preservar o que chama de ato do Eu (*je*), e, ainda melhor, sua continuidade. Isto está escrito – a continuidade do Eu (*je*)".[46]

---

[43] Aqui é oportuno destacar que o texto de Freud, de 1923, foi referencial para Lacan em sua aproximação com o campo da psicanálise e para os argumentos que apresentou na análise do caso *Aimée*.
[44] LACAN, 1992, p. 60 (itálico na transcrição original).
[45] Reproduzo a nota de Ari Roitman, responsável pela Versão Brasileira do *Seminário 17*: "*pas*: é advérbio de negação, como empregado aqui (nada-de-sentido, sentido-algum ou não sentido), mas também como substantivo passo – o que provoca a ambigüidade aludida por Lacan, posto que a expressão *pas-de-sens* também pode, dialeticamente, ser um passo-de-sentido" (conf. p. 206).
[46] LACAN, 1992, p. 61.

O CENÁRIO SURREALISTA :
A ESCRITA AUTOMÁTICA COMO EMANCIPAÇÃO DA PALAVRA

* * *

Outrora, se bem me lembro, minha vida era um festim onde se abriam todos os corações, onde todos os vinhos corriam. Uma noite, sentei a Beleza nos meus joelhos. – E achei-a amarga. – E injuriei-a. (...)

Consegui fazer desvanecer-se em meu espírito toda a esperança humana. Sobre toda alegria, para estrangulá-la, dei o salto surdo da fera.

Chamei os carrascos para, perecendo morder a coronha de seus fuzis. Chamei calamidades, para me sufocar com areia, com sangue. O infortúnio foi meu deus. Estendi-me na lama. Sequei-me ao ar do crime. E preguei peças à loucura. E a primavera me trouxe o pavoroso riso do idiota. (...)

'Permanecerás hiena, etc...' exclamou o demônio que me coroou de tão gentis papoulas. "Ganha a morte com todos os teus apetites, e o teu egoísmo e todos os pecados capitais'.

Ah! Foi o que fiz e por demais! – Todavia, caro Satã, por favor, tende para mim um olhar menos irritado! E enquanto ficais à espera de umas tantas covardiazinhas em atraso, e já que apreciais no escritor a ausência das faculdades descritivas ou instrutivas, destaco para vós estas poucas hediondas folhas de meu caderno de réprobo"

Arthur Rimbaud
Uma temporada no inferno

O movimento surrealista insere-se no estado da cultura européia pós Primeira Guerra Mundial com a Revolução Soviética de 1917, marcando profundamente o destino da literatura, das artes plásticas, da filosofia e da psicanálise nas décadas seguintes. Toda uma geração de escritores, pintores, dramaturgos, além de médicos psiquiatras, dentre outros, tomaram parte nesse movimento de vanguarda artística. Chénieux-Gendron observou: "Já se vê em que orbe se situa o gosto surrealista e que ancestrais convoca: os homens de vastos horizontes, os poetas de ambições cósmicas, os pintores que deixam transparecer uma interrogação angustiada ou lírica a respeito das relações do homem com o seu devir".[47]

Diferentes autores procuram estabelecer a genealogia do surrealismo no *Manifesto Dadá*, publicado em 1918 pelo escritor romeno Sami Rosenstock, mais conhecido pelo nome de Tristan Tzara. Não pretendo refazer as trilhas históricas do surgimento do dadaísmo, bastam, para meus propósitos, algumas indicações pontuais. Por exemplo, numa entrevista a uma rádio francesa em 1950, Tzara declarou:

> Para compreender como nasceu *dadá* é preciso imaginar, de um lado, o estado de espírito de um grupo de jovens naquela espécie de prisão que era a Suíça na época da Primeira Guerra Mundial e, de outro, o nível intelectual da arte e da literatura naquele tempo (...) a impaciência de viver era grande, o desgosto aplicava-se a todas as formas de civilização dita moderna, às suas próprias bases, à lógica, à linguagem, e a revolta assumia formas em que o grotesco e o absurdo superavam de longe os valores estéticos.[48]

O movimento dadaísta surgiu em Zurique no ano de 1916, e a respeito do nome *Dadá*, Hans Arp relatou em 1926:

> Declaro que Tristan Tzara encontrou a palavra *dadá* em 8 de Fevereiro de 1916 às seis da tarde (...) no Café Terasse de Zurique enquanto eu levava um brioche à narina esquerda. Estou convencido de que essa palavra não tem nenhuma importância e apenas os imbecis e os professores espanhóis podem interessar-se pelos dados. Aquilo que nos interessa é o espírito dadaísta e nós éramos todos dadaístas antes da existência de *dadá*.[49]

Nadeau narrou a *História do Surrealismo* afirmando que:

---

[47] CHÉNIEUX-GENDRON, 1992, p. 19.
[48] *Apud* MICHELI, 1991, p. 131.
[49] *Apud* MICHELI, 1991, p. 132.

> Fora da França, na Suíça, mais precisamente, é que se construía uma máquina de guerra muito mais mortífera para a poesia e a arte tradicionais. (...) Tristan Tzara, jovem poeta romeno, (...) e Hans Arp batizaram com o nome de *Dadá*, um movimento que devia preencher com suas deflagrações os anos seguintes e, dessa maneira, agir poderosamente sobre os destinos do surrealismo incipiente.[50]

O *Boletim Dadá*, de fevereiro de 1920, destacava os nomes de Picabia, Tzara, Aragon, Breton, Ribemont-Dessaignes, Eluard Péret, Duchamp, Dermée, Carvan, e proclamava: "Os verdadeiros dadás são contra *Dadá*". O movimento dadaísta encontrou acolhida em Paris no início dos anos vinte, entre os membros da revista *Littérature*, que publicava, dentre outros, Gide, Valéry, Max Jacob, Blaise Cendrars e André Salomon. A pequena revista era editada por Louis Aragon, André Breton e Philipe Soupault, e foi um marco decisivo para as vicissitudes do movimento dadaísta em solo francês.

O célebre Congresso de Paris[51], em 1922, que pretendia estabelecer as diretrizes do pensamento moderno, foi a ponta do iceberg da ruptura no movimento dadaísta, dando condições objetivas para a criação do movimento surrealista.[52] Breton e Tzara travaram um duelo de grandes proporções na história da cultura contemporânea. Para além das posições antagônicas no que dizia respeito ao compromisso do movimento com as causas da revolução, os baluartes do surrealismo estavam atentos às novas possibilidades de interpretação: os nomes de Einstein, Heisenberg e Freud surgiam no cenário parisiense e inauguravam concepções originais sobre o mundo, a matéria e o homem.

O *Manifesto Dadá*, publicado em 1918, trouxe um elemento revelador imediatamente assimilado por Breton e seus amigos. Numa série de entrevistas, Breton explicitou esse elemento: o que era "violentamente explosivo estava no fato de proclamar a ruptura da arte com a lógica, a necessidade de um grande trabalho negativo a cumprir, e pôr nas nuvens a

---

[50] NADEAU, 1985, p. 25.

[51] Na Cronologia estabelecida por Marguerite Bonnet encontramos: "Le 3 janvier, paraît dans *Camadia* un texte rédigé par Breton mais portant diverses signatures pour appeler à la réunion en mars à Paris d'un *Congrès International pour la détermination des directives et la défense de l'esprit moderne*, qui será dit *Congrés de Paris*" (*In:* BRETON, 1988, p. XLIV). Sobre as causas e os episódios da ruptura de Breton com Tzara, vide o texto de Breton, *Après Dada*.

[52] German GARCIA (1998) destaca o Congresso de Paris como um marco decisivo para sua interpretação da aproximação de Jacques Lacan com Tristan Tzara. Suas observações levam em conta uma declaração de Lacan de que nada tinha a ver com o surrealismo e que sua aproximação com o surrealismo era só um modo de alfinetar André Breton. Ver a comunicação de Garcia no Colóquio *Lacan, você conhece?*

espontaneidade".[53] Esse impacto explosivo pode ser reconhecido nos primeiros capítulos dos *Champs Magnétiques*, publicados inicialmente na *Littérature* de 1919, onde se anunciava sua diferença com os textos dadaístas.

É possível demarcar, assim, o primeiro tempo da produção surrealista:

> Le 15 *avril* de 1919, Breton achève de recopier à la Bibliothèque Nacionale les *Poésies* d'Isidore Ducasse dont le premier fascicule paraît le même mois dans le numéro 2 de *Littérature*; il le fait précéder d'une note. Le second fascicule en *mai* dans le numéro 3. En *mai-juin*, Breton découvre la pratique de l'écriture automatique et écrit avec Soupault l'essentiel des *Champs magnétiques*.[54]

Esse encontro com a escrita de Isidore Ducasse é certamente decisivo para a constituição do surrealismo. Autor dos *Contos de Maldoror*[55], publicado em 1869 com o pseudônimo Conde de Lautréamont, Isidore foi indicado no *Primeiro Manifesto do Surrealismo* como fonte inesgotável de inspiração para a escrita automática. No *Segundo Manifesto* de 1930, quando encontramos uma certa recusa de antecedentes, uma única exceção é concedida:

> Esta disposição de espírito a que chamamos surrealista e que assim vemos ocupada consigo mesma, parece cada vez menos necessário procurar antecedentes (...) Em matéria de revolta, nenhum de nós deve precisar de antepassados. Insisto em especificar que, na minha opinião, é preciso desconfiar do culto dos homens, por muito grandes que sejam aparentemente. Com uma só exceção, Lautréamont, não vejo quem não tenha deixado algum traço equívoco de sua passagem.[56]

Cartografando o campo de produção dos surrealistas nos últimos dez anos e acusando os desertores – em específico, rebatendo as críticas de Robert Desnos –, o *Segundo Manifesto* gira na órbita dos *Cantos de Maldoror*. Há diversas passagens[57] que atestam a importância de

---

[53] BRETON, 1952, p. 62. De março a junho de 1952, André Breton refez sua trajetória num conjunto de dezesseis entrevistas concedidas a André Parinaud e transmitidas pelo sistema de Radiodifusão Francesa. Transcritas, as entrevistas são um rico material histórico sobre o movimento surrealista, cobrindo todo o período desde a juventude de Breton até uma avaliação sobre os avatares do movimento, no início da década de 50.

[54] *In:* BRETON, 1988, p. XXXVIII.

[55] DUCASSE, 1970.

[56] BRETON, 1993, p.130. Vale destacar que em abril de 1927, Aragon e Éluard assinam a publicação de *Lautréamont envers et contre tout*, como resposta ao artigo de Soupault publicado em março.

[57] Uma delas: "Esta incompreensão, da parte de Desnos e de alguns outros, apresenta um aspecto tão ativo que isso me dispensa de concluir longamente a seu respeito. Só salientarei, como prova decisiva, a inqualificável idéia que tiveram de transformar em nome de uma *boîte* de Montparnasse, teatro habitual das suas pobres proezas noturnas, o único nome lançado através dos ´seculos que constitui um puro desafio a tudo o que há de estúpido, de baixo de nojento no mundo: *Maldoror*". Citando um artigo do periódico *Candide*, de 09 de Janeiro de 1930,

Lautréamont para demarcar os rumos do surrealismo na década de 1930, sobretudo pela oposição que irá se estabelecer entre a escrita automática, experiência de simulação do delírio verbal, e a atividade paranóica crítica, formulados por Salvador Dali.

Breton reconheceu, só depois, no texto de Jacques Rivière, *Reconnaissance a Dadá*, os elementos propiciadores da ruptura com o movimento dadaísta e a sistematização do que viria a se constituir como surrealismo:

> O estudo de Rivière (então diretor da *Nouvelle Revue Française*) constituía, em suma, o primeiro texto com alguma repercussão a esforçar-se por sondar em profundidade as nossas intenções comuns. Concedia-nos ao menos o mérito de haver tentado aquilo a que chamava 'a experiência da realidade psicológica absoluta' e o de *ter promovido a linguagem a uma nova dignidade ao pretender ver nela já não 'um meio', mas 'um ser'*.[58]

Aceitando que *Champs Magnétiques* é a primeira obra surrealista, podemos afirmar que nela se encontra a experiência inicial da escrita automática, marco de fundação do movimento: nela estão presentes os aspectos determinantes que foram designados, posteriormente, como precursores da vanguarda literária.

O ato de nomeação para a ruptura estabelecida com o dadaísmo é um evento pleno de significações:

> À la fin de juillet de 1924, la rédaction de la 'preface' qui va devenir le *Manifeste du Surréalisme* est à peu près achevée. Toute une polemique autour du terme et la nation de surréalisme se déroule de juillet à septembre, partant de deux côtés: Picabia, qui joue sur la dérision, Ivan Goll et Paul Dermée qui veulent disputer le terme à Breton et lui donner une autre acception. Toute une guerre de comuniques est d'articles se déroule.[59]

No *Primeiro Manifesto*, publicado em Outubro de 1924, encontramos um diagnóstico do presente estado da literatura e a *Temporada no Inferno* de Rimbaud é invocada pela constatação de que Satã, o soberano do Inferno, *aprecia no escritor a ausência das faculdades*

Breton descreve a repercussão da *Boîte Maldoror*: "Batizaram com o nome de *Maldoror* um novo cabaré-*dancing* de Montparnasse. Dizem assim que *Maldoror* para um surrealista é o equivalente de Jesus Cristo para um cristão e que ver este nome utilizado como firma irá certamente escandalizar aqueles senhores Breton e Aragon" (BRETON, 1993, p.163).

[58] BRETON, 1952, p. 74 (itálico meu).

[59] *In:* BRETON, 1988, p. XLIX. Marguerite Bonnet indicou, ainda, um estudo de sua autoria sobre "a guerra dos artigos" em torno da definição do termo surrealismo: *André Breton: Naissance de l'aventure surréaliste*.

descritivas ou instrutivas. Contra "a abundância de romances" reivindica-se uma escrita literária que seja não descritiva e que não tenha valor de instrução.[60]

Tomando a defesa dos estados oníricos, a imaginação é convocada a exercer o papel de força propulsora da criação. A oposição entre imaginação e razão é dissolvida no ato de esgotamento da lógica racional: confrontar a realidade e escancarar suas crenças ilusórias. Nesse passo decisivo, o nome de Freud foi enunciado por um gesto de gratidão:

> Temos de agradecer as descobertas de Freud. Baseada nessas descobertas desenha-se finalmente uma corrente de opinião, por meio da qual o explorador humano poderá levar mais longe suas investigações, autorizado já a não contar apenas com realidades sumárias. A imaginação está, talvez, prestes a retomar os seus direitos".[61]

A primeira aparição da palavra surrealismo no *Manifesto* ocorre nas reflexões sobre a importância dos estados oníricos:

> Creio na resolução futura desses dois estados [onírico e racional], aparentemente tão contraditórios, que são o sonho e a realidade, numa espécie de realidade absoluta, de surrealidade, se assim se pode dizer. É à conquista dela que eu caminho, certo de não conseguir, mas suficientemente despreocupado com a minha morte para não calcular um pouco as alegrias de tal posse.[62]

É assim que encontramos a clássica definição que marca um grau zero ["antes de nós essa palavra não tivera êxito"] do movimento:

---

[60] Nas *Entrevistas Radiofônicas* (1952, p.38), Breton afirmou que toda a sua necessidade de saber estava concentrada em Rimbaud, e que chegava a incomodar Valéry e Apollinaire para que falassem dele: "Aliás, como é de se esperar, o que podiam dizer-me ficava terrivelmente aquém do que eu esperava. (...) Encontrava-me enfeitiçado pelas *Iluminações*". Breton também vivencia sua temporada no inferno. Foi o período em que foi transferido para o Centro Psiquiátrico do II Exército, em Saint-Dizier, na qualidade de assistente do Dr. Raoul Leroy. Foi nesse local que começou a praticar "o método de investigação da psicanálise". Reconheceu aí a base de toda a sua experiência futura na escritura surrealista.

[61] BRETON, 1993, p. 21.

[62] BRETON, 1993, p. 25. Em parágrafos posteriores, encontramos: "Em homenagem a Guillaume Apollinaire, que acabava de morrer e que por diversas vezes nos parecia ter obedecido a um arrebatamento desse gênero, sem todavia lhe ter sacrificado medíocres meios literários, Soupault e eu designamos pelo nome SURREALISMO o novo modo de expressão pura [escrita automática] que tínhamos à nossa disposição e de que ansiávamos fazer beneficiar os nossos amigos (...) Apollinaire apenas possuía a *letra*, ainda imperfeita, do surrealismo" (grifo do autor, p. 33).

Nas *Entrevistas*, Breton afirmou que no período da Primeira Guerra, seu espírito se alimentava da relação com Apollinaire: "é que para mim havia na altura um homem cujo gênio poético me eclipsava todos os outros, constituindo a bem dizer o único ponto de mira: Guillaume Apollinaire. (...) As nossas relações, que foram breves mas extremamente assíduas da minha parte, iniciaram-se por correspondência. A primeira vez que me surgiu fisicamente foi no leito do hospital, a 10 de Maio de 1916 (...)A partir daí, iria revê-lo quase todos os dias até a sua morte. Era uma personagem de vulto, como não encontrei mais nenhuma depois. É verdade que um tanto aloucada. O lirismo em pessoa. Arrastava atrás de si o cortejo de Orfeu" (1952, p. 33).

> SURREALISMO, s.m. Automatismo psíquico puro pelo qual se pretende exprimir, verbalmente ou por escrito, ou de qualquer outra maneira, o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento, na ausência de qualquer vigilância exercida pela razão, para além de qualquer preocupação estética ou moral. (...) Fizeram profissão de SURREALISMO ABSOLUTO os Srs. Aragon, Baron, Boiffard, Breton, Carrive, Crevel, Delteil, Desnos, Peluard, Gerard, Limbour, Malkine, Morise, Naville, Noll, Péret, Picon, Soupault, Vitrac.[63]

O caminho que o surrealismo iria seguir estava definido. André Breton assim expressou: "Automatismo psíquico puro pelo qual se exprime, quer verbalmente, quer por escrito, quer de outra maneira, o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento, na ausência de qualquer controle exercido pela razão, fora do âmbito de qualquer preocupação estética ou moral".[64]

Vale apresentar os itens que compõem a *Declaração* de 27 de Janeiro de 1925, na qual se encontra a linha diretiva do movimento:

> 1º) Não temos nada a ver com a literatura. Mas somos muito capazes, se necessário, de nos servir dela como todo mundo.
>
> 2º) O surrealismo não é um meio de expressão novo ou mais fácil, nem mesmo uma metafísica da poesia. É um meio de liberação total do espírito e de tudo que se lhe assemelha.
>
> 3º) Estamos bastante decididos a fazer uma revolução.
>
> 4º) Juntamos o termo surrealismo ao termo revolução, unicamente para mostrar o caráter desinteressado, desprendido, e mesmo totalmente despreparado dessa revolução.
>
> 5º) Não pretendemos mudar nada nos erros dos homens, mas queremos lhes demonstrar a fragilidade de seus pensamentos, sobre que alicerces frágeis, sobre que porões, construíram suas casas trementes.
>
> 6º) Endereçamos à sociedade esta solene advertência. Que preste atenção aos seus desvios, a cada um dos falsos passos de seu espírito, não a fraudaremos, não...
>
> 7º) Somos especialistas da revolta. Não há um meio de ação que não sejamos capazes de pregar, se necessário...

[63] BRETON, 1993, p. 34. A partir de tal designação, uma lista de antecessores que poderiam ser nomeados surrealistas em específicas situações. Por exemplo: Sade é surrealista no sadismo; Poe é surrealista na aventura; Baudelaire é surrealista na moral; Rimbaud é surrealista na vida vivida e em mais coisas (p. 35).
[64] *Apud* NADEAU, 1985, p. 55.

> O surrealismo não é uma forma poética. É um brado do espírito que se revolta para si mesmo e está nitidamente decidido a romper desesperadamente seus entraves. E se necessário com martelos materiais.[65]

Por meio dessa *Declaração*, pode-se apreender a natureza do movimento, ou seja, um movimento de vanguarda que, surgido no período entre-guerras, levanta-se vigorosamente contra todos os dogmas, as verdades universais e as certezas de uma época. Se a literatura se sustentava até então em fórmulas poéticas e em estruturas de texto coerentes e bem definidas, o movimento surrealista veio subverter essa ordem, já que seus escritos primam pela expressão da subjetividade: "um brado do espírito" que traz consigo a particularidade de cada autor e a constituição de um estilo. Como afirmou Chénieux-Gendron:

> o surrealismo quer-se uma filosofia, mas 'de vida', de um modo de viver e de pensar, uma loucura de viver e de pensar que, recusando o mundo tal qual é, pois o 'real' muitas vezes é apenas o habitual, se propõe de uma só vez 'transformar o mundo' (Marx) e 'mudar a vida' (Rimbaud), em uma revolta ao mesmo tempo política e poética; que, recusando os *a priori* lógicos, prega a exploração dos recursos da desordem, tal como pode surgir de uma confiança voltada a todas as pulsões e da emergência do inconsciente; que convida à exploração do 'acaso objetivo', pelo exame dos signos que, objetivando os nossos desejos, orientam o nosso projeto de vida. A exaltação ativa do amor eletivo apóia-se naturalmente nessas marcas do acaso.[66]

Albert Camus, em *O Homem Revoltado*, publicado em 1951, caracterizou o surrealismo como um grande atalho na encruzilhada em que se encontravam a poesia revoltada no final do século XIX e início do século XX: o surrealismo assumiu deliberadamente encontrar na subversão e na demência as regras de sua construção.

> Le surréalisme au contraire, après Rimbaud, a voulu trouver dans la démence et la subversion une régle de construction. Rimbaud, par son oeuvre et seulement par elle, avait indiqué la voie, mais à la manière fulgurante dont l'orage revele l'orée d'un chemin. Le surréalisme a creusé ce chemin et en a codifié le repérage. Par ses

[65] *Apud* NADEAU, 1985, p. 68.
[66] CHÉNIEUX-GENDRON, 1992, p. 12.

> outrances comme par ses reculs, il a donné sa dernière et somptueuse expression à une théorie pratique de la revolte irrationnelle, dans le temps même ou, sur une autre voie, la pensée révoltée fondait le culte de la raison absolue. Ses inspirateurs, Lautréamont et Rimbaud, nous apprennent en tout cas par quelles voies le désir irrationnel de paraître peut amener le révolté aux formes les plus liberticides de l'action.[67]

Em suas "Reflexões sobre o Surrealismo", Maurice Blanchot, comentando as razões que conduziram os surrealistas ao marxismo, destaca que o tema da liberdade na criação poética expõe, de maneira concreta, o problema da opressão social. A liberdade para o conjunto dos homens exige uma regulamentação concreta. Só depois, o problema metafísico da liberdade poderá ser questionado:

> Somente quando a liberdade do homem não estiver mais por se *fazer*, quando ela estiver dada nos fatos, realizada em todas as suas condições, somente então, a liberdade tomará consciência de si mesma, consciência dela como o que ultrapassa sempre essas condições, como o que nunca é realizado, nunca dado nem feito.[68]

Blanchot afirmou que após banir a literatura romântica, o surrealismo identificou a linguagem como puro momento da consciência e, nessa perspectiva, a arte desapareceria como meta, restando somente a vida concreta dos humanos. A arte literária, dentre outras, após livrar-se

> dos elementos interiores que a escravizam (recusa da imitação, rejeição das palavras como instrumentos de troca, recusa da arte considerada como divertimento), tenta se engajar numa ação externa que a torna pesada. Quanto mais inútil, mais ela necessita de uma finalidade que faça dessa inutilidade algo útil. É sua gratuidade o que torna inevitável 'a disposição da revolução'.[69]

Blanchot considerou também que a escrita automática, proposta pelos surrealistas, era uma máquina de guerra contra a reflexão e uma certa concepção que identifica linguagem com discurso. Para tanto, afirmou que

> o surrealismo foi obcecado por esta idéia: que há, que deve haver, na constituição do homem, um momento em que todas as dificuldades se aplainam, em que as antinomias não têm mais sentido, em que o conhecimento tem pleno domínio das coisas, em que a linguagem não é o discurso, mas a própria realidade, sem, no

[67] CAMUS, 1951, p. 107.
[68] BLANCHOT, 1997, p. 98.
[69] BLANCHOT, 1997, p. 96.

> entanto, cessar de ser a realidade própria da linguagem, enfim, em que o homem alcança o absoluto.[70]

A emancipação das palavras apresenta, assim, dois sentidos:

> De um lado, na escrita automática, não é propriamente a palavra que se torna livre, mas a palavra e minha liberdade que se tornam uma só coisa. Penetro na palavra, ela guarda minha marca e é minha realidade impressa; adere à minha não-aderência. Mas de outro lado, essa liberdade das palavras significa que as palavras se liberam por si mesmas: elas não dependem mais exclusivamente das coisas que expressam, agem por conta própria, brincam e, como diz Breton, 'fazem amor'.[71]

O autor reconheceu a eficácia da escrita automática no seguinte fato: "revelar a prodigiosa continuidade entre meu sofrimento, meu sentimento de sofrer e a escrita do sentimento desse sofrimento".[72] Na escrita automática, a "linguagem desaparece como instrumento, mas por se ter tornado sujeito. Graças à escrita automática, ela se beneficia da mais alta promoção. Confunde-se agora com, o 'pensamento' do homem, está ligada à única espontaneidade verdadeira: é a liberdade humana agindo e manifestando-se".[73]

Esse modo de escrever busca apreender a vida imediata materializada na letra. A opacidade da linguagem é perfurada pelo estilete da escrita. O aspecto *concreto*[74] de emancipação da palavra foi decisivo na apropriação que os surrealistas fizeram da escrita de Freud e, por extensão, na emergência da psicanálise em solo francês.

Se, como advertiu Barthes, “não há linguagem escrita sem alarde” e, portanto, “é possível traçar uma história da linguagem literária que não seja a história da língua, nem a dos estilos, mas somente a história dos Signos da Literatura”,[75] então podemos pensar a escrita automática para além do aspecto estilístico. Trata-se, na verdade, de conceber a escrita automática como um dos modos de articulação histórica dos Signos da Literatura. Desse modo, assumo a perspectiva genealógica de abordagem do surrealismo pela escrita

[70] BLANCHOT, 1997, p. 89.
[71] BLANCHOT, 1997, p. 91.
[72] BLANCHOT, 1997, p. 90.
[73] BLANCHOT, 1997, p. 91.
[74] Louis Aragon escreveu sob uma fotografia de um filme de Buster Keaton: "O concreto é o último momento do pensamento, e o estado do pensamento concreto é a poesia". *Apud* NADEAU, 1985, p. 60.
[75] BARTHES, 2004, pp. 3-4.

automática: sua máquina de guerra no combate a toda e qualquer forma de identificação da linguagem com o discurso.

A escrita automática instaura uma nova e radical experiência com a escrita. O conceito de automatismo psíquico foi decisivo para a explicitação do peso bruto da palavra: sua libertação das coisas, a perda de sua condição referencial.[76]

Fazendo a leitura do *Primeiro Manifesto*, Jean Starobinski destacou o vocabulário psicológico utilizado por Breton, indicando a genealogia, a proveniência, de cada um deles e aprofundando sua análise do conceito de *automatismo*:

> Se o recurso às livres associações pode passar por um eco das práticas introduzidas em psicanálise em seguida às pesquisas de C. G .Jung, nem a noção de *automatismo*, nem a de *realidade superior,* nem de *ditado do pensamento* – que são aqui termos chave – remetem às expressões favoritas da teoria freudiana. A gênese desses termos deve ser antes procurada no debate que a psiquiatria francesa do século XIX tinha instituído ao redor do 'sonambulismo artificial', da histeria e das 'doenças da personalidade'. Os termos nos quais Breton inscreve a definição do surrealismo remetem a Janet, a Charcot, a Liébeault, e ainda mais ao ramo aberrante – espírita, parapsicológico, medianímico – separado da corrente principal que vai de Mesmer a Freud, passando pela escola de Nancy e Salpêtrière.[77]

De fato, Breton indicou a necessidade de se resgatar o primeiro número de *La Révolution Surréaliste*, publicado no final de 1924, para analisar o "material surrealista" e constatar que ele foi extraído da problematização do automatismo psíquico. Ali se encontra claramente definido, segundo o autor, o objetivo do surrealismo: interrogar toda a psicologia do entendimento desde Descartes. Por isso, os colaboradores do surrealismo são unânimes no seguinte ponto: "o mundo circundante, que se diz cartesiano, é insustentável, mistificador, sem graça, e são justificadas quaisquer formas de insurreição contra ele".[78]

O ensino de Freud foi invocado com mestria no panfleto, para apontar uma das formas de insurreição contra a tradição cartesiana e designar, assim, a necessidade de superar a cisão entre "as chamadas forças da razão e as paixões profundas", apontando o perigo mortal da

[76] Também é possível demonstrar a prática da escrita automática como simulação do delírio verbal e, desse modo, analisar suas relações de aproximação e distanciamento da experiência vivida e defendida por Salvador Dali como paranóia crítica. Sobre esse aspecto, indicarei mais adiante alguns argumentos ao comentar a relação de Dali com Breton e o movimento surrealista.
[77] STAROBINSKI, 1969, p. 122 (itálicos do autor).
[78] BRETON, 1952, p. 109.

razão cientificista. Desse modo, uma série de cartas foi endereçada: aos quartéis, aos diretores de presídios, aos reitores das universidades européias, às escolas de Buda, ao Papa, ao Dalai Lama, aos médicos-chefes dos asilos de loucos, com o propósito de reivindicar a liberdade concreta em todos os níveis. Ao assumir a direção da revista, Breton pretendia "repor a linguagem em efervescência", extraindo, assim, as conseqüências decisivas para o movimento.

Nessa báscula de garantir o peso bruto da linguagem, Breton e seus amigos se dirigem para o social. As aproximações com o Partido Comunista Francês (PCF) são descritas nas entrevistas pelo embate[79] entre Bernier e Aragon. Na réplica furiosa de Aragon há um argumento importante para indicar os termos dessa aproximação: "Os problemas colocados pela existência humana nada têm a ver com a miserável pequena atividade revolucionária que se produziu no nosso Oriente próximo. Resta-me acrescentar que chamar-lhe revolucionária constitui um verdadeiro abuso de linguagem".[80] Referência explícita à Revolução Soviética. A imagem de Lênin divulgada por Trotsky começa a seduzir os surrealistas.

Breton entrou no combate para ampliar o debate e defender a liberdade de expressão de Aragon. Por isso, o número 5 da *La Révolution Surréaliste* contém seu brado de guerra:

> Louis Aragon é livre de informar Drieu la Rochelle, por carta aberta, de que nunca gritou Viva Lenine!, mas o berrará amanhã se lhe proibirem esse grito. Mas eu também sou livre para achar que facilitamos a vida aos nossos piores detratores ao deixá-los supor que só agimos assim por desafio: Viva Lenine!, sim, mas tão-só *porque Lenine*!.[81]

Desse modo, Breton ressaltou, na seqüência da entrevista, que a palavra revolução, exaltada pelo surrealismo, tem mais referência histórica a Saint-Just e Robespierre do que aquela expressa pelo PCF.

A adesão de Breton ao PCF ocorreu em 1927.[82] Nesse período havia um sólido propósito de estabelecer uma convergência no vocabulário utilizado por diversos grupos que

---

[79] Breton (1952, p. 123) considerou que "na ardósia do surrealismo, ainda não se conseguiu passar uma esponja sobre a polêmica provocada pelo famoso repente de Aragon sobre 'Moscovo a catequética'. Jean Bernier censurou-o asperamente em *Clarté*, revista filocomunista que, em muitos aspectos, tem a nossa simpatia, embora deploremos que um intelectual frívolo como Henri Barbusse a controle".

[80] BRETON, 1952, p. 124.

[81] BRETON, 1952, p.125 (itálico do autor).

[82] Marguerite Bonnet afirmou em sua *Cronologie*: "Em janvier, [1927] adhésion au parti communiste; Breton s'intègre mal à la cellule d'employés du gaz à laquelle il est affecté. Des ce début d'année, une certaine tension

se dedicavam à causa revolucionária. O ponto de partida dessa empreitada pode ser demarcado pela publicação, em 1925, do planfeto *La Révolution d'abord et toujours.* Cada grupo expressava-se como um ser psíquico coletivo animado de vida própria e tendo em vista a realização de uma tarefa única: a construção de uma plataforma comum que permitisse passar à ação. O problema da práxis histórica e o engajamento dos intelectuais, artistas, escritores com a causa revolucionária era a pauta dos encontros e atividades militantes.

A inviabilidade da proposta de uniformização do vocabulário coletivo que pudesse expressar a teleologia de uma causa coletiva pode ser reconhecida pelas contradições com a experiência existencial singular. A disponibilidade para a militância não possuía o mesmo grau de integração na dedicação à causa defendida. Breton indicou que

> os acontecimentos da vida pessoal não vão permitir que todos se mantenham no mesmo estado de disponibilidade. As sanções que a vida do intergrupo tornará necessárias contra este ou aquele não deixarão de provocar sérios traumatismos, de despertar fortes rancores e, em certos casos, de determinar evoluções espetaculares no sentido mais inesperado.[83]

Henri Lefèbvre, Pierre Morhange[84] e Georges Politzer, membros do grupo *Philosophies*, são citados como exemplos das sanções impostas. Esses nomes vieram a

---

s'instaure dans ses rapports avec Desnos" (*In:* BRETON, 1988, p. LIII). É importante destacar também que, ato contínuo, Breton interrompe a relação com Nadja.
Nas *Entrevistas Radiofônicas*, Breton narrou em detalhes os embates da aproximação dos surrealistas com o PCF: "a viragem em direção à política que vai marcar o surrealismo pode situar-se com vigor no Verão de 1925. Com André Masson e outros amigos, passamos as férias em Thorenc, na Provença, onde, se bem que ocupados quase todo o dia com a observação dos insetos e com a pesca de lagostins no rio, as discussões fervilhavam desde o crepúsculo até alta noite" (1952, pp. 123-132).

[83] BRETON, 1952, p.128.

[84] Fundador da *Revue Marxiste*. Foi a ele que Politzer dedicou sua *Crítica dos Fundamentos da Psicologia.*
O *Segundo Manifesto* é um importante documento para acompanhar a crise entre os surrealistas e o PCF. A crítica de Breton a essa tríade – Lefèvre, Morhange e Politzer – revela a extensão dos problemas e enuncia os pontos de ruptura: "Aceito, entretanto, quem em conseqüência de um engano, e nada mais, me tenham tomado no partido comunista por um dos intelectuais mais indesejáveis (...) O que não aceito é que, por possibilidades especiais de *movimento*, certos intelectuais que conheço, e cujas determinações morais são mais do que sujeitas a reservas, depois de terem tentado sem êxito a poesia, a filosofia, se voltem para a agitação revolucionária, e que, graças à confusão que por lá reina, consigam mais ou menos iludir e, para maior comodidade, a nada se tenham apressado mais do que a renegar ruidosamente aquilo que, como o surrealismo, os fez pensar mais claro do que pensam, mas os obrigava também a prestar contas e a justificar humanamente a sua posição" (BRETON, 1993, pp.143-148). Aqui se encontra um bom indicativo da presença de Politzer no surrealismo. Nesse aspecto, vale destacar que, poucas linhas adiante, Breton fez referência à fundação da *Revue de Psychologie Concrète*, que até aquela data já havia publicado dois números (Vide **Anexo** onde apresento uma tradução dos *Editoriais* e *Sumário*), e também dos sete números da *Revue Marxiste*.

assumir mais tarde posições de destaque no marxismo stalinista que imperava nas fileiras do PCF, tornaram-se representantes especializados em denunciar os menores desvios à linha de ordem, como disse Breton.

Nesse cenário de aproximações e distanciamentos do marxismo partidário, Breton reconhece uma espécie de conversão em massa.[85] No entanto, a direção de cada um no Partido Comunista estava marcada pelas apropriações e leituras que faziam das obras de Marx, Engels e Lênin:

> O que deduzimos de mais certo destas leituras é que, para ajudar a 'transformar o mundo', era preciso começar a pensá-lo de um modo diferente, em particular subscrevendo sem reservas o famoso 'primado da matéria sobre o espírito'. Tratava-se de uma necessidade a que nos resignávamos, mas que implicava apreciáveis sacrifícios da parte de alguns de nós.[86]

As descrições das reuniões que as células do Partido mantiveram com Breton para decidir sobre sua aceitação como membro são hilárias. Um verdadeiro inquérito para homologar a ficha de inscrição: era intimado a justificar a atividade surrealista e a dar garantias de lealdade de suas intenções.

A transformação social do mundo tornou-se um leme que dirigia todas as atividades, anteriormente disseminadas em diferentes direções. A unidade foi mantida por breve espaço de tempo sob a égide do PCF. O marxismo-leninismo foi assumido como o instrumento necessário para realizar a revolução; muito embora, como lembrou Breton, ainda não tivessem nenhuma razão para supor que sua ponta estivesse envenenada.

[85] ROUDINESCO (1988, p. 78) usou a mesma expressão para definir a entrada de Politzer no PCF.
[86] BRETON, 1952, p.129.

ACASO OBJETIVO E SIMULAÇÃO DO DELÍRIO:
NADJA, A MENSAGEIRA DO AMOR

André Breton nunca mudou, na verdade, com relação à sua reivindicação do surreal, fusão do sonho e da realidade, sublimação da velha contradição entre o ideal e o real. Conhece-se a solução surrealista: a irracionalidade concreta, o acaso objetivo. A poesia é uma conquista (...) Breton escolheu o amor. Na calhordice de sua época, e isto não pode ser esquecido, ele foi o único a falar com profundidade sobre o amor. O amor é a moral em transe que serviu de pátria a esse exilado. Nem política, nem religião, o surrealismo só pode ser uma impossível sabedoria.

Albert Camus
O Homem Revoltado

O período de 1926 a 1929 foi muito fértil na produção estética dos surrealistas: no plano da escrita, são publicadas obras como *Le Paysan de Paris* e *Traité du Style*, de Aragon; *Capitale de la Douler e L'Amour la Poésie*, de Paul Éluard; *Nadja*, de Breton, dentre outras. Nas artes plásticas, aparecem os trabalhos de Picasso, Arp, Ernest, Masson, Miró, Man Ray e Tanguy. A ação revolucionária não se esgotou na ação política. Breton declarou: "o gosto da aventura em todos os domínios estava muito longe de nos haver abandonado, e falo da aventura da linguagem tanto como na rua ou no sonho. Obras como *Le Paysan de Paris* e *Nadja* dão bem conta desse clima mental em que o gosto de vaguear é levado aos seus limites extremos".[87] O imprevisto de um encontro se apresenta como conseqüência do ato de vaguear – desse andar ocioso – e de, ao mesmo tempo, entregar-se a devaneios. Desse modo, o acaso toma as feições de uma mulher. A imprevisibilidade do encontro se apresenta como um signo do feminino. O ponto central de tais obras é enunciado no acaso objetivo: o nó que elucida as relações existentes entre a necessidade e a liberdade.

Nadja de André Breton é a exposição mais lúcida da materialidade da linguagem – o que a torna pesada, como disse Blanchot. Encontra-se em *Nadja* a forma radical da escrita de si[88], uma relação imediata de si para consigo, a vida imediata que só pode constituir-se no peso bruto da linguagem. A dimensão concreta da escrita está no fato de imprimir o ser nas dobras do discurso que a linguagem materializa.

O problema filosófico do acaso objetivo foi elaborado por Breton nos seguintes termos: "por que acontece encontrarem-se a ponto de se fundir – na verdade raramente – fenômenos que o espírito humano só consegue reportar a séries causais independentes? E por que é tão viva, embora tão efêmera, a luz que resulta dessa fusão?".[89] *Nadja* ilustra de maneira cabal o enunciado do problema. Só o amor, diz Breton, possui o esplendor do maravilhoso, a oportunidade única para a realização do encontro.

---

[87] BRETON, 1952, p. 139.

[88] Importante destacar o artigo de Michel Foucault, "A escrita de si", publicado em 1983, como referência para desenvolver esse tema. Citando um trecho de Santo Atanásio, Foucault destacou a emergência da escrita de si como ato de fazer-se outro na *askesis*. Para tanto, caracterizou três analogias: aquilo que os outros são para o asceta numa comunidade, o caderno de notas o será para quem vive na solidão; o caderno de notas [lugar de efetivação da escrita de si] tem a mesma função da confissão ao diretor espiritual: registra [num discurso] os movimentos da alma; tal registro funciona como uma arma de combate contra os poderes do inimigo. Daí conclui a função *etopoiética* da escrita: exercício de si para enfrentar o real através da transformação da verdade em *ethos* (*In: Ditos & Escritos V*, 2004, pp. 144-162).

> A heroína desse livro dispõe de todos os meios requeridos, pode verdadeiramente dizer-se que é feita para concentrar em si todo o apetite do maravilhoso. E, no entanto, as seduções que ela exerce sobre mim são de ordem intelectual, não se resolvem em amor. Todos os seus prestígios de feiticeira lançados na balança pesarão pouco contra o amor puro e simples que uma mulher como a que se vê passar no fim do livro me inspirou. Pode ser, aliás, que os prestígios de que *Nadja* se rodeia constituam a vingança do espírito sobre a derrota do coração.[90]

O amor é eleito como o tema de inspiração surrealista que permitirá o exercício da liberdade. As atitudes passionais reconhecidas no quadro da histeria – verdadeiros quadros vivos da mulher no amor, como disse Breton – foram celebradas em 1928 no *Cinqüentenário da Histeria*. O amor eletivo é a condição humana por excelência: sua mais alta aspiração. Nessa direção, resgata-se a preocupação maior e fruto das ambições permanentes: reduzir a autonomia entre a razão e a desrazão (o *non-sense*). Isso permitia inserir, sob a rubrica da atividade paranóico-crítica, um acerto de contas com a psiquiatria clássica. Aqui também Breton indicou o cenário de sua *Nadja*.

Um esclarecimento preliminar[91]: a versão do texto adotada para leitura é datada de 1962. Todas as versões consultadas – inclusive a que foi publicada nas Obras Completas, editadas por Marguerite Bonnet – são a mesma estabelecida por Breton como "presente de Natal". Há, no entanto, um extenso trabalho de cotejamento da versão estabelecida por Breton em 1962 com a primeira, publicada em 1928. Denominada "*Notes et Variantes*" esse importante trabalho de Bonnet indica todas as alterações que Breton fez na versão original.

Acompanhando a cronologia estabelecida por Bonnet, podemos reconhecer o processo de escrita de *Nadja*:

> Le 4 octobre de 1926, rencontre de *Nadja* près de la place de Lafayette. Breton la voit chaque jour jusqu'au 13 octobre puis espace les rencontres. Le 23 novembre, importante réunion du groupe et de divers proches sur la question de l'adhésion au parti communiste (...) En janvier de 1927, adhésion au parti communiste (...) Vers la

---

[89] BRETON, 1952, p. 140.
[90] BRETON, 1952, p. 141.
[91] Agradeço ao Prof. Joaquim Brasil Fontes pela indicação da versão original e por ter destacado a importância de tomá-la como referência para leitura. Pela extensa revisão que tal empreitada implicava e por considerar que o foco de minha atenção não é propriamente o texto de Breton, mas tão somente seu lugar no cenário surrealista – certamente de protagonista – decidi não levar adiante, neste momento, o instigante trabalho de acompanhar passo a passo as alterações que Breton imputou ao seu texto. A revisão e correções que fez são numerosas e estão para além dos argumentos apresentados em *Avant-Dire (dépêche retardée)*, datado como Natal de 1962.

> mi-février, interruption des relation avec *Nadja*. (...) Breton y écrit dans la deuxième quinzaine les deux premières parties de *Nadja* (...) Publication de la première partie de *Nadja* dans *Commerce*, nº 13, automne de 1927. (...) La mi-décembre, écrit alors la dernière partire de *Nadja*. (...) Parution de *Nadja*, Gallimard, achevé d'imprimer 25 mai de 1928.[92]

No *Avant-Dire (dépêche retardée)* datado de 1962, Breton esclareceu que pretendia "melhorar um pouco a forma" do livro que tinha um curso longo de existência:

> Convém contudo distinguir, bem ou mal a propósito nesse caso, entre o que se refere à craveira afetiva e diz respeito somente a ele – o que é, cumpre dizer, o essencial – e o que representa, no dia-a-dia, tão impessoal quanto possível, a inter-relação dos mínimos acontecimentos numa forma determinada".[93]

Para além das intenções do autor em querer "obter um pouco mais de adequação de termos ou de fluidez num ponto ou noutro" para adotar um tom para a narrativa que possa aproximar-se da observação médica, principalmente neuropsiquiátrica, "em que a tendência é registrar tudo quanto o exame e o interrogatório podem produzir, sem a mínima preocupação com o estilo do relato",[94] as correções implicaram um certo apagamento da ordem do vivido. Nadja não é somente uma personagem, a heroína da narrativa: é uma mulher com quem Breton manteve uma relação amorosa.[95] Embora Breton tenha decidido "em nada alterar o documento 'tomado ao vivo'", a resolução de suprimir as marcas dessa relação amorosa é justificada pelo autor não só para proteger a pessoa de Nadja, mas, sobretudo, "terceiras pessoas", bem como a si próprio, conforme esclarece.

Um indicativo preciso encontra-se na conclusão de seu *Avant-Dire*:

---

[92] *In:* BRETON, 1988, pp. LIII-LIV. Convém destacar que nos comentários bibliográficos de Marguerite Bonnet sobre os textos selecionados para os volumes das Obras Completas de André Breton, *Nadja* foi publicada em 1928 pela *Éditions de La Nouvelle Revue Française* com uma tiragem de 906 exemplares. Na *Avertissement*, Bonnet destaca que havia adotado o critério cronológico para todos os textos, com uma única exceção: "Pur *Nadja toutefois, nous avons délibérément transgressé, cette règle,* bien que Breton ait revu et retouché cet ouvrage à fin de 1962, pour l'édition de 1963; c'est naturellement le texte de cette dernière que nous donnons, mais en lui laissant la place originalle de la première parution, 1928: car il nous a semblé que rejeter à 1963 ce livre-événement, essentiel à la connaissance de Breton, eût constitué une sorte de contresens, faisant perdre à d'autres textes liés organiquement à *Nadja, du fait de l1' absence de cette oeuvre, leur sés et leur relief"* (p.LXVIII).

[93] BRETON, 1999, p. 7.

[94] BRETON, 1999, p. 8.

[95] Bonnet indicou que *Nadja* era, na verdade, Léona: uma mulher, diagnosticada como psicótica, que foi internada no Hospital Sainte-Anne, depois transferida, por decisão de seus familiares, para o Hospital Perray-Vancluse (Épinay-sur-Orge) onde veio a falecer em 15 de Janeiro de 1941.

> Subjetividade e objetividade travam, durante o curso de uma vida humana, uma série de combates, donde no mais das vezes a primeira se sai inteiramente mal. Ao cabo de trinta e cinco anos (a pátina não é brincadeira), os leves cuidados com que resolvo cercar a segunda, testemunham apenas certa preocupação quanto à forma de dizer, que só a esta dizem respeito, porquanto o maior valor da outra [subjetividade] – que continua a me importar mais – reside precisamente na carta de amor pontilhada de erros e nos 'Livros eróticos sem ortografia'.[96]

Em sua *Notice* sobre a edição de *Nadja*, Bonnet destacou que "celui des ouvrages de Breton qui a sans nul doute provoque et provoqué encore chez le lecteur l'ébranlement le plus profond, où se mélent l'admiration et une émotion complexe pouvant aller jusqu'au malaise, a paru, sous sa première forme aux éditions (...)" realizando uma descrição minuciosa da gênese autobiográfica da escrita do texto. Para tanto, ela utilizou como fonte primária de pesquisa as cartas de Breton a Simone Kahn, sua esposa; e as cartas de Nadja a Breton.

> *Nadja* est incontestablement un récit autobiographique ou tout s'efforce non seulement à la vérité, mais à l'exactitude, malgré la place essentielle qu'y tient le non-dit, les rétractions de l'écriture, le halo des silences dont, néanmoins, la réverbération secrete projette sur le texte une sorte de limière incertaine.[97]

O texto abre com a interrogação *Quem sou?*[98] – que será retomada quando *Nadja* se apresenta: *sou o começo da palavra esperança*. A narrativa obedece a uma seqüência de

---

[96]BRETON, 1999, p. 9. Breton cita uma frase de Rimbaud extraída de *Uma Temporada no Inferno*, especificamente em "Delírios II - Alquimia do verbo": "A mim. A história de uma de minhas loucuras. Há muito tempo que eu me vangloriava de possuir todas as paisagens possíveis, e achava ridículas as celebridades da pintura e da poesia modernas. Eu amava as pinturas idiotas, estofos de portais, cenários, lonas de saltimbancos, tabuletas, estampas coloridas populares; a literatura fora de moda, latim de igreja, livros eróticos sem ortografia, romances de nossas avós, contos de fadas, livrinhos infantis, óperas velhas, estribilhos piegas, ritmos ingênuos" (RIMBAUD, 2004, p.72).

[97]*In:* BRETON, 1988, pp. 1495-1496. Bonnet reconstituiu a relação de Breton com Simone e Suzanne Verneuil, mulher de Philippe Soupault e amiga de Simone, sobretudo no período em que publicou a primeira versão de *Nadja*. Uma informação importante: os encontros com Nadja ocorreram no período em que Breton estava vivendo um triângulo amoroso cujo desfecho é o divórcio com Simone no início de 1929. Eis alguns elementos para supor quem são as "terceiras pessoas" que Breton quer preservar ao reeditar sua *Nadja* em 1962.

[98] Bonnet considerou que, ao iniciar a narrativa com *Qui suis-je?*, Breton indicou a estrutura de sua escrita: "Breton pose d'abord la question qui struture tout l'ouvrage. Il s'agit non pas d'atteindre à une connaissance ontologique ou psychologique, mais d'arriver à une conviction pratique décidant d'une conduite de vie et s'inscrivant dans le domaine de la morale don't 'La Confession dédaigneuse' a dit bien plus tôt la valeur dominante pour Breton: connaître non son essence comme être, mais son devoir qui se confond avec son destin (…) Une méthodes habituelles de recherche de soi: pas d'introspection, pas d'analyse psychologique, mais la relation d'anecdotes, d'impressions, en apparence insignifiantes, de 'menus faits' dont le caractere commun est d'appartenir à la vie et non à la littérature et qui, estime Breton, nous en apprennent davantage sur les individus que de longs témoignages ou de longs commentaires" (*In:* BRETON, 1988, p. 1497).

apreensões de si pela relação com as coisas ao redor, seu entorno. Sou aquele que fala, diz o autor e, desse modo, demarca a completa autonomia da palavra.

Breton explicitou sua intenção: narrar "os episódios marcantes de minha vida *tal como a posso conceber fora de seu plano orgânico*, ou seja, na própria medida em que ela está confiada ao acaso, do mais ínfimo ao mais alto grau, e recalcitrando contra a idéia comum que dele faço (...)". É como testemunha espantada dos fatos que o narrador tece seu texto:

> limitar-me-ei aqui a lembrar sem esforço de fatos que, independentemente de qualquer instância de minha vontade, ocorreram comigo, e que me dão, por vias insuspeitáveis, a medida da graça e da desgraça particulares de que sou objeto; deles falarei sem ordem preestabelecida e conforme o capricho da hora que os fizer vir à tona.[99]

Tomando uma referência espacial como ponto de partida o *Hotel des Grands Hommes*, na praça do *Panthéon*, e um ponto de chegada, a Mansão d'Ango, em *Varengeville-sur-Mer*, inicia-se a trajetória da escrita de si: "Chego a isso por minha própria experiência, ao que é para mim sobre mim mesmo um assunto apenas intermitente de meditações e fantasias".[100]

Breton credita à psicanálise o fato de ter expulsado o homem de si mesmo, ter deslocado o centro de gravitação da consciência para os rebotalhos da vida de vigília: os sonhos, os atos falhos, etc. Os encontros com os amigos, contemporâneos do movimento surrealista, aparecem no percurso, na trajetória, no ato de caminhar. Em cada ato, a possibilidade de uma relação que muda definitivamente o curso da vida. Paul Éluard, Benjamin Péret, Robert Desnos, Marchel Duchamp: nomes, autores, criadores com quem as relações vão tecendo a teia da existência. Em suma, o autor-narrador pretende realizar uma psicanálise. *Nadja* é a escrita de si pela narrativa dos efeitos enigmáticos que o acaso objetivo

---

[99] BRETON, 1999, pp. 18 e 20 (itálico do autor).

[100] BRETON, 1999, p. 25. É interessante destacar a presença da fotografia na função narrativa como um modo de articulação do signo na escrita literária. Bonnet informou que "Le livre parait avec quarante e quatre illustrations: photographies de lieux, de personnes, d'objets, d'oeuvres d'art, qui reçoivent toutes pour légende un bref extrait du texte; leur nombre passera à quarante-huit en 1963 et elles connaïtront quelques modifications. Cest usage de la photographie inauguré avec *Nadja* será repris pour *Les Vases communicants* et *L'Amour fou*: la présence des illustrations photographiques remplit aux yeux de Breton pour ces trois oeuvres une fonction unificatrice" (*In:* BRETON, 1988, p. 1496).
As ilustrações marcam ainda um modo de exercício da escrita que possa prescindir da função descritiva. Sobre esse aspecto a presença de Rimbaud comparece para marcar a exigência. Vide também a observação que Breton fez em seu *Avant-Dire* ao afirmar o caráter antiliterário a que a obra obedece: "eliminar qualquer descrição – acusada de inanição no *Manifesto do surrealismo*" (BRETON, 1999, p. 28).

instaura na existência. É também a presença fulgurante do feminino marcando a diferença estrutural no processo de subjetivação.

As narrativas do autor-personagem vão compondo, uma a uma, seu espaço estético. Sua relação com o cinema, com o teatro, com a pintura, com o *marché aux puces*. O próprio caminhar registra a pura dimensão do ato. A cena dramática é descrita pelo entrecho exposto da peça *Les Détraquées*. O quadro da ação é recortado de acontecimentos de um internato feminino dos arredores de Paris.

A imprevisibilidade dos acontecimentos – o acaso objetivo – decide sobre a dimensão dos atos:

> O evento que cada um de nós está no direito de esperar seja a revelação do sentido de sua própria vida, evento esse que talvez ainda não tenha encontrado, mas a caminho do qual eu sigo, *não virá ao preço do trabalho*. Mas me antecipo, pois foi isso talvez, acima de tudo, o que a seu tempo me fez compreender e o que agora justifica, sem mais tardança, a entrada em cena de *Nadja*".[101]

A vida é puro ato e isso significa não estabelecer relação de equivalência entre a procura e o encontro. Por isso, Breton se recusa a sustentar a tese do valor moral do trabalho: opõe-se terminantemente a valorizar o trabalho além do campo da necessidade material. A dimensão espiritual ou abstrata do trabalho não justifica estar vivo, pois de "nada serve estar vivo enquanto se trabalha".

A entrada em cena de *Nadja* acontece no que o autor chama de um "núcleo de evidências": dentre elas, aquela exposta anteriormente sobre a imprevisibilidade da vida e na afirmação do acaso objetivo:

> No dia 04 de outubro último [1926], ao fim de uma dessas tardes inteiramente ociosas e sombrias, de que tenho o segredo de saber passar, lá estava eu na rua Lafayette (…) De repente [*Tout à coup*], a cerca de uns dez passos de mim, vindo no sentido oposto, vejo uma jovem pobremente vestida, que também me vê, ou já me vira. A criatura era tão frágil que mal toca o solo ao pisar. Um sorriso imperceptível erra talvez em seu rosto (…) Jamais havia visto uns olhos assim. Sem hesitar dirijo a palavra à desconhecida, já esperando, como seria possível, o pior. Ela sorri, mas tão misteriosamente, e diria, *com conhecimento de causa*, embora eu não pudesse admiti-

[101] BRETON, 1999, p. 58 (itálico do autor).

> lo (…) Observo-a melhor. Que pode haver de tão extraordinário nesses olhos? Por que deixam transparecer ao mesmo tempo uma obscura miséria e um luminoso orgulho? Foi esse enigma que determinou o início da confissão que ela me fez, sem perguntar mais nada (…) Ela me diz seu nome, o que escolheu para si mesma: '*Nadja*, porque em russo é o começo da palavra esperança, e porque é apenas um começo'. Sinto que está procurando uma maneira de me perguntar quem sou (no sentido mais restrito da frase).[102]

Após narrar sua história, *Nadja* ouve a preleção do autor/narrador sobre a servidão que o trabalho impõe aos humanos, a liberdade e os atos de heroísmo. Findo o primeiro encontro, o autor/narrador faz a seguinte pergunta: "Quem é você? [*Qui êtes-vous?]* E ela responde sem hesitar: 'Eu sou a alma errante'. Combinamos de nos encontrar no dia seguinte (...)".[103] Na seqüência, como num diário, vai registrando os encontros seguintes, movido pela convicção de que entre ambos reina um grande embaraço.

Num crescente prontuário de observação psiquiátrica[104] ou, para ser mais preciso, num relato de caso, o autor vai descrevendo os atos que marcam sua relação com *Nadja*:

> A manhã inteira, no entanto, passei contrariado por causa de *Nadja*, recriminando-me por não ter marcado encontro com ela para hoje. Implico comigo mesmo. Acho que a observo demasiadamente, mas como agir de outra forma? Como será que ela me vê ou julga? É imperdoável que continue a vê-la se não a amo. Ou talvez ame?[105]

---

[102] BRETON, 1999, pp. 60 e 63 (itálico do autor). A última frase no original é: "Elle vient seulement de songer à me demander *qui je suis* (au ses très restreint de ces mots)" (BRETON, 1988, p.686 – itálico meu). Bonnet interrogou sobre a gênese do nome Nadja: "Comment a pu être inspiré à Léona D. le choix de ce nom, qui figure s*eul* avec l'adresse de son hôtel au verso des lettres adressées à Breton? Aucun élément dans ses origines familiales ne saurait l'expliquer et elle ignorait assurément le russe. On peut supposer sans invraisemblance qu'il lui a été suggéré par l'existence e la célébrité relative d'une danseuse, Nadja, qui se produisait alors à Paris" (...) La Nadja de Breton semble avoir fréquenté des milieux marginaux tenant à la fois au monde du spectacle et à celui de la prostitution" (*In:* BRETON, 1988, pp. 1542-1543).

[103] BRETON, 1999, p. 67.

[104] Pelo menos é assim que ordenou a revisão do texto: "o tom adotado para a narrativa, que se calca no da observação médica, principalmente neuropsiquiátrica" (BRETON, 1999, p. 8).
ROUDINESCO (1988, pp. 41-42) descreveu *Nadja* como a história de "um tratamento no qual um narrador ocupa o lugar de um psiquiatra que não consegue curar sua paciente. Renuncia então violentamente à psiquiatria, por se identificar com sua louca; esta se transforma no objeto de um relato autobiográfico à maneira da famosa *Bildung* dos românticos alemães (...) A louca lhe permite aceder a seu desejo de escrever e de tornar realidade aquela beleza convulsiva com que havia sonhado ao contemplar a iconografia da Salpêtrière (...) *Nadja* não é apenas o relato de um tratamento 'fracassado'; é também a historia da análise 'exitosa' de um narrador que encontra na demência de uma mulher as modalidades de um novo gênero de romance. A ficção se assemelha de tal ponto à realidade que os alienistas da época tomam a aventura de *Nadja* por um verdadeiro relato de caso clínico".

[105] BRETON, 1999, pp. 84-85 [no original: *Il me semble que je l'observe trop, comment faire autrement? Comment me voit-elle, me juge-t-elle? Il est impardonnable que je continue à la voir se je ne l'aime pas. Est-ce que je ne l'aime pás?*].

Interrogar sobre o amor como condição de continuar a se encontrar com *Nadja* marca, a meu ver, a condição mesma que dessa relação. E é na relação com *Nadja* que o autor-narrador encontra a possibilidade de interrogar sua condição existencial na realidade concreta do vivido:

> Que éramos diante da realidade, dessa realidade que sei agora adormecida aos pés de *Nadja*, como um cão vadio? Em que latitude poderíamos viver em paz, entregues como estávamos ao furor dos símbolos, objetos que nós víamos de instâncias últimas, de atenções singulares, especiais? (...) Do primeiro ao último dia, tomei *Nadja* por um gênio livre, algo como um desses espíritos do ar que certas práticas de magia permitem momentaneamente fixar, mas em caso algum submeter.[106]

Referindo-se ao último encontro, o autor considera o amor – "misterioso, improvável, único, esquivo e indubitável" – como tendo realizado o milagre do encontro com *Nadja*. Por seu caráter contingente, mudou definitivamente sua vida. As percepções, os sentimentos, numa palavra, o seu próprio discurso, passou a ser ressignificado pelo encontro com *Nadja*.

Nadja foi internada no hospício de *Vaucluse*, diagnosticada como possuidora de idéias delirantes: "O essencial é que creio não haver para *Nadja* nenhuma extrema diferença entre o interior e o exterior de um hospício".[107] No entanto, a produção da loucura se dá no interior do próprio manicômio, do mesmo modo que nas prisões são produzidos os bandidos. As críticas aos hospitais psiquiátricos seguem para demonstrar que "a atmosfera dos asilos é tal que não pode deixar de exercer a mais debilitante e perniciosa influência sobre os que lá se abrigam, e isso no próprio sentido a que sua debilidade os conduziu".[108]

Breton lança, com sua *Nadja*, um panfleto contra toda e qualquer forma de internamento, de exclusão, de cerceamento da liberdade:

> Mas, na minha opinião, todos os internamentos são arbitrários. Continuo a não ver por que motivo se privaria um ser humano de liberdade. Prenderam Sade; prenderam Nietzsche; prenderam Baudelaire (...) O desprezo que em geral voto à psiquiatria, às suas pompas e obras, é tal que não ousei ainda perguntar-me o que aconteceu a *Nadja*.[109]

---

[106] BRETON, 1999, pp. 105-106. O mesmo faz Jacques Lacan com o relato de seu caso clínico apresentado em *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade* de 1932: deita a realidade psíquica aos pés dos escritos de sua *Aimée*.
[107]BRETON, 1999, p. 129.
[108]BRETON, 1999, p. 133.
[109]BRETON, 1999, p. 134.

O drama de *Nadja* é o mote para demonstrar que a emancipação humana é a única causa digna de ser servida.

A crítica à institucionalização da loucura pelos hospitais psiquiátricos por meio da concepção de loucura como doença mental é apontada como o centro em torno do qual a escrita de Breton se constitui, por isso *Nadja* é um brado contra a psiquiatria:

> Não é preciso que se tenha alguma vez penetrado num asilo para saber o que os loucos fazem ali, bem como o que fazem os facínoras nas casas de correção (...) Os jornais informam que no último congresso internacional de psiquiatria, já na primeira sessão, todos os delegados presentes estavam de acordo em que se devia combater a persistente idéia popular de que ainda hoje não se sai dos asilos com mais facilidade do que outrora se saía dos conventos; que neles estão encerradas para sempre pessoas que nada tinham a fazer ali, ou já não têm o que ali fazer; que a segurança pública não está, em geral, tão ameaçada como se possa supor.[110]

A inserção da fotografia de Henri Claude no texto, no momento em que lança seu brado contra os psiquiatras, revela com propriedade o destinatário da escrita de Breton. Claude foi nomeado médico psiquiatra no Hospital de *Saint-Anne* em 1922, assumindo a chefia da clínica de doenças mentais.[111]

A repercussão das críticas de Breton à psiquiatria e os efeitos que *Nadja* produziu entre os psiquiatras podem ser encontrados na abertura do *Segundo Manifesto* em 1930. O manifesto inicia reproduzindo uma Comunicação[112] de Paul Abély, na Sessão da *Sociéte Médico-Psychologique*, de 28 de Outubro de 1928, na qual denuncia as tendências dos autores

---

[110] BRETON, 1999, p. 132. Segundo Bonnet, "On peut penser que Breton a lu dans un journal un article sur la séance publique d'ouverture, tenue à Blois le matin du 25 juillet 1927 en présence de notabilités et de la a presse, du 'Congrès des médeciens aliénistes et neurologistes de France et des pays de langue française'. Le volume de comptes rendus publié sous ce titre quelques mois plus tard par le docteur Maurice Olivier reproduit la communication prononcée à cette séance inaugurale par le professeur Georges Raviart, président du Congrès. Intitulé 'La Notion de responsabilité dans la pratique médico-légale', le discours de Raviart reprochait aux magistrats et aux journalistes, avec agressivité, de favoriser la sortie des internés" (*In:* BRETON, 1988, p. 1556).

[111] Bonnet informou que "ajoutons que ce n'est pas le professeur Claude lui-même qui examina Nadja lors de son court passage à Sainte-Anne et signa le certificat d'internement. Le dialogue que Breton imagine dans la parenthèse, bien qui'il implique un malade homme, n'en contient pas moins des références aux troubles dont souffrait Nadja: hallucinations, sentiment de persécution" (*In:* BRETON, 1988, p. 1555).
Vale lembrar que, entre 1927-1928, Jacques Lacan fazia sua residência em psiquiatria com Henri Claude no Sainte-Anne, e que dedicou a ele sua tese de 1932 com as seguintes afirmações: "que esta tese, que ele me dá a honra de presidir à defesa, testemunhe o que devo a seu ensinamento e sua benevolência" (*Apud*: ALLOUCH, 1997, p. 556).

[112] publicada no *Journal de L'Aliénation Mentale et de La Médecine Légale des Aliénés*, edição de Novembro de 1929.

que se intitulam surrealistas e os ataques que dirigem contra os médicos alienistas. Citando uma crônica do Dr. Rodiet, no último número dos *Annales*, Abély chama a atenção de seus pares para o grave perigo que ameaçava a vida e a integridade dos médicos alienistas: um perigo que denominou exógeno [visto que o endógino, apontado por Rodiet, dizia respeito ao contato permanente do psiquiatra com o doente mental e sua família]:

> Eis um exemplo particularmente significativo: um dos nossos doentes, maníaco reivindicativo, perseguido e especialmente perigoso, propunha-me, com suave ironia, a leitura de um livro que circula livremente nas mãos de outros alienados. Este livro, recentemente publicado pelas edições da *Nouvelle Revue Française*, recomendava-se pela sua origem e pela apresentação correta e inofensiva. Tratava-se de *Nadja*, de André Breton. Ali florescia o surrealismo com sua voluntária incoerência, os seus capítulos habilmente descosidos, essa arte delicada que consiste em fazer pouco do leitor. No meio de desenhos estranhamente simbólicos, encontrava-se a fotografia do Professor Claude. Com efeito, havia um capítulo que nos era especialmente dedicado. Os infelizes psiquiatras eram ali copiosamente injuriados e uma passagem (assinalada a lápis azul pelo doente que tão amavelmente nos tinha oferecido o livro) chamou mais particularmente a minha atenção por conter estas frases: 'Sei que se eu fosse louco, e internado há alguns dias, aproveitaria umas melhoras do meu delírio para assassinar friamente um dos que, de preferência o médico, me calhassem ao alcance da mão. Pelo menos ganharia o privilégio de, como os agitados, ficar sozinho num compartimento. Talvez me deixassem em paz'. Não se pode encontrar incitamento ao assassínio mais bem caracterizado. Irá provocar apenas a soberba de nosso desdém ou até mal aflorará a nossa descuidada indiferença.[113]

O Dr. Abély conclamou seus confrades para o contra-ataque, uma vez que a guerra estava declarada: "Por que é que as nossas sociedades, a nossa associação, não reage? Por que não fazer chegar um protesto a um editor que publica uma obra como *Nadja*, e não intentar uma ação contra um autor que ultrapassou os limites da conveniência?". Apresentou como proposta a formação de uma comissão especialmente encarregada dessa questão; concluindo, tal como o Dr. Rodiet, reivindicar proteção social contra os ataques daqueles que insultam o nobre trabalho que os médicos psiquiatras realizam: *defender a sociedade*[114] do mal que representa o doente mental. Pois, como afirmou Abély, "esta sociedade parece às vezes esquecer a reciprocidade dos seus deveres. Cabe a nós lembrar-lhes".

Após a comunicação de Abély, seguiu-se um debate entre os presentes na Sessão. A reprodução do diálogo entre o Dr. De Clérambault e Pierre Janet, que estavam dentre os

[113] *Apud* BRETON, 1993, p. 122-123.

presentes, revela com muita propriedade o cenário da publicação de *Nadja*. O tema da relação entre o estado mental dos indivíduos e as características da sua produção pautou a conversa entre esses dois representativos nomes da psiquiatria francesa.

Janet apresentou sua interpretação do *Primeiro Manifesto*, afirmando que os surrealistas partem de um pressuposto filosófico: "a realidade é feia por definição; a beleza só existe no que não é real. Foi o homem que introduziu a beleza no mundo. Para produzir o belo é preciso afastar-se o mais possível da realidade". Disso concluiu: "As obras dos surrealistas são, sobretudo, confissões de obsecados e de desconfiados".[115]

Clérambault deu seqüência classificando como "processistas" [*procédistes*] os artistas que lançam esse tipo de moda impertinente que "consiste em furtar-se ao trabalho de pensar". Esses produzem "rapidamente, com as aparências de um estilo e evitando as críticas que as semelhanças com a vida facilitariam" e têm como propósito tão somente produzirem efeitos sobre si mesmos. Definindo os "processistas" como preguiçosos mentais e físicos, que querem produzir na força do ímpeto momentâneo, Clérambault afirma que esse tipo de artista pode ser identificado tanto nas artes plásticas como no domínio verbal, e reconstitui a história da escrita literária desde o século XVI (os Conceitistas, os Gongoristas e os Eufuístas, eram processistas) até os surrealistas. No domínio das artes plásticas, os impressionistas e os expressionistas, por exemplo, eram também processistas.

Janet corroborou a análise de seu colega e exemplificou. Os surrealistas definem como processo de escrita o seguinte: "agarrar, por exemplo, cinco palavras ao acaso num chapéu e fazer série de associação com essas cinco palavras. Na *Introdução ao Surrealismo* há uma história inteira exposta apenas com essas duas palavras: peru e chapéu alto".[116] O processo da escrita automática está em questão no diálogo para demonstrar a natureza do estado psíquico daqueles que adotavam tal procedimento para escrever e designar tal escrito de obra de arte surrealista.

Comentando o estado do movimento surrealista quando do lançamento do *Segundo Manifesto*, José Pierre destacou que a diferença entre o *Primeiro* e o *Segundo* pode ser

---

[114] Interessante pensar aqui nos argumentos apresentados por Foucault em seu curso no Collège de France: *Em defesa da Sociedade*.
[115] *Apud* BRETON, 1993, p.124.
[116] *Apud* BRETON, 1993, p.124.

apontada pelo tom de agressividade que esse expressou e que o problema gira em torno de questões éticas e não somente de estética – como o foi em relação ao *Primeiro Manifesto* -, ou de outro modo, de como é possível extrair conseqüências éticas de uma dada posição estética:

> La différence de ton est evidente: à la relative sérénité du primier *Manifeste* succéde l'agressivité du second, une agressivité qui dissimule mal, par moments, une profunde amertume, quelque chose comme une blessure rebelle à la cicatrisation. Au cours des années 1928 et 1929, em effet, Breton traverse une longue période de 'démoralisation', il faut y joindre les tensions très vives dans le groupe à la même période. Cette amertume, d'ailleurs, touche aux hommes et non pas aux idées, ce que confirme la différence de propos.[117]

Uma obra que retrata com precisão os embates descritos no *Segundo Manifesto*, e as conseqüências decisivas para o surrealismo no início da década de 1930 é *L'Immaculée Conception*,[118] escrita por Breton e Paul Éluard e publicada em Novembro de 1930. É também um marco do encontro de Salvador Dali com Breton. Um ano antes, em Novembro de 1929, Breton prefaciou a primeira exposição individual de Dali em Paris, na Galeria *Goemans*. A entrada de Dali no movimento surrealista ocorreu, portanto, num momento em que a escrita automática é concebida como ensaio de simulação do delírio mental. A presença de Dali no texto é marcada pelas ilustrações que fez para a edição.[119]

Bonnet, traçando a gênese do texto, perguntou: como ler *L'Immaculée Conception*? Como resposta, reproduziu um longo trecho de uma carta de Breton a André Rolland de Renéville, datada de fevereiro de 1932:

---

[117] *In:* BRETON, 1988, pp. 1585-1586.

[118] O título *L'Immaculée Conception* faz referência à figura de Maria, a mãe de Jesus, que teria aparecido à jovem Bernadette em Lourdes, no dia 25 de Março de 1858. Segundo relato da jovem, Maria apareceu e disse: *Eu sou a Imaculada Conceição*. Pouco tempo depois, o Papa Pio IX proclamou a Imaculada Conceição como dogma da Igreja Católica Apostólica Romana. É preciso lembrar que a palavra *conception* possui o sentido lato de concepção, geração, fecundação. Em português, *conceição* é substantivo feminino que designa: ato ou efeito de conceber, gerar; concepção. Também significa, faculdade de formar ou criar idéias, de inventar, imaginar, de conceber. Como dogma religioso, representa Maria como concebida sem pecado.

[119] Bonnet cita uma carta que Éluard enviou a Gala, mulher de Dali, em Outubro de 1930: "J´écris avec Breton um long texte sur l'homme em 5 parties: la conception, la vie intra-utérine, la naissance, la vie et la mort. Pas mal, mais quel travail" (*In:* BRETON, 1988, p. 1630) Essa descrição compõe a primeira parte do texto. A segunda, "Les Possessions", contém a matéria prima para articular a relação entre a atividade paranóica crítica proposta por Dali e a experiência da escrita automática como simulação do delírio verbal. A terceira, "Les médiations", é composta por cinco temas: La force de l'habitude, La surprise, Il n'y a rien d'incompréhensible, Le sentiment de la nature, L'amour, L' idée du devenir; a quarta e última parte, intitulada "Le jugement originel", é composta por um conjunto de frases aforismáticas que remetem ao estilo de La Rochefoucault, ensaísta francês do século XVIII, resgatado por Nietzsche.

> Si le *Premier* et le *Second Manifestes* étaient l'exposé du contenu manifeste du revê surréaliste, *L'Immaculée Conception* est l'exposé de son contenu latent. La volonté originale de *simulation* de delires systématisés ou non aura non seulement pour avantage appréciable de faire apparaitre d'imprévues et toutes novelles formes poétiques mais encore por effet transcendant de consacrer, d'une manière exemplairement didactique, les catégories libres de la pensée culminant dans l'aliénation mentale (...) *L'Immaculée Conception* est le livre par lequel, au mépris de toute généalogie, nous entrons dans la 'vie de la connaissance' et poursuivons l'adaption de la connaissance aux désirs grace aux possession et aux médiations, oposées grossièrement les unes aux autres du point de vue social mais dialectiquement conciliables. *L'Immaculée Conception* est le livre de la 'possession' idéale.[120]

Eis uma boa referência para leitura: *L'Immaculée Conception* é o conteúdo latente do sonho surrealista. A primeira parte, subdividida em cinco seqüências temporais – a concepção, a vida intra-uterina, o nascimento, a vida (pós-parto) e a morte – possui as referências principais do que eu chamaria, de forma geral, antropologia filosófica do surrealismo: sua concepção de homem.[121]

Para meus propósitos, interessa-me a segunda parte, "Les possessions",[122] porque contém um recenseamento das doenças mentais e, ao mesmo tempo, a constituição de uma positividade dos estados patológicos para compreender o "conteúdo latente" do sonho surrealista. Ou como disse Breton nas *Entrevistas Radiofônicas*, "a preocupação maior [na segunda parte da *L'Immaculée Conception*] é a de reduzir a antinomia entre razão e desrazão, que foi, dentre outras, uma das ambições permanentes do surrealismo".[123]

---

[120] *In:* BRETON, 1988, p. 1632.

[121] Bonnet destacou que a primeira parte tem como interlocutores: *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* de Freud, publicado em 1905; *O traumatismo do nascimento* de Otto Rank de 1928; e a *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, publicada em 1807.

[122] A palavra *possessions* possui duplo campo de significação: designa, por um lado, posse (do amor, da afeição de alguém – como, por exemplo, ser o possuidor de seu amor; de um bem qualquer; domínio de algo); e, por outro, designa ser possuído por uma paixão, por uma idéia delirante; ser tomado por uma alucinação. Em português, a palavra *possessão* também possui essa dupla designação: ato ou efeito de possuir ou de ser possuído; ato ou efeito de ter (algo) para si, de dispor de (qualquer coisa) e dela poder tirar proveito e prazer; condição ou estado de quem está dominado por algo. Vale registrar também o sentido que a palavra possui no campo religioso: condição ou estado de quem se sente habitado e manejado por um ente sobrenatural. Aqui a referência à aparição de Virgem Maria à jovem Bernadette é clara.

[123] BRETON, 1952, p. 163. Nessa entrevista, Breton disse que havia uma convergência entre o que Dali defendia e a proposta que ele e Éluard fizeram ao catalogar as doenças mentais e assim ajustar as contas com os psiquiatras da época. "Contudo, o que fundamentalmente distingue o que nós queríamos daquilo que Dali quis tem a ver com as intenções: as nossas vão sensivelmente mais longe" (p. 162). Disse ainda que, "durante três ou quatro anos, Dali encarnará o espírito surrealista e irá fazê-lo brilhar com uma intensidade só possível a quem nada teve a ver com os episódios, por vezes ingratos, da sua gestação" (p. 161).

No preâmbulo, dessa segunda parte, encontramos a seguinte afirmação:

> Enfin, nous déclarons nous être plus, très spécialement, à cet exercice nouveau de notre pensée. Nous y avons pris conscience, en nous, de ressources jusqu'alors insoupçonnables. Sans préjudice des conquêtes qu'il présage sous le rapport de la liberté la plus haute, nous le tenons, au point de vue de la poétique moderne, pour un remarquable critérium. C'est assez dire que nous en proposerions fort bien la généralisation et qu'à nos yeux l' "essai de simulation" de maladies qu'on enferme remplacerait avantageusement la ballade, le sonnet, l'épopée, le poème sans queue ni tête et autres genres caducs.[124]

É a partir dessa constatação que serão apresentados os cinco ensaios de simulação do delírio verbal caracterizando cinco definições de doença mental: *débilité mentale; manie aigué; paralysie générale; délire d'interprétation; démence precoce*. Cada uma dessas designações recobre o campo da psiquiatria francesa desde o final do século XIX até o momento em que é publicado o texto. Utilizando as características estabelecidas pela nosografia psiquiátrica, Breton e Éluard simulam uma escrita que rompe definitivamente as fronteiras entre o normal e o patológico, utilizando, para tanto, a produção estética.[125]

O surrealismo, até o início da década de 1930, manteve uma relação de tensão permanente com o campo da psiquiatria, criando condições táticas e estratégicas para interrogar a concepção teleológica moral nas práticas institucionais de diagnóstico e tratamento das doenças mentais. Salvador Dali ingressou no movimento surrealista e encontrou um trabalho de combate já constituído. Sua perspectiva era experimentar as possibilidades da atividade paranóica-crítica e assim estabelecer o campo daquilo que denominou "irracionalidade concreta".

Numa carta dirigida a André Breton, datada de 11 de Junho de 1933, Dali expressou sua incondicionalidade surrealista definindo suas posições dentro do movimento. Para tanto, apontou um equívoco que lhe parecia fundamental:

---

[124] BRETON, 1988, p. 849.

[125] Sobre esse aspecto, Bonnet afirmou que: "En 1930, la folie avait déja fait son apparition dans les oeuvres surréalistes avec *Nadja* et 'Le Cinquantenaire de l'hystérie'. L'introduction aux 'Possessions' revient sur cette valeur créatrice de la maladie mentale, allant jusqu'à proposer, non sans humour, les essays de simulation comme voies de rechange pour la poésie, inaugurant des genres littéraires neufs et paradoxaux. Mais il s'agit surtout pour les deux poètes, avec *L'Immaculée Conception*, de montrer la folie dans sa pleine signification anthropologique, en l'insérant dans leur questionnement general de la vie humane" (*In:* BRETON, 1988, p. 1638).

> Toute l'équivoque me semble provenir de la confusion de deux phénomènes déterminants, que je vais simplement essayer de situer séparément. Je considere, mon cher ami Breton, que tout ce qu'on fait et tout ce qui peut être fait, à l'heure actuelle, de fin, de substantial, d'intelligent et de réellement phénoménal, provient comme il est sue entendu, même si on se refuse à le savoir et à l'entendre, de deux grands phénomènes géniaux de toute génialité qui s'appellent Pablo Picasso et Giorgio de Chirico.[126]

Desse modo, Dali aponta suas referências estéticas para conceber a atividade paranóica-crítica. Em relação a Picasso, afirmou que ele teria revolucionado os modos de expressão pictórica e o valor experimental do cubismo permitiu uma surpreendente concepção de objeto:

> La vie prénatale de l'objet surréaliste est bien notre spécialité et, comme vous aussi bien que moi, après des phases d'anthropomorphisme, de fonctionnement symbolique, cannibalisme, etc. (...) nous permettant aujourd'hui la véritable manifestation des "actes-objets" vitaux les plus démentiels qui vous permettront d'exprimer de la façon la plus complete toute "l'irrationalité concréte" et dynamique de la véritable "hystérie moderne et surréaliste".[127]

Em relação a Chirico, Dali reconheceu que, embora ele conserve todas as convenções acadêmicas essenciais – iluminação, claro-escuro, perspectiva, etc – só o faz para revolucionar tais convenções em seu próprio campo de aplicação. Assim, "dans la 'peinture a sujets', qui est par excellence celle qui derive de Chirico, l'exarcerbation du concret semblait être la première necessite de communication des nouveaux et infinits 'sujets délirants' qui s'offrent a pour exécution la moins approximative et la plus sévère".[128]

Destaco esses argumentos de Dali a Breton para demonstrar que a posição do primeiro no movimento surrealista está determinada pela matriz pictórica. É bem verdade que o interesse dos surrealistas pela pintura pode ser apontada desde 1925 com a publicação do texto *Surréalisme et la peinture*; e que em novembro, nesse mesmo ano, ocorreu a primeira exposição *La Peinture Surréaliste* na galeria Pierre. As referências de Breton nas artes plásticas são os trabalhos de Marcel Duchamp, Max Ernest, René Magritte e Alberto Giacometti, por exemplo. A concepção de poema-objeto é extraída dessas referências. O próprio Breton afirmou numa das *Entrevistas*:

---

[126] DALI, 1971, p. 13.
[127] DALI, 1971, p. 19.
[128] DALI, 1971, p. 20.

> Defini o poema-objeto como 'composição que tende a combinar os recursos da poesia e da plástica especulando sobre seu poder de exaltação recíproca'. Magritte, por seu lado, partindo da plástica enquanto eu partia da poesia, espreitava o que podia resultar do relacionamento de palavras concretas de grande ressonância (a palavra 'montanha', 'cachimbo', 'cabeça de criança') com formas que as negam ou pelo menos, não lhes correspondem racionalmente.[129]

No artigo "Nouvelles considérations générales sur le mécanisme du phénomène paranoïaque du point de vue surréaliste", Dali caracterizou o "drama poético" do surrealismo como um antagonismo marcado por dois tipos de confusão que se apresentam como princípios contraditórios: a posição passiva do automatismo psíquico, expresso pela concepção de escrita automática; e a posição ativa e sistemática ilustrada pelo fenômeno paranóico. Para o autor, a assimilação do automatismo [oriundo do Dadá] pelos surrealistas criou a possibilidade de pôr em funcionamento o pensamento involuntário e, assim, conquistou a liberdade do espírito pela suspensão de todo controle coercitivo da racionalidade cartesiana. No entanto, tal conquista revelou-se uma estratégia estéril pois, voltada sobre si mesma, não possibilitou atingir o plano de uma estética conseqüente com aquilo que pretendia instaurar. A experiência da escrita surrealista naufragou, segundo Dali, no materialismo marxista. Disso concluiu que "ce sont portant, comme nous l'avons déjá insinué, ces sortes d'objections qui tendent encore à faire entrer le surréalisme dans l'orbe d'obscurantisme et de mort du phénomène artistique".[130]

Por outro lado, Dali sustentou que

> Le mécanisme paranoïaque ne peut nous apparaître, du point de vue spécifiquenment surréaliste auquel nous nous plaçons, que comme la preuve de la valeur dialectique de ce príncipe de vérification, par lequel passe pratiquement dans le domaine tangible de l'action l'élément même du delire, que comme le garant de la victoire sensationnelle de l'activité surréaliste dans le domaine de l'automatisme e du rêve.[131]

Nesse artigo, publicado em 1933, encontramos uma referência explicita à tese de Jacques Lacan, *Da psicose paranóica...*, como um marco de sustentação das posições assumidas por Dali, a defesa da irracionalidade concreta que emerge da atividade imaginativa e de onde provém o fenômeno paranóico:

[129] BRETON, 1952, p.165.
[130] DALI, 1971, p. 10.
[131] DALI, 1971, p. 13.

> C'est à elle que nous devons de nous faire, pour la première fois, une idée homogène et totale du phénomène, hors des misères mécanistes ou s'embourbe la psychiatrie courante. Son auteur s'éléve spécialement contre les idées générales des théories constitutionnalistes rasant l'abstrait, suivant lesquelles la systématisation s'élaborerait après coup par suite du développement de tres vagues facteurs constitutionnels, ce qui contribue à crèer les équivoques grossières de 'folie raisonnante'. (...) L'ouvrage de Lacan rend parfaitement compte de l'hyperacuité objective et 'communicable' du phénomène, grâce à laquelle le délire prend ce catactère tangible et impossible à contredire qui le place aux antipodes mêmes de la stéréotypie de l'automatisme et du rêve.[132]

O grande marco da atividade paranóica-crítica de Dali na escrita é a obra *Le mythe tragique de l'Angelus de Millet*, publicado em 1963 pelo editor francês Jean-Jacques Pauvert. No "Prólogo" dessa edição, somos informados de que o manuscrito original se perdeu em 1941, horas antes da ocupação alemã na França. Vinte anos depois, o manuscrito foi reencontrado e publicado na íntegra. A edição espanhola de 1978, sob responsabilidade de Oscar Tusquets, é apresentada como a única que reuniu abundante material gráfico que ilustra as referências citadas ao longo do texto.

O Angelus é um quadro pintado por Jean-François Millet entre 1857 e 1859 e uma das obras mais populares desse consagrado artista de Barbizon, região campesina da França. Millet é um dos fundadores da chamada Escola de Barbizon,[133] cujo elemento comum são as paisagens realistas da vida dos camponeses. Seu reconhecimento público surgiu de sua participação no Salão de 1840 e na Exposição Universal de 1852. A obra foi adquirida por um americano e repatriada em 1909 numa ação coletiva dos amantes do Louvre, que pagou a exorbitante soma de 800 mil francos para tê-la de volta. Atualmente, pertence à coleção do Museo de Orsay e é considerada a grade referência para os impressionistas e todos os pintores modernos.

Dali constatou que o quadro de Millet bateu todos os recordes de reprodução e diagnosticou um "estado de epidemia" que a imagem, aparentemente ingênua, de um homem e

---

[132] DALI, 1971, pp. 11-12.

[133] A aldeia rústica de Barbizon com o belíssimo bosque de Fontainebleau foi o refúgio dos pintores que buscavam escapar da hegemonia romântica clássica nas artes plásticas parisienses na primeira metade do século XIX. A observação direta da natureza e o esforço para capturar matizes de luz seria a regra principal daqueles que se agruparam para formar a Escola de Barbizon. Os mais jovens, dentre eles Monet e Van Gogh e seus amigos, elegeram os pintores de Barbizon como fonte de inspiração. Nas cartas de Van Gogh a seu irmão Théo encontra-se um rico material que informa a força que as paisagens de Millet exerciam sobre ele,

uma mulher que interrompem suas atividades no campo para reverenciar a hora do ângelus num horizonte crepuscular:

> Nada más sorprendente, desde el punto de vista materialista, que la indiferencia y la desconsideración de que ha sido objeto ese 'fenómeno' único en el género: el poder obsesivo que ha ejercido em el 'mundo entero' y en la imaginación de las masas, la imagem aparentemente 'insignificante' de *El Angelus* de Millet (...) Es evidente que *El Angelus* se apresenta siempre com ese carácter obsesivo, de hiperevidencia mórbida y, hasta cierto punto, siempre delirante (...) De qué modo explicar, conciliar esa unanimidad obsesiva, esa violencia innegable ejercida sobre la imaginación, esa fuerza, esa eficacia absorbente y exclusivista en el reino de las imágenes? Cómo conciliar, insisto, esa fuerza, esa furia de las representaciones com el aspecto miserable, tranquilo, insípido, imbécil, insignificante, esteriotipado, convencional al limite de *El Angelus* de Millet? Cómo um antagonismo tal no ha sido motivo de inquietude?[134]

Questões instigantes para fazer um diagnóstico do fenômeno delirante que a imagem do *Angelus* de Milllet produz. Dali chamou a atenção dos seus leitores para aquilo que designou como "la situación *El Angelus*", que ele considerava sem precedentes na historia da pintura, sua originalidade, aquilo com o qual ele não se parece com nenhum outro: "Um espacio desértico, a la hora del crepúsculo, un hombre y una mujer 'de pei', 'imóviles', 'verticales' uno ante el otro, sin mediarse palavra ni comunicados con gesto alguno, sin que uno vaya al encuentro del outro". Dali relacionou essa situação *El Angelus* ao conjunto das obras de Millet, identificando as tendências eróticas manifestas de seu autor: "tendencias que parecem presidir el conteúdo latente de *El Angelus"*.[135]

Conteúdo latente e conteúdo manifesto, distinção claramente remetida à análise freudiana dos sonhos. Dali utilizou o artigo "Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância", publicado por Freud em 1910, como referência para investigar as tendências eróticas latentes no *El Angelus*. Seu exame crítico é definido em dois elementos fundamentais: "los atavismos del crepúsculo" e "la actitude expectante de la mujer". Para analisar o primeiro,

---

que o chamava de "pai Millet". Na verdade, Van Gogh começou a desenhar em 1880, a partir de reproduções de Millet.

[134] DALI, 1998, pp. 51-60.

[135] DALI, 1998, p. 67.

reconheceu que é possível constar que esse tipo de atavismo[136], provocado pelo sentimento crepuscular, pode ser identificado em "literatos mais desqualificados". Destacou recordações de sua própria infância e a força decisiva que a imagem crepuscular do *El Angelus* produziu em suas primeiras atividades literárias: "de esse modo, el crepúsculo y el canto de los insectos constituyen el *leitmotiv* obsesivo tanto de las prosas poéticas como de los raros poemas ritmados que escribi hasta la edad de catorce años".[137]

O segundo elemento, a atitude expectante da mulher, foi analisado extensivamente por associações imaginativas: desde as poses histéricas das esculturas, sobretudo aquelas encontradas em bazares, do tipo bibelô; as poses encontradas abundantemente em postais; até a pose do inseto louva-a-deus [longamente comentado e com reproduções de desenhos que demonstram o comportamento canibalesco dessa espécie, considerada predadora]. A atitude expectante da mulher no quadro de Millet reúne, para Dali, dois níveis de fatores: exibição de superioridade e agressividade iminente.

Tendo definido esses dois elementos, Dali iniciou a análise do fenômeno delirante inicial, apresentado na primeira parte de seu escrito:

> En junio de 1932 se apresenta de súbito en mi espíritu, sin ningún recuerdo próximo ni asiciación immediata, la imagen de *El Angelus* de Millet. Esa imagen constituye uma representación visual muy nítida y en colores. Es casi instantánea y no lugar a otras imágenes (...) la imagem se convierte "de súbito" para mi em la obra pictórica más perturbadora, la más enigmática, la más densa, la más rica en pensamientos inconscientes que jamás há existido. (...) la imagem adquire una forma netamente obsesiva. Interviene com una notable "insitencia exclusivista" en mi pensamiento, mezclándose bajo varios aspectos y variantes al desarrollo de mis fantasías y devaneos.[138]

[136]No vocabulário da Biologia, *atavismo* designa a reaparição em um descendente de caracteres de um ascendente remoto e que permaneceram latentes por várias gerações; hereditariedade biológica de características psicológicas, intelectuais, comportamentais (in *Houaiss Eletrônico*).
[137] DALI, 1998, p. 69. Vale destacar que essa espécie de atavismo diagnosticado por Dali está presente também nos romances de *Aimée*, assim como as cenas campestres. LACAN (1987, p. 178) destacou algumas tendências afetivas nos escritos de sua paciente, traços que indicavam, sob diferentes formas, aquilo que chamou de "fixação infantil da sensibilidade": "ela não guardou apenas o sentimento da natureza onde sua infância floreceu, dos ribeirinhos e dos bosques da Dordonha, mas também, o da vida camponesa, de seus trabalhos e de seus dias. Inúmeras vezes veremos surgir sob sua pena termos de agricultura, de caça e de falcoaria".
[138] DALI, 1998, pp. 27-30.

A partir dessa descrição do fenômeno delirante inicial, primário, Dali apresentou outro conjunto de fenômenos que designou como secundário: jogo com pedras para representar figuras, monumentos, que de um modo ou de outro estão associadas à situação do *El Angelus*; o momento de colisão com um pescador numa rua de Port Lligat; as imagens das rochas em Cap de Creus; um sonho em que estava com Gala numa situação vivida no Museo de História Natural em Madrid quando era adolescente; uma fantasia experimental de submergir, imaginariamente, quadros conhecidos em liquídos diversos para identificar as representações que poderiam surgir[139]; passeio de automóvel, num crepúsculo, por uma rua de Port de la Selva, em que vira, na vitrine de uma loja, um jogo de café completo, de porcelana, em que estava estampada uma reprodução em cores do *El Angelus*, e, por fim, o encontro com um postal, na desordem de sua biblioteca, em que também está reproduzida a situação do *El Angelus*.

A sequência desses fenômenos secundários remete, por associação, ao fênomeno delirante obsessivo primário. A imagem impregnante do delírio inicial é o ponto em que a atividade paranóica crítica é exercida. A presença fulgurante da situação do *El Angelus* na criação artística foi apontada por Dali como matriz interpretativa do fenômeno delirante geral. Investigar a gênese desse delírio inicial particular implicava como consequência estabelecer uma análise da paranóia. É aqui que a presença de Lacan é decisiva. Dali certamente conhecia – e deve ter acompanhado o trabalho de pesquisa – a tese de Lacan, defendida em 1932.

Considerando que a situação do *El Angelus*, como uma imagem obsessiva, foi compreendida por Dali como uma imagem paranóica, por sua intensidade e valor significante, podemos identificar a presença da tese de Lacan no seguinte argumento:

> En ella habría una sistematización en sentido evolutivo que coexistiria con el núcleo de las ideas delirantes y constituiria una parte consustancial de él. La idea delirante se presentaria como portadora en si mesma del germen y de la estrutura de la sistematização: de ahí el valor productivo de esa forma de actividad mental que se encontraría no sólo en la base misma del fenómeno de la personalidad, sino que, incluso, constituiría su forma más evolucionada de desarrollo dialéctico.[140]

[139] Dali (p.36) mencionou que, numa dessas atividades, consultou os amigos Gala, Breton, Lacan, Buñuel, Giacometti, e todos foram unânimes em reconhecer a situação *El Angelus*. Ver o artigo de Marta FERREIRA (2000) no qual articula as posições de Dali a partir de Lacan.
[140] DALI, 1998, p. 43.

O drama da situação do *El Angelus*, sua condição trágica por excelência, sua produtividade delirante, não é de ordem visual mas sim psíquica: "el drama insospechado, escondido [conteúdo latente] bajo las apariencias más hipócritas del mundo, dentro del simulacro obsesivo, enigmático y amenazante de la plegaria crepuscular y desértica que oficialmente se denomina aún con ese nombre impreciso y encubridor: *El Angelus* de Millet".[141]

Aplicando o método psicanalítico, Dali analisou a condição trágica da situação do *El Angelus*, elevando a imagem à categoria de mito. Desse modo, o autor fez a passagem da experiência surrealista com a palavra para o domínio das imagens. Reconheceu, na conclusão de sua análise, que o fenômeno paranóico, no campo poético, havia sido a marca constitutiva da "dialética do delírio surrealista": palavra e imagem estariam para sempre unidas na experiência estética dos surrealistas. O mito trágico do Ângelus representaria

> esa claridad diáfana, nacida del emmarañamiento y del acercamiento de los más irreductibles y distantes antagonismos, como la suma de la "dialética concreta" objetivada en esa teoría grandiosa cuya altura especulativa no nos es accesible más que intuitivamente y que se llama la "teoria restringida de la relatividad".[142]

Para concluir, como "Apêndice", Dali explica uma ilustração que fez para *Os contos de Maldoror* de Lautréamont, tomando como referência a definição de belo que ali está contida: *belo como o encontro fortuito em uma mesa de dissecação, de uma máquina de costura e um guarda-chuva.* Novamente, é a situação do *El Angelus* que é utilizada para sua criação, uma vez que a imagem obsessiva *El Angelus* é a única que comporta a presença imóvel, o encontro expectante de dois seres em um meio solitário, crepuscular e mortal. Esse meio, desempenha, no quadro, o papel da mesa de dissecação no texto poético de Lautréamont. A terra lavrada, com a intensidade gulosa de fecundidade, representaria a mesa de comer e, associada ao elemento crepuscular, chegaríamos à representação da mesa de dissecção: "la tierra lavrada es la más literal y más ventajosa de todas las mesas de disección conocidas".[143]

---

[141] DALI, 1998, p. 46.
[142] DALI, 1998, p. 174.
[143] DALI, 1998, p. 183. Nas *Novas Conferências Introdutórias* de 1932, Freud apresentou o tema da "dissecação da personalidade psíquica". Nessa conferência, XXXI, podem-se encontrar argumentos muito interessantes para

O guarda-chuva, designado por Dali como objeto surrealista de funcionamento simbólico seria a presença da ereção masculina. A posição do chapéu na figura masculina, representada por Millet, revelaria seu estado de ereção e, ao mesmo tempo, uma atitude vergonhosa desse estado.[144] A máquina de costura representa a presença da condição feminina por excelência. O trabalho de agulha, próprio da máquina, revelaria sua virtude mortal e canibal. Aqui é invocada a imagem da fêmea do louva-a-deus que perfura o macho, matando-o, no ato sexual.

É assim que o *El Angelus* de Millet foi interpretado por Dali como "el encuentro fortuito em uma mesa de disección, de uma máquina de coser y un paraguas!".

articular com a interpretação de Dali. Lacan revisitou várias vezes essa conferência de Freud. No meu artigo "Do inconsciente como causa de divisão do sujeito", publicado na *Revista Literal 4*, indico a importância dessa conferência nos *Escritos* de Lacan.

[144] Esse aspecto foi apontado por Dali na terceira parte do texto: "La posición del sombrero, cuyo simbolismo es de los más conocidos y de los más indiscutibles en el lenguaje de los sueños, denuncia el estado de excitación sexual del hijo e ilustra el próprio acto del coito; sirve también para definir una actitud vergonzosa ante la virilidade" (p. 147).

O SURREALISMO E A PSICANÁLISE:
FREUD E OS *HOMENS DE LETRAS* NA FRANÇA

Preciso realmente agradecer-lhe pelas palavras de apresentação que trouxeram a mim os visitandes de ontem. É que, ao que parece, eu me sentia tentado a considerar os surrealistas, que aparentemente me escolheram como santo padroeiro, como totalmente loucos (digamos, noventa e cinco por cento, como álcool absoluto). O jovem espanhol [Salvador Dali], com seus ingênuos olhos de fanático e sua inegável mestria técnica, incitou-me a reconsiderar minha opinião. Seria de fato muito interessante estudar analiticamente a gênese de um quadro desse gênero.

Carta de Sigmund Freud a Stefan Zweig

Como argumentei, na báscula de garantir o peso bruto da linguagem, Breton e seus amigos se dirigiram à causa social: contribuir, pela arte, para a expansão das práticas revolucionárias. Foi nessa perspectiva que grande parte dos signatários do *Primeiro Manifesto* aproximaram-se do Partido Comunista Francês. O problema da revolução esteve constantemente na pauta do movimento surrealista. O embate entre Bernier e Aragon é um caso típico dos problemas que tal aproximação implicou para as posições dos surrealistas com a causa revolucionária.

A adesão de Breton ao PCF ocorreu em 1927. O ponto de partida dessa empreitada é o planfleto *La Révolution d'abord et toujours*, publicado em 1925. Breton lembrou que já havia exemplos de sanções, censuras, impostas pelo PCF aos amigos Henri Lefebvre, Pierre Morhange e Georges Politzer, membros do grupo *Philosophies*.[145] Um aspecto significativo dos embates entre os surrealistas e o marxismo partidário, que a meu ver indica os diferentes caminhos de um deles no Partido Comunista, é o modo, estilo de cada um nas leituras que faziam das obras de Freud, Marx, [Nietzsche], Engels e Lênin, por exemplo.

Parto do princípio de que os signatários do surrealismo realizaram uma apropriação da psicanálise freudiana e dos ideais socialistas derivados da revolução soviética. Quanto ao primeiro aspecto, Freud nunca conseguiu entender os motivos que levaram os surrealistas a elegerem a psicanálise como precursora das teses literárias por eles defendidas. O que Breton leu de Freud e os efeitos dessa leitura nas vicissitudes do movimento surrealista e na recepção da obra de Freud na França é uma das possibilidades de articular a relação entre surrealismo e psicanálise.

O artista plástico Andoche Praudel, autor do comentário da relação entre psicanálise e pintura, publicado no *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise*, afirmou que os surrealistas encontraram em Freud as marcas de ruptura e descontinuidade com a forma clássica de concepção da criação artística e da crítica de arte. Segundo ele, a primeira obra de Freud que Breton leu foi: *A psicopatologia do cotidiano*, publicada em 1901 e traduzida para o francês em 1922 por Régis e Hesnard.[146] Breton encontrou nessa leitura a possibilidade de conceber a

[145] Esse é um dos vestígios que podemos reconhecer nas relações entre Politzer e os surrealistas.

[146] Vale destacar que no capitulo XII, "Determinismo, crença no acaso e supertição – alguns pontos de vista", dessa obra, Freud teceu argumentos muito interessantes sobre o acaso e as determinações psíquicas. Nesse capítulo encontra-se agrupado o conjunto de fenômenos (esquecimento [*Vergessen*]; lapsos da fala

arte como expressão do desejo recalcado: interessou-se pela forma assumida pelo desejo e pelo modo como ele simbolizava as aparências nos atos falhos, lapsos, assim como no sonho. Afirmou ainda Praudel que a pintura surrealista, tendo Max Ernest, Picabia e Marcel Duchamp como pioneiros, é a experiência ilustrativa da escrita automática na criação plástica, sobretudo pela criação do objeto surrealista. Foi na utilização dos automatismos e do que o inconsciente revela que a pintura foi promovida como exemplo feliz da lição que poderia ser tomada da leitura de Freud. Para os surrealistas, a psicanálise de Freud era um instrumento de transgressão:

> A ironia, o duplo sentido, o sarcasmo e o humor estariam na gênese de uma arte de montagem que poderíamos explicar dizendo tratar-se de uma 'arte do enxerto'. O princípio de Lautréamont, 'Belo como o encontro de um guarda-chuva com uma máquina de costura numa mesa de dissecação', é o princípio de *uma beleza de vizinhança* que, num dado momento, irrompe no contexto do quadro.[147]

Antes da publicação do *Primeiro Manifesto Surrealista*, em 1924, Breton visitou Sigmund Freud em Viena.[148] O famoso encontro pode ser inserido no conjunto das preocupações do início da década de 20, sobretudo quando demonstrava interesse na literatura psicológica que abordava os estados oníricos. Breton citou a obra *La Personalité Humaine* de Meyers; as comunicações de Théodore Flournoy e também certos capítulos do *Traité de Metapsychique* de Charles Richet, além, é claro, das obras de Freud, como leituras fundamentais de sua formação e interesse no campo psicológico. O problema dos "estados

---

[*Versprechen*]; lapsos de leitura [*Verlesen*]; lapsos de escrita [*Verschreiben*]; equívocos na ação [*Vergreifen*] e os chamou atos casuais) que designou como psicopatologia do cotidiano. Freud chamou atenção para o aspecto comum entre esses fenômenos, o que possibilitou estabelecer uma identididade entre eles: na língua alemã, todos eles compostos pelo o prefixo "*Ver*", que indica erro, falha, falta de perfeição; defeito.

[147] *In:* KAUFMANN, 1996, p. 703 (itálico do autor).

ROUDINESCO (1988, p.37) informou que Breton, que não lia em alemão, foi ler as *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* e *A psicopatologia do cotidiano* a partir da tradução de Régis e Hesnard, que circulavam como leituras introdutórias à psicanálise. Destacou ainda que Breton leu Freud pela primeira vez quando se encontrava em Saint-Dizier, onde exercia a função de médico psiquiatra. Na época, já havia lido os clássicos da psiquiatria, dentre eles Kraepelin e Janet, e estudava a neurologia de Babinski antes de conhecer o método psicanalítico

[148] No *Primeiro Manifesto*, o nome de Freud aparece em dois momentos (BRETON, 1993, pp. 21 e 31): ao fazer a crítica do "racionalismo absoluto", as descobertas de Freud são invocadas como motivo de agradecimentos por permitirem colocar em cena os fenômenos que escapavam da abordagem científica (sonhos, lapsos, atos falhos, sintomas histéricos); o método da associação livre de Freud é resgatado como referência para conceber o procedimento de escrita automática (o pensamento falado). Numa das *Entrevistas*, Breton afirmou que, em 1921, "Freud recebeu-me em Viena, e embora por um lamentável sacrifício ao espírito *Dada* tenha dado, em *Littérature*, um relato depreciativo da minha visita, ele teve a gentileza de não me guardar rancor, mantendo-se em correspondência comigo" (BRETON, 1952, p. 86).

segundos", as atividades inconscientes, expressas na formação dos sonhos, serviram como base de sustentação da escrita automática.[149]

Roudinesco narrou, com a metáfora de uma grande batalha, o encontro dos surrealistas com a psicanálise:

> A primeira geração de psiquiatras e psicanalistas franceses participa, portanto, de um movimento dinâmico que é historicamente contemporâneo do surrealismo (...) O surrealismo opera, assim, uma curiosa fratura na história do movimento psiquiátrico-psicanalítico francês. Contemporâneo de um dinamismo cuja autoridade contesta, ele não provoca nada menos do que sua apoteose ao distribuir as armas que servem para sua renovação. Sem o escândalo surrealista, a segunda geração psicanalítica teria perdido sua energia antes de ouvir o eco da nova batalha.[150]

É bem verdade que o encontro de Freud com Breton pautou-se pela cordialidade do primeiro em receber visitas de pessoas ilustres que demonstravam certo fascínio por suas teses psicológicas. Sabe-se que Breton saiu decepcionado com Freud, pois esperava que o fundador da psicanálise aderisse à causa do movimento. E Freud, por sua vez, sempre recusou qualquer tipo de militância.[151] Os signatários do movimento surrealista procuraram ancorar-se no pensamento freudiano para defenderem a causa do movimento. Pode-se dizer que os surrealistas se serviram da psicanálise, cada um a seu modo, e, ao mesmo tempo, serviram à causa freudiana em solo francês.

De modo geral, o nome de Freud funcionava como um estandarte na batalha contra a psiquiatria da época. Breton foi um dos fundadores do movimento antipsiquiátrico, que teve um caráter decisivo para o destino da psicanálise na França dos anos 20. Por exemplo, a obra prínceps da psicanálise, *A Interpretação de Sonhos*, publicada em 1900, recebeu a primeira

---

[149] CHÉNIEUX-GENDRON (1992, p. 208) destacou alguns "Pontos de referência para situar o surrealismo no debate filosófico e psicanalítico". Dentre eles, considerou que o diálogo entre Breton e Freud "era simplesmente impossível (...) o inconsciente em Breton, é algo como a inconsciência. Quando Freud deseja desvendar os mecanismos de um inconsciente para harmonizar os procedimentos do analisando com o mundo tal como é, Breton solicita os poderes de nossa inconsciência para atingir uma supra-realidade". Considerou também que Breton, antes de ler Freud, teve contato com sua teoria do inconsciente por meio do livro de Régis e Hesnard, *La psychanalyse*, publicado em 1914. Sobre esse aspecto farei referência mais adiante.

[150] ROUDINESCO, 1988, p. 25.

[151] Sobre o histórico encontro entre Breton e Freud, Roudinesco afirmou: "Num dia de outono de 1921, ele bate à porta de Freud, muito excitado com a idéia de encontrar o inovador a quem remeteu uma carta entusiástica. Freud o recebe em seu horário vespertino de consultas e o faz aguardar em meio a seus pacientes (...) Quando chega sua vez, ele entra no célebre gabinete e se encontra diante de um velhinho sem ares de importância, que não se interessa pelo movimento dadaísta. Breton tenta animar a conversa, fala em Charcot e em Babinsky, mas Freud

tradução para o francês em 1926. Nela, os surrealistas encontraram um nível de conceitualização sobre os processos oníricos que correspondia aos propósitos da leitura que realizavam. Extraíram conceitos que passaram a ocupar uma função operativa em seus discursos.

A questão da estruturação teórica realizada por Freud – sobretudo no capítulo VII em que trata da "Psicologia dos Processos Oníricos" e apresenta as bases de sua concepção do aparelho psíquico – pouco interessava à grande maioria dos militantes da causa surrealista. Apesar de terem a psicanálise como inspiração, pode-se afirmar que realizaram uma leitura surrealista da psicanálise. Como Nadeau salientou: "A psicanálise serviu aos surrealistas para estudarem o mecanismo de inspiração e se submeterem a essa inspiração".[152]

Mas se é verdade que a psicanálise serviu aos propósitos da causa surrealista, também o surrealismo serviu à implantação da psicanálise em solo francês. Como veremos, as vias de transmissão da teoria e da prática clínica instauradas por Freud estavam obstruídas pela situação da psiquiatria francesa, em especial, a posição de Pierre Janet sobre a histeria. Freud, apesar de não concordar – ou mesmo não entender – as posições dos surrealistas em relação à sua teoria, encontrou no surrealismo uma forma bem apropriada para defender sua causa na França.

O cenário que o surrealismo construiu na década de 1920 permite localizar as questões que foram revisitadas por Georges Politzer e Jacques Lacan.[153] Mais adiante, analisarei a relação entre construção do caso Aimée, publicado por Lacan em 1932, e a *Crítica dos fundamentos da psicologia* de Politzer. Antes, porém, farei um *intermezzo* histórico sobre a

---

lhe responde com banalidades. Ao final, este o saúda amavelmente, dizendo: 'Felizmente, contamos muito com a juventude'. Breton leva anos para se refazer da decepção experimentada" (1988, p. 37).

[152] NADEAU, 1985, p. 134. "Enquanto o movimento psicanalítico se organiza como uma instituição de homens notáveis, onde reinam os ideais da cura terapêutica, o meio literário, em seu conjunto, veicula uma representação profana (*Laienanalyse*) ou não-médica da psicanálise: é a abertura de um novo campo do conhecimento que apaixona os escritores [que Freud designou como 'homens de letras'] (...) O caráter profano da adesão surrealista à doutrina freudiana é ainda mais vivo na medida em que certos membros do grupo fizeram estudos de medicina, os quais abandonaram depois da guerra" (ROUDINESCO, 1988, pp. 18-19).

[153] Na biografia intelectual de Jacques Lacan, Oscar CESAROTTO e Márcio Souza LEITE (2001, p. 50), construiram um quadro referencial para situar historicamente as posições de Lacan. No que diz respeito ao surrealismo, afirmaram: "Leitor entusiasta de Freud, Breton situava o inconsciente – no plano da atividade artística – como sendo a verdade última do sopro criador do espírito, liberado dos grilhões da razão (...) Inquieto, Lacan aproximou-se dos surrealistas, partilhando com eles de noites de vinho e prosa e chegando a publicar alguns trabalhos numa das revistas do grupo, *Minotaure*. Dois deles: 'O crime das irmãs Papin' e 'Problemas de estilo', nos quais o tema da paranóia dava lugar a uma reflexão sobre a produção literária".

implantação da psicanálise na França, analisando a relação da psicanálise com a produção literária dos signatários do surrealismo.[154]

Como já destaquei, Breton e seus amigos leram Freud. É certo, no entanto, que a leitura que fizeram estava atravessada pelos embates com a escola de psiquiatria francesa. Não se tratava de uma leitura teórica dos pressupostos epistemológicos da construção freudiana. Freud foi apropriado pelos surrealistas com propósitos estritamente combativos: usaram Freud para causas revolucionárias contra toda forma de aprisionamento. Pode-se afirmar que esses autores apropriaram-se de determinados postulados de Freud; aproveitaram-se deles para argumentar em favor daquilo mesmo que defendiam: o automatismo psíquico, a escrita automática, a transgressão estética.

O ingresso da psicanálise em solo francês foi analisado por Roudinesco através de dois portais: **o movimento psiquiátrico**, com todos os embates decorrentes do conflito Freud–Janet; **o movimento surrealista**, marco das vanguardas literárias na década de 20. Em sua *História da Psicanálise na França*, destacou que, desde 1914, o interesse pela psicanálise existia num amplo setor do pensamento francês: a via literária e a via médica participaram de um processo único, no qual as resistências à teoria vienense são o sintoma de seu ativo progresso. Para a autora, não podemos afirmar a primazia de uma via sobre a outra, mas a concomitância de dois processos de implantação e assimilação. "Do lado literário, a psicanálise tende a ser reivindicada como expressão de uma descoberta autêntica, ao passo que, do lado médico, ela é adaptada aos ideais de um suposto espírito latino ou cartesiano".[155]

Foi por intermédio dos escritores surrealistas – de uma certa produção literária, portanto – que a França começou a ser confrontada com o nome Freud: para além da celeuma dos conceitos teóricos da psicanálise e de seus embates com a psiquiatria clássica.

---

[154] Lacan conheceu Breton no início da década de 20. Roudinesco informou que por volta de 1923, Lacan ouviu falar pela primeira vez das teorias de Freud. A leitura surrealista da psicanálise foi determinante na aproximação de Lacan com as idéias de Freud. É, portanto, "uma outra imagem do freudismo que se expôs na cena parisiense". O nome de Freud estava estampado na bandeira dos combatentes na luta contra a instituição manicomial. Com isso, "os surrealistas viam, na linguagem da loucura, a expressão sublime de uma poesia involuntária" (1994, pp. 29 e 32). Vale ressaltar ainda que é justamente esse caráter poético que Lacan (1998, p. 70) reconhece ao citar Paul Élouard em seu escrito sobre os antecedentes: "Pois a fidelidade ao invólucro formal do sintoma, que é o verdadeiro traço clínico pelo qual tomávamos gosto, levou-nos ao limite em que ele se reverte em efeitos de criação. No caso de nossa tese (o caso *Aimée*), efeitos literários – e de mérito suficiente por terem sido recolhidos, sob a rubrica (reverente) de poesia involuntária, por Éluard".

[155] ROUDINESCO, 1988, p. 17.

Para demonstrar esse argumento, analisarei a presença de Raymond de Saussure no cenário de implantação da psicanálise em solo francês. Filho do lingüista Ferdinand de Saussure, Raymond fazia parte do grupo fundador da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP) em 1926. Juntamente com a princesa Marie Bonaparte, compunha a ala de frente do movimento psicanalítico francês nos meados da década de 20. O grupo francês compreendia, na época, dez membros, aos quais vieram juntar-se dois suíços, Raymond e Charles Odier, ambos formados no divã de Freud em Viena. Raymond representava a corrente da IPA nos embates iniciais da criação da SPP, desse modo, tinha o apoio direto de Freud que, desde 1922, expressou publicamente seu consentimento às idéias do jovem genebrino, escrevendo um "Prefácio" ao livro de Raymond intitulado *O Método Psicanalítico*.

Freud destacou, inicialmente, que o livro do Dr. de Saussure, "é especialmente bem planejado para fornecer aos leitores franceses uma idéia correta do que é a psicanálise e o que ela contém". Ressaltou, ainda, que o autor da obra em questão, além de estudar os textos do próprio Freud, realizou por meses sua análise pessoal com o criador da psicanálise. Disse, também, que o Dr. de Saussure procurou "evitar muitas deformações e erros que se costuma encontrar em exposições da psicanálise, tanto francesas quanto alemãs". Reconheceu que, naquela época, a psicanálise começara a despertar, em maior escala, o interesse dos profissionais e do público leigo na França. Como conclusão, lançou sua previsão de que, em solo francês, a psicanálise não encontraria menor resistência do que "anteriormente encontrou em outros países. Esperemos que o livro do Dr. de Saussure realize uma contribuição importante para o esclarecimento dos debates que se estendem à frente".[156]

De fato, a previsão de Freud cumpriu-se. Na saga da implantação da psicanálise na França, as batalhas entre os membros fundadores da Sociedade Psicanalítica de Paris foram descritas em minúcias por Roudinesco. Os embates políticos, geradores de debates teóricos, são um traço determinante nessa implantação. A criação do Instituto de Psicanálise, em 1934, tornou-se uma referência histórica da primeira vitória da psicanálise na pátria de Charcot. O Instituto era encarregado de difundir o ensino freudiano no grupo que contava com trinta membros e estava em plena expansão. A sessão inaugural contou com a presença de Henri

[156] FREUD, 1976a, pp. 355-356.

Claude, que juntamente com dois professores, Heuyer e Troisier, foi levar seu apoio médico ao empreendimento:

> Marie Bonaparte fez a leitura de um telegrama do professor Freud, que fazia votos de sucesso e prosperidade ao novo Instituto. Adrien Borel [presidente da SPP] encadeou a seqüência, lendo um telegrama de Jones, que exprimia os votos da IPA, e outro de Eitingon em nome da *Comissão Internacional de Ensino da Psicanálise*, presidida por ele antes de sua partida definitiva para Palestina.[157]

Se é possível afirmar que a princesa Marie Bonaparte venceu a batalha contra Édouard Pichon, isso se deve ao fato de que, embora defendesse a prática leiga da psicanálise, apoiou-se nos defensores da tradição médica: "para fazer com que o ensino da psicanálise fosse oficialmente reconhecido em Paris. (...) Venceu o combate por ter sabido, como Odier, Saussure, H. Flournoy, Loewenstein, Jones e Eitingon, separar a medicina da psicanálise, para garantir o triunfo do ideal médico adaptativo dentro do movimento freudiano".[158] A posição de Freud sobre o livro de Raymond remete-se ao primeiro encontro que ambos tiveram, em 1920, no congresso de Haia. Freud nutria a esperança de que, através da Suíça, talvez os círculos médicos franceses se interessassem pela psicanálise.

O livro de Raymond foi retirado de circulação por motivo de cautela do analista Charles Odier, que ofereceu um sonho de um paciente para Raymond analisar na segunda parte do livro. A propósito do tal sonho, Freud fez a seguinte observação no “Prefácio”: "O excelente sonho que o Dr. Odier colocou à disposição do autor pode fornecer, mesmo aos não iniciados, uma idéia da riqueza de associações de sonhos e da relação existente entre a imagem onírica manifesta e os pensamentos latentes. Demonstra também a significação que a análise de um sonho pode ter no tratamento de um paciente".[159]

A retirada de circulação do livro frustrou a esperança de Freud, já que nem a França, nem a Suíça se beneficiaram realmente do que o livro *La Méthode Psychanalytique* trazia como contribuição para a técnica psicanalítica. Raymond escreveu um artigo, *Remarques sur la Technique de la Psychanalyse Freudienne*, publicado na revista *L'Évolution Psychiatrique* em 1926, com o objetivo de defender o ponto de vista do rigor técnico e combater a maneira

[157] ROUDINESCO, 1989, p. 368.
[158] ROUDINESCO, 1989, p. 368.
[159] FREUD, 1976a, p. 356.

francesa de apropriação da psicanálise.[160] O artigo denunciou a apropriação francesa da psicanálise como desvio aos propósitos terapêuticos do método clínico de Freud. Os psiquiatras franceses contentavam-se, segundo Raymond, com uma conversa com o doente,

> explicando-lhe seu caso de acordo com certos dados da psicanálise. Fala-se no complexo de Édipo, no complexo de castração, no recalcamento, nas tendências inconscientes, na sublimação, na resistência etc., e, por se haver traduzido nessa linguagem o estado psicopatológico do doente, acredita-se ter feito psicanálise. Esse é um erro grosseiro que fez Hesnard dizer (relatório ao Congresso de Besançon) que, afinal de contas, a psicanálise não diferia do antigo método psiquiátrico clássico, e que apenas se haviam introduzido novos termos de psicologia.[161]

No mesmo ano da publicação desse artigo, Freud publicou o verbete *Psicanálise* na décima terceira edição da *Encyclopaedia Britannica*. Nele, apresentou um resumo histórico da criação da psicanálise, desde as descobertas de Josef Breuer, oriundas da aplicação do método catártico, e afirmou que tais descobertas nada deviam às investigações de Charcot e de Pierre Janet sobre a origem dos sintomas histéricos. Na seqüência, destacou o tema com o qual a psicanálise se ocupa:

> a influência terapêutica da psicanálise depende da substituição de atos mentais inconscientes por conscientes e vigora dentro dos limites desse fator. A substituição é efetivada superando-se as resistências internas na mente do paciente. O futuro provavelmente atribuirá muito maior importância à psicanálise como ciência do inconsciente do que como um procedimento terapêutico.[162]

O verbete apresenta, ainda, três aspectos teóricos que sustentam a argumentação sobre o funcionamento psíquico e, por extensão, coordenam a prática clínica: o dinâmico, o econômico e o topográfico. Freud aproveitou para expressar sua convicção de que a

---

[160] ROUDINESCO, 1989, p. 374. Juntamente com a primeira tradução francesa da *Traumdeutung* em 1926, foi publicada uma obra coletiva, *Le Rêve et la Psychanalyse*, da qual participam Hesnard, Allendy, Saussure, Laforgue e Pichon. Desse mesmo período, data o projeto de elaboração de um vocabulário de conceitos psicanalíticos. Durante a I Conferência dos Psicanalistas de Língua Francesa, formou-se uma Comissão Lingüística para a unificação do vocabulário psicanalítico francês, que tinha a incumbência de encontrar uma tradução francesa adequada para os principais conceitos freudianos. Não era uma tarefa fácil transliterar a terminologia freudiana no cenário da psiquiatria francesa. Os termos, *das Ich*, *das Es* e *das Über-Ich*, são exemplares para analisar os acirrados debates no período.
[161] Apud. ROUDINESCO, 1989, p. 375.
[162] FREUD, 1976b, p. 303.

"psicanálise, em seu caráter de psicologia dos atos mentais inconscientes mais profundos, promete tornar-se o elo entre a psiquiatria e todos aqueles outros ramos da ciência mental".[163]

No final do verbete, Freud descreveu a "História Externa da Psicanálise" para indicar sua implantação nos países europeus. O crescente interesse pela psicanálise foi reconhecido por Freud pela proporcional hostilidade que produzia. A razão dessa hostilidade pode ser identificada em dois níveis:

> do ponto de vista médico, no fato de que a psicanálise dá ênfase a fatores psíquicos e, do ponto de vista filosófico, na suposição do conceito de atividade mental inconsciente como sendo um postulado fundamental; mas a razão mais forte foi, indubitavelmente, a indisposição geral da humanidade em conceder ao fator da sexualidade a importância que lhe é atribuída pela psicanálise.[164]

Mesmo assim, reconheceu Freud, o movimento psicanalítico aglutinou-se e fortaleceu-se numa Associação Internacional, "que atravessou incólume as provações da Grande Guerra, e na hora presente (1925) abrange grupos locais em Viena, Berlim, Budapeste, Londres, Suíça, Holanda, Moscou e Calcutá, bem como dois nos Estados Unidos".[165] É curioso notar que não há nenhuma menção à França que, naquele momento, estava criando sua primeira Sociedade Psicanalítica.

Como podemos observar, a referência aos franceses aparece no que Freud caracterizou como a pré-história da psicanálise. Nela, os nomes de Charcot e Janet são destacados como marcos teóricos nos estudos sobre histeria. O embate entre Freud e Janet constitui um capítulo especial de roubo de idéias que atravessou a saga da implantação da psicanálise na França.

Um indicativo desse embate pode ser encontrado no artigo “A hereditariedade e a etiologia das neuroses”, que Freud escreveu em francês e publicou em março de 1896. Nesse escrito, além de ter utilizado pela primeira vez a palavra psicanálise para designar sua prática clínica, Freud teve como objetivo: fazer um resumo das principais concepções da neuropatologia do final do século XIX e apresentar seus resultados da pesquisa clínica sobre

[163] FREUD, 1976b, p. 307.
[164] FREUD, 1976b, p. 308.
[165] FREUD, 1976b, p. 308.

os quatro tipos de neuroses: as psiconeuroses (histeria e neurose obsessiva) e as neuroses atuais (neurastenia e neurose de angústia).

Os destinatários do artigo aparecem nos primeiros parágrafos: os discípulos do mestre Jean-Martin Charcot – que sustentavam a hereditariedade como fator determinante na constituição das neuroses – e, principalmente, as posições de Pierre Janet, no tocante à histeria.

O referido artigo é um marco na história da psicanálise por dois motivos: nele, Freud estabelece uma ruptura no campo da psiquiatria clássica e demarca sua empreitada na construção da teoria do inconsciente; por outro lado, ao publicá-lo em francês, o autor acerta suas dívidas para com o célebre Dr. Charcot, com quem aprendera a reconhecer o discurso histérico como enunciador da verdade psíquica.

Os argumentos do artigo revelam-nos sua extemporaneidade. As idéias principais de Freud, embora refutadas após a introdução da hipótese da sexualidade infantil, mantêm ainda sua relevância na formulação da psicanálise como prática clínica, sustentada na escuta do discurso histérico.

A psicanálise praticada por Freud despertou interesse de centenas de médicos de toda a Europa e da América do Norte. A Viena da *belle époque*[166] recebeu um grande fluxo de pensadores liberais que procuravam aprender a prática psicanalítica com o Dr. Freud. Alguns se tornaram amigos íntimos e colaboradores; outros, discípulos ou adversários.

Em meio à Primeira Guerra Mundial, Freud lançou uma missiva ao movimento psicanalítico em estágio inicial. Ao publicar, em fevereiro de 1914, o primeiro registro da *História do Movimento Psicanalítico*, foi contundente ao reivindicar para si a autoria da psicanálise:

> a psicanálise é criação minha; durante dez anos fui a única pessoa que se interessou por ela, e todo o desagrado que o novo fenômeno despertou em meus contemporâneos desabou sobre minha cabeça em forma de críticas (...) ninguém pode saber melhor do que eu o que é a psicanálise, em que ela difere de outras

[166] O livro de Carl SCHORSKE (1988, pp. 179-199) apresenta elementos singulares para designar a cena austríaca na virada do século. No capítulo IV, "Política e parricídio em *A Interpretação dos Sonhos* de Freud", encontram-se comentários importantes para analisar a leitura que os surrealistas realizaram da psicanálise. Ver também o livro de Célia BERTIN (1990), *A mulher em Viena nos tempos de Freud.*

> formas de investigação da vida mental, o que seria melhor chamar de outro nome qualquer.[167]

O objetivo de tal reivindicação é estabelecer a dissidência entre Jung e Adler. No entanto, a repercussão desse escrito atingiu os psicanalistas de língua francesa.

É lugar comum afirmar que a psicanálise de Freud é tributária das investigações de Charcot sobre a histeria, no entanto, deve-se ressaltar que as hipóteses de Charcot e de seu discípulo Pierre Janet estavam alicerçadas na teoria da hereditariedade e da degenerescência como agente etiológico da histeria. Para Freud,

> Charcot pôde demonstrar, com o auxílio da hipnose, que os sintomas da histeria eram firmemente dependentes de certos pensamentos inconscientes. Janet atribuiu à histeria uma suposta incapacidade constitucional de manter reunidos processos mentais – uma incapacidade que levava a uma desintegração (dissociação) da vida mental.[168]

Janet percorreu um caminho bem distinto daquele seguido por Freud. No entanto, julgou, apesar das evidências, que este último teria apenas aperfeiçoado sua teoria e obtido reconhecimento por ter se apropriado de suas concepções sobre a etiologia dos fenômenos histéricos.

No relato histórico de 1914, Freud afirmou que:

> Entre os países europeus, a França se tem mostrado, até agora, o menos receptivo à psicanálise, embora um trabalho de mérito em francês, da autoria de A. Maeder[169] de Zurique tenha facilitado o acesso às teorias psicanalíticas. Os primeiros sinais de simpatia partiram das províncias: Morichau-Beauchmant[170] (Poitiers) foi o primeiro

[167] FREUD, 1974, p. 16.
[168] FREUD, p. 241.
[169] Alphonse Maeder, psiquiatra do grupo de Zurique – do qual fazia parte Jung – publicou nos *Archives*, em 1906, um texto introdutório à *Interpretação dos Sonhos*, que serviu como referência para os franceses travarem contato com a psicanálise de Freud. Ver ROUDINESCO, 1989, pp. 223-267.
[170] "Foi com quatro artigos publicados por Pierre Ernest René Morichau-Beauchant (1873–1951) que a psicanálise fez sua entrada 'oficial' no solo pátrio. De fato, esse médico de Poitiers foi reconhecido por Freud como o primeiro francês a aderir abertamente à 'causa' (...) Sua posição abriu um rombo no contexto do antifreudismo francês. Ele foi o primeiro a inverter a problemática que dominava essa época e a criticar as teses de Janet à luz das de Freud. Reconheceu explicitamente o papel da sexualidade nos vínculos que uniam o

> francês a aderir publicamente à psicanálise. Régis e Hesnard [171] (Bordéus) recentemente tentaram diluir os preconceitos dos seus compatriotas contra as novas idéias com uma minuciosa exposição, à qual, entretanto, nem sempre denota compreensão, sobretudo no tocante ao simbolismo. Na própria Paris, ainda parece reinar a convicção (a qual o próprio Janet deu eloqüente expressão no congresso de Londres em 1913) de que tudo de bom na psicanálise é repetição dos pontos de vista de Janet com insignificantes modificações e o mais não presta.[172]

O ponto de vista de Janet trouxe conseqüências decisivas para a psicanálise: Freud era considerado – por grande parcela dos psiquiatras da época – um plagiador. Em congressos posteriores, Janet foi questionado sobre os conhecimentos que afirmava serem de sua propriedade. Ao que parece, Janet não tinha uma compreensão mais profunda das teorias de Freud. A questão rendeu incansáveis debates na década de 20, sobretudo após a tradução para a língua francesa, em 1926, da obra *A Interpretação de Sonhos*.

Mesmo com todas as dificuldades encontradas para conquistar um lugar no movimento psiquiátrico francês, a psicanálise foi, cada vez mais, contagiando e conseguindo leitores originais e criativos. Se inicialmente cabia apenas a Freud o papel da pesquisa e da construção teórica, com o tempo, outros foram agregando-se ao trabalho e começaram a participar ativamente, principalmente no que se refere à divulgação e à transmissão da teoria. Muitos deles não pertenciam ao meio médico, outros, além de não pertencerem, tinham verdadeiro repúdio a tudo aquilo que representava a medicina psiquiátrica.

Em seu "Estudo Autobiográfico", publicado em 1925, Freud narrou a extensão da psicanálise nos países europeus e na América do Norte. No que diz respeito à França, afirmou: "o interesse pela psicanálise começou entre os homens de letras. A fim de compreender isso, deve-se ter em mente que, desde a época em que foi escrita *A Interpretação dos Sonhos*, a psicanálise deixou de ser um assunto puramente médico. Entre seu surgimento na Alemanha e na França está a história de suas numerosas aplicações a departamentos de literatura e

---

paciente a seu médico (...) Leu os textos de Freud em alemão e fez surgir pela primeira vez o conceito de transferência..." (ROUDINESCO, 1989, p. 234).

[171]Emmanuel Régis foi professor de Hesnard e iniciou-o na psiquiatria, encarregando-o de estudar os trabalhos de Freud. "Ninguém pode contestar que se outorgue a Angelo Louis Marie Hesnard o título de primeiro pioneiro da psicanálise na França, mas sob a condição de acrescentar que ele foi o almirante de uma doutrina que arrancou do freudismo a essência de suas hipóteses, fazendo da sexualidade um lobisomem enganador".(1989, p. 272). Roudinesco sustenta o seguinte argumento: Hesnard procurou resolver os impasses Freud–Janet de forma simplista e ingênua, retirando do debate o pomo de discórdia: a sexualidade como fator etiológico das neuroses.

[172] FREUD, 1974, p. 44.

estética".[173] Pode-se apreender tal afirmação como registro histórico que indica um determinado modo de articular o ingresso da psicanálise em solo francês pela via do movimento literário.

Quem seriam os "homens de letras" a quem Freud se refere? Dentre eles, certamente estavam alguns dos integrantes do movimento surrealista e vários se submeteram ao tratamento psicanalítico, tais como: Michel Leiris, Georges Bataille, René Crevel e Raymond Queneau; outros haviam cursado medicina – como Aragon e Breton – tendo abandonado os estudos após a guerra por não concordarem com o caos instalado no atendimento dos hospitais psiquiátricos.

Organizou-se assim um movimento profano entre os psiquiatras que aceitavam a teoria do inconsciente de Freud e praticavam a psicanálise. Os jovens psiquiatras de então travaram contato com a psicanálise num momento em que a questão da análise leiga estava marcando história na psicanálise.[174]

Roudinesco incluiu na categoria "homens de letras" um clube de doutores: "Para eles, a passagem para a atividade criadora se fizera acompanhar de uma renúncia à carreira médica. Essa situação favorece ao mesmo tempo um conhecimento íntimo dos desafios terapêuticos da doutrina freudiana e uma recusa a vê-la reduzida à categoria de uma técnica de atendimento".[175] Sendo assim, apesar de terem formação médica, a batalha desses homens era contra a medicalização da psicanálise.

A associação de Freud ao nome de Charcot e Janet sempre foi criticada pelos clássicos da psiquiatria francesa que rejeitavam os ensinamentos de Charcot, cujas hipóteses eram construídas com base no método hipnótico. No entanto, era justamente isso que os surrealistas passavam a valorizar, atribuindo à histeria um caráter poético. Ao celebrarem o cinqüentenário

---

[173] FREUD, 1976b, p. 78.

[174] No artigo de 1926, "A questão da análise leiga", FREUD (1976b, pp. 209-210) entra na polêmica se os não-médicos poderiam conduzir o tratamento psicanalítico. Seu argumento inicial é claro: "Essa questão tem suas limitações tanto no tempo como no espaço". Quanto à primeira, indaga o consenso que se formou em torno do tratamento analítico: "Admite-se que em certas circunstâncias um tratamento analítico seja empreendido; mas, se for assim, somente os médicos devem empreendê-lo. O motivo dessa restrição torna-se assim um assunto de indagação". No que se refere ao segundo ponto – limitado no espaço –, Freud considera o aspecto legal do empreendimento. Na Áustria e na França, existia "lei preventiva, que proíbe aos não-médicos empreenderem o tratamento de pacientes, sem aguardar o seu resultado". Freud visa a interrogar essa lei e se propõe a modificá-la.

[175] ROUDINESCO, 1988, p. 19.

da histeria, como a maior descoberta poética do final do século, os surrealistas recuperaram a tradição da *Salpêtrière*, assumindo a seguinte definição:

> A histeria é um estado mental mais ou menos irredutível que se caracteriza pela subversão das relações que se estabelecem entre o sujeito e o mundo moral do qual crê depender praticamente, fora de qualquer sistema delirante. Esse estado mental se fundamenta na necessidade de uma sedução recíproca que explica os milagres prematuramente aceitos da sugestão (ou contra-sugestão) médica. A histeria não é um fenômeno patológico e pode ser considerada, em todos os respeitos, como meio supremo de expressão.[176]

Qual a originalidade de Freud assumida pelos surrealistas? A ruptura que estabeleceu no campo discursivo da psiquiatria. A psicanálise de Freud realizou um corte entre os discursos psiquiátrico e psicológico, delineando a experiência da loucura como inserida no universo da verdade e sendo reveladora do sentido singular do sujeito, rompendo, assim, as barreiras entre o normal e o patológico. Enfim, a psicanálise estabeleceu uma nova relação com a experiência da loucura, retomando, simbolicamente, a tradição pré-psiquiátrica.

Ao inserir a histeria na ordem do sentido, Freud constituiu um saber original sobre o psíquico, fundamentando-o na interpretação. A tradição psiquiátrica, por sua vez, sempre abordou a loucura como patologia, definindo suas condições nosográficas. Como enfermidade psíquica, a loucura estava desterrada do universo da verdade. A psicanálise, na óptica dos "homens de letras", resgatou a dimensão poética na emergência do discurso psiquiátrico: a loucura é uma forma de o sujeito dizer a verdade; mas essa retomada se realiza evidentemente numa direção diversa daquela anteriormente estabelecida, pois, com Freud, esse postulado está centrado no funcionamento psíquico, e não na estrutura cósmica do mundo.[177]

A histeria assume para os surrealistas o caráter de verdade, explorando o tema em várias produções literárias. Retomaram, assim, de uma forma poética, as posições da psicanálise, utilizando os postulados de Freud para fazer literatura. Por isso, os escritos surrealistas foram sempre associados ao nome de Freud. Como Breton salientou:

---

[176] *Apud.* ROUDINESCO, 1988, p. 21.
[177] O artigo de BIRMAM (1985) elucida com precisão esse aspecto.

> Não temo adiantar a idéia paradoxal, somente à primeira vista, de que a arte daqueles que colocamos na categoria de doentes mentais constitui um reservatório de saúde moral. Não se trata de negar a dor da loucura, nem os seus efeitos irreversíveis; trata-se de reconhecer aos 'marginais' da arte o direito de existir, e às suas obras, o poder de alargar a nossa consciência do mundo.[178]

Pierre Janet, por sua vez, não poupou críticas à concepção que os surrealistas defendiam sobre a doença mental. Para ele, o método surrealista de análise da loucura consistia em fabricar palavras contando com a sorte e em constituir histórias sobre patetas e cartolas.[179] No entanto, suas críticas não ficaram no vazio e a resposta foi imediata. Breton publica um artigo intitulado "A medicina mental diante do surrealismo", no qual atacou veementemente a forma como a psiquiatria estava organizada, comparando os hospícios a presídios de trabalho forçado. Acusou o abuso de poder exercido pelos psiquiatras sobre os internos. Criticou, também, a noção de loucura como uma inadaptação pura às condições exteriores de vida, deitando por terra o saber psiquiátrico clássico.

O embate entre Janet e Breton foi uma boa ocasião para Freud tomar o partido dos "homens de letras". Roudinesco ponderou que Janet não tinha, praticamente, nenhuma chance com os criadores do movimento surrealista e com os escritores da época:

> Sua surdez ao talento literário só é igualada pela insipidez de seu estilo em matéria de relatos clínicos. Durante vários anos, ele esbanja seus cuidados com Raymond Roussel, que sofre de depressão crônica, sem se aperceber de que está lidando com um dos mais importantes escritores franceses do século. É preciso dizer que, nessa época, somente os surrealistas, a quem Janet detesta, reconhecem a genialidade desse autor estranho, solitário e antiquado, cujas maneiras desconcertam os literatos oficiais.[180]

---

[178] *Apud* CHÉNIEUX-GENDRON, 1992, p. 27.

[179] Vide as posições de Janet reproduzidas na abertura do *Segundo Manifesto do Surrealismo*.

[180] ROUDINESCO, 1988, p. 43. Vale destacar a bela leitura que Michel FOUCAULT (1999) fez da escrita de *Raymond Roussel*. Pierre Macherey, na apresentação do texto, destacou que a leitura de Foucault (que foi publicada em 1963) está situada no começo do período das grandes querelas que marcaram uma completa renovação das maneiras de pensar e de escrever herdadas do imediato pós-guerra, pondo em questão simultaneamente o realismo narrativo, as filosofias do sujeito, as representações continuístas do progresso histórico, a racionalidade dialética, etc. Para rememorar, lembremos que o *A favor de Marx*, de Althusser, deveria

A questão dos “homens de letras” apontada por Freud remete, por um lado, ao tema das aplicações da psicanálise a outros campos de saberes, a outros níveis de problematização. Por outro lado, a questão retorna sobre a relação da psicanálise com a literatura.

Por exemplo, no artigo "O interesse científico da psicanálise", de 1913, Freud comentou sobre a aplicação da psicanálise na investigação estética. Na verdade, trata-se do interesse, que Freud supunha haver, das demais áreas do saber sobre a psicanálise e menos do da psicanálise sobre aquelas. Reconheceu que "no exercício de uma arte vê-se mais uma atividade destinada a apaziguar desejos não gratificados – em primeiro lugar, do próprio artista e, subseqüentemente, de sua assistência ou espectadores". E afirmou em seguida: "A conexão entre as impressões da infância do artista e a história de sua vida, por um lado, e suas obras como reações a essas impressões, por outro, constitui um dos temas mais atraentes de estudo analítico".[181]

Tal argumento pode ser rastreado na aplicação que o próprio Freud fazia de seus conceitos na análise de obras literárias. A leitura que Freud realizou da obra *Gradiva*, de Jensen, é um marco importante para compreender essa articulação da psicanálise com a literatura.[182] O tema contém uma dupla dimensão: a leitura que Freud realizou de obras literárias e a leitura que literatos fizeram da obra de Freud. Também se deve levar em conta o fato de Freud sempre se interrogar sobre o ato da criação artística, sobretudo a escrita literária. As referências de Freud aos escritores criativos percorrem o conjunto de sua obra psicanalítica.[183]

Como apontei, no ensaio autobiográfico publicado em 1925, Freud narrou a extensão da psicanálise na França [184], dizendo que ali o interesse pela psicanálise começou entre os

---

sair em 1965, e os *Écrits*, de Lacan, em 1966, ambas as obras levando adiante a critica às concepções humanistas tradicionais.

[181] FREUD, 1976c, pp. 222-223.

[182] O editor inglês da Standard destacou em sua nota que *Gradiva* foi a primeira análise freudiana de uma obra de literatura a ser publicada: “Inseridos no exame de *Gradiva* encontram-se não só um sumário da explanação de Freud sobre os sonhos, mas também o que talvez seja a primeira de suas exposições semipopulares de sua teoria das neuroses e da ação terapêutica da psicanálise” (*In:* FREUD, 1976d, p. 15).

[183] Vide também o artigo “Escritores Criativos e Devaneios” (FREUD, 1976d), escrito logo após sua análise de *Gradiva*.

[184] Um ano antes da primeira edição da tradução francesa do livro *Die Traumdeutung*. Assinada por I. Meyerson, a tradução é um referencial para compreender o aspecto tardio da psicanálise entre os franceses. Por exemplo, no "Prefácio à Oitava Edição" do livro, publicado em 1929, Freud registrou a tradução de Meyerson, *La science des*

"homens de letras". Indicou as numerosas aplicações da psicanálise aos departamentos de literatura e de estética. Esse registro histórico de Freud é um indicativo singular para traçar a genealogia do ingresso da psicanálise em solo francês pela via literária.

Ao longo do século XX, filósofos das mais variadas estirpes voltaram-se para a psicanálise, para as obras de Freud, investigando seus fundamentos teóricos, suas limitações metodológicas e suas conseqüências éticas. Em meio às duas grandes guerras mundiais, a psicanálise tornou-se objeto de interesse de pensadores de diferentes campos de saber. Dentre eles, figura o jovem húngaro: Georges Politzer. Sua presença na recepção francesa da psicanálise foi determinante para a leitura filosófica da teoria do inconsciente.[185]

A relação de Politzer com o surrealismo pode ser identificada por alguns vestígios, uma vez que não há fontes primárias para pesquisa. Não há documentos de Politzer que atestem sua presença no movimento. Podemos supor que, tendo vivido em Paris no período em que o surrealismo marcou os avatares da cultura contemporânea, Politzer freqüentou o círculo das atividades surrealistas. Parece-me que o problema da relação entre psicanálise e literatura é um bom cenário para inserir o projeto do jovem filósofo: restituir a psicologia à dimensão dramática e, assim, aproximá-la da experiência literária.

---

rêves, na coleção *Bibliothéque de Philosophie Contemporaine*. O fato de a tradução ser publicada no campo da filosofia contemporânea é um bom indicativo do cenário da recepção francesa. A tradução de Meyerson foi revisada por Denise Berger (vide FREUD, 1993), que adotou o vocabulário estabelecido por Laplanche e Pontalis, sob direção de Daniel Lagache.

[185] Ver, por exemplo, dissertação de mestrado de Vanoly Acosta FERNANDES (1993), *Georges Politzer e a epistemologia da psicanálise*, defendida no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Carlos em 1993, tendo como orientador o Prof. Bento Prado Jr. Pelo que sei, esse é um dos primeiros trabalhos de pesquisa no Brasil em torno do ensaio de Politzer. A leitura de Fernandes está determinada pelo referencial fenomenológico e, portanto, sustentou as posições de autores que encontram em Politzer as ferramentas para excluir o inconsciente da teoria dos sonhos.

GEORGES POLITZER (EN)CENA PARISIENSE

É por isso que os psicólogos ficam escandalizados quando lhes falamos da morte da psicologia oficial, dessa psicologia que se propõe estudar os 'processos psicológicos' (…) sabe-se que a história da psicología, nestes últimos cinqüenta anos, não é senão uma epopéia de desilusões (…) Essa história de cinqüenta anos, da qual os psicólogos tanto se orgulham, não é senão a história de um charco de rãs. (…) Atrapalham-se no meio dos aparelhos, ora se lançam na fisiologia, ora na química, na biología; acumulam médias estatísticas e estão seguros de que, para adquirir a ciência, como para adquirir a fé, é preciso tornar-se estúpido. Entenda-se: os psicólogos são tão cientistas como os selvagens evangelizados são cristãos.

Georges Politzer

Critica dos Fundamentos da Psicologia

Georges Politzer desembarcou em Paris no início de 1922. Tinha então 19 anos de idade. Antes de chegar à capital francesa, passou alguns meses em Viena, e tudo indica que tenha participado de algumas sessões da Sociedade Psicanalítica das Quartas-Feiras por indicação de Sándor Ferenczi, que era amigo de seu pai. Em 1924, reuniu-se com Pierre Morhange, Norbert Guterman, Georges Friedmann, Henri Lefebvre e Paul Nizan e fundaram a revista *Philosophies*.[186]

Destaco uma passagem do *Primeiro Manifesto Surrealista*, publicado em 1924, para articular o projeto de Politzer de construir os alicerces da psicologia concreta:

> Não será o receio da loucura que nos irá forçar a deixarmos a meia haste a bandeira da imaginação. O processo da atitude realista tem de ser instruído, a seguir ao processo da atitude materialista. Essa, mais poética do que a precedente requer por parte do homem um orgulho, decerto monstruoso, mas não uma nova e mais completa decadência. Convém vermos nela, antes de mais nada, uma feliz reação contra tendências irrisórias do espiritualismo.[187]

O campo de ação dos surrealistas foi traçado tendo em vista o propósito de instrução da atitude realista. Como podemos ler, tal propósito visava a criar um movimento de "reação contra as tendências irrisórias do espiritualismo". A atitude materialista (mais poética!) é o enlace que permite articular o projeto surrealista com a psicologia concreta de Politzer.

O projeto de enunciação da psicologia concreta, marca indelével de Politzer na cena parisiense, deve ser remetido aos primeiros escritos que ele publicou em francês. Dentre eles, destaco três resenhas inseridas na revista *Philosophies*, de novembro de 1924, com os seguintes títulos: "L. Brunschvicg: a idéia crítica e o sistema kantiano"; "J. Nabert: a experiência interna em Kant"; "L. Robinson: contribuições à história da evolução filosófica de Kant". As resenhas foram agrupadas, posteriormente, com o título "Um passo em direção à verdadeira figura de Kant", e publicadas no número especial da *Revue de Metaphysique et de*

[186] Os dados biográficos são restritos: os documentos, cartas e rascunhos foram queimados, segundo afirmação de seu filho, logo após Politzer ser preso, torturado e executado pelos soldados nazistas que patrulhavam a cidade de Paris em maio de 1942. Sua esposa, Maïe Politzer, foi deportada para o campo de concentração em Auschwitz [Obtive essa informação com Elizabeth Roudinesco quando de sua vinda ao Brasil para o lançamento de *Genealogias*, 1995]. Em **Anexo**, apresento algumas informações que encontrei na obra *Anthologie des psychologues français contemporains* de Daniel Hameline.

[187] BRETON, 1993, p. 17.

Morale, por ocasião do segundo centenário do nascimento de Kant.

A genealogia de tais resenhas provém do movimento neokantiano da década de 20 e é uma excelente estratégia para o autor marcar sua entrada na cena parisiense: "na França, durante cinqüenta anos, Kant foi refutado e incompreendido; há já cinqüenta anos que ele passou a ser admirado, mas nem por isso, a ser um pouco compreendido".[188]

Na primeira resenha, Politzer considerou os trabalhos de Brunschvicg como

> a mais bela tentativa de síntese e de crítica integrais que a interpretação de Kant veio a conhecer. O kantismo surge como o evangelho da consciência moderna, como expressão da chegada do reino da civilização verdadeiramente moderna, como a afirmação da autonomia, da soberania teórica e prática da consciência, única fonte de normas, como a primeira expressão consciente e enérgica deste fato essencialmente moderno: a repartição dos valores da lei e dos valores da fé.[189]

Na segunda resenha, sobre a leitura que Nabert realizou de Kant, Politzer considerou tratar-se do estudo "mais penetrante que até o momento já se escreveu sobre a experiência interna em Kant". A resenha reporta-se aos três pontos essenciais da teoria kantiana: a categoria do eu penso; a auto-afeição; a solidariedade da experiência interna e da experiência externa. Para Politzer, Nabert soube também demonstrar o que há de vivo e atual na teoria kantiana, sobretudo no que diz respeito ao terceiro ponto: a teoria kantiana é apresentada como antítese irredutível contra toda concepção teórica que queira atingir o dado psicológico, isolando a consciência da intrusão do espaço. Em Kant, como afirma Politzer, a experiência interna e externa são solidárias não apenas de fato, mas também de direito. Isso implica admitir o eu como consciência pura e como consciência empírica: o eu penso envolve um eu

[188] POLITZER, 1978, p. 9. A primazia de Kant no cenário filosófico contemporâneo tem início em 1850. Nos anos seguintes, inicia-se o movimento de retorno a Kant, realizado por Hermann Cohen, da Escola de Marbourgo, com a publicação da obra *A teoria kantiana da experiência* (1871). A noção de criticismo kantiano é derivada desse movimento. Paul Natorp é outro neokantiano de significativa importância no período. Seu livro, *A doutrina das idéias de Platão*, publicado em 1903, segue o movimento de leituras de Kant. No curso ministrado no verão de 1927, na Universidade de Marbourgo, Martin Heidegger resgata a leitura de Natorp para analisar a obra kantiana. Publicadas em 1975, com o título *Die Grundprobleme der Phänomenologie*, as aulas são de um profundo rigor na constituição dos problemas que cercam a ontologia moderna e a tese fundada por Kant sobre a consciência e o eu. Outrossim, o curso é um indicador do cenário filosófico no período. Do ponto de vista histórico, o curso dialoga com o encontro em Davos, na Suíça, em 1929, que marca o encerramento da hegemonia do neokantismo na Europa. O evento em Davos foi o cenário do célebre debate entre Heidegger e Ernest Cassirer.

[189] POLITZER, 1978, p. 11.

sou.

Na terceira resenha, sobre Robinson, Politzer procurou destacar as molas propulsoras da evolução do pensamento de Kant, ressaltando que os estudos de Robinson tinham como propósito resolver certos impasses da influência de Hume sobre Kant e a descoberta da idealidade do espaço e do tempo.

Detenho-me no argumento da segunda resenha citada, procurando demonstrar que o conceito de Eu é fundamental para compreender as posições de Politzer no ensaio de 1928: na resenha sobre Nabert encontra-se um importante ponto de apoio para desenvolver a posição de Politzer sobre a experiência interna.

A análise de tal resenha pode ser extensiva ao artigo publicado em *L'Esprit*, em maio de 1926. Tendo como título "Introdução", o artigo pode ser considerado um marco das posições filosóficas do jovem húngaro. Nesse artigo, Politzer revela sua mais fina ironia. Seu estilo perspicaz e agudo de análise aparece em cada frase bem lapidada e destinada a provocar impacto no leitor. O artigo demarca suas posições, afia seus instrumentos; nele, o autor apresenta-se como aventureiro em busca da verdade:

> Chega um momento em que a sabedoria não precisa mais escutar os conselhos sábios e é necessário ousar reconhecer esse momento. Há um momento em que a verdade deseja alçar vôo: é preciso então ousar seguir seu vão natural. É preciso arriscar-se: a verdade não é uma coisa pronta que aguarda o explorador, ela *será* ao termo da viagem. Mas nesse momento tudo poderá estar de tal forma mudado que o momento da partida parecerá pertencer à pré-história.[190]

Politzer escreveu o artigo para fazer um relatório, um recenseamento do estado da filosofia na primeira década do século XX, chegando à seguinte conclusão:

> Portanto, todos aqueles que nos cercam, racionalistas, intuicionistas, bergsonianos ou antibergsonianos, idealistas, pragmáticos, neokantianos, neo-hegelianos, neo-realistas, realistas críticos e, com eles, todos os filósofos que brincam com a arte, com a ciência e com a religião, todos pertencem à mesma categoria, são os *filósofos sem matéria*. Parece pertencerem todos à mesma escola: a *escolástica contemporânea*. *A filosofia contemporânea é um teatro cujo repertório está programado para sempre: os atores se sucedem, os papéis permanecem indefinidamente os mesmos*.[191]

[190] POLITZER, 1978, p. 23 (itálico do autor).
[191] POLITZER, 1978, p. 28 (itálico do autor).

Após ter analisado a filosofia contemporânea girando na órbita da *Crítica da Razão Pura* de Kant, Politzer apresentou sua descoberta inaugural: **o homem concreto**. Desse modo, afirmou que:

> a descoberta do 'Eu' [*je*] teórico cujo ato é o pensamento subverte a noção de gênero `homem'. A idéia idealista destrói os gêneros aristotélicos, os gêneros impessoais e justapostos; ela destrói essa noção do pensamento impessoal e sem sujeito (entendido como 'Eu'), que seria um pensamento *que é terceira pessoa*. A idéia idealista é a descoberta do 'Eu'. O pensamento é primeira pessoa, os gêneros não são mais *justapostos*, eles têm uma direção, centrífuga; eles irradiam do 'Eu'**.** E essa ainda é apenas uma determinação imprecisa, pois que eles são precisamente os *atos* desse 'Eu'. E, dessa forma, o gênero `homem' desaparecerá também. Deverá ter o mesmo destino o `gênero pensamento': tornar-se-á sujeito, do qual é ilegítimo sair, *ele se transformará no 'Eu' cujo ato é a Vida*. Mas não se trata da vida lógica, nem psicológica, e menos ainda biológica, trata-se da vida *humana*, na medida em que precisamente ela é *humana*, e não *objeto de ciência*, seja qual for o ponto de vista, mas sim *um ato*, isto é, primeira pessoa. O 'gênero homem' tornar-se-á, portanto, um *universal concreto*, o 'Eu' da vida do homem.[192]

Encontro nessa citação os elementos centrais para os argumentos de Politzer em sua leitura da *Interpretação dos Sonhos*, obra fundadora da psicanálise, que foram publicados dois anos depois, na *Crítica dos fundamentos da psicologia*. No ensaio de 1928, o naturalismo de Freud foi denunciado como herança da psicologia clássica: um discurso em terceira pessoa. Tendo definido o pensamento como ato em primeira pessoa, o eu perde sua substancialidade e, portanto, a estratégia de Politzer em recuar às posições de Kant indicou as perspectivas da crítica à concepção ontológica de inconsciente.

Essa dimensão do ato para designar a concreticidade da vida humana – em sua dimensão dramática – é um argumento que demarca múltiplas possibilidades de leitura da descoberta freudiana e, certamente, estava no centro da crítica da subjetividade moderna, fundada, de Descartes a Kant, na distinção entre sujeito e objeto.

Heidegger, por exemplo, reconheceu em seu curso, no verão de 1927, na Universidade de Marbourgo, essa característica da filosofia kantiana, que certamente pode ser rastreada desde Descartes. O filósofo alemão distinguiu três modos da noção de Eu em Kant: la *personalitas transcendentalis* (sujeito); *la personalitas psychologica* (objeto de apreensão); *la personalitas moralis* (ente ativo, agente).[193] A noção de Eu em Kant adquiriu a função de

[192] POLITZER, 1978, p. 36 (itálico do autor).
[193] HEIDEGGER, 1985, p. 158.

síntese das representações; estatuto de todas as representações que se realizam por associações empíricas: contigüidade, simultaneidade e identidade. Se o Eu adquiriu o estatuto de sujeito, o seu oposto é a natureza.

É justamente essa função do Eu que será problematizada por Heidegger quando indaga: "En quoi consiste la structure la plus générale de l'Ego? Qu'est-ce qui constitue l'égoité? Réponse: la conscience-de-soi. Tout penser est un Je-pense. L'Ego n'est seulement un point isolé, mais il est Je-pense".[194] O autor demonstrou, assim, que Kant interpreta o Eu como uma "unité originellement synthétique de l'aperception". Daí resulta a posição de Kant em considerar a ontologia como filosofia transcendental.

A determinação apriorística do ser está constituída nessa unidade originariamente sintética da percepção. Eis, portanto, a característica ontológica do sujeito. Para Kant, comentou Heidegger,

> l'Ego n'est pas une représentation, il n'est pas un objet représenté, un étant au sens de l'objectum, mais le fondement de la possibilité de tout représenter, de tout percevoir, c'est-à-dire de toute peceptité de l'étant, autrement dit le fondement de tout être. L'Ego en tant qu'unité originairement synthétique de l'aperception est la condition ontologique fondamentale de tout être. Les déterminations fondamentales de l'être sont les catégories. L'Ego n'est pas l'une des catégories de l'étant parmi d'autres, mais la condition de possibilité des catégories en general.[195]

Pelo exposto, compreende-se que a analítica transcendental pressupõe a noção de Eu como síntese de todas as representações. A experiência interna é determinada pela autonomia da consciência como substrato do ser (dimensão psicológica) e do agir (dimensão moral). A consciência-de-si é que constitui o Eu em sua substancialidade, uma vez que a estrutura da personalidade transcendental é formal.

Outro artigo que merece ser destacado, para compreender a articulação da crítica que Politzer dirigiu a uma determinada leitura de Freud – que estava fortemente marcada pela ontologia moderna kantiana – foi publicado na revista *La Pensée*, no final de 1939, com o pseudônimo de Th. W. Morris.[196] Intitulado "La fin de la Psychanalyse", o artigo retoma o

[194] HEIDEGGER, 1985, p. 160.
[195] HEIDEGGER, 1985, p. 180.
[196] Vale destacar que, nesse período, Politzer era membro do Partido Comunista Francês (PCF) – ao qual se filiou em 1929, logo após a publicação da *Crítica dos Fundamentos da Psicologia*. Também nesse período, Politzer ministrava aulas para trabalhadores na *Université Ouvrière* de Paris, onde ensinava os princípios do materialismo

cerne de sua crítica ao naturalismo de Freud na *Interpretação dos Sonhos*, tal como enunciado no ensaio de 1928.

Escrito por ocasião da morte de Freud, o artigo fez um balanço histórico da psicanálise na França. Logo no terceiro parágrafo, Politzer demarca a temporalidade de sua argumentação: "L'historie de la psychanalyse révèle, en effet, trois périodes: une période d'élaboration, une période de grandes controverses et de prestige croissant, enfin la période d'insertion dans la science officielle et de décadence scolastique".[197]

E demonstra, ainda, que a inserção da psicanálise na ciência oficial deve-se ao contexto teórico da elaboração freudiana:

> Freud fut dogmatique et éclectique, et son éclectisme fut déterminant pour les destinées de la psychanalyse. Si l'on examine les premières conceptions théoriques de Freud, on y relève très nettement l'influence d'un matérialisme mécanique, celui-là même qui fut si répandu parmi les médecins du siècle dernier et popularisé par les représentants philosophiques du matérialisme vulgarie, tels que Moleschott et Buchne.[198]

Após denunciar o contexto teórico da elaboração do aparelho psíquico, Politzer – sem conhecer a argumentação de Freud no *Projeto de uma Psicologia* de 1895 – afirma:

> Les conceptions théoriques fondamentales de l'auteur de la Traumdeutung sont dominées, en effet, par ces modèles mécaniques. D'une manière générale l'idéal de l'explication scientifique consiste selon Freud a représenter les processus mentaux par un jeu de forces construites sur le modèle des forces physiques.[199]

É possível identificar, nesse artigo, os argumentos da crítica de 1928; todavia, com outro referencial de leitura: o materialismo histórico de Marx e Engels. A militância de Politzer no Partido Comunista Francês leva-o a considerar a psicanálise uma expressão do idealismo burguês e, pautado na herança marxista, pode decretar o seu fim.[200]

---

histórico e a teoria marxista. Vide a organização dessas aulas em *Curso de Filosofia: princípios fundamentais* (1956), publicadas por Maurice Le Goas, um de seus alunos.

[197] POLITZER, 1973, p. 282.

[198] POLITZER, 1973, p. 287.

[199] POLITZER, 1973, p. 288.

[200] Nos dias atuais, quando as neurociências proclamam o fim da psicanálise, reveste-se de significativa importância retomar a argumentação de Politzer. Sua crítica ao naturalismo de Freud, sobretudo no que diz respeito às teses do funcionamento do aparelho psíquico, mantém a psicanálise nas cercanias do discurso em terceira pessoa, naquele nível de objetivação teórica em que o sujeito é concebido por sua dimensão de substância psíquica.

Em fevereiro de 1929, Politzer fundou a *Revue de Psychologie Concrète*[201] e, dentre outras, publicou uma nota em que identificou a crise na psicanálise. A nota introduzia uma seção da revista intitulada "Problemas Permanentes", na qual foi publicado um artigo, de autoria de Hans Prinzhorn[202] (de *Frankfurt-am-Main*), com o título "La crise de la psychanalyse", que teve por mérito resgatar as posições de Nietzsche e apontar os problemas cruciais da psicanálise que se pretendia científica. Politzer dialogou com as posições de Prinzhorn para demarcar sua crítica à pretensa cientificidade da psicanálise:

> La psychanalyse semble traverser en ce moment une crise. Après les premiers vingt ans, qui constituent la période héroïque de la psychanalyse, elle est maintenant entrée dans l'époque aù l'accumulation même des faits en la multiplicité des recherches positives exigent un nouvel effort synthétique qui donne um nouvel élan. Sans cette rénovation, il n'existe e tel ne peut exister que des efforts techniques à perte de vue,

---

[201] Um grupo de jovens filósofos resolveu fundar, com o dinheiro de herança de Georges Friedmann, duas revistas: *Revue Marxiste* e *Revue de Psychologie Concrète*. Os ideais do projeto politzeriano encontraram um meio de divulgação. No primeiro número, de fevereiro de 1929, da *Revue de Psychologie Concrète* – fundada a título de experiência psicológica – encontra-se um longo artigo no qual é possível identificar os efeitos de sua adesão ao marxismo leninista do Partido Comunista Francês. Fragmentos dos artigos de Politzer foram editados, em 1947, por J. Kanapa, publicado pela Édition Sociales com o título: *La crise de la psychologie contemporaine*. Uma edição integral dos mesmos foi publicada por Jacques Debouzy, e pode ser encontrada em *Écrits 2 – Les Fondements de la Psychologie*. Desse modo, é possível conhecer os avatares das posições de Politzer sobre Freud e a psicanálise, depois da publicação da *Crítica...* de 1928. Para ter uma visão do conjunto vide **Anexo**, em que apresento a tradução dos *Editoriais* e os *Sumários* dos dois únicos números da Revista de Psicologia Concreta, da qual Politzer foi o fundador e editor.

[202] Médico [também, historiador de arte, era cantor-tenor e se apresentava em espetáculos de ópera] que no período de 1919 a 1921 dirigiu o serviço de psiquiatria da Universidade de Heidelberg, onde desenvolveu o trabalho terapêutico com pacientes psicóticos e esquizofrênicos, com o pressuposto de que era possível o diagnóstico e o tratamento através da expressão artística. Ele criou as condições para que os pacientes pudessem expressar seus conflitos psíquicos através da arte. Teve contato com Freud em Viena e com os trabalhos desenvolvidos por Jung. Colecionava os trabalhos artísticos dos pacientes, pois admitia o valor da arte produzida por aqueles que eram considerados doentes mentais. Daí surgiu a designação de arte psicótica. Sua coleção – com mais de 6000 peças entre desenhos, pinturas, colagens, esculturas e textos-poemas – foi exposta em diversos países da Europa. Em 1921, fez a primeira exposição na Galeria Zinglers Kabinett de Frankfourt e foi aclamada por pintores como Alfred Kubin, Paul Klee e Max Ernest. A noticia espalhou-se rapidamente e os surrealistas de Paris aclamaram o Dr. Prinzhorn como um revolucionário. Entre 1929-1933, a Coleção de arte psicótica do Dr. Prinzhorn foi exposta em Paris, Genebra, Basiléia e em nove cidades alemãs. Hoje, a *Prinzhorn Collection* pertence ao Museu da Insanidade abrigado pelo Hospital Psiquiátrico da Universidade de Heidelberg. A Coleção pode ser visita pela Internet:
http://prinzhorn.uni-hd.de/index.shtmil
Em 2001, O *Cercle d'Estudes Psychiatriques Henri Ey de Paris* promoveu um evento em que foram expostos objetos da Coleção com um amplo Seminário sobre a relação arte e psicanálise, cujo tema central era um artigo de Henri Ey, "La psychiatrie devant le surréalisme", publicado em 1947 na *Revue L'Evolution Psychiatrique*. Há também um livro *Expression de la folie. Dessin peintenes scultpures d'asile* com textos de Jean Starobinsky, Alain Brousse e Hans Prinzhorn, publicado pela Gallimard em 1998.

> louables, précieux, mais qui ne constituent pas um véritable progres de la science elle-même dans son ensemble et donnent l'impression d'une nouvelle scolastique.[203]

É o impulso criador de Freud que Politzer reconhece na instauração de uma ruptura, uma descontinuidade no discurso científico de sua época, mas, ao mesmo tempo, apontou um certo refluxo de Freud e de seus seguidores para reparar – diria mesmo suturar – o corte que a psicanálise teria estabelecido com a psiquiatria e a psicologia clássica. É por isso que Politzer afirma que Freud não conhecia o alcance de sua própria criação e os efeitos que ela produzira no cenário filosófico de seu tempo:

> Or la psychanalyse n'a connu jusqu'ici que cette première impulsion nouvelle et elle semble être entièrement vouée à ce dont les chercheurs medíocres, qui ne sont que des épigones, sont capables. Le freudisme lui-même, il faut bien le dire, ne peut être considere ni même comme une synthèse veritable. Il ne peut être la forme definitive de la psychanalyse, parce que les représentations el les théories qui la constituent ont été élaborées em fonction même des théories et conceptions classiques qu'il s'agissait de combattre, et la psychanalyse a ainsi subi l'attraction des idéals traditionnels, au lieu d'exprimer son essence veritable: exactement comme la physique de Galilée dans son ensemble ne pouvait être acceptée, et pour des raisons analogues, comme la forme definitive de la physique nouvelle.[204]

Recortei esses argumentos para indicar as posições de Politzer no cenário da psicanálise francesa do final da década de 1920. Nesse mesmo número da *Revue*, na seção intitulada "Estudos Documentais", foi publicado um artigo[205] muito oportuno para caracterizar o estado da psicanálise em solo francês: "L'Aperçu Historique du Mouvement Psychanalytique Français", de autoria de A. Hesnard e E. Pichon (de *Toulouse-Paris*). Do mesmo modo, Politzer publicou uma nota preliminar ao artigo citado, na qual afirmou ser indispensável indicar, rapidamente, suas posições diante do movimento psicanalítico francês. Após demarcar o lugar que a *Revue de Psychologie Concrète* pretendia ocupar no cenário parisiense, em especial naquilo que era produzido na *Sorbonne* – que ele considerou como *psychologie mythologique* – endereçou sua crítica à *Société Française de Psychanalyse* (SFP), marcando assim oposição à *Revue Française de Psychanalyse*.

[203] POLITZER, 1973, p. 189.
[204] POLITZER, 1973, pp. 189-190.
[205] Na verdade, o artigo foi "republicado", pois já havia sido publicado em 1925, em *L'Évolution Psychiatrique*.

Na visão de Politzer, a *Revue* da SFP era a expressão do freudismo ortodoxo, que ele considerava escolástico, e que recusavam, exercendo uma prática de censura, artigos de autores que criticam as posições de Freud e de seus colaboradores:

> On dirait même que la fonction prope de la *Revue Française de Psychanalyse*, dans l'ensemble international des publications psychanalytiques, est de servir de verre grossissant pour les défauts du freudisme. Les recherches positives y sont presq'inexistantes, il y a par contre beaucoup de théories, dans l'élaborations desquelles que vis-à-vis de leurs adversaires. La méthode psychanalytique elle-même semble dégénérer, entre les mains de Marie Bonaparte notamment, en un art de cherche des occasions pour citer des textes freudiens.[206]

É isso que leva Politzer a justificar a inclusão do artigo de Hesnard e Pichon em sua Revista. Ambos ocupavam uma posição não aceitável pelos editores da *Revue Française de Psychanalyse*. Pode-se reconhecer, assim, que Politzer manteve boas relações com os psicanalistas franceses que estavam fora da implantação ortodoxa do freudismo. Portanto, o diálogo de Politzer era com aqueles que tinham interesse na obra de Freud, mas não pactuavam com o freudismo.

Por fim, vale destacar a acolhida que a *Revue de Psychologie Concrète* teve pelos representantes do freudismo francês. O número 2 trouxe na seção "Problemas Permanentes" um artigo de Otto Rank[207] comentando as posições de Hans Prinzhorn sobre "propôs d'une prétendue 'crise' de la psychanalyse", que também entrou na discussão sobre a crise da psicanálise. Do mesmo modo, foi publicado um outro artigo de Hesnard, no qual também responde ao artigo de Hans Prinzhorn: interroga se a psicanálise está em crise, e os motivos pelos quais se poderia falar de crise no contexto da expansão da psicanálise pelos paises europeus. O artigo de Hesnard é muito interessante, uma vez que destaca com propriedade as

---

[206] POLITZER, 1973, p. 200.

[207] Em 1913, Otto RANK (1980) publica, com Hans SACHS, um trabalho que tinha como objetivo, analisar a importância da psicanálise para as ciências do espírito. Na verdade, o livro investigava as possíveis aplicações da teoria psicanalítica aos estudos dos mitos e contos de fadas; da religião; da etnologia e lingüística; da estética e psicologia da arte; da filosofia, ética e direito; da pedagogia. A extensão da psicanálise a outros campos de investigação – denominados ciências do homem – era um tema presente nas discussões dos grupos de psicanalistas. Começando por Freud, como já demonstrei, seus colaboradores pretendiam expandir as possibilidades de aplicação da teoria do inconsciente. Essa é a razão pela qual o livro de Rank e Sachs inicia com um capítulo sobre o inconsciente e suas formas de expressão. Penso que a presença de um artigo de Rank na Revista de Politzer deve-se ao fato de que ele, além de ter sido o primeiro filósofo a aderir à causa freudiana, sempre manteve boas relações com "os homens de letras". Nesse sentido, o capítulo sobre estética é relevante para analisar as apropriações que os escritores fizeram de Freud.

posições de Politzer no cenário da psicanálise francesa e, em especial, a noção de drama na psicologia concreta.

Politzer evidentemente não deixou sem resposta o artigo de Hesnard e publica no mesmo número: "Response au Professeur Hesnard"; agradecendo o reconhecimento que esse autor manifesta sobre sua contribuição para a leitura de Freud, mas discordando do modo como Hesnard interpreta a psicologia concreta. O tema da crise da psicanálise ocupou grande parte da argumentação e, pelo que podumos identificar, estava no centro dos embates sobre a implantação da psicanálise na França – além de ser uma boa estratégia para demarcar o campo da psicologia concreta.

Com a publicação da *Crítica dos Fundamentos da Psicologia*, Politzer lançou as bases do projeto de construção da psicologia concreta. Os outros tomos anunciados, entretanto, não foram escritos. Os tomos I (Psicanálise), II (*Gestalttheorie)* e III (Behaviorismo), juntos, deveriam compor o *Matériaux pour la Crítique sur les Fondements de la Psychologie*, que, por sua vez, comporia uma obra maior, que também não foi escrita: *Essai Critique sur les Fondements de la psychologie*.

Roudinesco observou que Politzer não foi somente um autêntico leitor de Freud, mas tinha também a envergadura de um grande teórico:

> Sob sua pena, a língua francesa possui uma verve e uma fineza incomparáveis. Esse húngaro não respeita nada, nem as celebridades, a quem trata de vasos de porcelana, nem a famosa 'inteligência francesa', cujo ridículo fustiga com toda força (...) No cerne da situação francesa, Politzer permanece como um inovador. Ele é o único dentre os psicólogos de sua época a compreender o desafio que representa para a psicologia a descoberta vienense, bem como a aceitar integralmente as noções freudianas de inconsciente, desejo e sexualidade (...) Em sua crítica à situação francesa da psicanálise, Politzer emprega, portanto, o mesmo tom que os surrealistas. Seu discurso pertence ao espírito novo, pois enuncia o *negativo* do discurso psicanalítico da época.[208]

[208] ROUDINESCO, 1988, pp 76-81 (itálico da autora). Discordo da afirmação de que Politzer aceitou integralmente tais conceitos. Também é preciso relativizar certas afirmações que a autora fez para descrevê-lo, as

Como demonstrei, a implantação da psicanálise na França confrontou-se com as idéias de Pierre Janet e as teorias da degenerescência e hereditariedade que dominavam a psiquiatria francesa na década de 20. Pode-se afirmar que o ensaio de 1928 representou a primeira leitura filosófica da *Traumdeutung* e, nesse sentido, procurou romper com os reducionismos psiquiátricos da querela sobre a originalidade da psicanálise freudiana.

Outra informação que julgo importante: no original está indicado que Politzer utilizou a tradução francesa de Meyerson, que acabara de ser editada com o título *La Science des Rêves*. Politzer dominava a língua alemã e conhecia os originais de Freud. Sua opção de citar a tradução francesa – critério que não é seguido em todo o ensaio – parece-me demonstrar o reconhecimento histórico de tal empreitada. No final do ensaio, há uma referência à edição alemã da *Traumdeutung*: indicando que utilizou a 4ª edição alemã, ou seja, a de 1914. Vale registrar que outras quatro edições sucederam-se: a 5ª, de 1918; a 6ª, de 1921; a 7ª, em 1922; e a 8ª, em 1929. Considero relevante essa informação, uma vez que Freud introduziu parágrafos e notas de rodapé ao longo das sucessivas edições de sua obra, publicada com a data de 1900. Sobretudo em 1914 e 1919, encontramos acréscimos significativos ao texto. Portanto, considero relevante apontar a fonte primária da leitura de Politzer, a edição de 1914, a qual indica as referências principais de sua argumentação.

Outro aspecto relevante diz respeito às posições de Politzer sobre a experiência interna, que determinou sua crítica à psicanálise. Tais posições podem ser remetidas ao artigo publicado em *L'Esprit*, como foi indicado. Há no texto original uma importante distinção do autor entre os pronomes ***je*** e ***moi***. No ensaio de 1928, quando Politzer utiliza o pronome *je,* destaca-o em itálico ou entre aspas; quando se refere ao *moi*, especifica o caráter técnico que o pronome ocupa em Freud, como substância pensante. Esse recurso utilizado pelo autor é fundamental para compreender a distinção que estabelece entre o relato em primeira pessoa e

---

quais considero psicanálise selvagem, como, por exemplo: "Esse selvagem dos Cárpatos, como chama seu amigo Henri Lefebre, é um rapagão desengonçado com uma sólida juba vermelha cujas flutuações permitem pressagiar um ardor sem limites para as batalhas filosóficas. Como numerosos intelectuais judeus da época, ele é predominantemente assimilacionista, quase não fala de seu judaísmo e escolherá casar-se com duas mulheres que não são judias. Violento e ciumento, não hesita em insultar ou mesmo bater em seus próprios amigos, quando seus textos ou seus comportamentos não lhe agradam. Com sua voz áspera, profetiza a vinda de uma ditadura espiritual ou reivindica a missão dos chefes em matéria de teoria" (p.76).

o relato em terceira pessoa. Seus argumentos sobre o "Eu" encontram suas matrizes na crítica que fez à ontologia moderna, especificamente em Kant, e sua extensão no idealismo alemão de Fichte e Schelling.

No item IV do Capítulo I, Politzer afirma que o conhecimento psicológico não pode ser explicado por esquemas em terceira pessoa (como Freud o fez):

> É por isso que Kant não podia aceitar a associação de Hume, concebida à imagem da atração universal de Newton. Ela é algo de cego, que vai 'da coisa à coisa", sem implicar um sujeito. Kant, ao contrário, com sua teoria da síntese, satisfaz perfeitamente a exigência da primeira pessoa e da homogeneidade. A síntese, como ele a entende, é um ato em primeira pessoa e as categorias são, em última análise, apenas especificações da percepção transcendental, que é a forma pura do *eu*.[209]

Esse aspecto do texto politzeriano revela sua extemporaneidade, visto que antecipa argumentos decisivos no debate sobre os critérios de cientificidade da teoria freudiana, que surgiram após a publicação da correspondência Freud–Fliess e, especificamente, do manuscrito de 1895, *Entwurf Einer Psychologie,* que contém uma série de argumentos para compreensão da crítica realizada por Politzer do relato em terceira pessoa.[210]

Ainda numa perspectiva preliminar, trago algumas referências para apontar as diferentes interpretações da *Crítica dos Fundamentos da Psicologia* , com o propósito de demonstrar a acolhida do ensaio na história contemporânea da filosofia e da psicanálise.

Convém destacar, primeiramente, que uma certa leitura fenomenológica do ensaio de 1928 foi realizada, procurando apontar Politzer como responsável pela crítica à distinção feita por Freud entre conteúdo latente e conteúdo manifesto dos sonhos. Laplanche e Pontalis, por exemplo, anotaram suas posições no *Vocabulário da Psicanálise*, afirmando que tal crítica foi

---

[209] POLITZER, 1998, p. 67.

[210] No artigo de 1926, POLITZER (1978, p. 36) definiu em nota de rodapé: "Não estamos tomando aqui, por sujeito, o substrato, mas o sujeito no sentido de 'Eu' (*je*). Queremos dizer que o pensamento foi concebido, antes de Kant, como tendo um sujeito impessoal, como sendo uma substância pensante, uma coisa. Falamos, pois, do *realismo do pensamento*". Também, mais adiante, ao referir-se à idéia idealista (a descoberta do 'Eu') afirmou: "Pois a verdadeira antítese não é a que existe entre a matéria cósmica, de um lado, e o homem, de outro lado, pois que há uma materialidade na própria alma do homem, e é ela que se opõe à liberdade. De fato: não se trata do homem em geral, aquele que é um composto de alma e de corpo e que é objeto da ciência. Trata-se do homem concreto *que vive no plano humano*. Dizer, desse último, que é um composto de alma e corpo, é não dizer nada; essa proposição o ultrapassa. O outro é espiritual enquanto é *primeira pessoa*, é material enquanto limitado, enquanto acorrentado, enquanto pela forma que é dada à sua vida ele é *terceira pessoa"*.

realizada “a partir de um ponto de vista fenomenológico”, o que conduziu Politzer à compreensão de que “o sonho, estritamente falando, teria apenas um conteúdo”.[211]

Essa mesma posição também aparece no artigo “Georges Politzer: Sessenta anos da *Crítica dos Fundamentos da Psicologia*” de Bento Prado Jr.:

> O vocabulário técnico da fenomenologia husserliana não está presente na *Crítica dos Fundamentos da Psicologia* (assim como não encontrei nenhuma referência a Husserl nos escritos de Politzer, no entanto tão familiarizado com a literatura teórica alemã), mas um certo estilo fenomenológico parece impregnar todo o seu ensaio.[212]

Ao destacar o “estilo fenomenológico” na leitura do ensaio de Politzer, o que está em questão é a crítica de Heidegger às posições da ontologia kantiana. Laplanche parece-me seguir essa mesma perspectiva. Se remetermos sua leitura de Politzer ao artigo "O Inconsciente: um estudo psicanalítico",[213] apresentado, juntamente com Leclaire, no IV Colóquio de Bonneval em outubro de 1960, encontraremos os equívocos que os autores cometeram ao considerar o ensaio de Politzer como “a mais clara introdução ao problema do inconsciente”. Levantando a questão se o inconsciente é sentido ou letra, colocaram a resposta na boca de Politzer: "A essa questão, Politzer responde, de maneira exemplar, por um radicalismo do sentido que quer retomar por sua conta o conjunto da descoberta freudiana, eliminando o realismo do inconsciente".[214]

O radicalismo do sentido, interpretado pelos autores, implica uma rejeição do realismo do inconsciente. Tal recusa – ou censura, como preferem – está pressuposta na seguinte posição: a passagem do conteúdo manifesto (relato verbal do sonho) ao conteúdo latente (pensamentos oníricos) não pode ser sustentada a não ser pela hipótese metapsicológica do funcionamento do aparelho psíquico. Ora, como Politzer não aceita as descrições de Freud no Capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos*, as considerações sobre a deformação carecem de uma revisão:

> A análise do sonho é certamente uma tradução, mas o erro do realismo freudiano consiste em supor a existência em si dessa tradução, no momento mesmo em que o

[211] LAPLANCHE e PONTALIS, 1994, p. 100.
[212] PRADO JR., 1991, p. 16.
[213] Data do período do IV Colóquio o início dos trabalhos de Laplanche e Pontalis no *Vocabulário de Psicanálise*, publicado em 1967, no qual se encontra uma referência a Politzer no verbete "conteúdo manifesto".
[214] LAPLANCHE e LECLAIRE, 1969, p. 112.

> sonho é elaborado sob a forma dos pensamentos inconscientes (...) a esse realismo da significação, Politzer opõe uma teoria da imanência do sentido que, se não empresta seus elementos da doutrina fenomenológica, poderia perfeitamente ser reivindicada por ela.[215]

O comentário acima pode ser depreendido do item I do Capítulo III "O arcabouço teórico da psicanálise e as sobrevivências da abstração", em que Politzer expõe o problema do conteúdo latente afirmando que "Freud não soube libertar-se dos procedimentos constitutivos da psicologia clássica" e que a "distinção do conteúdo latente e do conteúdo manifesto leva-nos à hipótese do inconsciente".[216] A introdução do conceito de transposição justifica a concepção realista do inconsciente em Freud. Ocorre que tal introdução marca a escrita do Capítulo IV, *"Die Traumentstellung",* da *Interpretação dos Sonhos*.[217]

Parece-me importante articular a leitura que Laplanche fez de Politzer às posições de Maurice Merleau-Ponty sobre Freud, especificamente encontradas no Capítulo III, "A ordem física, a ordem vital, a ordem humana", da obra *A Estrutura do Comportamento* – concluída em 1938, como tese de doutoramento em filosofia, e publicada em 1942. Em apenas um parágrafo de três páginas, Merleau-Ponty interroga a narrativa em terceira pessoa que a hipótese do inconsciente introduz:

> O que é requerido pelos fatos que Freud descreve sob o nome de recalque, de complexo, de regressão ou de resistência, é somente a possibilidade de uma vida de consciência fragmentada que não possui em todos os seus momentos uma

---

[215] LAPLANCHE e LECLAIRE, 1969, p. 114. Há uma intervenção de Lacan no Colóquio que deu o tom aos debates que se seguiram. Parece-me relevante obervar que a posição de Lacan difere frontalmente de seus alunos [meus dois L, como irá se referir no Prefácio à tese de Anika Lemaire]: "Num Colóquio como este, a propósito da técnica e cada um dos filósofos, dos psiquiatras e dos psicanalistas, o comentário não pode se ajustar no nível da verdade em que se atém os textos de Freud. Sobre o inconsciente da experiência freudiana é preciso ir ao fato. O inconsciente é um conceito forjado sobre o rastro daquilo que opera para constituir um sujeito; não é uma espécie na realidade psíquica, definindo o círculo do que não tem atributo (nem virtude) da consciência " (p.188).

[216] POLITZER, 1998, p. 106.

[217] A Edição Standard Brasileira traduziu como "A distorção nos sonhos", oscilando com deformação. No *Seminário 5 – As Formações do Inconsciente*, Lacan opta por *transposition*, situando seus comentários sobre o sonho da bela açougueira. Na Nova Edição da tradução de Meyerson (FREUD, 1993) aparece o conceito *déformation* e não *transposition* como citado no texto de Politzer. No *Vocabulário da Psicanálise*, Laplanche e Pontalis afirmam que na edição francesa da *Traumdeutung*, a palavra alemã *Entstellung* foi traduzida por *transposition*. Os autores rejeitaram essa opção por acharem o termo "muito fraco" e sugeriram em seu lugar *déformation*, por ser mais apropriado ao conjunto da argumentação de Freud. Esse é um indicativo importante para compreender a Nova Edição revista por Denise Berger. Na verdade, o trabalho de revisão que Berger realizou da tradução de Meyerson (utilizada por Politzer) consistiu numa adaptação do texto à padronização, uniformizante, que o *Vocabulário* de Laplanche e Pontais impôs à psicanálise francesa a partir da década de 1960. Vide as Notas de Revisão Técnica (43 e 44) que incluí na tradução brasileira do ensaio de Politzer.

> significação única (...) O sujeito vive então à maneira das crianças que se guiam pelo sentimento imediato do permitido e do proibido, sem buscar o sentido das proibições. A pretensa inconsciência do complexo se reduz à ambivalência da consciência imediata.[218]

Outra via de interpretação do ensaio de Politzer pode ser encontrada no artigo "Freud e Lacan", escrito por Louis Althusser e publicado na revista *La Nouvelle Critique* em dezembro de 1964. Na parte III do artigo, Althusser resgatou a importância da Lingüística no retorno a Freud empreendido por Lacan e considerou que a

> teoria psicanalítica pode dar-nos, assim, aquilo que faz de toda ciência não uma pura especulação; mas uma ciência: a definição da essência formal de seu objeto, condições de possibilidade de toda aplicação prática, técnica, aos seus objetos concretos. Graças a isso, a teoria psicanalítica escapa às antinomias idealistas clássicas formuladas, por exemplo, por Politzer, quando esse autor, exigindo da psicanálise (cujo alcance teórico revolucionário ele foi o primeiro a captar, na França) que ela fosse uma ciência do 'concreto', verdadeira 'psicologia concreta', censurava nela suas abstrações: o inconsciente, o complexo de Édipo, o complexo de castração, etc.[219]

Importante observar que Politzer reivindicava a necessidade de uma ciência do concreto e estabeleceu três condições para sua existência:

> *a psicologia deve ser uma ciência a posteriori, quer dizer, o estudo adequado de um grupo de fatos; 2) deve ser original, isto é, estudar fatos irredutíveis aos objetos das outras ciências; 3) deve ser objetiva, em outros termos, deve definir o fato e o método psicológicos, de tal forma que sejam, de direito, universalmente acessíveis e verificáveis*.[220]

Essas condições estabelecidas revelam o contexto do projeto de Politzer: o neokantismo da década de 1920. Também indica critérios de cientificidade para além da tradição positivista, hegemônica naquele período. Para o autor, tratava-se de apostar na morte da psicologia clássica, de tradição experimental, e ao mesmo tempo vislumbrar as

[218] MERLEAU-PONTY, 1975, p. 213.
[219] ALTHUSSER, 1985, p. 68.
[220] POLITZER, 1998, p. 182 (itálico do autor).

possibilidades de uma psicologia que pudesse enunciar um discurso sobre a dimensão dramática da condição humana.

Como indiquei, Politzer publicou sua *Crítica dos fundamentos da Psicologia* com a sólida intenção de estabelecer as premissas necessárias para a construção da psicologia concreta. Seu projeto estava ancorado, por um lado, na crítica à teoria do inconsciente delineada por Freud na *Traumdeutung* de 1900 – que teria substancializado o inconsciente, subtraindo assim a dimensão de ato que estaria contida em suas expressões; e, por outro lado, na ruptura que Freud realizara no campo da psicologia clássica – justamente ao conceber o sonho, os atos falhos, os chistes e os sintomas, como expressões de desejos recalcados.

Os outros tomos anunciados[221] para compor o projeto não foram escritos. Roudinesco discutiu o argumento, muito difundido na época, de que Politzer teria abandonado suas pesquisas "por ordem do partido", afirmando que a sua entrada nas fileiras do PCF assemelha-se a uma conversão religiosa.

As discussões que ocorriam na Rússia sobre a psicanálise não estavam na pauta das reuniões do PCF e os motivos do abandono do projeto foram analisados por Roudinesco pela condição judaica de Politzer, ou seja, a autora deitou Politzer no divã e procurou os significantes de suas denegações da teoria freudiana. Sua conclusão é a seguinte: Politzer renegou a psicanálise com tanto fervor quanto a havia defendido. "Fez ainda mais: põe-se a admirar Stalin como jamais admirara Freud. Além disso, encontrou no marxismo uma doutrina que lhe parecia mais sólida do que o freudismo, perante o qual sempre guardara uma distância crítica".[222]

Para finalizar, parece-me importante destacar a posição de dois importantes pensadores russos, Bakhtin e Vigotski, sobre Freud e a psicanálise, e assim indicar o cenário do problema

[221] No "preâmbulo", Politzer assumiu seu escrito como exercício de uma reflexão pessoal e ponto de partida para erradicar da psicologia o mito da interioridade que consistia em designar fatos psicológicos como "coisas". Esse ponto de partida pode ser lido como uma chave importante para compreender a radicalidade do projeto politzeriano: excluir da psicologia qualquer referência à vida interior. Daí ser possível sustentar que a concepção do inconsciente como substância foi o ponto central da crítica de Politzer a Freud. Politzer ousou ao ler a novidade que Freud instaurou fora daquilo que estava tornando-se estandardizado pela Associação Psicanalítica Internacional.

[222] ROUDINESCO, 1988, p. 78.

da relação entre o marxismo russo e o freudismo. Desse modo, é possível ampliar a análise para o contexto histórico-filosófico em que o projeto de Politzer se inscrevia.[223]

Valentin Voloshinov / Mikhail Bakhtin publicou em 1927, *Freydizm: kriticeskÿ ocerk* (*Freudismo: um esboço crítico*). Paulo Bezerra, tradutor do livro no Brasil, destacou que a publicação coincide com a época de maior radicalização ideológica na história da ciência. Todos os campos de conhecimentos produzidos na modernidade foram amplamente criticados a partir da concepção marxista de ideologia. O materialismo histórico formulado por Marx e Engels foi a démarche para a crítica das teorias psicológicas em vigor na Europa Ocidental. A obra de Freud e o campo da psicanálise também serviram como ponto central para tais críticas.

É bem verdade que Voloshinov / Bakhtin[224] visou muito mais ao freudismo do que ao próprio Freud. Logo no início, admitiu o sucesso da psicanálise e interrogou o motivo de tal acontecimento histórico:

> El psicoanálisis logro el êxito em amplios círculos de la *intelligentsia* europea incluso antes de la Primeira Guerra Mundial. Después de la guerra, y sobre todo em años recientes [a fines de la década de 1920], su influencia há alcanzado dimensiones extraordinárias em todos los países de Europa y en los Estados Unidos. (...) Ni siquiera otras tendencias de moda en el pasado (como el bergsonismo y el nietzscheanismo) llegaron a la altura de este êxito, ni reunieron um cuerpo tan grande de partidarios y 'personas interesadas' como el freudismo. (...) Por lo tanto, *quien quiera sondear la fisonomia espiritual de la Europa moderna no puede eludir al psicoanálisis, que se há convertido en un rasgo demasiado notable e indeleble de los tiempos modernos*.[225]

---

[223] Agradeço à Profa. Ana Luísa Smolka pelas indicações do contexto temático da relação de Vigotski com a psicanálise freudiana; e à Profa. Regina Maria de Souza, a indicação de leitura do texto de Bakhtin que chamou minha atenção para a contemporaneidade entre as posições de Politzer e as críticas desses autores ao freudismo.

[224] Há uma tradução para o espanhol de Jorge Piatigorsky que se pautou na edição inglesa de 1976: *Freudianismo: a critical sketch*. Nessa edição, há um "Prefácio" de James Wertsch e "Introdução" de I. R. Titunik, tradutor para o inglês, que analisam as coordenadas históricas e temáticas do livro. Sobre a duplicidade do nome próprio do autor do escrito (Voloshinov / Bakhtin), Titunik interroga um certo consenso hegemônico que admite atribuir a Bakhtin a autoria do texto. O tradutor inglês prefere manter o nome de Voloshinov como autor, e para tanto, apresentou o equívoco histórico que pretendeu sistematizar o pensamento de Bakhtin num esquema retrospectivo. Para ele, o estilo de Voloshinov é inconfundível com o de Bakhtin: o primeiro é marcado pelo humor, o sarcasmo e os procedimentos polêmicos; aspectos totalmente ausentes no segundo, além de uma leitura do marxismo bem diferente entre ambos. Aqui encontramos um bom exemplo para analisar a função autor proposta por Michel Foucault.

[225] VOLOSHINOV, 1999, p. 48 (itálicos do autor). Em nota, o autor registrou a difusão do movimento freudiano através da Associação Internacional, destacando que no VIII Congresso de Psicanálise, realizado em 1924, estiveram presentes representantes de várias regiões: Viena, Budapeste, Berlim, Holanda, Zurich, Londres, Nova York, Calcutá e Moscou.

Como afirmei, é preciso distinguir a crítica de Voloshinov / Bakhtin ao freudismo do reconhecimento que atribui ao próprio Freud. Há no texto, níveis diferenciados de crítica que procuram amarrar e definir "o motivo (tema) ideológico central (básico) do freudismo". Por exemplo, o argumento da parte III, que concebe o freudismo como variante da psicologia subjetiva (abstrata), é exatamente o mesmo apresentado por Politzer em 1928. No entanto, a maneira como cada um irá construir a crítica é bem distinta. Voloshinov / Bakhtin está olhando a extensão da psicanálise em solo europeu através da construção doutrinária constituída pelo freudismo e o modo como tal construção responde aos interesses ideológicos da classe burguesa. Politzer, por sua vez, fez sua leitura de Freud sem tocar no tema do freudismo.[226]

Ao destacar a novidade de Freud, Voloshinov / Bakhtin enfatizou o mesmo aspecto que apontei em Politzer:

> En el primer contacto con la doctrina de Freud, lo que inmediatamente nos sorprende y subsiste como la impresión final y más fuerte de toda la construcción es, por supuesto, *la lucha, el caos, el antagonismo* de nuestra vida psíquica, rasgos éstos que recorren de modo destacado la totalidad de la concepción freudiana, y a los que el próprio Freud se refiere como 'la dinámica' de la psique.[227]

No que diz respeito a Vigotski, seu artigo "A psique, a consciência, o inconsciente", publicado pela primeira vez em 1930 na compilação *Elementos de Psicologia Geral*, é uma referência para demonstrar suas posições sobre Freud. As três palavras utilizadas como título do artigo indicam sua perspectiva em interrogar os fundamentos da psicologia através da definição do objeto de investigação: são questões relativas aos princípios de estruturação da

[226] Paul-Laurent ASSOUN (1991, p.16) traçou a genealogia do freudismo a partir de suas figuras históricas, estabelecendo uma arqueologia da psicanálise. Reconheceu que foi a crítica marxista soviética, especialmente nos anos vinte, que contribuiu para divulgar o termo freudismo. Um dos seus textos mais representativos foi o ensaio de Mikhail Bakhtin publicado em 1927. O objetivo de tal ensaio era combater as tentativas de conciliar ou reconciliar o freudismo com o marxismo. No que se refere ao cenário francês, Assoun destaca o escrito do Dr. J. Laumonier, publicado em 1925 com o seguinte título*: Le Freudismo –Exposé et Critique*. Vejam-se também os argumentos de Assoun em "Os fundamentos epistemológicos do freudismo" *In: Introdução à Epistemologia Freudiana* (1983).

[227] VOLOSHINOV, 1999, p. 143. Como veremos, esse mesmo aspecto da novidade de Freud pode ser encontrado na leitura que Vigotski realizou de Freud.

própria ciência psicológica. Vigotski inicia sua argumentação concordando com posição de Höffding de que

> a introdução em psicologia do conceito de inconsciente tem um significado análogo ao da introdução do conceito de energia potencial em física. É somente a partir da introdução desse conceito que a psicologia se torna possível em todo seu sentido como ciência independente, capaz de unir e coordenar os fatos da experiência em um determinado sistema subordinado a regularidades concretas.[228]

Para constituir a psicanálise, Freud precisou romper a identidade entre consciência e psique, estabelecendo um conjunto de fenômenos que qualificou de fenômenos de natureza inconsciente. Desse modo, o inconsciente foi designado como processo primário que rege o funcionamento psíquico e a consciência como manifestação secundária. Vigotski reconheceu nesse ato de Freud um problema filosófico de grande alcance, uma vez que, em última instância, estabeleceu uma ruptura com a tradição da filosofia moderna de Descartes a Kant. No entanto, Freud teria mantido os pressupostos da psicologia idealista ao pretender "explicar os fenômenos psíquicos a partir deles mesmos". Se Freud buscou um aporte no materialismo para sua teoria da pulsão sexual, isso "o conduziu para um beco sem saída, do qual há outra forma de sair a não ser renunciando ao fundamento filosófico da velha psicologia".[229]

O impasse de Freud entre a renúncia à psicologia idealista e a escolha de um materialismo organicista foi apontado por Vigotski como um problema sem solução, visto que o próprio problema é um eqüívoco: explicar os fenômenos psíquicos através deles mesmos. É assim que o autor apresenta a psicologia dialética como a superação da psicologia materialista, de caráter fisiológico e a psicologia idealista, que identificava o psíquico com a consciência. "A psicologia dialética parte, antes de mais nada, da unidade [sintética] dos processos psíquicos e fisiológicos". Tal unidade se afirma pelo pressuposto de que a psique

> é uma parte da própria natureza, ligada diretamente às funções da matéria altamente organizada de nosso cérebro. Assim como o resto da natureza, não foi criada, mas surgiu num processo de desenvolvimento. Suas formas embrionárias estão presentes desde o princípio: na própria célula viva mantêm-se as propriedades de mudar sob influência de ações externas e de reagir a elas (...) não deve ser considerada como uma série de processos especiais que existem em algum lugar na qualidade de complementos acima e separados dos cerebrais, mas como expressão subjetiva

[228] VIGOTSKI, 1999, p.139.
[229] VIGOTSKI, 1999, p.143.

> desses mesmos processos, como uma faceta especial, uma característica qualitativa especial das funções superiores do cérebro.[230]

É com esse pressuposto que o autor faz sua leitura das obras de Freud, especificamente: *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), *As Conferências Introdutórias à Psicanálise* (1917), *Mais além do princípio do prazer* (1920) e *O Ego e o Id* (1923). E assim, Vigotski fez rebater sobre Freud as lacunas que ele próprio teria reconhecido em sua teoria do insconciente:

> Freud afirma estar disposto a renunciar à hipótese de sua existência [do inconsciente] somente se alguém for capaz de descrever esses fatos [sintomas obsessivos] com maior rigor científico; até lá continuará insistindo nessa tese e encolhe os ombros surpreso, renunciando a compreender, quando lhe replicavam que no presente caso [de uma paciente obsessiva] o inconsciente não oferece uma explicação realmente científica.[231]

Retomando o pressuposto da unidade sintética que fundamenta a psicologia dialética, o autor concluiu que ela é a única possibilidade de a psicologia ser de fato uma ciência, porque admite que o "inconsciente é potencialmente consciente". Por isso, não vê incompatibilidade entre inconsciente e consciência. Para ele, o inconsciente é, por um lado, um procedimento de descrição dos atos e, por outro, algo real, que gera atos diretamente.

Se relacionarmos esse artigo citado com outro, "O significado histórico da crise em psicologia: uma investigação metodológica", publicado em 1927, poderemos compreender que a psicanálise, especificamente a obra de Freud, estava no centro dos debates sobre a crise da psicologia. É curioso notar como a crítica de Politzer à psicologia científica da época é muito próxima dos argumentos desses pensadores russos que também se indagavam sobre os fundamentos teóricos e metodológicos da psicologia. Na lista dos autores que utilizaram para interrogar os fundamentos da psicologia, encontram-se nomes de grande importância na história da psicanálise. Dentre eles, Binswanger, Jung, Adler. Também indica uma série de autores que liam Freud, já que suas principais obras já tinham sido traduzidas na Rússia na década de 1920. Vigotski, por exemplo, cita a tradução do livro *Das Ich und das Es* em russo (*Ia i onó*), em edição de 1924, ou seja, um ano após a publicação por Freud.

[230] VIGOTSKI, 1999, p.144.
[231] VIGOTSKI, 1999, p.144.

POLITZER, LEITOR DE FREUD: O DRAMA

Creio que um livro, se ele merece existir, pode ser apresentado sob três aspectos: 1) quando se pensa que os livros sobre o mesmo tema ou tema vizinho caem numa espécie de erro global (função polêmica do livro); 2) quando se pensa que algo de essencial foi esquecido sobre o tema (função inventiva); 3) quando considera a si como capaz de criar um novo conceito (função criadora).
Seguramente, é esse o mínimo quantitativo: um erro, um esquecimento, um conceito. Portanto, eu tomaria cada um dos meus livros e, abandonando a modéstia necessária, perguntaria a mim mesmo: 1) qual foi o erro que ele pretendeu combater? 2) qual foi o esquecimento que ele quis reparar? 3) que novo conceito ele criou?

Gilles Deleuze
Correspondência a Arnaud Villani

Os critérios estabelecidos por Deleuze para definir a existência de um livro podem ser aplicados a *Crítica dos Fundamentos da Psicologia*. Cada uma das perguntas estabelecidas pode ser respondida: "qual foi o erro que ele pretendeu combater?; qual foi o esquecimento que ele quis reparar?; que novo conceito ele criou?".

É como leitor de Freud que Politzer inaugura a possibilidade de combater o acoplamento da psicanálise ao discurso da psicologia e da psiquiatria oficial; combater a redução do relato do sonho (primeira pessoa – *je*) a um discurso em terceira pessoa (*moi*); combater a tentativa de interpretar o inconsciente como dotado de uma substância de natureza pulsional. Na mesma perspectiva, procura reparar aquilo que denominou de recuo de Freud, um passo atrás, pela insistência em remeter a psicanálise ao domínio da psicologia abstrada. Na seqüência, parece-me possível responder à terceira pergunta, designando a psicologia concreta como o novo conceito que Politzer criou. Isso equivale dizer a que ninguém antes dele teria utilizado esse conceito para nomear a possibilidade de um discurso psicológico que tivesse o drama como objeto de investigação.

Politzer considerou que a psicologia concreta é a única que poderia atender às condições de uma ciência, no pleno sentido da palavra e não na sua definição positivista:

> por ter abandonado o realismo com a atitude fundamental que ele implica, a psicologia concreta encontrou no *drama humano* um grupo de fatos que atendem às condições que acabamos de enunciar; apresenta-se, por isso mesmo, como uma verdadeira síntese da psicologia subjetiva e da psicologia objetiva. Ao escolher o *drama* por campo de estudo, não é mais uma *percepção qualquer* que é o ato constitutivo da ciência psicológica. Não é a percepção *externa*, porque seus dados não são ainda fatos psicológicos, e não é a percepção *interna*, porque seus dados *não são mais* fatos psicológicos.[232]

[232] POLITZER, 1998, p. 185 (itálico do autor). "o fato psicológico não é o *comportamento simples*, mas o *comportamento humano*, isto é, o *comportamento enquanto relacionado, por um lado, aos acontecimentos dentro dos quais se desenvolve a vida humana e, por outro lado, relacionado ao indivíduo, enquanto sujeito desta vida*. Enfim, o fato psicológico é o comportamento com *um sentido humano*" (p. 186 – itálico do autor). É importante observar que Politzer definiu o drama como campo de estudo para a psicologia concreta e isso tinha uma conseqüência decisiva: renunciar à crença [que o autor considerava mítica] na interioridade, numa vida interior seja ela denominada, *psychê*, alma, espírito, subjetividade, Eu (Ego Transcendental). Tal renúncia implicaria a morte da psicologia oficial. Também fica interditada a possibilidade de uma psicologia experimental que definiu o comportamento (*behavior)* como objeto de investigação. Nem subjetividade, nem objetividade, a proposta de Politzer era reconduzir a psicologia à dimensão dramática, à possibilidade, portanto, de conceber o humano como ato.

Como ciência do drama, a psicologia concreta renunciaria à crença ilusória na existência de uma vida interior. Isso implica aceitar como pressuposto a vida concreta,

> pois o drama implica *o homem* tomado em sua totalidade e considerado como centro de um certo número de acontecimentos que, por relacionar-se a uma primeira pessoa, têm sentido. É o *sentido* relacionado a uma primeira pessoa que distingue radicalmente o fato psicológico de todos os fatos da natureza. Enfim, a *originalidade do fato psicológico é dada pela própria existência de um plano propriamente humano e da vida dramática do indivíduo que nele se desenrola*.[233]

Que é drama? Literalmente, é um episódio comovente e patético em que o cômico se mistura com o trágico. A palavra drama designa uma composição dialogal e, portanto, define o espaço do teatro como lugar do diálogo. Nesse sentido, refere-se ao texto dramático: peça teatral. Também denota uma série de episódios complicados ou patéticos; acontecimento terrível; sinistro; catástrofe.

Pode-se encontrar essa referência ao teatro no longo artigo "Psychologie mythologique et psychologie scientifique", publicado no primeiro número da *Revue de Psychologie Concrète*:

> Cette vie humaine constitue (pour la désigner d'un terme commode dont sous ne retenons que la signification scénique) un drame. Il est incontestable que c'est dans le drame que nous place d'abord notre expérience quotidienne (...) La vision que nous avons de nous mêmes est une vision dramatique: nous nous savons avoir été l'acteur ou le témoin de telles ou telles scènes ou actions; nous nous souvenons d'avoir fait um voyage, d'avoir vu des gens se battre dans la rue, d'avoir prononcé un discours. Dramatiques sont aussi nos intentions: nous voulons nous marier, aller au cinéma, etc. Nous pensons à nous mêmes dans des termes dramatiques (...) Dramatique est aussi la compréhension que nous avons les uns des outres.[234]

Politzer advertiu seu leitor para o sentido literal da palavra: aquilo que lhe dá concreticidade, tornando-a um fato.[235] O palavra drama possui a característica de fundar um

---

[233] POLITZER, 1998, p. 187 (itálico do autor).

[234] POLITZER, 1973, p. 80. Esta aí uma referência interessante para interpretar o ato dramático de *Aimée*: golpeou com uma faca, no corredor da entrada dos artistas do Teatro Saint-Georges, a famosa atriz Huguette ex-Duflos, que representava o papel principal na peça *Tout va bien*.

[235] "Entenda-se, *de uma vez por todas*, que designamos pelo termo 'drama' um *fato* e que fazemos abstração total das ressonâncias românticas dessa palavra. Portanto, pedimos que o leitor se habitue a essa acepção simples do termo e esqueça sua significação 'emotiva'" (POLITZER, 1998, p. 43).

lugar onde o grotesco e o sublime, o terrível e o bufão, a tragédia e a comédia se inter-relacionam e se tornam indissociáveis, como duas faces de uma mesma moeda. Foi nessa perspectiva que Politzer considerou a vida dos animais falantes como dramática.[236]

Considerou ainda que, o termo vida designa um fato biológico e, ao mesmo tempo, a vida propriamente humana, *a vida dramática do homem*. Essa vida dramática apresenta todas as características possíveis de serem estudadas pela psicologia concreta. Mesmo que não existisse psicologia, é em nome dessa possibilidade que ela deveria ser inventada. Isso nos leva à constatação de que antes de sua aspiração científica, a psicologia estava presente na literatura e no teatro, lugar onde o tema da dramaticidade da vida se constitui. Os seres humanos vivem suas experiências dramáticas nesse imenso teatro do mundo.[237]

Outro aspecto que merece destaque: o interesse de Politzer por Freud diz respeito a sua condição, de "instaurador de discursividade". É como inventor, criador da psicanálise, que Freud é lido por Politzer e desse modo, lançou um olhar de desprezo às diferentes leituras que foram realizadas de sua obra. O freudismo é recusado como movimento pois implicava um afastamento sistemático da novidade que a obra de Freud teria instaurado na história da cultura ocidental.

Desse modo, Politzer destacou a novidade da obra de Freud como antídoto contra o freudismo. Um exemplo disso pode ser encontrado na "Introdução" de sua *Crítica*:

> não é difícil perceber que essa imagem [da psicanálise como *Vorstellung*], agora clássica, que os adeptos dão à psicanálise, vai diretamente no sentido dos desejos da

[236] O poeta e escritor Vítor Hugo considerou o drama como a característica própria da terceira época da poesia e da literatura de seu tempo. *Apud*: *Dictionnaire alphabétique et analogique de La Langue Française, Le Petit Robert*, p. 577.

[237] "As reflexões sobre essa vida dramática só conseguiram encontrar lugar na literatura e no teatro, e embora a psicologia clássica afirme a necessidade de estudar os 'documentos literários', *nunca houve, de fato, verdadeira utilização*, independente dos objetivos abstrados da psicologia. Assim, em vez de poder transmitir à psicologia o tema concreto que se tinha refugiado nela, é a literatura que acabou por sofrer influência da falsa psicologia: os beletristas viram-se obrigados, em sua ingenuidade e ignorância, a levar a sério a 'ciência' da alma" (POLITZER, 1998, p. 43 itálico meu). Aliás, esse é um tema recorrente na história da cultura ocidental. Traçando uma genealogia pode-se remetê-lo às tragédias gregas do período clássico aos textos do século XVI (na filosofia, Erasmo e Montaigne; no teatro, Shakespeare, Racine e Calderón de La Barca, por exemplo). Parece-me que Lacan levou a sério a advertência de Politzer ao utilizar os romances de sua paciente como materia prima para composição e apresentação do caso clínico.

159 POLITZER, 1998, p. 77 (itálico do autor).

> psicologia clássica, ajudando-a a restabelecer seu equilíbrio após o abalo recebido da psicanálise. Pois, atribuindo a Freud só os méritos de Colombo [do inconsciente] e de Copérnico [da psicologia], a psicanálise passa simplesmente a ser um progresso dentro da psicologia clássica; uma simples inversão dos valores da antiga psicologia, inversão só da ordem hierárquica dos seus valores; (...) Na verdade, não há *evolução*, mas uma revolução um pouco mais 'coperniciana' do que se imagina: longe de ser *um enriquecimento* da psicologia clássica, a psicanálise é a demonstração de sua *derrota*. Constitui a primeira fase da ruptura com o ideal tradicional da psicologia, com suas ocupações e suas forças inspiradoras (...)[238]

Politzer, como podemos ler, demonstrou em que a psicanálise desmonta e derrota a psicologia clássica (subjetiva/abstrata). É bem verdade que também demonstrou em que ponto exatamente Freud manteve-se prisioneiro dessa mesma psicologia que, de fato e de direito, derrotou. Convém perguntar: o que pretendia Politzer com sua leitura da *Traumdeutung*? No final da "Introdução", encontramos a seguinte resposta:

> Nosso esforço será, por um lado, libertar a psicanálise dos preconceitos comuns a partidários e adversários e procurar sua *verdadeira inspiração*, opondo-a constantemente aos procedimentos constitutivos da psicologia clássica, da qual implica a negação. Por outro lado, e em nome dessa inspiração, analisaremos as construções teóricas de Freud, o que nos permitirá, concomitantemente, captar os procedimentos clássicos ao natural. Dessa maneira, não só obteremos uma visão nítida da incompatibilidade de que acabamos de falar, mas indicações importantes sobre a psicologia futura. E pelo fato de que a análise deve ser precisa e deve captar a maneira como se elabora e constrói a psicanálise, achamos que seria melhor estudar a teoria do sonho. Pois o próprio Freud diz: 'A psicanálise baseia-se na teoria do sonho; a teoria psicanalítica do sonho representa a parte mais acabada dessa jovem ciência.' Por outro lado, é na *Traumdeutung* que melhor aparece o sentido da psicanálise e são mostrados com um cuidado e uma clareza extraordinários seus procedimentos constitutivos.[239]

Qual a *verdadeira inspiração* que Politzer reconheceu na psicanálise? A resposta encontra-se formulada no decorrer do "Primeiro Capítulo", no qual demonstrou "As descobertas psicológicas na psicanálise e a orientação para o concreto". Para tanto, comparou a prática do psicanalista com a atividade experimental do físico:

> O físico tem prestígio diante do público porque seu saber eficaz o faz aparecer como o legítimo sucessor do mágico que, aliás, só aparece ao lado dele como precursor

[238] POLITZER, 1998, p. 50 (itálico do autor).
[239] POLITZER, 1998, p. 51 (itálicos do autor).

> tímido. E o psicanalista adquire prestígio junto ao público por razões análogas. Pois ele aparece como o legítimo sucessor dos oniromantes, dos que lêem pensamentos e das pitonisas que, em comparação com ele, não passam de comediantes. E a possibilidade de comparar o físico e o psicanalista marca, na história da psicologia, uma etapa mais "positiva" que o emprego de todos os aparelhos que migraram dos laboratórios de fisiologia para os dos psicólogos. Assim como no caso do físico, a eficácia prática do *saber* do psicanalista é reveladora do fato de que estamos em presença de *verdadeiras descobertas*. A descoberta do sentido dos sonhos é uma delas, quero dizer, a descoberta do sentido concreto e individual do sonho. A descoberta do complexo de Édipo, tão desabonada pelos adversários de Freud é outra (...) Por certo as descobertas da psicanálise só traduzem em fórmulas científicas certo número de observações que podem ser encontradas nos escritores de todo gênero e de todos os tempos.[240]

Como mencionei, Politzer considerou que a psicologia verdadeira refugiou-se na literatura e no drama; teve de viver à margem da psicologia oficial, inclusive fora dela, como a física experimental teve de viver, inicialmente, à margem da física especulativa. No artigo "Psychologie mythologique et psychologie scientifique" encontram-se os elementos que definem Politzer como o fundador, instaurador, da psicologia concreta:

> La psychologie concrète n'est donc pas une psychologie, mais la psychologie, avec toute l'intransigeance et toute l'intolérance qu'implique une pareille affirmation. Nous dison donc: 1º) La psychologie est la science qui a pour objet cet ensemble de faits originaux que nous appelons le drame. Les faits psychologiques sont les segments du drame: le fait psychologique le plus élémentaire doit ètre encore un segment du drame; 2º) Nous appelons mythologique cette forme de la psychologie qui transpose le drame en processus mentaux à l'aide du réalisme, de l'abstraction et du formalisme, et, dùne façon générale, toute psychologie où ces démarche sont présentes en quelque manière que cela soit; 3°) Nous appelons préscientifique toute forme de la psychologie qui ne tire pas le plan de ses recherches et l'ensemble de ses problèmes, de l'analyse effective du drame et dont les affirmations n'atteignent pas les faits dramatiques dans la précision qui leur est propre; 4º) Nous appelons métapsychologie l'ensemble des recherches et théories délimitées par les définitions 2 e 3. [241]

Estava convencido de que a psicologia concreta representava a verdadeira síntese entre a psicologia subjetiva e a psicologia objetiva. Isso porque a realidade do fato psicológico, sua

[240] POLITZER, 1998, pp. 54-55 (itálicos do autor).

[241] POLITZER, 1973, pp. 119-120. No artigo *"Où va la psychologie concrète?"* publicado no número 2 da *Reveu*, em julho de 1929, Politzer afirmou: "En introduisant l'expression 'psychologie concrète' nous voulions simplement inscrire en tête du programme de la psychologie la nécessité la plus urgente: celle de s'occuper des réalités (...) Seulement la psychologie concrète précise la volonté en question sur le point le plus important et lui indique le moyen de sa réalisation" (p. 145).

dimensão dramática, estaria livre de qualquer auréola da metafísica: recusou assim qualquer concepção essencialista. O fato psicológico, dramático, nos livraria de um recuo à interioridade e nos liberaria um acesso à dimensão concreta da existência humana. Por isso mesmo, a psicologia deixaria de ser uma ciência da vida interior. Aqui se encontra a verdadeira tese de Politzer: *a psicologia concreta é* uma *psicologia sem vida interior*. A psicanálise deu o primeiro passo, era preciso realizar a passagem para o estudo do homem concreto.

> A psicologia concreta sistematiza a grande tradição concreta que alimentou sempre a literatura, a arte dramática e a ciência dos sábios, no sentido pleno da palavra. Mas a psicologia concreta oferece, ainda que tendo o mesmo objeto, oferece mais que o teatro e a literatura: oferece *a ciência*. (...) A psicanálise é um começo e é preciso continuar. A psicologia nunca poderá voltar ao realismo e à abstração: o problema está lançado num terreno completamente novo (...) a *metapsicologia* morreu, começa a história da *psicologia*.[242]

O tema da construção de um objeto de estudo para a psicologia serviu a Politzer na elaboração da crítica à montagem histórica das teorias psíquicas. Sua intenção é formulada pela discussão do método utilizado por Freud na *Traumdeutung*: apontando as limitações das atitudes naturalistas do fundador da psicanálise. Embora Freud tenha revolucionado o campo psicológico com seu método de interpretação de sonhos, Politzer destacou o contexto filosófico da elaboração da teoria do inconsciente, afirmando que o mesmo manteve-se prisioneiro de sua formação positivista recebida na Universidade de Viena. A oposição de Politzer consiste em dar o salto em direção à concreticidade da vida humana, assumindo o drama como eixo norteador para estudos sobre a dimensão psíquica dos animais falantes.

A aposta de Politzer na psicologia concreta é radical: sustentada em sua leitura da *Traumdeutung*, retorna a Freud como ato fundador. Na esteira do movimento surrealista francês, remete a psicologia ao campo literário como a única possibilidade de ruptura com a

[242] POLITZER, 1998, p. 194 (itálicos do autor). Na edição portuguesa, a última frase foi traduzida do seguinte modo: "Numa palavra, apesar da imprecisão das nossas fórmulas técnicas e da ressonância desagradável das fórmulas deste gênero, a *metapsicologia* venceu e a história da psicologia começa" Eis um grosseiro exemplo de tradução: Politzer anunciou a morte da metapsicologia, o tradutor a ressuscitou.

tradição clássica, que cada vez mais se afastava da condição dramática, por não dizer trágica, da existência humana.

O surrealismo abriu possibilidades de leitura da obra de Freud para além dos cânones da psiquiatria científica da época. As posições políticas dos militantes do movimento na década de 1920 serviram para interpretar a descoberta de Freud como constitutiva da tradição poética. As referências de Freud aos autores clássicos da literatura foram resgatadas pelos surrealistas como argumentos de crítica e oposição aos psiquiatras que buscavam encastelar a originalidade do inconsciente freudiano no campo epistêmico das ciências naturais.

É nesse contexto que os argumentos de Politzer ganham relevância para compreender sua posição na introdução da psicanálise na França. Limitando-se ao drama como objeto de estudo da psicologia concreta, pode-se reconhecer o que exatamente Politzer leu na escrita de Freud.

Politzer retomou a significação dada ao sonho por Freud, inserindo-o em outro contexto de leitura. Como podemos observar na seguinte afirmação:

> Se o sonho é a realização de um desejo, não é senão uma modulação do 'eu' que o tem e que, conseqüentemente, está sempre presente. O desejo assegura ao sonho a continuidade dessa presença do *eu*. Resumindo: pela teoria do sonho-desejo, *o sonho passa a ser um 'ato'*. Estamos aqui diante da incompatibilidade da psicologia concreta com as noções da psicologia oficial.[243]

Delineia-se aqui a concepção de ato psíquico: o psiquismo não poderá mais ser pensado como interioridade, vida interior. A aposta do autor é radical: a crença na interioridade é o dogma de fé de toda a psicologia oficial (nela incluída a psiquiatria clássica), considerada abstrata, para marcar a oposição com a psicologia concreta. É na ação efetiva da existência singular do sujeito que os atos psíquicos podem ser compreendidos. A singularidade de um ato é inscrita por sua dimensão dramática. O drama é a qualidade do ato psíquico.

A leitura que Politzer realizou de Freud, bem como sua trajetória intelectual, inspirou toda uma geração de pensadores franceses durante as décadas seguintes. As obras de Marx, Nietzsche e Freud foram lidas e comentadas pelos franceses com o propósito de interrogar as noções de sujeito e de consciência, marcos fundadores da modernidade. Sartre e Merleau-

Ponty, por exemplo, encontram em Politzer inspirações para suas críticas à psicologia científica e à psicanálise. Jacques Lacan foi também marcado pela letra politzeriana e, partindo da leitura que Politzer realizou de Freud, marcou seu movimento de retorno a Freud.

Se é verdade que a *Traumdeutung* de Freud realizou um 'corte epistemológico' na história da cultura ocidental, rompendo a identidade existente entre o psíquico e o consciente, suas posições teóricas sobre o funcionamento do aparelho psíquico mantiveram-no aprisionado às malhas da psicologia abstrata, uma vez que ele não teria conseguido, segundo Politzer, desprender-se do modelo adotado pelas ciências naturais: transformar palavra em coisa, ou seja, coisificar o que é da ordem da linguagem, substancializando assim o inconsciente.

Considero que Politzer foi quem reatualizou a novidade da "lâmina cortante da verdade", que Freud instaurou e, nesse ato inaugural de leitura da *Interpretação dos Sonhos*, apontou os elementos fundamentais que permitiram uma entrada na psicanálise fora dos cânones – na época já estandardizados – do freudismo oficial. Como leitor de Freud, Politzer resgatou o que estava encoberto, recalcado e denegado, seja pelo próprio Freud, ao tentar edificar uma metapsicologia, seja pelo freudismo que pretendeu adaptar a psicanálise ao campo da psicologia e da psiquiatria.

A *Crítica dos Fundamentos da Psicologia* é uma obra inaugural por ter realizado um trabalho arqueológico da psicanálise e uma genealogia da novidade que a obra de Freud instaurou em sua discursividade inventiva. Pois, como afirmou Foucault, a reatualização é a reinserção de um discurso em um domínio de generalização, de aplicação ou de transformação que é novo para ele. O "livrinho" de Politzer, como carinhosamente Lacan o chamou no *Seminário 17*, foi um precioso instrumento para realizar o retorno a Freud. Se, ainda Foucault, "para que haja retorno, de fato, é preciso inicialmente que tenha havido esquecimento, não esquecimento acidental, não encobrimento por alguma incompreensão, mas esquecimento essencial e constitutivo", então podemos considerar a *Crítica* "o ferrolho e a chave" que permitiram reinstaurar o ato fundador.

Por isso o retorno a Freud não representa somente a restauração de um significado esquecido. Se retorno se dirige ao texto propriamente dito não é para dizer o que está lá e

[243] POLITZER, 1998, p. 77 (itálico do autor).

ninguém viu, mas sobretudo para marcar o espaço vazio, lacunar, presença de uma ausência: "Retorna-se a um certo vazio que o esquecimento evitou ou mascarou, que redescobriu como uma falsa ou má plenitude e o retorno deve redescobrir essa lacuna e essa falta: daí o perpétuo jogo que caracteriza esses retornos à instauração discursiva". [244] Daí resulta que o reexame dos textos de Freud modifica a psicanálise.

[244] FOUCAULT, 2001, pp. 284-285.

O DRAMA DA *AIMÉE* DE JACQUES LACAN

É à admirável tese de J. Lacan que devemos, pela primeira vez, uma idéia homogênea do fenômeno da paranóia, fora das misérias mecanicistas onde se atola a psiquiatria corrente (...) A obra de Lacan dá conta, perfeitamente, da hiperacuidade objetiva e 'comunicável' do fenômeno, graças à qual o delírio assume esse caráter tangível e impossível de se contradizer que o situa nos próprios antípodas da estereotipia do automatismo e do sonho. Longe de constituir um elemento passivo propício à interpretação e apto à intervenção como estes, o delírio paranóico já constitui em si mesmo uma forma de interpretação. É precisamente esse elemento ativo nascido da 'presença sistemática' que, para além das considerações gerais precedentes, intervém como princípio dessa contradição em que reside para mim o drama poético do surrealismo.

Salvador Dali

Esboço teórico e contexto temático

Considerando que as dedicatórias da primeira edição da tese de doutoramento em psiquiatria *Da psicose Paranóica em suas relações com a Personalidade* de Jacques Lacan constituem um testemunho importante para a história do trilhamento de seu pensamento, Jean Allouch[245] apontou o nome de Gaëtan Gatian de Clérambault como o grande ausente na lista de seus mestres. Figuras representativas da psiquiatria francesa foram apresentadas: Henri Claude, que presidiu a defesa; Georges Heuyer, com quem Lacan trabalhou no Serviço da Enfermaria especial junto à Delegacia de Polícia; Édouard Toulouse, Diretor do Instituto de Psiquiatria e Profilaxia Mental, onde trabalhou por dois anos, recebendo o título de médico legista; Dr. Vurpas, a quem atribuiu ter guiado seus primeiros passos em direção à medicina mental; dentre outros. A Henri Ey e Pierre Male, reconheceu a parceria na trajetória de seus estudos em psiquiatria.

No "Curriculum em Psiquiatria", os anos de 1928–1929 foram apontados pelo estágio que Lacan realizou na Enfermaria Especial, onde conviveu com Georges de Clérambault, o mesmo Gaëtan Gatian. No corpo da tese, o nome de Clérambault foi citado para demarcar os argumentos sobre a reação passional no mecanismo reacional da paranóia. O tema está circunscrito na Parte I "Posição Teórica e Dogmática do problema". Nela, Lacan analisou as diferentes concepções de psicogenia da psicose paranóica como desenvolvimento de uma personalidade. Classificou duas grandes escolas: a francesa e a alemã. A primeira prende-se à determinação dos fatores constitucionais; a outra se prende à determinação dos fatores reacionais.

Na Parte II da tese – na qual o caso *Aimée* é relatado – Lacan apresentou em forma de capítulo, duas questões que remetem à leitura dos clássicos da psiquiatria de seu tempo; demarcam suas posições teóricas no campo do saber psiquiátrico e sua entrada na psicanálise de Freud: “A psicose de nosso caso representa um 'processo' organo-psíquico? A psicose de nosso caso representa uma reação a um conflito vital a traumas afetivos determinados?" A

resposta é defendida em seguida: "A anomalia de estrutura e a fixação de desenvolvimento da personalidade de *Aimée* são as causas primeiras da psicose".

Retomando os argumentos anteriores, que serviram para isolar o conjunto das psicoses paranóicas do quadro dos delírios sistematizados, Lacan comentou os trabalhos sobre delírios do final do século XIX, destacando a concepção de delírio de interpretação, tal como foi estabelecida por Sérieux e Capgras na célebre monografia *Les Folies Raisonnantes*, publicada em 1906. Ambos tornaram-se referência obrigatória em todas as teses de medicina sobre os delírios de reivindicação e de perseguição, defendidas em Paris entre 1914 e 1930.[246] Sérieux e Capgras não definiram nem o delírio, nem a interpretação, mas os descreveram, calculando que a perseguição era sinal de "uma anomalia da personalidade caracterizada pela hipertrofia ou hiperestesia do eu e pelo enfraquecimento circunscrito da autocrítica".[247]

A concepção de delírio de interpretação remetia assim aos ensinamentos de Magnan e Kraepelin, criando uma unicidade na patogenia constitucional do delírio paranóico. Segundo Lacan, os dois autores "em nada distinguem seu mecanismo dos mecanismos normais da crença, da associação normal, da *cristalização passional*, da constelação afetiva, do raciocínio errôneo, das modificações da atenção sob a influência de um estado emocional, etc".[248] A noção de *cristalização passional* é fundamental para descrever o mecanismo de uma idéia fixa que se impõe ao espírito de maneira obsedante, orientando toda a atividade e exaltando-a em razão dos obstáculos encontrados. Veremos posteriormente que a montagem do caso Aimée partiu de premissas teóricas muito bem demarcadas.

Em 1929, Paul Schiff apresentou um trabalho na IX Conferência dos Psicanalistas de Língua Francesa, afirmando que a questão da paranóia, do delírio de interpretação e dos delírios de perseguição em geral, continuava na ordem do dia das preocupações psiquiátricas. O Grupo da Evolução Psiquiátrica, criado em 1925, reunindo toda uma geração em torno da revista *L' Évolution Psychiatrique*, estabeleciam oposição aos princípios clássicos da hereditariedade-degenerescência e assumiram como objeto de investigação a questão da paranóia. É nesse contexto que podemos ler as referências de Lacan a Clérambault.

---

[245] ALLOUCH, 1997, p. 555.
[246] ROUDINESCO (1989, p. 265) comentou o sucesso estrondoso da frase cunhada pelos autores: "O paranóico não se cura, desarma-se".
[247] LACAN, 1987, p. 58.

Roudinesco afirmou que "as teorias de Gilbert Ballet sobre a psicose alucinatória crônica permitiram a Gaëtan Gatian de Clérambault elaborar sua célebre doutrina do automatismo mental e fornecer, com ele, uma definição que concluiu o edifício da perseguição".[249] Advertiu para não reconhecer na doutrina do automatismo mental uma possível homenagem de Clérambault a Pierre Janet: não havia nada em comum entre os dois. O automatismo era, para Clérambault, um conjunto de sintomas psíquicos patológicos precisos e coerentes, cujo aparecimento provinha de fora da consciência e que se impunham ao espírito do sujeito como uma irrupção da natureza delirante da doença. Dessa forma, as posições de Clérambault encontraram apoio no grupo de psicanalistas que tinham a questão da paranóia no centro de seus interesses.

O fundamento organo-psíquico, tematizado por Lacan, deve ser articulado no deslocamento realizado por Clérambault ao acentuar o primado dinâmico.

> Foi nesse cadinho que a obra clínica de Jacques Lacan encontrou sua primeira fonte, no cerne de um panorama delimitado pelo automatismo de Gaëtan Gatian de Clérambault, pela fenomenologia de Eugène Minkowski e pelos conceitos pichonianos. A isso vieram somar-se a experiência surrealista e a prática kojeviana do hegelianismo (...) Lacan descobriu a obra de Freud e chegou à psicanálise pelo caminho da psiquiatria, sobretudo pelo da paranóia, no exato momento em que os psicanalistas franceses retomavam, com Claude, de um lado, e com Minkowski, do outro, o estudo da esquizofrenia.[250]

Mais do que o suporte teórico, Lacan aprendeu com Clérambault a observar os loucos. Tal aprendizado foi designado por Roudinesco *prática ética do olhar*: um olhar convicto da grande proximidade entre loucura e verdade, e compartilhado com a leitura surrealista dos textos de Freud. Essa ética do olhar deixou marcas profundas no trabalho clínico de Lacan, de tal forma que ao reunir seus *Escritos* para publicação em 1966, redige um texto apontando

---

[248] LACAN, 1987, p. 56 (itálico do autor).

[249] A leitura que Roudinesco fez dessa relação é marcada pelos procedimentos de tratamento dos doentes mentais. Para ela, Clérambault "pertence a uma categoria de alienistas que se atribuem como missão o encerramento dos loucos, numa época em que se procura primeiramente tratá-los. Representa esplendidamente a função repressora do aparelho de Estado" (1988, p. 124).

[250] ROUDINESCO, 1989, p. 396. Em seu *Esboço* de Lacan, Roudinesco indicou sua aproximação do movimento surrealista datado pela publicação, em julho de 1930, do primeiro número de *Surréalisme au Service de la Révolution,* em especial pela leitura do artigo de Salvador Dali, “L’âne pourri”, no qual aparecia pela primeira

seus antecedentes. Nele, o nome do Monsieur de Clérambault – como era conhecido pelos jovens psiquiatras de então – aparece tributado como precursor de sua entrada na psicanálise.

Lacan apontou sua tese de doutoramento em psiquiatria como um marco histórico no conhecimento paranóico, dizendo que seguiu as pegadas de Clérambault, seu único mestre em psiquiatria. A noção de automatismo mental, interpretada por Lacan como metáfora mecanicista, serviu para construir uma análise estrutural: "Clérambault realiza, por seu ser do olhar, por suas parcialidades de pensamento, como que uma recorrência do que recentemente nos descreveram na figura datada do *Nascimento da Clínica*".[251]

De um lado, é apontado o referencial clínico que Lacan reconheceu presente no trabalho realizado com Clérambault; de outro, no plano teórico, Kraepelin é citado como formador das posições do mestre. Desse modo, os nomes de Clérambault e Kraepelin foram apontados como os antecedentes de Lacan aos postulados da psicanálise. Isso implica reconhecer que a entrada de Lacan no campo da psicanálise se deu pela questão da paranóia e, nesse sentido, está inserido no movimento próprio de seu tempo. Conforme observou Roudinesco:

> O ano de 1931 foi portanto uma época de transição para Lacan. Ele começou a efetuar uma síntese, a partir da paranóia, de três domínios do saber: a clínica psiquiátrica, a doutrina freudiana e o segundo surrealismo. Essa síntese, que se apoiava sobre um notável conhecimento de filosofia – Spinoza, Jaspers, Nietzsche, Husserl e Bergson, em particular – lhe permitirá elaborar a tese de medicina, que será sua grande obra da juventude.[252]

No prefácio do *Nascimento da Clínica*, Foucault afirmou que seu propósito é "determinar as condições de possibilidade da experiência médica, tal como a época moderna a conheceu", e na qual a relação do significante com o significado se redistribui em todos os níveis: "entre os sintomas que significam e a doença que é significada, entre a descrição e o que é descrito, entre o acontecimento e o que ele prognostica, entre a lesão e o mal que ela

---

vez a tese original sobre a paranóia: todo delírio é uma interpretação da realidade, e toda paranóia uma atividade criadora lógica. (ROUDINESCO, 1994, p. 47).

[251] LACAN, 1998, p. 70. Curiosa essa referência ao livro de Michel Foucault, publicado em 1964. Vale destacar que essa é uma das raras ocasiões em que Lacan fez uma citação bibliográfica em nota de rodapé, conforme exigência acadêmica. Ao citar a obra de Foucault, Lacan define seu interlocutor na cena filosófica parisiense da década de 1960.

[252] ROUDINESCO, 1994, p. 48.

assinala, etc".[253] Ou seja, tal redistribuição se dá num "espaço em que se cruzam os corpos e os olhares". Entre o século XVIII e o XIX, "o que mudou foi a configuração surda em que a linguagem se apóia, a relação de situação e de postura entre o que fala e aquilo de que se fala".[254]

Nesse nível de espacialização, o patológico adquiriu um estatuto de verdade. Aquilo que se diz porta as marcas de uma determinação estrutural, reconhecida nos interstícios da referência à linguagem. Convém retomar as advertências de Foucault em *Maladie mentale et personalité*, sua primeira publicação em 1954: "a patologia mental exige métodos de análise diferentes dos da patologia orgânica, e que é somente por um artifício de linguagem que se pode emprestar o mesmo sentido às 'doenças do corpo' e às 'doenças do espírito'".[255] A personalidade foi apresentada como a realidade e a medida da doença: o elemento no qual se desenvolve a doença e o critério que permite julgá-la.

Voltando à tese de 1932, podemos reconhecer que Lacan apresenta os argumentos de Clérambault para demarcar um tipo específico de patologia, distinto da paranóia: os delírios passionais, com suas variações de delírio de reivindicação – erotomania e delírio de ciúme. A erotomania[256] serviu como tipo descritivo do quadro nosográfico dos delírios passionais e ao mesmo tempo foi útil para reconhecer seu caráter polimorfo. É essa descrição, como veremos, que torna possível articular os elementos estruturantes do caso *Aimée*. O dinamismo aqui presente permitiu estabelecer os mecanismos do delírio e, desse modo, renunciou-se à investigação das causas propriamente ditas. O ponto de inflexão deverá ser buscado na predisposição constitucional. Nessa direção, seguia o Grupo da Evolução Psiquiátrica e, daí por diante, grande parte da psiquiatria francesa.

---

[253] FOUCAULT, 1994, p. XVIII.
[254] FOUCAULT, 1994, p. IX.
[255] FOUCAULT, 1984, p. 17. Como já indiquei, publicada originalmente com o título *Maladie mentale et personalité,* recebeu uma segunda edição em 1962, com um novo título: *Maladie mentale et psychologie*. O uso que Foucault fez do conceito personalidade está muito próximo da concepção que Lacan tem desse conceito em 1932.
[256] Esse substrato da erotomania estava na pauta da psiquiatria da época e servia para designar os delírios produzidos pelo amor sensual. É interessante pensar aqui como a figura mítica de *Eros* é invocada subliminarmente para descrever um sintoma psicopatológico. Está em questão toda uma concepção histórica da loucura e mais especificamente das mulheres loucas que são arrebatadas pelos delírios do amor. Outro aspecto que podemos destacar, em se tratando de *Aimée,* é a designação grega de *páthos* que significa a qualidade no escrever, no falar, no musicar ou na representação artística que estimula o sentimento de piedade ou a tristeza; o poder de tocar o sentimento da melancolia ou o da ternura.

Lacan considera que "a constituição paranóica começa com o delírio e assume uma extensão que lhe permite englobar as manifestações psicológicas ditas de bovarismo" e faz a seguinte pergunta: "não estaria aí antes o símbolo do próprio drama da personalidade?".[257] Aceitar o bovarismo aqui indicado como símbolo de um drama implica reconhecer os elementos psicogênicos da paranóia tal como foram descritos: *a paranóia como reação de uma personalidade e como momento de seu desenvolvimento.*

O esquema teórico foi delineado para a apresentação do caso *Aimée*: o caráter, a experiência vivida e o meio, determinam seus pares, a etiologia, os sintomas e evolução. Esses três fatores correspondiam aos três termos da definição dos fenômenos da personalidade: *um desenvolvimento biográfico*, "que se traduz para o sujeito segundo os modos afetivos sob os quais ele vive sua história"; *uma concepção de si mesmo*, que "se traduz para o sujeito segundo as imagens mais ou menos 'ideais' de si mesmo que ele traz à consciência"; *uma certa tensão das relações sociais*, que "se traduz para o sujeito segundo o valor representativo pelo qual se sente afetado em relação a outrem". O primeiro termo dos fenômenos da personalidade foi caracterizado pelas relações de compreensão, considerado como o ponto de vista individual; o segundo foi articulado pelo progresso dialético, o ponto de vista estrutural; e o terceiro, pelos elos de participação ética, o ponto de vista social.[258]

O ordenamento dos fenômenos da personalidade permitiu a Lacan demarcar "as tendências concretas" que podem ser diagnosticadas nas atitudes do paranóico. Aqui se apresenta um ponto da maior importância: a noção de concreto absoluto: "Pela via dessas relações de compreensão, é o próprio individual e o estrutural que visamos atingir, tão longe quanto possa ser cingido o concreto absoluto".[259] As exigências estabelecidas por Politzer em sua *Crítica dos Fundamentos da Psicologia* parecem ser atendidas por Lacan.

A presença da letra politzeriana é cintilante na tese de Lacan: brilha por sua ausência de citação. E é justamente por isso que Lacan faz de Politzer instrumento para criação de sua tese: é no exercício da função autor que Politzer está presente. Por isso, parece-me irrelevante

[257] LACAN, 1987, p. 67. Em nota o autor considera que a "noção de bovarismo foi definida originalmente por Jules de Gaultier como 'o poder concedido ao homem de se conceber como outro que não é". Ver artigo de Jean Allouch comparando *Aimée* a Emma Bovary.
[258] LACAN, 1987, pp. 31, 91 e 319.
[259] LACAN, 1987, p. 320.

discutir a omissão da fonte. Inegavelmente, Politzer está presente. É uma presença operativa e mesmo constitutiva.

Destaco dois exemplos de comentadores que insistem no fato de Lacan não ter citado o nome de Politzer como sua fonte principal. Roudinesco afirmou que "para definir a natureza do fenômeno paranóico, Lacan propunha cinco noções: a personalidade, a psicogenia, o processo, a discordância, o paralelismo". E completa: "Sem citar o nome de Georges Politzer, inspirava-se nos trabalhos dele sobre a psicologia concreta e especialmente na *Crítica dos fundamenos da psicologia*, publicada em 1928".[260]

Simanke, por sua vez, argumenta que a obra lacaniana já está em andamento "no momento em que abraça a causa freudiana e promulga a necessidade do 'retorno a Freud'". Formado nos debates psiquiátricos que constituem um já extenso passado, "Lacan formulara todo um programa de investigação centrado numa crítica da psicologia, de inspiração largamente politzeriana". Para Simanke, o projeto de Lacan, enunciado na tese de 1932, teria como objetivo fundamentar a psicologia numa antropologia "que fosse capaz de instituir a ordem social na condição de instância de determinação da conduta e do funcionamento psíquico do indivíduo". Para ele, em última instância, Lacan buscou

> sempre encontrar uma 'antropologia antiindividualista' capaz de fundamentar uma 'psicologia concreta', ou seja, de levar a cabo a tarefa abandonada ´por Politzer e reformar a psicanálise, expurgando o que ainda devia ao cientificismo oitocentista em termos de abstracionismo psicológico e redução biologicista, em parte pela renitência do próprio Freud em renunciar a certos cânones que lhe eram caros.[261]

Para finalizar esta apresentação do contexto teórico e temático da tese de Lacan, parece-me importante registrar ainda o comentário de Catherine Clément em *Vidas e Lendas de Jacques Lacan*. Nessa obra, a autora constatou que, para fazer carreira, o psiquiatra,

---

[260] ROUDINESCO, 1994, p. 60. No volume 2 da *História da Psicanálise na França*, afirmou que Lacan levou a cabo a psicologia concreta proposta por Politzer, pois permitia a ele "analisar a personalidade inteira do sujeito, os progressos de uma consciência e os acontecimentos de uma história e a confrontação entre o drama pessoal e um meio social. Afora o empréstimo de Politzer, Lacan se apóia na descoberta freudiana ao afirmar que somente a psicanálise oferece a técnica necessária a um estudo experimental do sujeito" (ROUDINESCO, 1988, p. 129).

[261] SIMANKE, 2003, pp.277-278. GABBI JR. (1998, p. XXVIII) por sua vez, diríge sua crítica à cobrança da dívida de Lacan para com Politzer: "Lacan não deixa patente a sua dívida para com Politzer, no máximo, ele parece estar oferecendo mais uma alternativa à psicologia concreta".
Sobre a aproximação de Lacan com a antropologia estrutural de Lévi-Strauss, vide o importante trabalho de Robert GEORGIN (1988), *De Lévi-Strauss a Lacan*; em especial, a leitura que Lacan fez da introdução que LÉVI-STRAUSS (1950) escreveu à obra de Marcel Mauss

academicamente, deveria produzir estudos de casos. Lacan não foi exceção à regra: criou o caso *Aimée*. Na mesma época, Lacan escrevia para a revista *Le Minotaure* artigos com marcas indeléveis de seu estilo, do qual o academicismo estava banido. Ao mesmo tempo em que escrevia sua tese de doutorado,

> privava da companhia do poeta Paul Éluard, Reverdy, Picasso, Masson, que veio a ser seu cunhado; com Dali, que tomou emprestado da famosa tese sobre a paranóia, os fundamentos de sua 'paranóia crítica', legitimação estética do delírio. Cadinho prodigioso habitado ainda pela presença efetiva de André Breton; a revolução tornava-se cultural, os surrealistas se faziam estetas. Nesse concerto polifônico, a voz de Lacan falava de 'casos'. Contava histórias nas quais tinham em comum o fato de serem histórias de mulheres e de fazerem menção à noção do estilo.[262]

A fascinação pelo estilo delirante, inscreveu-se num terreno esquadrinhado pelos surrealistas e, depois, por Georges Bataille. No estilo delirante,

> Lacan mamava o leite do neologismo; gozava com as palavras novas, o fraseado arcaico e estereotipado, que são apanágio do delírio e que, por estranho que possa aparecer, só evocam efeitos de criação por retornarem às formas antigas. Lacan oscila, preso entre a necessidade tangível de descrever uma patologia – portanto, o não-normal, quase que o 'não-correto' – e o desejo de compreender 'o alto valor' dos escritos inspirados.[263]

Clément destacou a oscilação de Lacan entre construir um discurso que seria recebido pela psiquiatria clássica e outro que seria recebido pelos surrealistas. À Sociedade Médico-Psicológica, Lacan dizia que o pensamento delirante é curto e pobre, que em suma, nada é menos inspirado, no sentido espiritual, que esse escrito ressentido tido como inspirado. Para seus amigos surrealistas do *Minotaure*, Lacan produzia um discurso totalmente diferente. Tais escritos são, afirmava ele, portadores de uma eminente significação intencional e de uma

[262] CLÉMENT, 1983, pp. 40-41. É interessante observar que, a partir de Lacan, o conceito de caso é interrogado. A maneira com que apresentou o caso *Aimée* já demonstra um deslocamento desse conceito em psiquiatria e aponta para questões importantes sobre a escrita de caso clínico na psicanálise e na formação do psicanalista. Ver os artigos: "Notas sobre o Caso Clínico e Nome Próprio" de Maria Teresa Lemos; e "Caso, Escrita e Transmissão da Psicanálise" de Simoni Hülle, ambos na *Revista Literal 5 – Letra e Escrita na Clínica Psicanalítica*, publicação da Escola de Psicanálise de Campinas, 2002.
[263] CLÉMENT, 1983, p. 42.

comunicabilidade tensional extremamente elevada. Neles, a criação nada fica a dever à inspiração dos maiores artistas.

Se a tese de Lacan encontrou um longo silêncio na história da psiquiatria francesa – até que Lacan venha a se tornar Lacan – o mesmo não ocorreu entre os surrealistas. Foram eles que reconheceram, na construção do caso *Aimée,* o ponto de subversão – e mesmo de ruptura e descontinuidade – no campo do discurso psiquiátrico.

A construção do caso A*imée*

O caso *Aimée* é construído na parte II da tese, após Lacan ter delineado os fundamentos teóricos e as soluções históricas do problema das relações entre psicose paranóica e a personalidade. Trata-se de demonstrar um caso de psicose paranóica e sustentar a interpretação pela via da estrutura da personalidade. Lacan nos apresenta duas razões para a escolha desse caso: a primeira diz respeito a sua vivência clínica, quase cotidiana, com a paciente durante um ano e meio; a segunda, *pelo caráter demonstrativo do caso*, ou seja, ser um tipo clínico de psicose paranóica, que sendo individualizado, "oferece a chave para certos problemas nosológicos e patogênicos da paranóia e, em particular, de suas relações com a personalidade".[264]

O quadro clínico da paciente é montado a partir do atentado por ela cometido a uma das atrizes mais famosas do público parisiense na época. Munida de uma faca de caça, *Aimée* aproxima-se da atriz e pergunta se ela é ela mesma. Após ouvir a confirmação, lança-se sobre a atriz com a faca em punho e *com o olhar injetado de ódio*. Do atentado, a atriz saiu com dois tendões da mão seccionados por tentar se defender. Dominada pelos presentes, *Aimée* é conduzida à Delegacia. Convocada a explicar seu ato, responde que há muitos anos a atriz vem fazendo “escândalos” contra ela. Zomba dela, ameaça-a. Está associada, em suas

[264] LACAN, 1987, p. 147.

perseguições, a um acadêmico, célebre homem de letras, denominado como P. B. Este teria revelado a vida privada da perseguida "em inúmeras passagens de seus livros".[265]

Após ficar dois meses na prisão, foi transferida para a clínica do Asilo de Sainte-Anne.[266] O relatório de perícia médico-legal do Dr. Truelle faz constar que a paciente "sofre de delírio sistematizado de perseguição à base de interpretações com tendências megalomaníacas e substrato erotomaníaco".[267]

Na clínica, Lacan acompanhou a paciente no período de dezoito meses. Sabemos que, na época do ocorrido, *Aimeé* tinha 38 anos, era filha de camponeses, trabalhava na administração de uma companhia ferroviária, era casada com um empregado da mesma companhia com quem teve um filho. Vivia sozinha em Paris e visitava o marido e o filho periodicamente.[268]

O drama delirante da paciente foi montado a partir do dossiê hospitalar e policial que forneceu os elementos precedentes ao atentado. Antes de sua transferência para Paris, *Aimeé* havia sido internada na casa de saúde Épinay-sur-Seine em 1924, a pedido de seu marido René Anzieu, onde permaneceu por seis meses. Lacan citou o laudo de internação que descrevia o quadro sintomatológico:

> Fundo de debilidade mental, idéias delirantes de perseguição e de ciúme, ilusões, interpretações, propósitos ambiciosos, alucinações mórbidas, exaltação, incoerência

[265] LACAN, 1987, p. 149. O atentado ocorreu em abril de 1931. Não vou me deter nos detalhes, verídicos ou ficcionais, da vida da atriz Huguette Duflos e nem em informações sobre Marguerite Jeanne Pantaine, a *Aimée* de Lacan. Para quem tiver interesse, indico o vasto e relevante material reunido por Jean ALLOUCH (1997). Há também informações mais pitorescas descritas por ROUDINESCO (1994) no capítulo "História de Marguerite". Para meus propósitos, seguirei apenas as descrições de Lacan e pouco interesse demonstro em investigar as alterações que ele produziu sobre os fatos reais da vida de sua paciente a fim de ajustá-los a seus interesses teóricos.

[266] Em 1938, foi transferida para Ville-Evrard, onde permaneceu até 1943, quando sua irmã, Sra. Chaissac, pede sua liberdade. O perito, Dr. Chanès, relatou que o caso da paciente era psicose paranóica e que aceitaria pô-la em liberdade sob a condição de que a família assumisse, a pedido do tribunal, o compromisso por escrito de recolhê-la em sua casa, e vigiá-la de maneira constante. Alguns meses depois desse relatório, o tribunal civil de Pontoise pronuncia a saída de Ville-Evrard: "é possível ordenar a saída imediata da Sra. Pantaine, casada Anzieu, internada no asilo de Maison Blanche, comuna de Neuilly-sur-Marne, mas sob a condição de que ela permaneça sob vigilância de sua irmã" (*Apud* ALLOUCH, 1997, p.150).

[267] LACAN, 1987, p. 150.

[268] No livro de Allouch há um "Posfácio" muito interessante escrito por Didier Anzieu, filho de Marguerite, que freqüentou o divã de Lacan dezessete anos depois da publicação da tese de 1932.

> de quando em quando. Ela acreditava que zombavam dela, que era insultada, que lhe reprovavam a conduta: queria fugir para os Estados Unidos.[269]

A seguir, cita palavras da própria paciente que foram extraídas do laudo. Dentre elas, destaco uma em especial para minha interpretação: "*Antes de mais nada que querem de mim? Que eu construa para vocês grandes frases, que eu me permita ler com vocês esse cântico: Ouçam do alto do céu, o grito da Pátria, católicos e franceses sempre*". *Aimeé* era construtora de grandes frases, encenava em seus delírios o drama constitutivo de sua psicose paranóica. *Aimeé* era escritora que registrava seus estados afetivos como cenários de seu drama.

É esse drama precisamente, o demarcado por Lacan. O primeiro ato: dezoito meses antes do atentado, *Aimeé* assediou um jornalista comunista em seu escritório com a intenção de conseguir a publicação de seus escritos. Eram artigos que expressavam suas queixas contra uma célebre escritora, a Sra. C. O segundo ato: cinco meses antes do atentado, ela recebeu a recusa da editora G., para onde havia enviado um manuscrito para publicação. "Ela pula no pescoço da funcionária que lhe comunica a recusa e a agride tão gravemente que, em conseqüência, uma indenização de 375 francos lhe é exigida pela incapacidade temporária de trabalhar da vítima".[270]

Ao caracterizar a atitude mental da paciente em seus contatos preliminares, Lacan a descreveu como sendo "capaz de analisar com bastante penetração introspectiva" os episódios principais de sua vida, suas perturbações mentais, e revelando uma integridade intelectual impressionante que em nada justifica os temas de seu delírio por ocasião do atentado à atriz. A paciente justificou seus atos com a crença recorrente em sua história clínica: *"Eu fiz isso porque queriam matar meu filho"*. Dessa crença delirante, Lacan retirou os temas paranóicos que compõem a história da paciente.

---

[269] LACAN, 1987, p. 151. Allouch reproduziu o relatório do Dr. Jean Tarrius, médico responsável pela primeira internação de Marguerite: "Eu, abaixo-assinado, certifico que a Sra. Anzieu encontra-se afetada por distúrbios intelectuais caracterizados por idéias de perseguição, à base de alucinações auditivas e de interpretações: é insultada nas ruas, zombam dela no escritório onde trabalha [Postes, Télécommunications e Télédiffusion (PTT), órgão da administração pública que tem o monopólio dos serviços de correspondência na França]. Alguns projetos ambiciosos. Projeto de fuga para os Estados Unidos. Exaltações a intervalos. Estimo que este estado requer cuidados especiais" (*Apud* ALLOUCH, 1997, p.138).

[270] LACAN, 1987, p. 152. Em 1930, Marguerite escreveu dois romances: *Lé Détracteur*, que Lacan qualifica de idílio; e *Sauf votre respect*, qualificado de sátira.

Aos 28 anos, iniciam-se os distúrbios psicopáticos de *Aimée*. Na ocasião ela estava grávida e acreditava que todos queriam a morte de seu filho. A crise acentua-se por ocasião do parto: a criança do sexo feminino nasce morta, asfixiada no cordão umbilical: "Ela atribui a desgraça a seus inimigos; de repente parece concentrar toda a responsabilidade disso numa mulher que durante três anos foi sua melhor amiga".[271]

Uma segunda gravidez agudiza o quadro delirante anterior: *todos ameaçam seu filho*. Um fato inusitado se impõe: com um documento falso, *Aimée* solicitou um passaporte para os Estados Unidos. Afirmou que pretendia ir para a América em busca do *sucesso como romancista* e, para tanto, confessou que teria abandonado seu filho amado. O que levou *Aimée* a tal atitude? Seria ela capaz de abandonar o objeto de sua obsessão pela carreira de escritora? A família intervém e decide interná-la: *delírio de interpretação* é o diagnóstico apresentado na época.

Lacan transcreveu uma carta que a paciente remeteu a um romancista, conhecido do grande público, solicitando sua intervenção para tirá-la da casa de saúde onde estava internada:

> Senhor romancista, talvez o senhor estivesse muito contente de estar em meu lugar, para estudar as misérias humanas, eu interrogo as minhas companheiras, algumas das quais são loucas e outras tão lúcidas como eu (...) Santa Virgem, que história a minha! O senhor a conhece, todo mundo a conhece mais ou menos, a tal ponto falam mal de mim, e como eu sei por seus livros que o senhor não gosta de injustiça, peço-lhe que faça alguma coisa por mim.[272]

O deslocamento da província para a capital francesa é motivado pelo fato de *Aimée* acreditar na realização de seu destino como escritora. Solicita a transferência à administração superior de seu trabalho e vai morar em Paris em 1925: "É aí que ela progressivamente construirá a organização delirante que antecipou o ato fatal".[273] O que levou *Aimée* à sua crença delirante: que a Sra. Z., a atriz de sucesso, ameaçava a vida de seu filho? Lacan considera que essa questão foi apresentada centenas de vezes. É certo que ela não teve

[271] LACAN, 1987, p. 156.
[272] LACAN, 1987, p. 158.
[273] LACAN, 1987, p. 159.

nenhum contato com a atriz antes de seu ato. A imagem de sucesso e reconhecimento público da Sra. Z. representavam o ideal almejado pela paciente?[274]

A demarcação de delírio interpretativo é sustentada pela leitura de jornais, cartazes, fotos em que a atriz é destaque. O tipo ideal de mulher célebre, adulada pelo público, bem-sucedida, vivendo no luxo, torna-se perseguidora de Aimée. Quem a persegue? Atrás da Sra. Z, diz Lacan, "aparecem Sarah Bernhardt, estigmatizada nos escritos de Aimée, a Sra. C., essa romancista contra a qual quis abrir processo num jornal comunista". Uma série identificatória pode ser estabelecida.

Os escritos de *Aimée* foram lidos por Lacan para marcar a ambivalência de sua atitude: ao mesmo tempo em que fazia uma recusa vigorosa dos artifícios e da corrupção que a vida do luxo e esplendor acarretava, pode-se reconhecer nessa recusa seu desejo de levar uma grande vida, ter uma influência sobre o mundo. O poder da celebridade literária serve para alavancar o delírio megalomaníaco da paciente. O episódio com P.B., o romancista perseguidor que se valia da vida íntima de *Aimée* para construção de seus personagens, demonstrava a série construída: "Pensei que a Sra. Z não podia estar só para me fazer tanto mal impunemente, era preciso que ela fosse apoiada por alguém importante".[275] Na série construída, todos se voltam contra ela, querendo roubar-lhe algo: seu filho, suas cartas, seus diários, seus romances. As acusações contra o jornal *L'Oeuvre* são exemplos do quadro delirante.

> Todas essas personagens, com efeito, artistas, poetas, jornalistas são odiados coletivamente como grandes provocadores dos infortúnios da sociedade (...) Quanto a ela, considerava-se chamada para reprimir esses estados de coisas. Essa convicção repousava nas aspirações vagas e difusas de um idealismo altruísta. Ela queria realizar o reino do bem, 'a fraternidade entre os povos e raças'.[276]

Aimée tinha uma missão e procurou os meios para realizá-la. Recorreu às autoridades beneficentes, ao presidente da França, ao príncipe de Gales, a quem ela pediu para ir fazer um grande discurso em Genebra:

---

[274] Marguerite declarou a Lacan que teria visto a atriz uma vez no teatro e outra vez no cinema. Huguette era também conhecida pelos papéis melodramáticos que interpretava nos filmes da época. Além disso, em 1926, processos judiciais da atriz contra a *Comedie Française* e contra o ex-marido pautaram a crônica social dos jornais da época.

[275] LACAN, 1987, p. 162.

> Ela manifesta em inúmeros escritos íntimos os sentimentos de amor e de angústia que lhe inspiram as crianças, sentimentos que estão numa relação evidente com suas preocupações e seus temores para com seu filho (...) Fica alarmada com a sorte futura dos povos. As idéias de guerra, do bolchevismo a freqüentam, e se misturam com suas responsabilidades para com o filho.[277]

Como afirmou Lacan, *Aimée* acreditava ser uma mulher de letras e de ciências e uma regularidade freqüente em seus costumes podia ser identificada nessa crença de que 'devia ir aos homens': "Isso quer dizer que ela aborda os transeuntes ao acaso e os entretém com seu vago entusiasmo; ela nos confessa que procurava também com isso satisfazer a 'grande curiosidade' que tinha pelos 'pensamentos dos homens'".[278]

O substrato da erotomania precedente ao ato fatal teve como objeto o príncipe de Gales. Lacan reproduziu um escrito de *Aimée*, retirado de um caderno que estava em seu poder. Esse período de efusão poética em que a paciente enviava pelo correio um soneto por semana foi relacionado com o fato de que seu quarto, no hotel onde morava, estava recoberto de retratos do príncipe. Todo o movimento da vida do príncipe, publicado em jornais, era guardado pela paciente: ela criava o cenário de seus atos.

Lacan considerou que a erotomania da paciente se relacionava com sua missão delirante. Ela sentia que precisava fazer alguma coisa para conter a fúria de seus inimigos. Tinha a crença delirante na possibilidade de publicação de seus escritos como forma de intimidação daqueles que a perseguiam. Pelo menos, diz Lacan, ela queria explicar-se com seus inimigos.

O episódio do encontro com o escritor P.B. é elucidativo da interpretação proposta por Lacan. *Aimée* narrou que foi até a editora saber como poderia falar com P.B. Aguardou-o na porta, apresentou-se a ele. Segundo seu relato, P.B. lhe propõe uma volta de carro pelo bosque: "durante o passeio, eu o acusei de falar mal de mim, ele não me respondeu, por fim, tratou-me de mulher misteriosa, depois de impertinente, e eu não tornei a vê-lo mais".[279]

---

[276] LACAN, 1987, p. 163.
[277] LACAN, 1987, p. 164.
[278] LACAN, 1987, p. 165. Aqui é possível estabelecer um paralelo instigante entre *Aimée* e *Nadja*.
[279] LACAN, 1987, p. 167.

Nos meses que antecederam o atentado, *Aimée* sentiu a ansiedade crescer e decidiu por uma ação mais direta: pretendia amedrontar os editores que zombavam de seus escritos. Duas tentativas se seguem nesse cenário. Na primeira, envia seus romances à livraria G. Daí sua imensa decepção, sua reação violenta quando eles lhe são devolvidos como recusa da livraria em publicá-los. É lamentável, afirmou Lacan, que não a tenham internado nessa ocasião. Na segunda, é seu derradeiro recurso: enviou os dois romances ao príncipe de Gales, numa encadernação de couro de um luxo comovente, observou Lacan. De forma protocolar, o Palácio de Buckingham devolveu os exemplares afirmando que *Sua Majestade não aceita presentes de pessoas que não fazem parte de seu círculo de conhecidos.*

Aimée recebeu a correspondência do Palácio de Buckingham na véspera do atentado à Sra. Z. Lacan reproduziu a cena na temporalidade que antecede o ato derradeiro: uma seqüência permitiu o acontecimento posterior ao recebimento da correspondência. Dessa reconstrução temporal da cena concluiu: *'No estado em que me encontrava então, disse muitas vezes a doente, eu teria atacado qualquer um de meus perseguidores, se eu os pudesse atingir ou me encontrasse com eles por acaso'.*

Depois do ato derradeiro, a reclusão na delegacia onde ”sustenta suas asserções delirantes, diante do delegado, do diretor da prisão, do médico-perito". Quinze dias após a prisão, *Aimée* escreveu um bilhete ao diretor da prisão: "Sr. Doutor, gostaria de pedir-lhe que fizesse retificar o juízo dos jornalistas a meu respeito, chamaram-me de neurastênica, o que pode vir a prejudicar minha futura carreira de *mulher de letras* e de ciências".[280]

Após marcar a trajetória do delírio de *Aimée* até o ato derradeiro, Lacan apresentou os resultados de exames e antecedentes físicos para sustentar que sua paciente não apresentava nenhum sinal de degenerescência e nenhum sinal de insuficiência endócrina. Tais resultados são documentos que atestam o afastamento de Lacan da corrente dominante na psiquiatria francesa da época.

Quanto aos "antecedentes de capacidade e fundo mental", a resposta foi clara: a paciente possuía uma inteligência normal, "acima das provas de testes utilizadas no serviço

[280] LACAN, 1987, p. 170. Grifo meu.

asilar". Seu comportamento no asilo revelava uma superioridade[281] que Lacan não deixou de considerar como afirmação de sua crença vocacional. Citou trechos de uma carta a ele dirigida, onde o ideal vocacional de *Aimée* é reafirmado: "[Minha irmã] sabe que sou muito independente, que eu havia entregado a um ideal, uma espécie de apostolado, o amor ao gênero humano ao qual eu subordinava tudo".[282]

O cenário do drama de *Aimée* é o mundo das letras. Como escritora queria consagrar-se ao nobre exercício do engajamento social. Seu amor ao gênero humano era expresso por sua vocação de escritora. Lacan chama atenção para os vários projetos literários que *Aimée* tinha em mente no período em que esteve internada no asilo hospitalar: escrever a vida de Joana d'Arc e as cartas de Ofélia a Hamlet. "Quantas coisas eu não escreveria agora se estivesse livre e tivesse livros".[283]

Clément destacou que as mulheres paranóicas ensinaram a Lacan que, "às vezes, para se fazer entender, é preciso jogar com uma linguagem perigosamente 'aberta'. Aberta sobre a invenção, a palavra inexistente que o inconsciente faz surgir; aberta para o poético. Aberta, porquanto, é dita 'fechada': tal a dialética escolhida por Lacan". Desse ensinamento, Lacan foi capaz de retirar "o estilo paranóico de sua clausura; ele o legaliza, dando-lhe sua carta de nobreza". O primeiro ensinamento da paranóia é o estilo, afirmou a autora. Mas não é o único. O outro ensinamento consiste em afirmar que o delírio diz a verdade. A paranóia faz do sujeito o portador de uma mensagem verdadeira que lhe foi revelada: "tal mensagem é tão importante, tão premente, que suscita a perseguição. O delírio paranóico conta a tragédia do profeta não conhecido, do místico perdido, a quem não se dá atenção e ao qual o mundo inteiro faz misérias".[284]

---

[281] LACAN, 1987, p. 174. "Nossa doente tem, é claro, a superioridade, se não da atitude, pelo menos da indulgência e da ironia".

[282] LACAN, 1987, p. 175.

[283] LACAN, 1987, p. 174. É interessante observar como Lacan situou o contexto social de *Aimée*: "Seja como for, é evidente que o tema maior do delírio de nossa doente não é nada mais que essa imagem que designamos como uma forma moderna de participação social, a saber, a da vedete de teatro ou do livro; homem, teria sido do esporte ou da exploração. A situação vital de nossa doente, camponesa desenraizada, nos faz conceber que uma imagem dessa tenha podido servir de motivo comum a seu ideal e a seu ódio" (p.325).

Aimée, uma mulher de letras

Um fato foi demarcado por Lacan como decisivo para o atentado: "Ela depositava suas últimas esperanças nos romances enviados à livraria G. Daí sua imensa decepção, sua reação violenta quando eles lhe são devolvidos com uma recusa. É lamentável que não a tenham internado então".[285] Dessa recusa emerge uma sucessão de atos que só fizeram circunscrever o drama delirante de *Aimée*. Quais os romances que a paciente queria publicar e com os quais julgava cumprir sua missão, sua vocação?

Lacan justificou a análise das "produções literárias" de sua paciente do seguinte modo:

> Esses escritos nos informam sobre o estado mental da doente na época de sua composição; mas, sobretudo, permitem que possamos apreender ao vivo certos traços de sua personalidade, de seu caráter, dos complexos afetivos e das imagens mentais que a habitam, e essas observações proporcionarão uma matéria preciosa ao nosso estudo das relações do delírio da doente com sua personalidade.[286]

Ambos os romances foram escritos por *Aimée* no período de oito meses que antecedem o ato derradeiro. Lacan declarou que os dois exemplares estenografados encontravam-se em seu poder e comentou os aspectos materiais da escrita. Em nota, esclareceu que o grafismo chama atenção por sua rapidez, altura oscilante, linha descontínua: "todos esses traços se enfatizam nos períodos que correspondem a uma exaltação delirante".[287]

Na seqüência, Lacan comentou cada um dos romances em sua radical singularidade. Considerou que a paciente não definia um plano para escrever. Defrontava-se com a folha em branco e passava ao ato da escrita, seguindo o que os mestres surrealistas chamavam de

---

[284] CLÉMENT, 1983, p. 45

[285] LACAN, 1987, p. 168.

[286] LACAN, 1987, p. 75. É justamente esse aspecto que permite articular a escrita de *Aimée* com a escrita automática proposta pelos surrealistas. Ver o artigo de Lacan "O problema do estilo e a concepção psiquiátrica das formas paranóicas da experiência", publicado em junho de 1933 no nº 1 da revista *Le Minotaure*. No Brasil, está publicado como apêndice no livro *Da Psicose Paranó*ica...

[287]LACAN, 1987, p. 176. Lacan registrou que solicitou a seu amigo Guillaume de Tarde uma análise grafológica dos manuscritos de *Aimée* e concluiu que os romances de sua paciente "se opõem à apresentação habitual dos escritos dos paranóicos interpretantes", tanto no que diz respeito à grafia como nas circunlocuções da frase.

"escrita automática". *Aimée* escrevia como os surrealistas, e Lacan não exagerou em considerar o "valor poético inegável" dos romances de sua paciente.

A escrita de *Aimée* foi perscrutada para análise dos componentes dramáticos:

> Em primeiro plano aparece um sentimento da natureza ligado às raízes profundas da personalidade, a experiências infantis muito plenas e que não foram esquecidas. Ao lado disso, exprime-se uma aspiração amorosa, cuja expressão verbal é tanto mais tensa quanto na realidade é mais discordante com a vida, mais fadada ao fracasso. Revela-se uma sensibilidade que qualificaremos de essencialmente 'bovariana', referindo-nos diretamente com essa palavra ao tipo da heroina de Flaubert. Essa discordância afetiva está bem de acordo com a emergência incessante de movimentos próximos à sensibilidade infantil: bruscas revelações de pensamento fraterno, lançar-se para a aventura, pactos, juramentos, laços eternos. (...) Todos esses traços nos indicam, sob diferentes formas, alguma fixação infantil da sensualidade.[288]

Após destacar na letra cada um dos componentes do drama, Lacan chamou atenção para o fato de que não encontrou, na escrita de *Aimée*, "anomalias sintáticas clássicas dos escritos paranóicos". A paciente dizia-se *namorada das palavras*; buscava seu valor sonoro e não seu valor lingüístico. Podemos acrescentar: a escrita de *Aimée* seguia os trilhos dos significantes primordiais que deslizavam numa cadeia associativa, formando o que Lacan considerou como um "trabalho de marchetaria verbal".[289]

Da cartografia dos romances, Lacan passou para a definição do diagnóstico do seu caso clínico: o elemento mais evidente do caso é o *delírio sistematizado*, "que impressiona pela organização que liga seus diversos temas". Isso levou o autor a configurar o caso como *psicose paranóica*, pois "demonstra as relações coerentes dos temas do delírio com a afetividade do sujeito".

Tendo proferido o diagnóstico, analisou as causas determinantes da psicose paranóica. Os fatores etiológicos foram elencados segundo as duas posições existentes na literatura

---

[288] LACAN, 1987, p. 178.

[289] LACAN, 1987, p. 190. No artigo "Écrits 'inspirés': schizografie", publicado por Lacan [em co-autoria com Lévy-Valensi e P. Migualt] em fevereiro de 1931, nos *Annales médico-psychologiques*, encontra-se uma análise dos escritos inspirados de Marcelle C., uma professora primária de 34 anos, internada com diagnóstico de psicose paranóica. O caso foi apresentado por C. Pfersdorff, psiquiatra de Estrasburgo, que em 1927, publicou um artigo "La Schizophasia; les catégories de langage" que foi referência para Lacan. A relação entre automatismo psíquico e a escrita automática dos surrelistas é resgatada para análise do caso *Aimée.* Agradeço à Viviane Veras a indicação deste artigo de Lacan que contém uma clara referência a Breton.

psiquiátrica da época: aquela que sustentava uma etiologia nos processos organo-psíquicos; e a outra, que concebia a psicose como uma reação a um conflito vital e a traumas afetivos determinados. Nessa última, as referências de Lacan aos conceitos da psicanálise são constantes.[290]

A estratégia da argumentação de Lacan conduz ao tema gerador da tese: "a anomalia de estrutura e a fixação de desenvolvimento da personalidade de *Aimée* são as causas primeiras da psicose". É nesse momento do texto que o autor promoveu um conjunto de elementos que permitiram sustentar a hipótese clínica construída, sobretudo pela análise da escrita de sua paciente. A oposição que Lacan estabeleceu – e o que o levou a aproximar-se da psicanálise – entre *intenções conscientes* e *condutas inconscientes* permitiu-lhe manter-se num quadro teórico estranho ao movimento psicanalítico em curso.

Interpretando o drama de *Aimée* como um ato de autopunição, Lacan adentra o campo da psicanálise por aquilo que foi denominado segunda tópica. O que interessava a Lacan não era a composição do aparelho psíquico, a metapsicologia freudiana. Para ele,

> a análise dos determinismos autopunitivos e a teoria da gênese do superego que ela engendrou representam na doutrina psicanalítica uma síntese superior e nova (...) O que nos parece, com efeito, original e precioso em tal teoria é o determinismo que ela permite estabelecer em certos fenômenos psicológicos de origem e de significação sociais, daqueles que definimos como *fenômenos da personalidade*.[291]

No item dois, intitulado "Crítica da personalidade psicológica", da Parte I da tese, encontramos indícios da letra politzeriana em Lacan. É nos chamados estudos de psicologia concreta que o autor procura ancorar sua argumentação acerca da estrutura da personalidade. A noção de personalidade permitiu sustentar a determinação inconsciente dos atos. Por exemplo, quando Lacan faz a "análise objetiva da personalidade" sustentada nas "relações de

[290] O artigo de Freud, *Sur quelques mécanismes névrotiques das la jalousie, la paranoïa et l'homossexualité*, de 1922, é citado por Lacan, que havia recém-traduzido para o francês e publicado na Revista Francesa de Psicanálise. O artigo é um indicativo importante para traçar a genealogia da entrada de Lacan na obra de Freud e no campo da psicanálise.

[291] LACAN, 1987, pp. 251-252 (itálico do autor). Lacan indicou como leitura duas obras de Freud que considerou fundamentais para compreender a gênese do supereu e do mecanismo psíquico de autopunição: *Das Ich und das Es* de 1923; e *Jenseits des Lustprinzips* de 1920. Bem como o artigo *Das ökonomische Problem des Masochismus* de 1924.

compreensão", aparece, pela primeira vez, um ponto de convergência entre sua leitura "das teorias freudianas"[292] e a leitura que Politzer realizou de Freud.

Ao interrogar a dimensão de intencionalidade dos atos, sua causalidade psíquica, Lacan considerou que, atendendo às exigências do conhecimento científico, é preciso explicar "a existência fenomenológica das funções intencionais: a saber, por exemplo, que o sujeito diga 'eu', acredite agir, prometa e afirme". O ato voluntário é determinado, posto que, como afirmou Lacan, o determinismo seja condição *a priori* do trabalho científico, por encadeamento causal mais complexo que o ato reflexo. Aqui, a distinção entre ato reflexo e ato voluntário é muito importante para avaliar a extensão do que está se considerando como causalidade psíquica.

> A imagem ideal do eu (*moi*) que faz parte de nossa experiência interior é redutível a complexos afetivos que se prendem à ontogênese do psiquismo (se não à sua filogênese). Isso explica o fato de que ela possa ser um dos pólos de uma tensão interna ao eu, e essa tensão parece ligada a certas determinações do próprio fenômeno da consciência.[293]

Podemos reconhecer como Lacan destacou, em sua leitura de Freud, um dos problemas fundamentais da teoria freudiana: a imagem ideal do eu e suas relações com os fenômenos da consciência. A causalidade psíquica foi definida por referência a um conflito, uma tensão interna ao eu. Em nota, Lacan menciona que o conflito é constituído entre o *Ich* e o *Über-Ich*, e foi justamente esse o aspecto que Freud apreendeu "a partir dos dados da experiência concreta".[294]

Vejamos como esse aspecto revela, com muita propriedade, as posições expressas por Politzer em sua *Crítica dos Fundamentos da Psicologia*. No capítulo "As descobertas psicológicas na psicanálise e a orientação para o concreto", após considerar que o problema do sonho só pôde adquirir estatuto de ato psíquico em Freud porque este aceitou a hipótese do sentido, como relato em primeira pessoa, Politzer peguntou sobre o valor intencional do sonho

[292] É no plural que Lacan escreve: vide a nota 18 da p.28.
[293] LACAN, 1987, p. 28.
[294] Essa particularidade na captura do problema em questão pode ser extensiva às elaborações que Lacan irá realizar, quase duas décadas depois, no *Seminário 2 - O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*.

e reconheceu que isso só poderia ser estabelecido pela equivalência que Freud estabeleceu entre sonho e sintoma. Ambos foram analisados como atos psíquicos. Com a *Traumdeutung*, o sonho é analisado como ato psíquico do sujeito que sonhou:

> O postulado de toda a *Traumdeutung*, isto é, que o sonho é a realização de um desejo, a técnica de interpretação que é precisamente a arte de ligar o sonho ao sujeito que o sonhou, enfim toda a *Traumdeutung* que é o desenvolvimento, a articulação, a demonstração e a sistemática da tese fundamental, mostram-nos que Freud considera inseparável do 'eu' o sonho que, sendo por essência uma 'modulação' desse *eu*, liga-se intimamente a ele e o exprime. (...) O que a psicanálise procura sempre é a compreensão dos fatos psicológicos em função do sujeito. Portanto, é legítimo ver aí a inspiração fundamental da psicanálise.[295]

O relato em primeira pessoa permite apreender a situação dramática que insere o sujeito numa radical singularidade. Isso porque,

> O indivíduo é singular porque sua vida é singular e essa vida, por sua vez, só é singular pelo seu conteúdo: sua singularidade não é pois, *qualitativa*, é *dramática*. A exigência da homogeneidade e da primeira pessoa será respeitada se as noções da psicologia permanecerem no plano desse 'drama': os fatos psicológicos deverão ser os *segmentos da vida do indivíduo particular*.[296]

Ao apropriar-se dos escritos de *Aimée* como relato em primeira pessoa, Lacan extraiu os elementos que estruturaram sua personalidade, clamando para si mesma uma punição. O drama de *Aimée* foi vivido na trama dos personagens que compõem seus romances. É por isso que Lacan, a meu ver, retomou a oposição estabelecida por Politzer entre concreto e abstrato para sustentar suas posições quando assumiu "o caso *Aimée*" como protótipo para uma

> descrição concreta, e não uma síntese descritiva que, por necessidade de generalidade, terá sido desprovida dos traços específicos desses casos – a saber, os vínculos etiológicos e significativos a partir dos quais a psicose depende

[295] POLITZER, 1998, pp. 60 e 62. O autor esclarece em nota que usaria o termo eu (*je*) para designar a primeira pessoa. Com isso, estava afastando-se do sentido técnico que o termo possui em Freud. Dessa forma, Politzer separa as teorias psicológicas que enunciavam relatos em terceira pessoa, consideradas por ele, abstratas; e "a inspiração fundamental da psicanálise" para a psicologia concreta estaria no fato de considerar o relato em primeira pessoa como fundamento para a análise: "O que, ao contrário, caracteriza a maneira como Freud aborda o problema do sonho é que ele não efetua a abstração. Ele não quer separar o sonho do sujeito que sonha; ele não quer concebê-lo como um estado em terceira pessoa, não quer situá-lo num vazio sem sujeito".
[296] POLITZER, 1998, p. 67 (itálico do autor).

> estreitamente da história vivida do sujeito, de seu caráter individual, numa palavra, de sua personalidade.[297]

Na última parte da tese, Lacan resgata o eixo de sua argumentação afirmando que havia procurado demonstrar "a característica concreta" da estrutura da personalidade de sua paciente para sustentar um ponto de vista doutrinário: "Do método de uma ciência da personalidade e de seu alcance no estudo das psicoses". Um método que pode assumir as *relações significativas* implicava assegurar que o mundo humano é regido por determinações concretas: os atos de um sujeito só podem ser compreendidos por relação com sua existência dramática e pelos significantes que expressam tais relações.

> Permitindo revelar no comportamento do sujeito tais tendências *concretas*, não apenas nosso ponto de vista dá conta dos fenômenos da psicose de maneira bem mais completa e rigorosa que as doutrinas clássicas, mas ainda, mostra sua verdade no que dá uma concepção, muito mais satisfatória que essas próprias doutrinas, dessa parte de realidade que as sustenta.[298]

Como ciência da personalidade, a psicologia concreta permitia articular os três níveis: o individual, o estrutural e o social. O primeiro diz respeito aos enunciados lingüísticos que permitem ao sujeito dizer eu. O segundo remete aos elementos psicogênicos da constituição de um sujeito. O terceiro, diz respeito às condições de possibilidade de uma dada ciência: armadura conceitual comunicável e fatos passíveis de quantificação empírica (moventes, mensuráveis, extensivos). Desse modo, a ciência da personalidade teria por objeto "o estudo *genético* das funções *intencionais*, nas quais se integram as relações humanas de ordem social".[299] É isso, portanto, que permite que haja a possibilidade de uma ciência que estude os fenômenos concretos da psicologia humana, a história vivida do sujeito.

O caso *Aimée*, diagnosticado como um tipo de paranóia de autopunição, é exemplar para demonstrar as condições de possibilidade de uma ciência da personalidade, que teria o mérito de sustentar, pela via da clínica, os postulados da psicologia concreta:

> Seu valor, a nossos olhos, reside no fato de que, tanto no estudo dos sintomas quanto das causas da psicose, nós nos referimos ao *concreto*, em uma medida bem superior

[297] LACAN, 1987, pp. 268-269.
[298] LACAN, 1987, p. 318 (itálico do autor).
[299] LACAN, 1987, pp. 320 e 321(itálico do autor).

> às descrições e teorias anteriores, e na própria medida em que aplicamos o método por nós definido como *compreensão*.[300]

As "conclusões dogmáticas" explicitam a hipótese de leitura da tese de Lacan: a ciência da personalidade realizaria, na clínica psicopatológica, a psicologia concreta. "A chave do problema nosológico, prognóstico e terapêutico da psicose paranóica deve ser buscada numa análise psicológica *concreta*, que se aplica a todo o *desenvolvimento da personalidade* do sujeito, isto é, aos acontecimentos de sua *história*, aos progressos de sua consciência, a suas reações no meio *social*".[301]

É possível, como argumentei, traçar a genealogia da função autor que Politzer exerce na tese de Lacan. Ainda um exemplo: na Parte III da tese – que tem o sugestivo título de "Exposição crítica, reduzida em forma de apêndice, do método de uma ciência da personalidade e de seu alcance no estudo das psicoses" – Lacan assume claramente a posição de que seu trabalho "é antes de tudo uma tese de doutrina". Isso significa que há uma proposição que organiza a construção do caso escolhido. E é justamente esse aspecto doutrinal que define a "característica concreta" do tipo clínico, dando-lhe inteligibilidade, isto é, criando um campo de compreensão do fenômeno psicótico para além das teorias organicistas. Por diversas vezes, Lacan fez referência às "tendências concretas" e justifica que elas somente podem ser definidas em "relações de compreensão". Estas, por sua vez, são constituídas em três níveis: *individual, estrutural e social*. São esses níveis de estruturação que permitem analisar o "fenômeno da personalidade".[302]

Lacan reconheceu que os fenômenos concretos da psicologia humana estavam na pauta de projetos que tinham como foco central determinar um campo de investigação para além da psiquiatria organicista da época. Aqui a referência à psicologia concreta de Politzer é

---

[300] LACAN, 1987, p. 323 (itálicos do autor).
[301] LACAN, 1987, p. 354 (itálico do autor).
[302] LACAN, 1987, pp. 318-319. Roudinesco (1994, pp. 60-61) informou que foi de Ramón Fernandez que Lacan retirou o termo *personalidade* para "fazê-lo funcionar segundo três eixos: o *desenvolvimento biográfico* traduzia a maneira pela qual o sujeito vivia a sua história; a *concepção de si mesmo* assinalava a forma como ele levava à consciência imagens de si próprio; a *tensão das relações sociais* exprimia o valor representativo pelo qual se sentia afetado em relação a outrem (...) Em 1932, o sujeito, para ele, não era senão a soma das representações conscientes e inconscientes empregadas dialeticamente numa relação com outrem e com a sociedade (...) Dessa perspectiva, a etiologia da paranóia e da psicose em geral dependia de uma história concreta do sujeito em suas relações com o mundo, mesmo quando interviesse, eventualmente, uma sintomatologia de origem orgânica" (itálicos da autora).

transparente: pois, segundo ele, o projeto de uma psicologia concreta "já colocou seus pontos de esboço, que não é outra senão a parte propriamente humana da psicologia: nós a chamamos ciência da personalidade". A relevância da proposta de Lacan – fundar uma ciência da personalidade – "reside no fato de que, tanto nos estudos dos sintomas quanto das causas da psicose, nós nos referimos ao *concreto*, em uma medida bem superior às descrições e teorias anteriores, e na própria medida em que aplicamos o método por nós definido como compreensivo".[303]

No que se refere à psicanálise, o passo de Lacan foi dado: a psicose é um fenômeno da personalidade. "É preciso que se diga que nossa pesquisa sobre as psicoses retoma o problema no ponto a que a psicanálise chegou". As diferentes funções que Freud estabeleceu no artigo *Das Ich und das Es* foram apontadas por Lacan como uma das limitações de compreensão de Freud:

> digamos, no entanto, que a nosso ver a oposição freudiana do *Ego* e do *Id* parece sofrer de uma dessas confusões, cujo perigo sublinhamos antes, entre as definições *positivas* e as definições *gnoseológicas* que podem dar dos fenômenos da personalidade. Em outras palavras, a concepção freudiana parece pecar por uma distinção insuficiente entre as tendências concretas, que manifestam esse *Ego* e apenas como tais dependem de uma gênese concreta, e a definição abstrata do *Ego* como sujeito do conhecimento.[304]

Grande parte das questões presentes na tese de 1932, sobretudo a proposta de fundar uma ciência da personalidade que tivesse a capacidade de ser uma psicanálise em primeira pessoa, tal como Politzer previa, podem ser remetidas ao artigo *Para-além do "Princípio de realidade"*, publicado nos *Escritos* em 1966. O contexto desse artigo é digno de nota: o XIV Congresso da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), realizado em agosto de 1936 em Marienbad – presidido por Ernest Jones –, foi marcado por um acirrado conflito entre os vienenses (partidários de Anna Freud) e os ingleses (partidários de Melanie Klein). Em meio ao fogo cerrado, Lacan tentou fazer a exposição sobre o estádio do espelho. Jones interrompeu o discurso de Lacan dez minutos depois de iniciado. Lacan, irado, afastou-se do Congresso e

[303] LACAN, 1987, pp. 321 e 323 (itálico do autor).
[304] LACAN, 1987, pp. 329 e 331 (itálico do autor). É importante observar que a crítica que Lacan endereça a Freud diz respeito à posição que a psicose ocupava em suas elaborações na década de 1920. Limito-me apenas a apontar o eixo principal da crítica. No entanto, é possível acompanhar seus desdobramentos na questão da oposição entre princípio de prazer e princípio de realidade, utilizada por Freud para descrever a gênese do Ego.

foi assistir às Olimpíadas de Berlim; e ao retornar, redigiu o texto que contém um recenseamento contundente da situação da psicanálise na década de 1930.

No escrito em que Lacan narrou seus antecedentes, a referência ao título do citado artigo é clara:

> O título 'Para-além' não recua ante uma paráfrase do outro 'Para-além' que Freud atribuiu, em 1920, a seu princípio do prazer. Com ele nos interrogamos: romperá Freud ali o jugo graças ao qual sustenta esse princípio, por geminá-lo ao princípio de realidade? (...) Em que se transforma, nessas condições, o entrecruzamento pelo qual a identidade dos pensamentos que provém do inconsciente oferece sua trama ao processo secundário, permitindo à realidade estabelecer-se *para a satisfação* do princípio do prazer? Eis aí a pergunta em que se poderia anunciar a retomada pelo avesso do projeto freudiano em que recentemente caracterizamos como o nosso.[305]

Para finalizar, vou apontar alguns exemplos da recepção que os surrealistas deram à tese de Lacan. Minha fonte de consulta é o "Anexo" que Jean Allouch publicou em seu vasto trabalho de pesquisa sobre a escrita do caso *Aimée*. Há informações importantes para analisar a acolhida que a tese de Lacan recebeu na história da cultura francesa.[306] Limito-me àquelas que dizem respeito à posição dos surrealistas que leram o relato do caso *Aimée* e reconheceram a novidade do trabalho de Lacan: apropriar-se dos escritos de sua paciente para analisar a estrutura de sua personalidade.

Na conferência "Proposições sobre a causalidade psíquica", proferida nas Jornadas Psiquiátricas de Bonneval em setembro de 1946, Lacan destacou o fato de muitos escritores ficarem impressionados com o valor literário das produções literárias de sua paciente. A receptividade que a tese de Lacan encontrou entre os seguidores do movimento surrealista

---

Registro também que essa crítica pode ser encontrada, quase na íntegra, nos comentários de Politzer sobre o citado artigo de Freud.

[305] LACAN, 1998, pp. 71 e 72 (itálico do autor).

[306] Roudinesco também indicou a repercussão da tese de Lacan no meio psiquiátrico e no meio literário. Quanto ao primeiro, afirmou que Henri Ey, seu fiel companheiro, foi o primeiro a redigir um belo artigo para o periódico *L'Encéphale*. No meio literário, Paul Nizan teria sido o primeiro a reconhecer a relevância do trabalho de Lacan para a história da psiquiatria e da psicanálise francesa. Em 10 de fevereiro de 1933, Nizan publicou um artigo no *L'Humanité* afirmando: "É preciso assinalar um livro que, contra as principais correntes da ciência oficial, e apesar das preocupações que deve tomar o autor de uma tese universitária, traduz uma influência muito certa e muito consciente do materialismo dialético. O doutor Lacan ainda não clarificou todas as suas posições teóricas, mas reage contra os diversos idealismos que corrompem atualmente todas as pesquisas de psicologia e de psiquiatria". E concluiu proclamando que "o materislimo triunfará sobre a ignorância dos sábios professores; e se revelará como o verdadeiro método do progresso científico" (*Apud* ROUDINESCO, 1994, pp. 73-75). A autora mencionou que Lacan remeteu um exemplar de sua tese ao Dr. Freud, em Viena, e que teria recebido um cartão-postal com o seguintes dizeres: "Obrigado pelo envio de vossa tese".

estava diretamente relacionada à maneira como construiu a análise do caso: privilegiando os escritos de sua paciente, Lacan manteve-se aliado daqueles que valorizavam a escrita paranóica como um modo de enunciação da verdade. Como destaquei em epígrafe neste capítulo, Salvador Dali saudou a tese de Lacan num artigo, publicado em 1933, sobre a interpretação paranóica crítica. Foi nesse artigo que Dali apresentou as idéias centrais de seu livro "El mito trágico del *Angelus* de Millet". A relação de amizade entre eles ficou indicada quando comentei a importância desse escrito de Dali na história do surrealismo.

Também em 1933, o escritor Joë Bousquet reproduziu trechos da escrita de *Aimée* e afirmou: "Se soubéssemos escrever como *Aimée*, todo homem se tornaria, no seu poder de se exprimir, transparente ao homem; a linguagem tornaria diretamente comunicável, com a idéia, aquilo que não pode ser posto em idéias".[307]

Pouco tempo antes de cometer suicídio, René Crevel publicou em 1933, um artigo em *Le Surreálisme au service de la révolution,* no qual destacou a contribuição da tese de Lacan para demonstrar a superação da psiquiatria organicista e reconhecer a verdade do discurso paranóico:

> Que laço existe entre o pensamento, em seu momento mais desencarnado, e uma sensação, nesses minutos em que o epitélio parece bastante alegre para que não se pense em duplicá-lo por um eco? Hoje sabemos que o abstrato mais implacavelmente geométrico revela, prolonga, em toda a sua energia, desejos muito concretos. A Freud cabe o mérito de havê-lo descoberto (...) Ao Dr. Lacan cabe o mérito de haver contribuído com um estudo de caso-tipo de paranóia de autopunição em sua recente tese (...) A doente, *Aimée*, foi presa depois de haver tentado apunhalar uma atriz conhecida. Anteriormente, ela havia tentado estrangular um editor que não quisera publicar seus romances, cujas passagens citadas são de extremo interesse, inicialmente, porque permitem compreender ao vivo certos traços de seu caráter, os complexos afetivos e as imagens mentais que a habitam. Mas, principalmente a verve, o aspecto grande e sutil de seus escritos, testemunham um valor poético bastante intransigente para que não possa senão exagerar o desacordo inicial entre a criatura e o mundo que ela julga detestável o suficiente para querer recriá-lo (...) *Aimée*, amada. Derrisão do nome, trocadilho do destino. Ela se sentia com forças para fazer erguer os homens. Os homens acreditaram que ela só queria levantá-los.[308]

[307] *Apud*: ALLOUCH, 1997, p. 539.
[308] *Apud*: ALLOUCH, 1997, p. 540.

O poeta Paul Éluard publicou em 1942 um libreto intitulado "Poésie involontaire et poésie intentionelle", onde reproduziu os escritos de *Aimée* [poesia involuntária] numa página, e em seu reverso reproduziu trechos de "poesia intencional" de seus contemporâneos (Philippe Soupault, Max Ernest, Benjamin Péret), que tinham proximidade temática com os escritos de *Aimée*. A estratégia de Éluard é muito interessante, pois recorta aspectos da escrita de *Aimée* a partir de temas geradores que permitem conexões com a escrita de poetas reconhecidos. O modo como Éluard apropriou-se dos escritos de *Aimée*, recortado da tese de 1932, impressionou muito Lacan.

Por ocasião da publicação dos *Écrits*, em 1966, Lacan escreveu "De nossos antecedentes" com o propósito de apontar, em retrospectiva, sua entrada na psicanálise. Ali afirmou que sua fidelidade ao "invólucro formal do sintoma" – o verdadeiro traço clínico que pôde apreender – levou-o à análise da criação literária de seu caso *Aimée*; e indicou o nome de Paul Éluard como alguém que soube capturar o estado do problema, ao citar os escritos de sua *Aimée* como "poesia involuntária". Essa referência a Éluard é significativa para revelar a acolhida da tese de Lacan no meio literário.

Os escritores surrealistas perceberam que a construção do caso de psicose paranóica por Lacan marcou uma ruptura e, portanto, uma descontinuidade na história da psiquiatria contemporânea. As marcas que o trabalho de Lacan deixou na história da psicanálise foram decisivas para novas e inusitadas interpretações da obra de Freud, bem como para fundamentar uma prática clínica para além de uma ortopedia do ego que, de certo modo, caracteriza a prática clínica da psiquiatria e da psicologia contemporâneas.

Reproduzo aqui um exemplo[309] da estratégia de Paul Éluard para demonstrar a forma de apropriação dos escritos de *Aimée*:

Poesia Involuntária	***Poesia Intencional***
... Conheço todas as pedras de meu país, as azuís, as brancas, as castanhas; são minhas amigas, eu lhes falo: o que você faz aí?	Mulheres muito belas atravessam um rio aos gritos. Um homem, caminhando sobre a água, tomou pela mão uma jovem e acotovelou uma outra.

[309] *Apud* ALLOUCH, 1997, p. 544.

Max Ernest

...Gostaria que me dissessem que sou
bonito como uma pedra na água,
ó minhas amigas pedras, não esqueçam
minhas orações !

Eles (os poetas) me matam em efígie e os
bandidos matam: eles cortam em pedaços
e os bandidos cortam em pedaços, eles
fazem segredos e os povos fazem segredos.

Aqueles que lêem livros não são tão
burros quanto aqueles que os fazem,
eles lhes acrescentam.

(*extraído da tese de Lacan*)

Os ferreiros cinzentos, pretos ou vulcânicos,
rodopiaram no ar acima das forjas e
forjaram coroas tanto maiores
quanto mais alto se elevaram.

Max Ernest

Um frango passeia de um lado para outro
numa taboqueira, que é uma sepultura
conveniente para uma escova de brilho

Benjamin Péret

CONCLUSÃO

Este secreto me ha revelado la vida: “Mira –me vino a decir-, yo soy lo *que siempre debe superarse a si mismo*” (..) En verdad os digo; no existen un bien ni un mal imperecedores. Tienen que superarse a si mismos por si mismos siempre de nuevo. Con vuestros valores, con vuestras palabras sobre el bien y el mal, vosotros, los valoradores, ejercéis la violencia, y ése es vuestro oculto amor, el esplendor, la emoción, el desbordamiento de vuestra alma. Mas de vuestros valores brota una violencia más fuerte y uma renovada superación: al chocar com ella se rompen y la cáscara. Y quien quiere ser un creador en bien y en el mal, ése há de ser primero un destructor, y quebrantar valores.

Friedrich Nietzsche
Así Habló Zarathustra

As referências de Lacan ao nome de Politzer como autor podem ser reconhecidas em três momentos distintos e em lugares específicos de seu retorno a Freud. No final do primeiro capítulo, destaquei a referência que aparece no *Seminário* 17 – *O avesso da psicanálise*. Retomo os argumentos ali apresentados e, como conclusão, indicarei outros dois: 1) no relatório "Formulações sobre a causalidade psíquica", de 1946; 2) no único "Prefácio" que Lacan escreveu, em 1969, para a tese de doutorado de Anika Lemaire, publicada com o título: *Jacques Lacan: uma introdução*.

Em 1946, Lacan abriu as Jornadas Psiquiátricas de Bonneval, com um relatório que respondia ao tema proposto por Henry Ey: "A psicogênese". Por ocasião da publicação dos *Escritos*, Lacan informou que esse relatório pertencia ao conjunto dos trabalhos apresentados nessa Jornada e que foram publicados num volume intitulado *Le problème de la psychogenèse des névroses et des psychoses*. Nele, o nome de Politzer foi invocado por Lacan como advertência para o fato de que "o uso da fala requer muito mais vigilância na ciência do homem por toda parte, pois nela compromete o próprio ser de seu objeto". E é preciso ainda ficar atento, uma vez que "qualquer atitude vascilante para com a verdade sempre poderá desviar nossos termos de seu sentido, e esses tipos de abusos nunca são inocentes".[310]

Foi nessa perspectiva que Lacan indicou o contexto de seu relatório: remeteu seus ouvintes à publicação de outro texto por ele intitulado: "Para-além do 'Princípio de realidade'", marco fundador de seu retorno a Freud. A redação desse texto – publicado inicialmente em 1936 na *Evolution Psychiatrique* – e o lugar que Lacan a ele conferiu é certamente um marco. Nele, apresentou a "revolução do método freudiano": analisar os fenômenos psíquicos pelo relato do sujeito; tarefa que designou como "a submissão ao real em Freud".[311] Portanto, ao interrogar o estatuto do objeto psicológico a partir do fenômeno da psicose, o texto fundador da leitura que Lacan realizou de Freud visava a estabelecer uma fenomenologia da relação psicanalítica tal como vivida entre o médico e o doente.

[310] LACAN, 1998, p. 162.
[311] LACAN, 1998, p. 84. A referência ao *Para-além do Princípio de Prazer*, publicado por Freud em 1920, indica a porta pela qual Lacan adentrou o campo da psicanálise.

Tendo como referência esse ato inaugural, podemos reconhecer o lugar em que Lacan citou Politzer e o modo de sua indicação. Politzer foi apresentado como

> um grande espírito que renunciou à expressão teórica em que teria deixado sua marca indelével, para se dedicar a uma ação que iria arrebatá-lo de nós irreparavelmente. Pois não percamos de vista, ao exigir, *seguindo os passos dele*, que uma psicologia concreta se constitua como ciência, que nisso ainda estamos apenas nas formulações formais. Quero dizer que ainda não conseguimos estabelecer a mínima lei em que se paute nossa eficiência. [312]

No segundo registro, após interrogar o discurso universitário naquilo que o constitui, Lacan resgatou "o livro de bolso" de Politzer, citando páginas do ensaio de 1928 no qual se encontra a distinção entre *je* e *moi.* A estratégia de Lacan nesse resgate era rebater as posições de Laplanche e Leclaire – "meus dois L" – no artigo "O inconsciente, um estudo psicanalítico". Desse modo, utilizou-se do "Prefácio" para apontar, por um lado, as limitações de leitura do ensaio de Politzer na perspectiva da fenomenologia imperante no discurso universitário da época; e por outro, para indicar suas elaborações, no *Seminário 17*, de que o discurso universitário faz tese dessa ficção chamada *autor* ou *história do pensamento* ou, ainda, de algo que se intitula *progresso* no campo da ciência.[313]

Para Lacan, o discurso da Universidade é desagregador por sua própria constituição: querer garantir a verdade pelo recurso ao autor como princípio de enunciação. Mas, ao desagregar, segrega:

---

[312] LACAN, 1998, p. 162 (itálico meu). Em sua exposição Lacan propôs, assim, uma retomada de sua tese de 1932 para "desenhar o conceito de objeto em que se fundaria uma psicologia científica. É a definição de tal conceito que sempre declarei necessária, que anunciei como próxima e que, em favor do problema que vocês me propõem, tentarei realizar hoje, expondo-me, por meu turno, a suas críticas". Lembremos ainda que Politzer foi "arrebatado", fuzilado em espaço público, em 1942, pela tropa nazista que ocupava a capital francesa.

[313] *In:* LEMAIRE, 1989, pp. 20-21. O "Prefácio" foi publicado também em *Outros Escritos* (LACAN, 2003) Laconicamente iniciou o "Prefácio" lembrando que "há uns treze anos" disse a dois professores universitários: "Não se esqueçam de que um dia ainda vocês proporão como tema de tese o que ora estou a escrever (...) Aconteceu, portanto. Nada aconteceu para eles, para mim somente: eis-me assunto de tese pelos meus *Ecrits*". Lacan reconheceu que seus *Ecrits* são impróprios para tese: "são antitéticos por natureza, pois que ao que formulam, não há senão que se lhes aderir ou deixá-los" (p. 17).

> Esse fenômeno singular é fato de segregações, tanto aí como alhures, efeitos de discursos, mas que, por interferirem no campo do concreto, aí estatuem promulgações diferentes de origem e data. Segregação, primeiro, da psiquiatria na Faculdade de Medicina, onde a estrutura universitária demonstra abertamente sua afinidade com o regime patronal. O que sustenta essa segregação é o fato de a própria psiquiatria desempenhar o ofício de segregador social.[314]

Essas duas referências ao nome de Politzer marcam, no périplo lacaniano, dois momentos distintos do retorno a Freud: no primeiro, encontra-se o passo inaugural pelo resgate daquilo que foi designado como "desenho do conceito de objeto" do discurso psicológico; no segundo, a proposição do "inconsciente estruturado como linguagem" estava em questão por aqueles que seguiam o ensino de Lacan. Primeiro tempo: Lacan demarcando a gênese de seu percurso. Segundo tempo: Lacan respondendo por seu ensino.

O título como conclusão: Lacan, o passador de Politzer.

Passador é um dos lugares ocupado por um sujeito numa temporalidade lógica do dispositivo do passe, procedimento instaurado por Lacan na "Proposição de 09 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola"[315] para o impasse da autorização. O passe foi uma aposta de Lacan para garantir a possibilidade de transmissão da psicanálise a partir da questão sobre o final de análise. O que se pode dizer do final de análise? Ela é terminável ou não? Lacan sustentou que sim, e instaurou um dispositivo que permitisse nomear o término de uma análise pela possibilidade de transmitir aquilo que pode ser recolhido de uma experiência e, assim, vincular a autorização ao exercício da função autor: aquele que instaura um discurso.

No texto "O passe de Freud", Alain Didier-Weill perguntou: Qual é a inovação da psicanálise freudiana?

> É que ela nos introduz ao fato de que o sujeito do inconsciente está numa dependência tão radical do significante que a noção de dívida, na qual a tradição sempre reconheceu que o sujeito se encontrava em relação a seus genitores, aos quais deve a existência, é renovada. Freud nos faz descobrir, com efeito, que, além do autor de seus dias, o sujeito do inconsciente está em dívida para com um autor muito mais inapreensível: o significante. [316]

---

[314] *In:* LEMAIRE, 1989, p.19. Em nota, Lacan chamou atenção para a segregação como princípio do campo de concentração. Separa para isolar e, assim, concentra. O discurso universitário separa o conhecimento para criar unidades de saber e denega, desse modo, a função do discurso na sua própria instituição. Indico a leitura do texto de Lacan "A ciência e a verdade", publicado nos *Escritos.* O texto fez parte do primeiro número dos *Cahier pour l'Analyse* em 1966, clássico periódico publicado pelo Círculo de Epistemologia da ENS.

[315] LACAN, 2003, pp. 248- 264.

[316] DIDIER-WEILL, 1994, p.131.

Para demonstrar o outro modo de Freud responder à dívida simbólica, Didier-Weill toma como referência o sonho da Monografia Botânica, relatado por Freud em *A Interpretação dos Sonhos*. A partir da análise desse seu sonho, Freud fez passar a psicanálise. Segundo o autor, ao

> demonstrar que, se o inconsciente pôde ser nomeado de modo transmissível por Freud, é que esta nomeação é o efeito da resposta trazida por ele, quando levado a reconhecer a dimensão da dívida simbólica: se, ao fazer ato de nomeação, Freud corta radicalmente com todos os discursos existentes até então, é que ele efetivamente encontra um meio de responder à questão da dívida simbólica de uma outra maneira [317]

Desse modo, Didier-Weill afirmou que Lacan não inventou o passe: ele só fez nomear certos tempos lógicos que são marcos na trajetória pela qual Freud é levado, a partir de um sintoma singular, a tornar transmissível, universalizável, o conceito de inconsciente. Lacan instaurou um dispositivo que garantisse o ato de nomeação de analista pela possibilidade de responder à dívida simbólica de outro modo que não por herança, por identificação ao autor, à instituição, ao grupo.

É importante destacar que o dispositivo do passe, instaurado por Lacan visava a dar sustentatibilidade ao princípio de que *o psicanalista só se autoriza de si mesmo*[318]. Tal princípio deveria regular o trabalho de formação do psicanalista e evitar, assim, a degradação do *gradus* no jogo especular das identificações. Marie-Magdeleine Chatel afirmou que o passe foi o achado de Lacan "para tirar o grupo do impasse da didática e do reconhecimento dos analistas":

> O passe é a transposição, o resultado da passagem de uma borda a outra, segundo a metáfora marítima. Em psicanálise, é a passagem que marca ao mesmo tempo o fim

[317] DIDIER-WEILL, 1994, p.131.

[318] Princípio estabelecido na "Proposição" e retomado na "Nota italiana" de 1973: "O analista só se autoriza de si mesmo, isso é óbvio. Pouco lhe importa uma garantia que minha Escola lhe dê, provavelmente sob a irônica sigla AME. Não é *com isso* que ele opera. O grupo italiano não está em condições de fornecer essa garantia. Aquilo de que ele tem de cuidar é que, a autorizar-se por si mesmo, haja apenas o analista. Pois minha tese, inaugural ao romper com a prática mediante a qual pretensas Sociedades fazem da análise uma agregação, nem por isso implica que qualquer um seja analista. Pois, no que ela enuncia que é do analista que se trata, supõe que ele exista. Autorizar-se não é auto-ri(tuali)zar-se. Pois afirmei, por outro lado, que é do não-todo que depende o analista. Não-todo ser falante pode autorizar-se a produzir um analista. Prova disso é que a análise é necessária para tanto, mas não é suficiente. Somente o analista, ou seja, não qualquer um, autoriza-se apenas de si mesmo" (LACAN, 2003, pp. 311-312 - itálico do autor).

> de uma análise e a opção feita pelo analisando de se propor a se tornar psicanalista. O passe é o ato analítico inaugural de um analista recém-surgido de uma análise: é o momento da escolha.[319]

Transmissão da psicanálise e final de análise nodulam as questões decorrentes das nomeações, pois a passagem de analisando a analista efetua-se na enunciação do desejo do analista. Para Lacan, há uma porta mediante a qual cada um, por sua conta e risco, pode passar: se fazer passar entrando na ordem do discurso pelo des-ser do desejo de tomar a palavra e para ser o passador.

No relato *Sobre a Experiência do Passe* de 1973, ou seja, seis anos após a formulação da proposta, Lacan considerou que a finalidade do procedimento era isolar o que é específico ao discurso analítico: "O passe, com efeito, permite a qualquer um que pense poder ser analista, a qualquer um que se autorize por si mesmo, ou que esteja prestes a fazê-lo, comunicar o que o fez optar por isso e se engajar num discurso do qual certamente não é fácil, me parece, ser o suporte".

É como formação do inconsciente que as articulações possíveis sobre o passe permitem apreender o advento de um psicanalista. Fazer-se passar implica uma dis-posição, um des-locamento, um ato que apenas o só-depois pode garantir. O testemunho que o procedimento do passe permite recolher é o momento apropriado para se recriar a psicanálise no decurso de uma análise que chegou ao seu final. Mais do que uma narrativa sobre o passado – a história do que foi – o procedimento do passe recolhe, pela via do des-ser, a dívida para com o significante.

O dispositivo do passe é composto por três lugares: *o passante*, aquele que pede o passe; *o passador*, que escuta o testemunho do passante sobre seu percurso de análise e transmite o que ouviu, fazendo passar ou não os elementos que permitem assegurar o final de uma análise; e *o júri*, que recolhe aquilo que os passadores transmitiram para nomear o que foi passado. A função do passador é transmitir os efeitos significantes que advêm do relato de uma psicanálise passível de ser transmitida. Eis o que considero o ponto central da experiência

[319] *In:* KAUFMANN, 1996, p. 398.

instituída: transmitir a psicanálise para além de uma tecnologia institucional que homogeneiza os conceitos e estandardiza a técnica.

O passador é aquilo por onde (lugar) algo passa.[320] É como instaurador de uma discursividade que Politzer passa por Lacan. Aqui podemos retomar a referência da função autor, apresentada por Foucault em 1969. Restaurar o autor como função no discurso permitiria recolocar o papel fundador do sujeito pela suspensão das referências biográficas ou psicológicas do autor e assim instaurar descontinuidade no discurso que não cessa de pedir provas de sua garantia no jogo das identificações. Trata-se, como disse Foucault, de inverter o problema tradicional:

> Não mais colocar a questão: como a liberdade de um sujeito pode se inserir na consistência das coisas e lhes dar sentido, como pode animar, do interior, as regras de uma linguagem e manifestar assim as pretensões que lhe são próprias? Mas antes colocar essas questões: como, segundo que condições e sob que formas alguma coisa como um sujeito pode aparecer na ordem dos discursos? Que lugar ele pode ocupar em cada tipo de discurso, que funções exercer, e obedecendo a que regras? Trata-se, em suma, de retirar do sujeito (ou do seu substituto) seu papel de fundamento originário, e de analisá-lo como uma função variável e complexa do discurso.[321]

A possibilidade de inverter ou mesmo subverter a concepção tradicional do autor que funciona como princípio de economia na proliferação dos sentidos já havia sido enunciada por Foucault na conferência "Nietzsche, Freud e Marx", proferida no *Colóquio Nietzsche* de Royaumont, em 1964. Naquela ocasião, partiu do pressuposto de que esses autores abriram, cada um a seu modo, a possibilidade de uma nova hermenêutica, por terem modificado a

---

[320] Em conversa com José Lima Jr. sobre o momento dessa conclusão, ele interpretou o que eu dizia com sua experiência de jogador. Solicitei que escrevesse uma nota que pareceu-me representar bem o que esta em questão aqui: uma boa metáfora para o passe. Gentilmente, como lhe é próprio, aceitou meu convite.
"**Linha de passe:** Na linguagem do futebol, entendo *linha de passe* como referência ao recurso em que a bola, sem tocar no chão, é passada de jogador para jogador. Trata-se de uma técnica/arte usada nos treinos, divertimentos ou até jogos, em que três ou mais jogadores não guardam a mesma posição no campo (ou quadra, ou praia), movimentando-se ao sabor das circunstâncias e demandas. Tocam a bola e trocam passes valendo-se dos pés e de outras partes do corpo, exceto as mãos, conforme a necessidade de se alcançar a bola e rebatê-la da melhor maneira para o recebimento por parte de outro jogador. Fica subentendido que os jogadores envolvidos numa *linha de passe* não disputam a bola entre si, mas atuam em um mesmo interesse: não deixar que a bola toque no chão, sendo rebatida pelo maior número de vezes possível (...ou até a conquista de um gol). A arte na *linha de passe* se acentua quando cada jogador toca na bola uma só vez em cada oportunidade de transferência. Ou seja, numa *linha de passe* cada participante apenas toca novamente na bola depois dela já ter sido tocada por outro. Com isso a bola acaba desenhando no espaço uma picotagem inédita, única e lúdica".
[321] FOUCAULT, 2001, p.287.

maneira pela qual o signo em geral podia ser interpretado: assim, instauraram uma rede em que os signos foram diagnosticados como máscaras. Inverteram a primazia do signo sobre a interpretação, ao conceberem o signo como uma interpretação que tenta se justificar. Essa primazia da interpretação em relação aos signos é o que há de mais decisivo na hermenêutica moderna instaurada por Nietzsche, Freud e Marx.

O caráter decisivo de tal empreitada foi apontado por Foucault como tarefa infinita da interpretação pela recusa do princípio originário, recusa do começo. "A partir do século XIX, os signos se encadeiam em uma rede inesgotável, ela também infinita, não porque repousem em uma semelhança sem limite, mas porque há uma hiância e abertura irredutíveis". Esse ponto absoluto – a região perigosa que a concepção tradicional de autor procura evitar – foi apontado como condição de ruptura, de corte e descontinuidade com a noção de autor como princípio de unidade e economia da proliferação de sentidos.

> Em Freud, sabe-se claramente como é feita progressivamente a descoberta desse caráter estruturalmente aberto da interpretação, estruturalmente vazio. Ela foi feita inicialmente de uma maneira muito alusiva, muito velada a si mesma na *Traumdeutung*, quando Freud analisa seus próprios sonhos, e invoca razões de pudor ou de não-divulgação de um segredo pessoal para se interromper. Na análise de Dora, vemos aparecer essa idéia de que a interpretação deve deter-se, não pode ir até o fim por causa de alguma coisa que será chamada de *transferência*. E depois se afirma, ao longo de todo o estudo da transferência, o interminável da análise, no caráter infinito e infinitivamente problemático da relação do analisando com o analista, relação que é evidentemente constituinte da psicanálise, e que abre espaço no qual ela não cessa de se desdobrar, sem nunca poder terminar.[322]

A impossibilidade de a interpretação encontrar um ponto originário, e como conseqüência, sua tarefa inacabada, seu ponto de ruptura, foi apontada por Foucault como a experiência da loucura. "Experiência contra a qual Nietzsche se debateu e pela qual era fascinado; experiência contra a qual o próprio Freud lutou ao longo de toda a sua vida, não sem angústia. Essa experiência da loucura seria a sanção de um movimento de interpretação, que se aproxima infinitamente do seu centro, e que desmorona, calcinada".[323]

[322] FOUCAULT, 2000, p.46 (itálico do autor).
[323] FOUCAULT, 2000, p.46.

Foucault relacionou a esse caráter inconclusivo da interpretação demarcado pela proliferação dos sentidos, dois aspectos fundamentais: a ausência de um primário, de uma coisa sobre a qual a interpretação se realizaria; e o toque do intérprete como uma função no discurso.

Sobre o primeiro aspecto, uma constatação: se a interpretação nunca pode se concluir, é muito simplesmente porque nada há a interpretar. Não há absolutamente um primário a interpretar, pois no fundo tudo já é interpretação: cada signo é nele mesmo não a coisa que se oferece à interpretação, mas a interpretação de outros signos e assim sucessivamente.

> Nunca há, se vocês querem, um *interpretandum* que não seja já *interpretans*, embora seja estabelecida, na interpretação, uma relação de violência como elucidação. De fato, a interpretação não esclarece uma matéria a interpretar, que se ofereceria a ela passivamente: ela pode apenas apoderar-se, e violentamente, de uma interpretação já ali, que ela deve subverter, revirar, quebrar a marteladas.[324]

Exemplo: Freud não interpreta signos, mas interpretações. Os signos são interpretações que tentam se justificar, e não o inverso.

> O que Freud descobre, de fato, sob os sintomas? Ele não descobre, como se diz, 'traumatismos': ele revela os fantasmas, com sua carga de angústia, ou seja, um núcleo que já é ele próprio, em seu próprio ser, uma interpretação (...) Eis por que Freud só tem a interpretar na linguagem de seus pacientes o que eles lhe oferecem como sintomas: sua interpretação é a interpretação de uma interpretação, nos termos em que essa interpretação é dada. [325]

Segundo aspecto: a interpretação se confronta com a obrigação de interpretar a si mesma infinitamente, de sempre se retomar. Disso decorrem duas conseqüências: que o princípio da interpretação nada mais é do que o próprio intérprete; que a interpretação tem sempre que interpretar a si mesma, e não pode deixar de retomar a si mesma.[326]

Admitindo que Freud instaurou uma discursividade, a psicanálise, toda uma rede de proliferação de sentido pode ser deduzida. Freud produziu, como autor, a possibilidade e a regra de formação de outros discursos que ao se remeterem à psicanálise, não poderão mais sustentar sua validade por um recuo ao sentido originário. É por isso que Foucault afirmou que

[324] FOUCAULT, 2000, p.47.
[325] FOUCAULT, 2000, p.47.
[326] FOUCAULT, 2000, p.49.

Freud não tornou apenas possível certo número de analogias, ele tornou possível certo número de diferenças, pois abriu o espaço para que outra coisa diferente dele e que, no entanto, pertence ao que ele fundou: "Freud fundou a psicanálise e tornou possível um certo número de diferenças em relação aos seus textos, aos seus conceitos, às suas hipóteses, que dizem todas respeito ao próprio discurso psicanalítico".[327]

Assim, o retorno a Freud empreendido por Lacan implicou a reinscrição de um discurso num domínio novo, pois "retorna-se ao que está marcado pelo vazio, pela ausência, pela lacuna no texto. Retornar-se a um certo vazio que o esquecimento evitou ou mascarou, que recobriu com uma falsa ou má plenitude e o retorno deve redescobrir essa lacuna e essa falta". Daí esse perpétuo jogo que caracteriza esses retornos à instauração discursiva, como afirmou Foucault, "jogo que consiste em dizer por um lado: isso aí estava, bastaria ler, tudo se encontra aí; e, inversamente: não, não está nesta palavra aqui, nem naquela ali, nenhuma das palavras visíveis e legíveis diz do que se trata agora".[328] Segue-se que a releitura dos textos de Freud cria novas rotas e modifica a psicanálise.

Eis aqui um bom indicativo para leitura do *Seminário 11*. Momento decisivo para o percurso de Lacan na psicanálise e de seu retorno a Freud. Ato de fundação da Escola pelo movimento de interrogar os fundamentos da psicanálise e, assim, dar um passo para instaurar um discurso que marcou a diferença: *o inconsciente freudiano e o nosso* – esse é o tema da aula de 22 de Janeiro de 1964.

> O inconsciente, primeiro, se manifesta para nós, como algo que fica em espera na área, eu diria algo de não-nascido (...) a bem dizer, essa dimensão do inconsciente, que eu evoco, estava esquecida, como Freud havia previsto perfeitamente bem. O inconsciente se havia refechado sobre sua mensagem graças aos cuidados desses ortopedeutas em que se tornaram os analistas da segunda e da terceira geração, que se dedicam, no que psicologizando a teoria psicanalítica, a suturar essa hiância (...) Estou certamente, agora na minha data, na minha época, em posição de introduzir no domínio da causa a lei do significante, no lugar onde essa hiância se produz. Nem por isso deixa de ser preciso, se queremos compreender o de que se trata na psicanálise, tornar a evocar o conceito de inconsciente nos tempos em que Freud procedeu para forjá-lo – pois não podemos completá-lo sem levá-lo ao seu limite.[329]

[327] FOUCAULT, 2001, p. 282.
[328] FOUCAULT, 2001, p. 285.
[329] LACAN, 1990, pp. 28-29.

Levar o inconsciente ao seu limite interrogando os fundamentos da psicanálise: essa foi a alternativa que Lacan encontrou para seguir adiante em seu retorno a Freud. Tarefa iniciada certamente desde sua tese sobre a psicose paranóica, que exigia uma abordagem do insconciente diferente daquela estabelecida por Freud e seus seguidores Era preciso empreender a desconstrução ontológica do insconciente tendo como ferramenta a prática clínica da dessubjetivação da relação transferencial. A afirmação da ética da psicanálise exigia um inconsciente ético e não ôntico. Um novo estatuto para o inconsciente que modificou por completo a psicanálise e levou às últimas conseqüências exigências impostas por Politzer: um discurso verdadeiro sobre os fenômenos psíquicos, a dimensão dramática da existência humana, deve abandonar a metapsicologia, renunciar à crença na interioridade. Essa é a virtude fundamental da psicologia concreta: é uma psicologia sem vida interior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRIAN, S. **Connaissances de l' Inconscient -– Le Surrealisme et le rêve**. Paris: Gallimard, 1974.

ALLOUCH, J. **Marguerite ou A "Aimée" de Lacan**. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.

_____. **Freud, y después Lacan**. Trad. Elisa Molina. Barcelona: Editorial Edelp, 1994.

ALQUIÉ, F. **Philosophie du Surréalisme**. Paris: Flammarion, 1977.

ALTHUSSER, L. **Freud e Lacan**. Trad. Walter José Evangelista. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ASSOUN, P.L. **O Freudismo**. Trad.Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

_____."Os fundamentos epistemológicos do freudismo". *In:* **Introdução à Epistemologia Freudiana.** Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

BARTHES, R. **O grau zero da escrita**. Trad. Mário Laranjeira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARTUCCI, G. (org.) **Psicanálise e Estéticas da Subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

BEDOUIN, J. L. **André Breton**. Collection Poétes d'aujourd'hui. Paris: Pierre Seghers Éditeur, 1950.

BERTIN, C. **A Mulher em Viena nos Tempos de Freud**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas-SP: Papirus, 1990.

BIRMAN, J. "Interpretação psicanalítica e intersubjetividade". **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**, nº 8, IFCH/Unicamp, 1985.

_____. **Por uma estilística da existência**. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **Entre cuidado de si e saber de si: sobre Foucault e a psicanálise**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

BLANCHOT, M. "Reflexões sobre o surrealismo" e "A literatura e o direito à morte". *In:* **A parte do fogo**. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

BRETON, A; PERET, B; JOYEUX, M. **Surrealismo e Anarquismo**. São Paulo: Imaginário, 2001.

BRETON, A. **Entrevistas**. Trad. Ernesto Sampaio. Lisboa: Salamandra, 1952.

_____. **Nadja**. Paris: Gallimard, 1964. [Edição Portuguesa, Trad. Ernesto Sampaio. Lisboa: Estampa, 1972; Edição Brasileira, Trad. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Imago, 1999].

_____. "Nadja" e "L'Immaculée Conception". *In:* **Oeuvres Complètes I**. Édition établie par Marguerite Bonnet. Paris: Gallimard, 1988.

_____. **Manifestos do Surrealismo**. Trad. Pedro Tamen. Lisboa: Salamandra, 1993. [Edição Brasileira: **Os Manifestos do Surrealismo**. São Paulo: Nau, 2001].

CAMUS, A. "La poésie révoltée". *In:* **L'Homme Révolté**. Paris: Gallimard, 1951. [Edição Brasileira: **O Homem Revoltado**. Trad. Valerir Rumjanek. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1997].

CESAROTTO, O. e LEITE, M. P. S. **Jacques Lacan, uma biografia intelectual**. 2ª ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.

CHAVES, E. **Foucault e a psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

CHÂTELET, F. (org.) **História da Filosofia: idéias e doutrinas - volume 8: o séxulo XX.** Trad. Hilton Japiassú. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

CHÉNIEUX-GENDRON, J. **O surrealismo**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CLÉMENT, C. **Vidas e Lendas de Jacques Lacan**. Tradução: Maria Clara Kneese. São Paulo: Moraes, 1983.

DALI, S. **Diário de um Gênio**. Coleção Documentos do Tempo Presente. Trad. José Luis Luna. Lisboa: Ulisseia, 1965.

_____. "Nouvelles considérations générales sur le mécanisme du phénomène paranoïque du point de vue surréaliste"; "Aspects phénoménologiques de la méthode paranoïque-critique"; "Lettre a André Breton". *In:* **Oui 2 – L'archangélisme scientifique**. Bibliothéque Médiations. Publiée sous la direction de Jean-Louis Ferrier. Paris: Éditions Denoël/Gonthier, 1971.

_____. **El mito trágico de 'El Angelus' de Millet**. Edición a cargo de Oscar Tusquets. 2ª ed. Barcelona: Tusquets Editores, 1998.

DAVID-MÉNARD, M. "Le laboratoire de l'oeuvre". *In:* GIARD. L (org.) **Michel Foucault – Lire l'oeuvre**. *Grenoble*: Jérôme Millon, 1992.

DIDIER-WEILL, A. **Insconsciente freudiano e transmissão da psicanálise**. Trad. Dulce Duque Estrada. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

DELEUZE, G. "A literatura e a vida". *In:* **Crítica e Clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

_____. **Foucault**. Trad. Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DERRIDA, J. "Fazer justiça a Freud". *In:* **Foucault: Leituras da *História da Loucura***. Trad. Maria Ignes Duque Estrada. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

DUCASSE, I. **Oeuvres Completes**. Textes establis, presents et annotes par Pierre-Olivier Walzer. Paris: Gallimard, 1970.

ERIBON, D. **Michel Foucault: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **Michel Foucault e seus contemporâneos**. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

FER, B; BATCHELOR, D. & WOOD, P. **Realismo, Racionalismo, Surrealismo – A arte no entre-guerras**. Trad. Cristina Fino. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.

FERNANDES, V. A. **Georges Politzer e a epistemologia da psicanálise**. Dissertação de Mestrado apresentada no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Carlos, 1993.

FERREIRA, M. T. "Fazer arte, fazer tela". *In:* **Revista Literal 2 – As Psicoses**. Escola de Psicanálise de Campinas, 2000, pp.22-29.

FOUCAULT, M. **Doença Mental e Psicologia**. Trad. Lilian Shalders. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

_____. **Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe B. Neves. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária,1987.

_____. **O Nascimento da Clínica**. Trad. Roberto Machado. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1994.

_____. **A Ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **Raymond Roussel**. Trad. Manoel Barros da Motta e Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

_____. **Ditos & Escritos I – Problematização do Sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise.** Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

_____. **Ditos & Escritos II – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento.** Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. **Ditos & Escritos III – Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**.Trad. Inês Autran D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____. **Em defesa da sociedade**. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Ditos & Escritos V – Ética, Sexualidade, Política**. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FREUD, S. "História do Movimento Psicanalítico". *In:* **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Volume XIV. Rio de Janeiro:Imago, 1974.

_____. "Prefácio a *O Método Psicanalítico*, de Raymond de Saussure". *In:* **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Volume XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976a.

_____. "Um estudo autobiográfico"; "A questão da análise leiga"; "Psicanálise". *In:* **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Volume XX. Rio de Janeiro: Imago, 1976b.

_____. "O interesse científico da psicanálise". *In:* **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Volume XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976c.

_____. "Delírios e Sonhos na *Gradiva* de Jensen" e "Escritores Criativos e Devaneio". *In:* **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**.Volume IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976d.

_____. **L'Interprétation des Rêves**. Traduit en français par I. Meyrson. Novelle édition augmentée et entièrement révisée par Denise Berger. 7ª tirage. Paris: PUF, 1993.

GABBI JR., O. F. "Considerações sobre a eterna juventude da psicologia: o caso da psicanálise". Prefácio à tradução de POLITZER, G. **Crítica dos Fundamentos da Psicologia – A psicologia e a psicanálise**. Piracicaba-SP: Unimep, 1998.

GARCIA, G. “Jacques Lacan alude a Tristan Tzara”. *In:* GIROUD, F. **Lacan, você conhece?** São Paulo: Cultura, 1998.

GEORGIN, R. **De Levi-Strauss a Lacan**. Trad. Irene Agoff. Argentina: Nueva Visión, 1988.

HEIDEGGER, M. **Les problèmes Fondamentaux de la Phénoménologie** Texte établi par Friedrich-Wilhelm von Hermann; Traduit de l'allemand par Jean-François Courtine, Paris: Gallimard, 1985.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da Psicanálise: de Freud a Lacan - Volume 1: as bases conceituais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

JOUANNY, R.A. **Nadja – Andre Breton**. Collection Profil d’une oeuvre; dirigée par Georges Décote. Paris: Hatier, 1972.

JULIEN, P. **O retorno a Freud de Jacques Lacan**. Trad. Ângela Jesuíno e Francisco Settineri, Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

KAUFMANN, P. (org.) **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Trad. Vera Ribeiro e Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KUJAWSKI, G. M. **A crise do século XX**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

LACAN, J. **Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade**. Trad. Aluísio Menezes, Marco A. C. Jorge e Potiguara M. Silveira Jr. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____. **O Seminário – Livro 11 – os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Versão Brasileira de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

_____. **O Seminário – Livro 17 – O avesso da psicanálise**. Versão Brasileira de Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. “Entrevista”. *In:* **Psicanálise e ilusões contemporâneas**. Boletim da Associação Psicanalítica de Porto Alegre – APPOA. Porto Alegre: Artes & Ofício, 1994.

_____. **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Outros Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LAPLANCHE, J. e LECLAIRE, S. "O inconsciente: um estudo psicanalítico". *In:* EY, H. **O inconsciente (VI Colóquio de Bonneval)**. Trad. José Batista. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS J.B. **Vocabulário de Psicanálise**. Trad. Pedro Tamem. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LEMAIRE, A. **Jacques Lacan: uma introdução**. Trad. Durval Checchinato. 4ª ed. Rio de Janeiro: Campus,1989.

LÉVI-STRAUSS, C. "Introduction a l'oeuvre de Marcel Mauss". *In:* MAUSS, M. **Sociologie et Anthropologie**. Collection Sociologie d'aujourd'hui, dirigée par Georges Balandier. Paris: PUF, 1950.

LOWY, M. **A estrela da manhã – surrealismo e marxismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MACHADO. A. M. N. **Presença e implicações da noção de escrita na obra de Jacques Lacan**. Ijuí: UNIJUÍ, 1997.

MARIGUELA, M. **Epistemologia da Psicologia**. Piracicaba-SP: Editora Unimep, 1995.

_____. "A psicanálise na arqueologia das ciências humanas". *In:* **Foucault e a destruição das evidências**. Piracicaba-SP: Editora Unimep, 1995.

_____. "O concreto da personalidade". *In:* **Revista Literal 2 – As Psicoses**. Escola de Psicanálise de Campinas, 2000, pp.98-103.

_____. "Do Inconsciente como causa de divisão do sujeito" *In:* **Revista Literal 4 –Um século de Interpretação dos Sonhos**. Escola de Psicanálise de Campinas, 2001, pp.91-100.

_____. “Notas sobre as lições 5 e 6 do *Seminário 9* de Jacques Lacan – A identificação”. *In:* **Revista Literal 7 – As Identificações**. Escola de Psicanálise de Campinas, 2004, pp.81-87.

MERLEAU-PONTY, M. **A Estrutura do Comportamento**. Trad. José de Anchieta Corrêa. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.

MEZAN, R. "Uma arqueologia inacabada: Foucault e a psicanálise". *In:* RIBEIRO, R.J. (org.) **Recordar Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MICHELI, M. **As Vanguardas Artísticas.** Trad. Pier Luigi Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MILNER, J. C. **A Obra Clara**. Trad. Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MORAES, E. R. **O corpo Impossível: a decomposição da figura humana de Loutréamont a Bataille.** São Paulo: Iluminuras, 2002.

NADEAU, M. **História do Surrealismo**. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1985.

PONTALIS, J. B. **A psicanálise depois de Freud**. Trad. Wamberto Hudson Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1972.

POLITZER, G. **Écrits I – La Philosophie e les mythes**. Paris: Editions Sociales, 1973 [Edição Brasileira: **A Filosofia e os Mitos**. Trad. Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978].

POLITZER, G. **Ecrits II – Les Fondements de la psychologie**. Textes réunis par Jacques Debouzy. Paris: Editions Sociales, 1973 [A primeira edição, organizada por J. Kanapa, foi publicada em 1947 pela mesma Editora com o títutlo: **La crise de la Psychologie Contemporaine**. Há também uma edição portuguesa: **Os Fundamentos da Psicologia**. Lisboa: Editorial Prelo, 1977].

_____. **Critique des Fondements de la Psychologie – La psychologie et la psychanalyse**. Paris: PUF, 4ª édition, 1974. [Edição Portuguesa: **Crítica dos Fundamentos da**

Psicologia. Trad. Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa: Editorial Presença, 1973, 2 v. Edição Brasileira: **Crítica dos Fundamentos da Psicologia – A psicologia e a psicanálise**. Trad. Marcos Marcionilo e Yvone Teixeira da Silva. Revisão Técnica: Márcio Mariguela. Piracicaba-SP: Unimep, 1998.]

_____. **Curso de Filosofia: princípios fundamentais**. Trad. Rui de Moura. Rio de Janeiro: Editorial Andes, 1956 [Há outra edição desse mesmo material com o título: **Princípios Fundamentais de Filosofia**. Trad. João Cunha Andrade. São Paulo: Hemus, 1995].

PRADO JR., B. "Georges Politzer: Sessenta anos da *Crítica dos Fundamentos da Psicologia*". In **Filosofia da Psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

QUINET, A. (org.) **Jacques Lacan: a psicanálise e suas conexões**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

RAJCHMAN, J. **Eros e Verdade – Lacan, Foucault e a questão da ética**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

RANK, O. e SACHS, H. **Psychanalyse et sciences humaines**. Trad. Daniel Guérineau. Bibliothèque de Psychanalyse, dirigée par Jean Laplanche. Paris: PUF, 1980.

REVEL, J. "Sur l' Introduction à Binswanger". *In:* GIARD. L (org.) **Michel Foucault – Lire l'oeuvre**. *Grenoble*: Jérôme Millon, 1992.

RIMBAUD, A. **Uma Temporada no Inferno & Iluminações**. Tradução, Introdução e Notas de Ledo Ivo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2004.

ROAZEN, P. **Como Freud trabalhava – relatos inéditos de pacientes**. Trad. Carlos Eduardo Lins da Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ROUDINESCO, E. **História da Psicanálise na França – A Batalha dos Cem Anos. Volume 2: 1925–1985**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. **História da Psicanálise na França – A Batalha dos Cem Anos. Volume 1: 1885–1939**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

_____. **Jacques Lacan – Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **Genealogias**. Trad. Nelly L. Cintra. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

SCHNEIDERMAN, S. **Jacques Lacan: a morte de um herói intelectual**. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

SCHORSKE, C. **Viena fin-de-sciècle – política e cultura**. Trad. Denise Bottmann. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras & Editora Unicamp, 1988.

SIMANKE, R. T. "A letra e o sentido do 'retorno a Freud' de Lacan: a teoria como metáfora". *In:* SAFATLE, V. (org.) **Um limite tenso: Lacan entre a filosofia e a psicanálise**. São Paulo: UNESP, 2003.

STAROBINSKI, J. "Freud, Breton, Myers". *In:* PINGAUD, B. (org.) **Freud**. Trad. C. Netto. São Paulo: Editora Documentos, 1969.

VEYNE, P. **Acreditavam os gregos em seus mitos?** Trad. Horácio González e Milton Meira Nascimento. São Paulo: Brasiliense, 1984.

VIGOTSKI, L.S. "A psique, a consciência, o inconsciente" *In:* **Teoria e Método em Psicologia**.Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VILLANI, A "Méthode et théorie dans l'oeuvre de Gilles Deleuze". *In:* **Les Temps Modernes**, nº 586, jan–fev/1996, pp. 151-152. Tradução de Luiz B.L.Orlandi.

VOLOSHINOV, V.N. **Freudismo: um bosquejo crítico**. Trad. Jorge Piatigorsky. Barcelona: Paidós, 1999. [Edição Brasileira: BAKHTIN, M. **O Freudismo: um esboço crítico**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2004]

VOUTSINAS, D. "Politzer dans sés écrits". *In:* **Bulletin de Psychologie** 408, XLV, 16–18, Paris, 1991–1992.

A Universidade de Paris 3 disponibilizou na Internet. a relação de 362 teses sobre o surrealismo defendidas na instituição desde 1995, no seguinte endereço:

www.cavi.univ-paris3.fr/Rech_sur/astu/theses.htm

A N E X OS

GEORGES POLITZER
(1903-1942)

A REVOLTA COMO NOME DO HOMEM CONCRETO

In: HAMELINE, Daniel *Anthologie des psychologues français contemporains*. Introduction: Honoré LESAGE, Paris: P.U.F, 1969.

Nascido na Hungria, em 1903, Georges Politzer frequentou a Sorbonne no início dos anos 1920. Ele já era um apaixonado pela psicanálise, como testemunhou Henri Lefevbre, que fundou com Politzer e Pierre Morhange, uma revista de jovens pesquiadores, *Philosophies* (1924-1925). Politzer publicou *Le mythe de l'antipsychanalyse*, com o propósito de defender a psicanálise freudiana contra os ataques de Blondel e, desse modo, apresentou sua proposta crítica frente-a-frente (*vis-à-vis*) do "capítulo teórico" do freudismo que ele considerou "o que havia de mais provisório". Ele conseguiu agregar, publicando – também com Lefevbre e Morhange (1926) – uma nova revista, *L'Esprit*, traduzindo Schelling e continuando a batalhar pela psicologia, dando nascimento a um dos mais notáveis panfletos da época: *Crítica dos Fundamentos da Psicologia* (1928). Politzer desmontou ponto-a-ponto a psicologia do homem interior e a psicologia do laboratório. Ele persegue sua empreitada fundando a *Revue de psychologie concréte* (1929). Os colaboradores faltam e a obra fracassa. Em 1929, publica outra revista, "La fin d'une parade philosophique: o bergsonisme", com o pseudônimo de François Arouet. Em 1933, entrou para a revista marxista *Commune* com uma tentativa de síntese doutrinal da psicanálise com o marxismo. Mas, em 1939, publicou um último artigo, também com pseudônimo, T.W. Morris, na revista *La pensée*, saudando o "Fin de la psychanálise", afirmando que a contextura teórica da psicanálise é de "um ecletismo heteróclito". Membro da *Resistance* contra à ocupação alemã na França é preso e, em 1942, executado por soldados nazistas.

REVUE DE PSYCHOLOGIE CONCRÈTE

PUBLICATION INTERNATIONALE POUR RECHERCHES DE PSYCHOLOGIE POSITIVE

Directeur : C. POLITZER

N°1. — 1er FÉVRIER 1929

Paraît quatre fois par an.

ÉDITORIAL.

I. LES FONDEMENTS DE LA PSYCHOLOGIE

C. POLITZER (PARIS) : Psychologie mythologique et psychologie scientifique.
F. GIESE (STUTTGART) : Théorie et pratique en matière de psychologie.

II. ÉTUDES DOCUMENTAIRES

J. KANTOR (INDIANA, U. S.A.) : La Psychologie organique.
A. ADLER (WIEN) : Les idées fondamentales de la Psychologie individuelle.
A. HESNARD et E. PICHON (TOULOUSE-PARIS) : Aperçu historique du mouvement psychanalytique français.
CH. S. MYERS (LONDON) : La Psychologie industrielle en Grande-Bretagne.

III. PROBLÈMES PERMANENTS

La Psychologie générale et la Psychotechnique : Texte de l'Enquête.
La Crise de la Psychanalyse (position du problème).
H. PRINZHORN (FRANKFURT A. M.) : La Crise de la Psychanalyse.

IV. PRÉSENTATIONS ET ANALYSES CRITIQUES

A propos de la traduction française de la Psychopathologie générale de Jaspers.
E. Saupe. Einführung in die neuere Psychologie.

PARIS, « LES REVUES », 47, RUE MONSIEUR-LE-PRINCE. Le N° { FRANCE 20 fr. ÉTRANGER 25 fr.

O número 1, publicado em fevereiro de 1929, da *Revista de Psicologia Concreta*, denominada como "publicação internacional para a pesquisa da psicologia positiva", tinha como proposta editorial ser quadrimestral e foi fundada "a título de experiência psicológica". Na capa trouxe o nome de Georges Polizer como Diretor e apresentou a seguinte composição.[330]

SUMÁRIO

Editorial

I – Os Fundamentos da Psicologia

Psicologia mitológica e psicologia científica, por G. Politzer (Paris)

Teoria e prática na matéria da psicologia, por F. Giese (Stutigart, Alemanha)

II – Estudos Documentais

A psicologia orgânica, por J. Kantor (Indiana, USA)

As idéias fundamentais da psicologia individual, por A. Adler (Viena)

Panorama histórico do movimento psicanalítico francês, por A. Hesnard e E. Pichon (Toulouse, Paris).

A psicologia industrial na Grã-Bretanha, por CH. S. Myers (Londres)

III – Problemas Permanentes

A crise da psicanálise, por H. Prinzhorn (Frankfourt)

IV – Apresentação e Análise Crítica

A propósito da tradução francesa da Psicopatologia Geral de K. Jaspers, por E.Saupe (Einführung in die nuere Psychologie)

[330] A tradução dos dois Editoriais foi realizada por Maria Elizabeth Segurado; a tradução dos Sumários e a Revisão Técnica da Tradução foram realizadas por mim; todo o material aqui apresentado foi extraído da edição realizada por Jacques Debouzy e se encontram em *Écrits II*.

EDITORIAL[331]

A nova psicologia, que se diz diferente da que resultou das tentativas do final do século passado e das afirmações e negações que se agruparam em torno delas, é hoje, se não uma realidade incontestável, pelo menos uma aspiração quase geral. Apesar dos esforços realizados todos os dias pelos "conciliadores" a fim de demonstrarem a suficiência do edifício central da psicologia de ontem diante das exigências trazidas pelo novo movimento, a presente publicação parte da afirmação dessa insuficiência e da legitimidade da aspiração a uma psicologia nova. Em meio às queixas e hesitações da maioria dos psicólogos, ela toma resolutamente como ponto de partida as tentativas psicológicas recentes que procuram destacar-se da inspiração fundamental desta psicologia que, durante tanto tempo, teve as honras do ensino oficial.

A unidade é certamente a necessidade mais urgente da psicologia. Mas a constituição de uma ciência não implica somente a concepção clara de seus fundamentos; ela implica ao mesmo tempo a eliminação da forma mitológica e da forma pré-científica sob as quais qualquer ciência começa a existir. E dado que uma mesma ciência não pode ser positiva sob duas ou mais formas, a eliminação das formas falsas ou insuficientes deve proceder de uma atitude unificada.

Se a unificação deve ser o artigo mais fundamental de seu programa, a presente publicação deve ter ao mesmo tempo, a responsabilidade de não deixar a unidade degenerar em compromisso e de simplificar a presente situação de modo que se encontre, de um lado, a psicologia que não é de todo positiva, e, do outro, a que pretende sê-lo em absoluto. Esta é, com efeito, a dualidade fundamental que está na base de todas as ciências, no verdadeiro sentido da palavra, e é a partir dela

[331] Este editorial, bem como o do segundo e último número da revista é de autoria de Georges Politzer. (Nota do Editor)

somente que foi possível chegar a essa unidade que desejamos hoje para a psicologia.

É manifesto que a confusão a respeito da crítica da psicologia clássica e da elaboração dos fundamentos da psicologia nova é hoje ainda maior do que no passado. Visto que, muito embora esse duplo empreendimento não possa ser realizado nem por indivíduos isolados nem por tendências particulares, são justamente os indivíduos isolados e as tendências particulares que, até aqui, têm sido responsáveis por essa tarefa.

A visão dos erros e a concepção das reformas a serem realizadas devem vir certamente das próprias pesquisas positivas que são necessariamente particulares, mas nenhuma pesquisa particular, qualquer que seja o seu valor positivo, pode conduzir, por si só, à visão integral dos erros ou à concepção das reformas em toda sua extensão. Isoladas umas das outras, as pesquisas particulares levam os seus representantes a substituir o aprofundamento definitivo da crítica que trazem e as reformas que implicam, por compromissos ou construções teóricas que, de certo modo, retardam os progressos verdadeiros.

Vemos hoje certas tendências contentarem-se com afirmações dogmáticas, no sentido kantiano da palavra, mesmo sobre os pontos em relação aos quais uma outra tendência sustentou uma negação baseada numa crítica sistemática; outras substituírem-na por um compromisso com a psicologia clássica ou uma construção simplesmente nocional, uma reforma que constitui o objeto essencial, ao mesmo tempo em que a razão de ser de uma outra tendência nova; vemos outras ainda apoiarem-se na concepção imperfeita de uma crítica, reforma teórica ou metodológica, enquanto que numa ou mais outras tendências encontramos a concepção rigorosa e definitiva da mesma crítica, idéia ou método. Vemo-las finalmente, quase todas, procurarem a nova psicologia, um pouco por toda parte, como se fosse uma espécie de pedra filosofal, esquecendo que existem pesquisas que trouxeram não um simples melhoramento da psicologia clássica, mas uma

inspiração fundamental inteiramente nova, pelo menos para os psicólogos, e que parece ser, enfim, a da psicologia positiva.[332]

Se for ilegítimo e até inútil arrancar os especialistas às suas pesquisas especiais, esse estado de espírito que permite atualmente a qualquer psicólogo designar precisamente o fato com o qual trabalha como particularmente significativo simplesmente porque a confusão que reina em torno do campo da Psicologia, não permite saber com precisão aquilo que é realmente fundamental e o que não o é, nada tem de desejável. Será, pelo contrário, necessário habituar-se à idéia de que tudo o que diz respeito aos fundamentos da psicologia não pode ser elaborado definitivamente a não ser pelo trabalho coletivo, porque um sistema individual é sempre uma construção arbitrária e somente o trabalho coletivo pode conduzir a este "sistema" a que chamamos uma ciência.

Sem querer apoderarmo-nos de nenhuma especialidade, sem proibir a quem quer que seja de se entregar a pesquisas particulares que só podem ser avaliadas pelos seus resultados, a presente publicação gostaria de organizar a colaboração de todas as tendências psicológicas que participam do novo movimento, em vista daquilo que só pode ser realizado pelo trabalho coletivo, a saber, a elaboração dos resultados que podem ser considerados desde já como aquisições positivas e ao mesmo tempo, dessas afirmações e negações fundamentais que devem constituir a "mentalidade" de um psicólogo no sentido positivo do termo, em suma: a unificação da crítica da psicologia clássica simultaneamente à unificação dos fundamentos da psicologia nova.

A realização deste último objetivo só poderá ser, evidentemente, progressiva: a lentidão ou a rapidez desta progressão dependerá da atitude das diferentes tendências cuja colaboração cabe organizar, e só será possível enfrentar o essencial à medida que isso se torne factível pelo estado das próprias pesquisas psicológicas. Entretanto, a luta contra certos hábitos, essencialmente responsáveis pela anarquia da atual situação da psicologia, pode começar desde já.

[332] Para Politzer, a psicologia concreta é a forma positiva da psicologia, por oposição a forma negativa que ele considerava abstrata, mitológica ou pré-científica. (NRT)

Tratar-se-á em primeiro lugar de arrancar ao arbítrio individual ou regional as decisões relativas à verdadeira forma como se coloca atualmente o problema da psicologia.

A maioria dos psicólogos tem uma tendência a comportar-se como se só dependesse deles decidir o que é admitido e o que deverá ser posto em questão na psicologia do passado, sem ocupar-se da situação, tal como ela se apresenta efetivamente.

É por essa razão que convém organizar uma preparação sistemática da atual posição do problema psicológico, e examinar com essa finalidade todos os problemas postos pelas relações entre as tendências psicológicas novas, umas com as outras. E como existem ainda psicólogos que julgam que o novo movimento pôs tudo em questão, salvo a hipótese da vida interior, será necessário começar a insistir aqui, muito particularmente, sobre a crítica da doutrina da vida interior, sob todas as suas formas, e organizar uma discussão sistemática do behaviorismo em toda a sua extensão.

Tratar-se-á, ao mesmo tempo de romper desde já com essa atitude que consiste em concentrar a reflexão sobre os fundamentos da psicologia em torno de um certo número de temas e pesquisas, que são sempre as mesmas, como se fosse impossível que o centro de gravidade da psicologia pudesse ele próprio deslocar-se.

Com efeito, as pesquisas que são de fato muito especiais, ou mesmo simplesmente auxiliares, como a psicologia dita fisiológica, ocupam o centro das preocupações teóricas dos psicólogos, porque prometem a realização de certos sonhos filosóficos, enquanto existe quem se obstinasse e se obstine ainda em relegar para um segundo plano ou mesmo para fora da psicologia “pura” outras pesquisas que têm efetivamente uma significação central, pois longe de prometer a realização de sonhos filosóficos, elas trazem a inspiração da psicologia tal como ela teria se desenvolvido se sonhos filosóficos não tivessem vindo perturbar o curso de sua evolução e mais ainda: trazem a forma a partir da qual devem modelar-se as definições e concepções fundamentais da nova Psicologia.

Sem pretender anteciparmo-nos no que quer que seja à discussão comum, submetendo-lhe mesmo a apreciação anterior, queremos mudar esta situação

levando as pesquisas em questão para o centro das preocupações relativas aos fundamentos. A principal fonte das idéias sobre a reorganização da psicologia foi, no passado, ora a física, ora a fisiologia, ora a biologia, sem que se possa dizer que se tenha chegado a uma reforma verdadeiramente definitiva. Não é impossível que seja necessário mudar hoje de fonte e voltar-se para a psicanálise, para a psicologia individual, para a tecnopsicologia e para a caraterologia. Após se ter tentado tantas vezes conceber a psicologia partindo-se da fisiologia e da biologia, baseando-se em simples hipóteses, não há nenhuma razão válida para se recusar a examinar a forma como se apresenta o problema dos fundamentos da psicologia, a partir das últimas pesquisas que têm, efetivamente, um direito positivo a este exame, pois acrescentaram aos dados da psicologia clássica, que tinham permanecido invariáveis durante séculos, descobertas verdadeiramente novas e verdadeiramente positivas.

A presente publicação procurará, portanto, elaborar de maneira sistemática a lista dos ensinamentos que comportam as pesquisas em questão para a psicologia e, destacando a inspiração fundamental que elas trazem, submeter à discussão comum as suas construções teóricas a fim de avaliar a interpretação que elas dão de si mesmas. Tratar-se-á especialmente de submeter a um exame, a atual estrutura teórica da psicanálise, que, após um notável avanço, chegou hoje a um período de estagnação que talvez possa ser explicado pelo fato das pesquisas psicanalíticas estarem encerradas em construções teóricas insuficientes. É neste sentido que abrimos desde já um capítulo permanente dedicado à crise da psicanálise. Mas a necessidade mais urgente aqui é a de se chegar a um esclarecimento a respeito do verdadeiro significado da tecnopsicologia, qualificada de uma forma totalmente arbitrária e em conformidade com uma idéia tradicional, cujo valor nunca foi submetido a nenhum exame, da psicologia aplicada, enquanto que, longe de ser a aplicação da psicologia geral como tal, a tecnopsicologia traz talvez uma psicologia geral inteiramente nova.

De um modo geral e em todos os problemas, a presente publicação esforçar-se-á para substituir as decisões individuais ou regionais pelas decisões coletivas; a tradição pelo método; os preconceitos pelas idéias refletidas; e finalmente as

contingências das orientações individuais ou regionais pelo plano racional do trabalho coletivo.

Seria um grande erro acreditar que só as dificuldades ideológicas resistem à liquidação da psicologia clássica e à unificação da psicologia nova. Os psicólogos não desejam tanto como dizem e tanto quanto se possa crer, a unidade da psicologia. Pois, se alguns psicólogos se mostraram imediatamente dispostos a apoiar nosso empreendimento por meio de uma colaboração ativa, muitos dentre eles responderam-nos que, em princípio, estariam de acordo, mas que o fato de estarem ocupados naquilo contra o que os convocávamos para uma luta comum, impedia-os de aceitar uma participação ativa. Mas o essencial nem sequer é isso. Ele reside num aspecto da crise que escapa habitualmente à atenção, a saber, o seu aspecto material. A psicologia já não é, efetivamente uma personalidade simplesmente espiritual, é também um organismo material.

O caso da psicologia nascida de Wundt já deveria ter chamado atenção para este fato. Esta psicologia que não eliminou nenhum dos erros verdadeiramente fundamentais da psicologia filosófica; que não realizou nenhuma reforma verdadeiramente essencial; que de fato e no seu conjunto é tudo menos científica; foi, no entanto, a que consolidou na opinião pública a idéia de que a psicologia tornou-se uma ciência. Wundt realizou realmente uma grande reforma: fez a psicologia passar do estado de personalidade espiritual para o estado de instituição, isto é, de potência material. Se os laboratórios e institutos concebidos à maneira de Wundt só fizeram e continuam a fazer uma fisiologia disfarçada, têm, em compensação, permitido à psicologia mergulhar suas raízes na realidade econômica.

Ora, refutam-se idéias, mas não instituições. Eis por que é difícil eliminar a psicologia clássica. Aquilo que não é mais do que resistência a uma realidade econômica, escapando naturalmente à simples crítica, é interpretada como uma resistência à própria idéia a ela ligada. E como ainda não se viu nenhum laboratório fechar suas portas após a demonstração de inanidade de seus trabalhos, acredita-se facilmente que esta sobrevivência é devida à verdade intrínseca do método que aí é praticado. Todas essas demonstrações que estabelecem que a psicologia clássica não está vencida na qualidade de diretiva de pesquisas, correspondem à

necessidade de justificar em direito uma situação de fato. É somente de um fato econômico que se chega a um direito científico.

Em outras palavras, todas essas nuances de que vivem os "conciliadores" destinam-se a dar um invólucro racional ao fato de que os organismos da psicologia clássica sobreviveram, por razões extra-racionais, às concepções que lhes deram origem: os defensores da psicologia clássica, em vez de adaptarem as instituições à verdade, querem adaptar a verdade às instituições. E eis por que todas as nuances que tanto intimidam os reformadores mais ousados, perderiam toda a força de persuasão se a nova psicologia fosse também uma poderosa realidade material. Não basta, portanto, opor às concepções da psicologia clássica as da psicologia nova: o esclarecimento da crise atual implica também a organização material da psicologia nova.

O mesmo raciocínio é válido para o problema da unificação. Tal como a eliminação da psicologia clássica, a unificação da psicologia nova não é também um empreendimento puramente ideológico. De fato, dadas certas leis da economia atual, as tendências recentes, que mal surgiram, tornaram-se também potências materiais. Fazemos até abstração do fato que o representante mais qualificado de tal tendência importante, apanhada na engrenagem da vida econômica, tenha se tornado simplesmente inacessível a uma revista de psicologia. Mas é suficiente indicar – uma vez que prescindimos de dar detalhes mais amplos – que uma tendência que se torna, na sua particularidade, objeto de um culto, com tudo que isso implica, está acima da crítica. Não lhe é mais possível renunciar, por múltiplas razões, apenas em parte psicológicas, quer à sua posição particular, quer à afirmação de todas as teses que derivam da particularidade de sua posição. Daí nascerão nuances que é inútil combater, porque são as expressões de uma situação que nada tem a ver com a própria ciência. Assim, aqui também, as tentativas mais definitivas e fecundas não conseguirão estabelecer na opinião pública a existência de uma psicologia nova unificada, salvo se esta última possuir organismos materiais que só a ela pertencem e que lhe permitirão impor-se aos psicólogos.

A necessidade da presente publicação torna-se assim ainda mais evidente, ao mesmo tempo em que fica inteiramente esclarecida a natureza do papel que terá de

desempenhar. Ao lado do trabalho teórico, esta publicação deverá tentar também a organização material da nova psicologia unificada e constituir um centro em torno do qual poderão reagrupar-se as "forças psicológicas", acorrentadas hoje em dia, na maioria das vezes independentemente das razões propriamente científicas, a posições que não escolheram, mas às quais se submetem ao sabor das contingências individuais ou regionais. A presente publicação deve ser o primeiro organismo material da nova psicologia em vias de unificação. Outras talvez lhe sucederão. Mas não escondemos que a nossa esperança conduz-nos aqui essencialmente às gerações mais novas. Gostaríamos de permitir-lhes dedicarem-se a um trabalho positivo sem terem de comprometer, em troca, a sua responsabilidade em favor de certas posições que não têm qualquer valor positivo e principalmente, gostaríamos de aproveitar o entusiasmo que trazem consigo para fins verdadeiramente positivos, antes que se cansem em ocupações que uma longa história já demonstrou serem estéreis.

A obra que empreendemos é, no seu gênero, uma "experiência psicológica". Eis aqui um órgão que não representa nenhuma tendência particular, e que colocamos à inteira disposição de todos aqueles que prezam realmente a constituição da psicologia; estamos prontos para adotar todas as posições cuja necessidade resultará claramente do trabalho coletivo. Se existe, portanto, uma crise da psicologia e se esta crise pode ser superada, será aqui – dado que não existe nenhum órgão particular - que este acontecimento deverá produzir-se. Será possível avaliar então pela maneira como esta publicação será apoiada pelos psicólogos, até onde vai seu desejo de positividade e sua vontade de unificação.

Paris, dezembro de 1928

REVUE DE PSYCHOLOGIE CONCRÈTE

PUBLICATION INTERNATIONALE POUR RECHERCHES DE PSYCHOLOGIE POSITIVE

Directeur : C. POLITZER
Numéro 2. — JUILLET 1929
Paraît quatre fois par an.

DÉPOT LÉGAL
MAYENNE
1924/477

ÉDITORIAL.

I. LES FONDEMENTS DE LA PSYCHOLOGIE

G. POLITZER (PARIS). Où va la psychologie concrète?

II. ÉTUDES DOCUMENTAIRES

F. GIESE (STUTTGART) : La psychotechnique en Allemagne.
J. KANTOR (INDIENA, U. S. A.) : L'état actuel du behaviorisme.
E. UTITZ (HALLE) : De l'Orientation de la Caractérologie.

III. PROBLÈMES PERMANENTS

O. RANK (PARIS) : Remarques sur la crise de la psychanalyse
A. HESNARD (TOULON) : A propos d'une prétendue « crise » de la psychanalyse.
G. POLITZER (PARIS) : Réponse au professeur Hesnard.
H. PRINZHORN (FRANCFURT a. M.) : Sur l'article de Hesnard « A propos d'une prétendue crise de la psychanalyse ».
G. P. Note sur la psychologie individuelle.

IV. PRÉSENTATIONS ET ANALYSES CRITIQUES

O. KANITZ (WIEN) : L'enfant du prolétaire dans l'ordre social actuel!
W. ELIASBERG (MÜNCHEN) : Les Congrès médicaux de Psychothérapie 1er, 2e, 3e et 4e congrès
etc.

PARIS, « LES REVUES », 47, RUE MONSIEUR-LE-PRINCE. Le N° { FRANCE 20 fr. ÉTRANGER 25 fr.

O número 2, publicado em julho de 1929, segue a mesma estruturação temática:

SUMÁRIO

Editorial

I – Os Fundamentos da Psicologia

Para onde vai a psicologia concreta?, por G. Politzer (Paris)

II – Estudos Documentais

A psicotécnica na Alemanha, por F. Giese (Stutigart, Alemanha)

O estado atual do behaviorismo, por J. Kantor (Indiana, USA)

A orientação da caracteriologia, por E. Utitz, (Halle)

III – Problemas Permanentes

Nota sobre a crise da psicanálise, O. Rank (Paris)

A propósito de uma pretensa "crise" da psicanálise, por A. Hesnard (Toulouse, Paris)

Sobre o artigo de A. Hesnard, "A propósito de uma…", por H. Prinzhorn (Frankfourt)

Resposta ao Professor Hesnard, G. Politzer (Paris)

Nota sobre a psicologia individual, G. Politzer (Paris)

IV – Apresentação e Análise Crítica

A criança do proletário na ordem social atual, O. Kanitz (Viena)

O congresso médico psicoteráptico, por W. Eliasberg (Munique)

EDITORIAL

Dissemos no Editorial do nº 1 que o nosso empreendimento é, no seu gênero, uma experiência psicológica. Queremos dizer com isso que a *Revue de psychologie concrète* contribuirá de qualquer modo, quer tenha êxito ou não, para esclarecer a situação da Psicologia, dadas as reações que as palavras de ordem e o programa por ela adotado não deixarão de provocar. Embora seja difícil avaliar, a partir de um único número, a ação de uma revista – uma andorinha sozinha não faz verão, principalmente quando a andorinha em questão encontra somente redes preparadas para caçá-la – podemos dizer desde já que não nos enganamos. Com efeito, encontramo-nos, no presente momento, em face de duas reações muito edificantes: a resistência passiva por um lado, a corrida para a psicologia concreta, por outro. A primeira mostra-nos que as críticas mais obstinadas da psicologia clássica ainda lhe são solidárias, a segunda, que a psicologia clássica espera salvar-se, uma vez mais, mudando a linguagem. As duas juntas mostram-nos que a vontade de renovação é, entre os psicólogos, muito mais sincera do que se poderia julgar a partir de suas declarações e que é puramente relativa a certos limites a respeito dos quais estão todos, no fundo, de acordo; limites que a grande maioria dos psicólogos não seria capaz de ultrapassar, nem que para isso, a psicologia tivesse de sucumbir no mesmo instante e que mantêm a "solução da crise" e a "renovação" no estado de temas inesgotáveis e puramente acadêmicos.

Nosso dever é, pois, o de revelar a verdadeira natureza desses "limites": mas para isso é preciso afastarmo-nos um pouco do jargão técnico dos psicólogos e esquecer a algazarra das disputas entre as tendências divergentes que, na realidade, se assemelham todas.

Elas não só se assemelham como estão todas de acordo. Todas são idealistas. Assistimos, mesmo hoje, na psicologia, a uma fusão geral no idealismo. Tudo é o resultado do grande movimento da psicologia positiva dos últimos tempos: uma grande liquefação idealista. A psicologia teológico-bergsoniana na França, a "*geisteswissenschaftliche psychologie*" e a Metafísica idealista da "*Leib-Seele-*

Einheit"[1] na Alemanha. As direções verdadeiramente fecundas e dignas de um destino melhor ficam paralisadas e decompõem-se em idealismo. A psicanálise, após a dissidência entre Jung e Adler, ambos mais idealistas do que Freud, continua a esboroar-se, desembocando em tentativas ainda mais idealistas, como a de Rank, por exemplo. O behaviorismo rigoroso, de inspiração materialista, foi, desde o início, incapaz de se manter na sua própria linha e deu origem às diferentes formas de behaviorismo não fisiológico, todas elas mais ou menos fortemente idealistas. Parece então se tratar de um mea culpa geral entre os psicólogos que voltarão com o maior dos clamores ao idealismo. A melhor prova disso é a psicotécnica, que não tinha absolutamente nenhuma razão técnica para se tornar idealista, e que teria todas as razões para não sê-lo, e que, apesar disso, está cheia de idealismo nas suas teorias.

Entretanto, a impotência da psicologia atual não é senão a impotência científica do idealismo. A psicologia "ciência da alma" pode se dar ao luxo de ser idealista; ela não passa de um capítulo da teologia e de um instrumento de dominação. Já o mesmo não acontece com a psicologia concebida como ciência. Ela deve tratar dos fatos verdadeiros e só pode ser materialista.

Existe, pois, uma crise na psicologia. Mas ela é muito mais simples e muito mais clara do que se possa pensar. Consiste unicamente no fato da psicologia ser idealista quando deveria ser materialista ou, se preferirmos, de serem idealistas que gostariam de fazer uma obra materialista: a psicologia só poderia tornar-se uma ciência renunciando ao idealismo, ao passo que os psicólogos atuais são incapazes de renunciar a ele. E esta crise é bem verdadeira para a própria psicologia científica: as tentativas mais fecundas são de orientação materialista. Elas conduzem efetivamente a psicologia até os limites do idealismo, não tendo porém como base teórica senão essas formas incompletas do materialismo que não são hoje mais do que refúgios do idealismo em que este sempre toma a dianteira, tornando estéreis as melhores tentativas. A situação é esta naturalmente, porque os psicólogos estão ligados, pelas suas origens, bem como por suas tradições, por toda sua atividade pública, privada e profissional, à ideologia burguesa. Eis porque percebem somente

[1] "A unidade do corpo e da alma" (Nota do Ed.).

estas formas do materialismo que, sendo incompletas, são oficialmente autorizadas: o materialismo da fisiologia e da medicina; eis porque também a ignorância por parte dos psicólogos da forma completa do materialismo torna-se para eles uma questão de “temperamento”. E nasce assim uma contradição entre aquilo que a transformação da psicologia em ciência implica e aquilo que o “temperamento” de filósofos burgueses ou de médicos-falsos-materialistas dos psicólogos sustenta. O resultado é que a psicologia permanece imobilizada.

A psicologia concreta é justamente essa psicologia que elimina todos os vestígios de idealismo na psicologia. Trata-se da psicologia materialista, que adota assim a única atitude capaz de assegurar para a psicologia um futuro científico. Mas é ao materialismo contemporâneo que ela se vincula, ao materialismo que teve origem em Marx e Engels, denominado materialismo dialético.[333] É de um materialismo completo que a psicologia precisa e o materialismo dialético é o único completo. É somente a partir dele que a psicologia será capaz de se tornar uma ciência.

Os psicólogos aos quais nos dirigimos sentiram muito bem que esta era a última base teórica da psicologia concreta.[334] E eis porque encontramos diante de nós apenas resistência passiva por um lado e a corrida para a psicologia concreta, por outro. Como é que, efetivamente, os idealistas poderiam concordar em trabalhar contra o idealismo? E como poderiam deixar de tentar capturar essa psicologia, inimiga do idealismo, preparando-lhe suas redes, antes que o prestígio do “concreto” acabasse, escapando-lhes definitivamente?

Mas no que se refere ao primeiro ponto: as lamentações sobre a crise, os sermões sobre a unidade, os votos formulados quanto ao renascimento, saberemos de agora em diante o que isto significa, saberemos que isso não significa nada mais

[333] Pode-se observar aqui a mudança brusca de tom: a partir de então, o vocabulario marxista do Partido Comunista Francês começou a ser incorporado no discurso de Politzer. A publicação do nº 2 da Revista de Psicologia Concreta porta assim as marcas da entrada de Politzer nas fileiras do PCF. Desse modo, pela primeira vez, aparece o argumento de que o materialismo dialético seria o fundamento da psicologia concreta. (NRT)

[334] Uma revista católica: *Estudes* qualifica, ao recensear a *Critique des Fondements de la Psychologie*, a nossa tentativa de "bolchevista'. As alusões contidas no artigo por Prinzhorn no nº 1 da *Revue de la Psychologie Concrète* são igualmente claras. (Nota de Politzer).

senão: que a psicologia pereça em vez do idealismo. E no que diz respeito ao segundo ponto, já é demasiado tarde para lançar as redes e a manobra da corrida nos dá precisamente uma excelente oportunidade para mostrar exatamente para onde vai a psicologia concreta, sem que sejamos, desta vez, obrigados a nos ater à linguagem técnica da psicologia.

E quem poderá lamentar-se ainda da falta de clareza da situação na psicologia? De um lado, encontram-se aqueles que são, acima de tudo, os suportes de uma ordem social e da sua ideologia, e que não aceitam fazer ciência senão dentro dos limites desta última; do outro lado, aqueles que pretendem fazer pesquisas científicas sem “limites” e, sobretudo, sem viseiras.

Revue de Psychologie Concreta, nº 2, julho de 1929.

Jean François Millet
El Ángelus, 1857-1859
55,5 x 66
Museo de Orsey